unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MURIEL CARMO LAMEIRA ANCELMO

ESCOLA ESTADUAL BENTO DE ABREU:

UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

ARARAQUARA – SP
2010

MURIEL CARMO LAMEIRA ANCELMO

ESCOLA ESTADUAL BENTO DE ABREU:
UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura

Orientador: Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba

Bolsa: Capes/DS

ARARAQUARA – SP
2010

Ancelmo, Muriel Carmo Lameira
Escola Estadual Bento de Abreu: um estudo das representações sobre uma instituição de ensino / Muriel Carmo Lameira Ancelmo – 2010
195 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara
Orientador: Rosa Fátima de Souza Chaloba

l. Educação. 2. Ensino Médio - História. 3. Memória. 3. Ensino de segundo grau. 4. Instituições educativas - História. I. Título.

MURIEL CARMO LAMEIRA ANCELMO

ESCOLA ESTADUAL BENTO DE ABREU: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura
Orientador: Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba
Bolsa: Capes/DS

Data da defesa: 18/08/2010

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba
UNESP/FCLAr.

Membro Titular: Profa. Dra. Marilda da Silva
UNESP/FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Apparecida Franco Pereira
UNISANTOS

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho àquele que é capaz de realizar infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós.
A Deus seja dada toda à glória por todas as gerações, para todo o sempre!

AGRADECIMENTOS

Ao Criador que por sua infinita graça e misericórdia me sustentou na construção dessa dissertação, dando-me força, conhecimento e sabedoria.

À orientadora Professora Doutora Rosa Fátima de Souza pela copiosa contribuição ao acreditar em minha pesquisa e me ajudar desenvolve-la, com suas prestimosas sugestões e encaminhamentos, bem como por estar sempre disposta a conversar sobre o tema proposto.

Ao meu marido Wagner Veríssimo Ancelmo pelo companheirismo, paciência e amor que dispensou nesses longos meses de estudo, estando sempre ao meu lado, ouvindo-me, animando, e principalmente ajudando-me com a diagramação dessa dissertação.

Aos meus pais, Dulcimara e Elias Lameira, por sempre me incentivarem a prosseguir nos estudos, dando-me todo o suporte necessário e principalmente me sustentando em suas orações.

Aos meus avós, tios e primos que viveram essa jornada comigo, dispensando todo carinho e atenção.

Aos membros do GEPCIE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Instituições Educacionais) pelo espaço oferecido para estudos, trocas e discussões, além dos projetos desenvolvidos pelos quais pude ter acesso à documentação da EEBA de modo tão organizada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e seus professores e funcionários pelas inúmeras oportunidades de crescimento intelectual que me possibilitaram nesse período de estudo.

Aos meus amigos, companheiros inseparáveis, que sempre me deram palavras de apoio e incentivo, bem como estiveram presentes em todos os momentos de minha vida, seja nos momentos de riso quanto nos de choro. À Camila Alves peja ajuda na escrita do Abstract.

Aos meus caros depoentes, que com tão preciosa disponibilidade e prontidão se colocaram prontos a contribuir com esse sonho, lançando-se sobre suas memórias em busca de recordações sobre um tempo lembrando com grandes saudades.

À Escola Estadual Bento de Abreu pela abertura e receptividade para comigo, na figura dos diretores, secretárias, professores e demais funcionários, que de bom grado se dispuseram a ajudar-me e tiveram paciência em me receber para o levantamento dos dados.

À ajuda financeira por meio da Bolsa CAPES-DS que me possibilitou a dedicação exclusiva a esse projeto.

Enfim, a todos que, de algum modo, contribuíram para a consolidação desse trabalho.

“Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos”

Eclea Bosi (1994, p.90)

RESUMO

As instituições escolares assim como as pessoas, são portadoras de memórias. Uma memória gerada em contraposição a outras memórias, que corre ao ritmo do tempo, das pessoas e das gerações. Tendo por finalidade compreender como a sociedade araraquarense construiu representações sobre a Escola Estadual Bento de Abreu, objetivamos investigar como a escola aparece nas representações dos ex-alunos no que diz respeito à concepção de escola de "boa qualidade". O estudo incide sobre o ensino de nível médio ministrado nessa escola na década de 1970, momento da implementação da Lei Federal 5.692/71 que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus no país impactando profundamente o funcionamento das escolas e a organização didática pedagógica do ensino básico brasileiro, contribuindo para a intensificação do processo de democratização desse ramo de ensino. A partir da implantação desta nova medida, este estabelecimento educacional passou a oferecer somente ensino de 2º Grau, atendendo ao nome de Instituto de Educação Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu". Valendo-se da história oral como metodologia para coleta e análise dos dados cotejada com a documentação do Arquivo Permanente dessa escola, entrevistamos esses sujeitos que tiveram parte de sua carreira escolar nesta instituição de ensino. A memória desses entrevistados nos permitiu recuperar e investigar as representações dos sujeitos educacionais sobre essa escola, principalmente no que se refere às questões de qualidade do ensino, a relação escola-sociedade, bem como a cultura produzida por essa escola que se inseriu na formação da cultura da cidade de Araraquara. Com esse resgate busca-se compreender e aprofundar o estudo sobre a história dessa instituição educativa, contribuindo para a compreensão da educação secundária no Estado de São Paulo na década de 1970.

Palavras – Chave: História do Ensino Médio, Ensino de 2º Grau, História das Instituições Educativas, Memória.

ABSTRACT

Educational institutions, like people, are carriers of memories. A memory generated in contrast to other memories, which flows to the rhythm of time, people and generations. Having the aim to understand how the Araraquarense society builds representations about the State School "Bento de Abreu", we objective to investigate how the school appears in representations of ex-students with respect to conception of school in "good quality". The study focuses on teaching of high school ministered in this school in the 1970's decade, moment of implementation of Federal Law 5.692/71 that fixes Guidelines for teaching 1st and 2nd degrees in the country, impacting profoundly the functioning of schools and the didactical and pedagogical organizations teaching of basic Brazilian education, contributing to the intensification of the democratization process of this branch of education. After the implementation of this new measure, this educational establishment has offered only teaching of 2nd Degree, given the name of State Institute of Education of 2nd Degree "Bento de Abreu". Drawing on oral history as methodology for collecting and analyzing data collated by recording Permanent Archive of this school, we interviewed those subjects that had part of his school career in this educational institution. The memory of these respondents allowed us to recover and investigate the representations of educational subjects about this school, especially with regard to issues of quality of teaching, a school-society relationship, and the culture produced by this school which was included in the training culture of the city of Araraquara. With this rescue we attempt to understand and deepen the study about the history of this educational institution, contributing to the understanding of secondary education in the State of Sao Paulo in the 1970's decade.

Keywords: History of Secondary Education, Teaching of 2nd Degree, History of Educational Institutions, Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Araraquara College - 1913 65
Figura 02 – Escola Normal Livre e Ginásio do Estado 66
Figura 03 – Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu - 1978 68
Figura 04 – Planta Geral da Cidade de Araraquara (1969) 75
Figura 05 – Troféu Jogos da Primavera (1976) 122
Figura 06 – Troféu Concurso Municipal de Bandas Marciais e Fanfarras de Araraquara (1976) 125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Estrutura do Curso Secundário pela Reforma Francisco Campos 38
Gráfico 02 – Estrutura do Ensino Secundário pela Reforma Gustavo Capanema 40
Gráfico 03 – Estrutura do Ensino Médio na LDB (1961) 42
Gráfico 04 – Estrutura da Escola Básica: Lei 5.692/71 50
Gráfico 05 – Situação final dos alunos de 2º Grau da EEBA (1976-1978) 97
Gráfico 06 – Índice de Promoção e Retenção dos alunos de 2º Grau da EEBA (1976-1978) 98
Gráfico 07 – Reprovação por série dos alunos do 2º Grau da EEBA (1976-1978) 99
Gráfico 08 – Promoção por série dos alunos do 2º Grau da EEBA (1976-1978) 100

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Matrículas de cursos por ano – Estado de São Paulo 44
Quadro 02 – Distribuição dos alunos de 2º Grau por ano/série 73
Quadro 03 – Bairros dos alunos do 3º F 74
Quadro 04 – Profissão dos pais dos alunos do 3º F 76
Quadro 05 – Relação de Escolas de 2º Grau em Araraquara (1976) 103
Quadro 06 – Distribuição de classes de 2º Grau por período (1976) 109
Quadro 07 – Número de alunos de 1ª e 2ª séries de 2º Grau (1978) 110
Quadro 08 – Currículo do Curso de 2º Grau – Habilitação em Química da EEBA 114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE	Conselho Estadual de Educação
CFE	Conselho Federal de Educação
EEBA	Escola Estadual Bento de Abreu
FPB	Formação Profissionalizante Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

1 UM PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO 32

1.1 O Ensino Secundário brasileiro e sua fragmentação 32
1.2 O Ensino Secundário e as primeiras tentativas de modernização 35
1.3 O Ensino Secundário e o processo de democratização 43
1.4 Uma nova estruturação do Ensino Médio: a profissionalização compulsória 49
1.5 A implantação da reforma no Estado de São Paulo 57

2 A ESCOLA ESTADUAL BENTO DE ABREU 65

2.1 Trajetórias de uma instituição 65
2.2 O processo de democratização das oportunidades de ensino 68
2.3 A Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu 71
2.3.1 Formandos de 1978: 3ª série F 73

3 REMINISCÊNCIAS SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE QUALIDADE 79

3.1 EEBA: presença de uma aura de respeito 79
3.1.1 Que significados teria essa escola? 81
3.1.2 A EEBA face a outras escolas de nível médio 84
3.1.3 Professores: qualidade de ensino e rigor 89
3.1.4 O sistema de avaliação e a qualidade de ensino 92
3.1.5 A integração de novos alunos 101
3.1.6 Reorganização interna de alunos e funcionários 107
3.1.7 A opção pela Habilitação em Química 112
3.1.8 As atividades extra-classe 118
3.1.9 O cotidiano escolar e a disciplina 128
3.1.10 Contribuições para a formação 136

CONSIDERAÇÕES FINAIS 143

REFERÊNCIAS 150

APÊNDICE 154

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM EX-ALUNOS 155

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS 156

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS EX-ALUNOS 157

INTRODUÇÃO

Como cidadã araraquarense não foram raras as vezes em que ouvi as pessoas falarem, com grande admiração, sobre a Escola Estadual Bento de Abreu[1]. Através das declarações, percebe-se que esta escola permeava e ainda permeia a memória e as representações da cidade de Araraquara, guarda uma aura de respeito que pode, em grande parte, se remeter à história de sucesso construída ao longo de sua trajetória.

A presença marcada na memória daqueles que estudaram, lecionaram ou até mesmo desejaram ingressar nesta escola nos chamou a atenção. Em muitos comentários e conversas informais presenciados nas ruas da cidade de Araraquara, a Escola Estadual Bento de Abreu era sempre referenciada como uma escola exemplar, relembrada com grande respeito tanto por aqueles que passaram por essa instituição, como por aqueles que almejavam ali estudar.

Comparações entre a escola do presente e a escola do passado ganham lugar de destaque nos comentários sobre a instituição. Certo saudosismo pode ser percebido, na medida em que as pessoas relatam que, a Escola Estadual Bento de Abreu, parece hoje não manter o mesmo padrão de outrora. A escola lembrada é marcada pela seletividade, rigidez, a excelência na docência, a disciplina, os eventos cívicos e esportivos, as amizades, enfim, uma gama de recordações que cultuam essa escola, e que apresentam certo negativismo sobre a escola atual.

Mas como essa instituição de ensino deixou marcas tão significativas na cidade de Araraquara? O que ela teria feito para ainda ter uma presença tão bem marcada na memória de tanta gente? Ela teria usado meios e estratégias de se fazer presente nas representações da sociedade araraquarense? Parece-nos ser necessário, para tentarmos dar luz à essas respostas mergulharmos em busca de compreender a relação escola-sociedade.

Em trabalho desenvolvido na Iniciação Científica[2] pude pesquisar sobre essa instituição de ensino. Ao estudar sobre o processo de esportivização da Educação Física e a decorrência da

[1] A Escola Estadual Bento de Abreu é também conhecida por EEBA. Durante o transcorrer desse texto utilizamos tanto o nome completo quanto a abreviação para referir-se à essa instituição.

[2] Projeto de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado *Escola Estadual "Bento de Abreu" de Araraquara: um estudo sobre os certames esportivos (1965-1985)*. Este projeto tinha por objetivo mapear as competições e os certames esportivos promovidos por essa escola ou que ela tenha participado, como os Jogos da Primavera, os Jogos Intermunicipais, concurso de Bandas Marciais e Fanfarras, entre outros, no período de 1965 a 1985, tendo em vista a compreensão do significado educacional e cultural desses eventos tanto para seus participantes como para a projeção social da escola. Este projeto foi desenvolvido no período de janeiro de 2006 a janeiro de 2008.

grande importância dada ao esporte, encontramos que a Escola Estadual Bento de Abreu ratificava em seu discurso a importância dos certames esportivos e cívicos para o desenvolvimento do espírito olímpico em seus alunos. As conquistas adquiridas por essa escola são reveladas nas inúmeras participações em competições esportivas, cujos troféus, medalhas e placas se encontram em exposição na escola nos dando a ver como o esporte marcou a história da instituição[3].

Além disso, pode-se dizer que as práticas esportivas realizadas por essa escola ganharam elevado prestígio, uma vez que se enquadravam nos discursos oficiais e promoviam em seus alunos um forte apelo nacionalista, merecendo, desse modo, destaque, elogio, louvores e incentivos por meios oficiais pela atuação dos inspetores de Educação Física.

A presença marcada de convites para a participação em eventos cívicos e esportivos recebidos pela escola nos demonstra a importância destinada pela sociedade a tais práticas que, pareciam sustentar e ornamentar o significado do fazer das práticas esportivas, e denotavam à escola um elevado lugar tanto na sociedade araraquarense como na sociedade paulista.

O desenvolvimento desse projeto de pesquisa nos instigou a procurarmos elementos que nos proporcionassem pensar, de modo mais aprofundado, a relação escola-sociedade. Vimos que o esporte era um dos meios da EEBA se projetar para a sociedade, nesse viés ficamos instigados em pesquisar como a sociedade via essa escola, principalmente no que se refere à questão da qualidade de ensino.

Qualidade é uma palavra polissêmica, uma vez que comporta diversos significados e tem potencial para desencadear falsos consensos, já que possibilita diferentes interpretações do seu significado, segundo diferentes capacidades valorativas. O que significa uma educação de qualidade? Provavelmente, essa questão apresentará diversas respostas, de acordo com os valores, experiências e posição social do sujeito que a responde.

Qualidade da educação se mostra como uma das questões mais difíceis de se discutir porque é um conceito sem conceito, por assim dizer, há um consenso geral do que isso significa sem que ele necessite ser precisado e detalhado. Como ele é um termo extremamente utilizado há um certo esvaziamento do seu sentido. Há tempos atrás a qualidade de ensino era reportada à

[3] A Escola Estadual Bento de Abreu possui um Arquivo Permanente composto por um significativo conjunto de documentos administrativos com cerca de 24.000 documentos administrativos e 520 livros, bem como o Acervo da Cultura Material Escolar que contempla 109 objetos entre troféus, placas e medalhas, ambos organizados por meio

rigidez, em que se tinha a impressão de que os alunos sabiam mais. Nos dias de hoje, o que significa a qualidade do ensino? Hoje essa qualidade está muito mais definida pelas aprendizagens, pela psicologia, do que efetivamente pelos critérios sociológicos dados até os anos 1980.

Segundo Oliveira e Araujo (2005), na educação brasileira, do ponto de vista histórico, a questão da qualidade fora construído sob três significados distintos e circularam simbólica e concretamente na sociedade: um primeiro, condicionado pela oferta limitada de oportunidades de escolarização, um segundo, relacionado à idéia de fluxo (número de alunos que progridem ou não dentro de um determinado sistema de ensino), e, a idéia de qualidade associada à aferição de desempenho, mediante testes em larga escala.

Para os autores, o primeiro conceito de qualidade com a qual a sociedade brasileira aprendeu a conviver esteve atrelado à possibilidade ou impossibilidade de acesso à escolarização. A democratização das oportunidades de acesso e a conseqüente expansão da rede de escolas a um número cada vez maior da população romperam com a conjunção harmônica entre qualidade e escola de elite. Aos poucos, os obstáculos à democratização do ensino foram transferindo-se do acesso para a permanência com sucesso no interior do sistema escolar. Desse modo, no final dos anos 1970 e 1980, esse foi o segundo indicador de qualidade incorporado no debate educacional brasileiro: a partir da comparação entre a entrada e a saída de alunos do sistema de ensino, era medida a qualidade da escola. Por fim, um terceiro discurso de qualidade colocado pelos autores refere-se às atuais e incisivas práticas avaliativas, onde a qualidade passou a ser indicada pela capacidade cognitiva dos estudantes, aferida mediante testes padronizados em larga escala, portanto, a qualidade passou a ser vista enquanto medida.

Nadai (1991) ao estudar as representações e o imaginário consagrado na sociedade brasileira em torno da qualidade da escola secundária recolheu depoimentos de professores secundaristas que atuaram entre 1930 e 1970. A partir desses depoimentos, ela pôde traçar algumas considerações sobre os elementos apresentados como sinais de importância e qualidade da escola no meio social. Entre eles destacamos: as *condições dos prédios escolares* como sinal da importância e qualidade da escola no meio social (isto porque muitos municípios paulistas adquiriram o seu primeiro ginásio nessa época, permanecendo, quase sempre, como único

---

do “Projeto EEBA: história e memória do ensino secundário em Araraquara” vinculado ao GEPCIE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Instituições Educacionais – Unesp/FCLAr).

estabelecimento de educação pós-primária da cidade, gozando de prestígio e reconhecimento); o *papel do professor e das práticas de ensino* uma vez que o exercício da docência apoiava-se no rigor, na exigência, na cobrança nos exame, nas sabatinas e chamadas orais, no compromisso com a escola e no orgulho de exercer uma profissão intelectual; e, a a*lta seletividade do ensino:* vista como decorrência de um padrão de qualidade desejável.

O estudo das representações sobre a "boa escola secundária"[4] é um campo muito fértil. Segundo Souza (2008) as décadas de 1960 e 1970 do século XX representam um período de significativas transformações, inclusive no campo educacional. Esse momento é extremamente interessante por ser um período de mudanças tanto na estrutura da educação brasileira, nas representações sobre a escola quanto nas culturas escolares.

Perez (2006), ao estudar o processo de democratização do ensino na Escola Estadual Bento de Abreu, também questionou-se sobre essa "imagem de boa escola", que, segundo a autora, com o passar dos anos foi ficando para trás, existindo somente na lembrança das pessoas que fizeram parte dessa história. Tal fato decorre do processo de democratização que se iniciou a partir da década de 1950 e se intensificou na década de 1970, o que trouxe implicações para a instituição, uma vez que esta precisou se reestruturar devido ao aumento do número de alunos, bem como dos professores e os problemas resultantes desse processo:

> Importante pela qualidade de ensino que ministrava, esse estabelecimento oficial manteve-se, por muitas décadas, como sendo a única opção para a educação pública ginasial da cidade e da região. Seguindo a tendência das transformações ocorridas no ensino secundário do Estado de São Paulo, essa escola também se transformou e se democratizou. Esse processo de abertura escolar alterou profundamente o significado sociocultural e a importância pessoal atribuída à escola por professores, alunos e pais. (PEREZ, 2006, p. 15).

A reforma do ensino de 1º e 2º Graus implementada no início da década de 1970 impactou profundamente o funcionamento das escolas e a organização didática e pedagógica do ensino

[4] Referimo-nos à ensino secundário para designar o ramo do ensino médio caracterizado pela formação geral centrada no estudo de cultura geral. Queremos aqui destacar que historicamente o ensino médio apresentou diferentes distinções entre seus ramos de ensino: de um lado o ramo acadêmico, formado pela escola secundária e, de outro, os ramos profissionais, formados pelas escolas industriais, comerciais e agrícolas. Somente o ramo acadêmico dava acesso ao ensino superior e era destinado, portanto, à formação da elite brasileira. Com a Lei Orgânica do Ensino Secundário em 1942 o ramo acadêmico esteve dividido em dois ciclos, o ginasial com duração de quatro anos e o colegial com duração de três anos. O que destacamos nesse estudo refere-se ao ensino secundário, mais especificamente de 2º ciclo, que com a Lei 5.692/71 veio a tornar-se o ensino de 2º Grau, hoje conhecido como

básico brasileiro. A Lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971[5], fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º Graus. Segundo Souza (2008):

> (...) a reordenação simplificava a estrutura educacional, imprimindo-lhe maior racionalidade, atendendo, em certa medida, reivindicações democráticas como a extensão da escolaridade obrigatória e a maior articulação entre os ramos de ensino médio. *Contudo, ela abalava significativamente modos de compreender e praticar o ensino, impactando as representações sociais sobre a escola pública e a cultura escolar*. (SOUZA, 2008, p. 268, grifos meus)

Com a política e as medidas de democratização do ensino, em 1976 vimos no Estado de São Paulo uma redistribuição da rede física responsável em reformular toda a rede escolar. A partir da implantação desta nova medida, segundo Perez (2006), a Escola Estadual Bento de Abreu passou a oferecer somente ensino de segundo grau, passando a denominar-se "Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu". Em 1979, por se restabelecer o ensino de primeiro grau, o estabelecimento mudou a sua nomenclatura para "Escola Estadual de 1º e 2º Graus Bento de Abreu".

Essas considerações, sinalizadas pela autora, suscitaram nosso interesse de verificar esse período. Ao buscar investigar a relação escola – sociedade, procuramos entender como a EEBA lidou com as mudanças desse período, com as transformações que vinham afetando a escola pública e que representação, a população araraquarense construiu sobre essa escola quanto à qualidade de ensino e, se assim como Perez (2006) expõe, esse padrão de "boa escola" continuou a se manter nas representações sociais, mesmo quando esta passou a ampliar a oferta de vagas, alterando completamente sua rotina interna[6].

Com vistas a melhor compreendermos o campo em que pisamos e as matrizes teóricas e metodológicas que nos subsidiaram na compreensão e no trato do objeto de estudo, intentamos destacar o campo teórico da história cultural, a história das instituições educativas, as

---

ensino médio (LBD 9694/96). No primeiro Capítulo apresentaremos de modo mais aprofundado as especificidades desse nível de ensino.

[5] A Lei 5.692/71fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus no país. Dentre as modificações mais importantes instituídas por essa reforma destacamos a extensão da escolaridade obrigatória, mediante a implantação de uma escola única de 1º e 2º Graus. Segundo Souza (2008) no Estado de São Paulo a efetiva implantação da reforma implicava reestruturações de grande impacto na rede como a sistemática de aproveitamento da estrutura física e o remanejamento de pessoal, o que foi feito apenas a partir de 1976.

[6] Queremos destacar que não nos interessa nesse estudo discutir o processo de constituição da representação do sujeito, mas sim a representação em si constituída sobre essa instituição de ensino.

representações e a história oral e o uso da memória enquanto metodologia a fim de clarearmos o nosso campo de investigação.

A História Cultural (que se configurou em meados da década de 1970) visa apreender a dimensão cultural do fazer cotidiano, buscando o alargamento da história, uma nova percepção dos documentos e fontes e, uma preocupação com os aspectos do simbólico, das mentalidades, das práticas. Buscar a cultura "... como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo" (PESAVENTO, 2008, p. 15) tem possibilitado uma compreensão dilatada das representações e das práticas implementadas pelos sujeitos para além dos domínios de recortes estreitos do político e do econômico, que ora opunham dicotomicamente uma cultura erudita e outra popular ora aprisionavam a cultura na esfera da superestrutura apresentado-a como simples reflexo da infra-estrutura.

A História Cultural possibilita o aparecimento do discurso não-oficial, o discurso elaborado por grupos que, do contrário, não teriam oportunidade de ver sua voz em evidência, excluindo a idéia de banalidade que tais discursos poderiam conter e valorizando o seu conteúdo. Segundo Burke, "outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado" (BURKE, 1992, p.23).

Ao pretender resgatar, analisar e registrar a vida cotidiana, a História Cultural acabou por ampliar o campo do documento histórico, numa verdadeira revolução documental. Para Le Goff:

> Essa revolução é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos (...). (LE GOFF, 1996, p. 541).

No contexto da História Cultural, muito mais do que um simples relato histórico, a História das Instituições Educativas busca compreender toda problemática envolvida na construção de uma dada instituição, levando em consideração diversos aspectos, tais como sociais, financeiros, políticos, religiosos, dentre outros.

Nesse viés, a história das instituições escolares assume relevante papel para a compreensão e a construção do saber, que se dá no interior da sociedade. Nos últimos anos, as

pesquisas no campo educacional têm tido um crescente e importante aumento em estudos sobre tais instituições, ocupando maior espaço e tomando impulso a partir dos anos 90 do século XX.

Segundo Justino Magalhães,

> A renovação historiográfica a partir de uma focalização na instituição educativa, corresponde a um desafio interdisciplinar lançado na sociologia, pela análise organizacional, pelo desenvolvimento curricular, entre outras ciências da educação, mas também a uma corrente historiográfica que evolui dos *Annales*, pela Nova História, em busca da construção de sujeitos e dos sentidos de suas acções, pela relação entre as estruturas, as racionalidades e as acções desses sujeitos históricos; recuperando informações e fontes de informação sobre quotidianos, suas práticas, representação e invenção. A educação desenvolve-se como processo contextualizado, referido a públicos, conteúdos e agentes definidos. Mas a história das instituições educativas tomadas na sua relação ao contexto e no seu percurso histórico, é também uma meta-narrativa que (em)forma a hermenêutica das fontes de informação, ainda que indiciárias e fragmentadas. (MAGALHÃES, 1998, p. 59).

Os conceitos oriundos da História Cultural possibilitam ao pesquisador a investigação de temas que antes não eram considerados como acontecimentos históricos importantes, logo, deveriam ficar afastados do registro histórico. A voz daqueles que viveram, de fato, a história passa a ser valorizada, sendo elevada à categoria de documento, imbuído de uma trama peculiar: o enredo da vida, o enredo dos que viveram os episódios da história. Assim demonstra M. Sousa:

> É preciso que a história da educação inclua o ponto de vista desses seus agentes, além de outros, como pais e administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucional. (M. SOUSA, 2000, p. 52)

Nesse viés de pensamento, a História da Educação passa a possibilitar a reconstrução, a análise e o registro de fatos importantes que aconteceram nos espaços escolares em determinadas épocas, por meio daqueles que efetivamente os vivenciaram, oportunizando a obtenção de sua real significação: professores, alunos, agentes educativos, dentre outros. Ou como ainda afirma M. Sousa:

> É preciso incorporar à análise histórica [...] a idéia de que para compreender o que a escola realizou em seu passado (ou realiza na atualidade), não é suficiente estudar idéias, discursos, programas, papéis sociais nela desempenhados, suas práticas e métodos de trabalho; torna-se necessário também tentar compreender

> a maneira com que professores e alunos reconstruíram sua experiência, como constituíram relações, estratégias, significações por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos. (M. SOUSA, 2000, p.52)

Desse modo, olhar os sujeitos participantes da instituição educacional e suas ações lança o nosso olhar aos alunos, professores, gestores e outros atores. Para Magalhães (1998), em torno dos alunos estabelece-se um dos eixos mais significativos e centralizantes do conhecimento histórico da instituição educativa. Pelos alunos, é possível ascender à construção da relação da instituição com a comunidade envolvente, à construção do seu público e por conseqüência à materialização de um ideário pedagógico e instrucional próprios.

Concomitantemente, Magalhães (1998) assegura que os professores não são, todavia, meros executores, e a aproximação a esses atores envolve dimensões de natureza material, mas também dimensões simbólicas ao nível da representação profissional e dos alunos, ao nível do grau de envolvimento, ao nível da participação, ao nível de representação meta-educativa, crenças e valores.

Desse modo, a educação constitui uma área temática em que a representação social tem tido um importante destaque. Nesse contexto, as instituições escolares, como demonstra Magalhães (1999), têm sido bastante privilegiadas, uma vez que, assim como as pessoas, essas instituições são portadoras de memórias, uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo, das pessoas e das gerações.

Para Pesavento (2008) o conceito de representação é uma categoria central da História Cultural, isso porque a realidade do passado só chega ao historiador por meio das representações. Os indícios que se colocam no lugar do acontecido, são por assim dizer, representações do sucedido que o pesquisador visualiza como fontes ou documentos para a sua pesquisa, desse modo, são representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador.

Este é o grande desafio da História Cultural: lidar com códigos de um outro tempo, que muitas vezes podem ser incompreensíveis para o historiador, o que lhe exigirá um apuramento de sua sensibilidade e um investimento de construção do real que não são os do seu tempo presente.

Para Roger Chartier a história cultural tem por principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 17). Um dos caminhos para isso diz respeito às classificações,

divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real e que se tornam esquemas intelectuais incorporados pelos quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

A realidade social aqui colocada em evidência é a da Escola Estadual Bento de Abreu, buscando por meio de entrevistas e análise de documentos diversos, compreender as representações construídas sobre essa escola quanto à qualidade de ensino.

No caso das instituições escolares, a apreensão do discurso predominante por meio do exame das falas particulares é muito importante, uma vez que o recurso da História Oral possibilita a construção de interpretações sobre o itinerário histórico das instituições escolares, conferindo-lhe assim uma identidade cultural e educacional. Desse modo,

> (...) conhecer e explicar as oscilações entre os montantes de alunos inscritos e os fluxos de saída, seus percursos escolares, relações e saídas sócio-profissionais, constitui, de uma forma geral, um grande desafio para o investigador, muito especificamente para o historiador, geralmente privado de compulsar os dados de informação mais directamente elucidativos sobre essa questão. As informações arquivísticas, factor básico de contraposição à memória, são por vezes muito deficitárias. Para o passado recente, a memória oral, construída sobre um apurado rigor metodológico, é uma fonte de informação privilegiada, quer para se aceder às múltiplas interpretações a que estiveram sujeitos os normativos gerais, quer para se conhecerem as características básicas dos diversos intervenientes e se definirem os factores que pesaram nas opções estratégicas e nas práticas do quotidiano. (MAGALHÃES, 1999, p. 70).

O uso da história oral tem conquistado espaço na reconstituição de memórias de pessoas e de grupos e, nos últimos anos, encontrou assento nas pesquisas da educação. Nesse caso, abrem-se muitas possibilidades de pesquisa: formação de escolas, memórias de ex-alunos, cotidiano escolar, relações que se estabelecem dentro da escola, memória de professores, dentre outros.

Figura proeminente no movimento da história oral, Paul Thompson (1998) defende o valor das fontes orais na história social moderna ao proporcionar presença histórica àqueles cujos pontos de vista e valores são descartados pela “história vista de cima”, dando uma maior visibilidade à elaboração de uma memória mais democrática do passado. Para ele, a história oral possibilita novas versões da história ao dar voz à múltiplos e diferentes narradores.

Por meio da história oral, possibilita-se que as chamadas vozes ocultas da história se manifestem, revelando o conteúdo histórico depositado em suas memórias, que na maioria das

vezes, conseguem melhor revelar o oculto dos fatos. Para Thompson (1998) ao possibilitar àqueles que vivem à margem do poder a oportunidade de falarem e revelarem uma outra face do passado, e que seja possível através disso compreendê-lo melhor, é que a história oral foi adotada como método de pesquisa.

Desse modo, para além de viabilizar a entrada em cena das vozes ocultas, a história oral, enquanto metodologia, favorece também o ingresso das chamadas esferas ocultas no relato histórico, ou seja, temas que provavelmente não seriam contemplados por outro método de pesquisa, bem como por não se encontrarem registrados em arquivos oficiais, mas guardados na memória daqueles que os vivenciaram.

De acordo com Meihy (1998), três são os elementos que constituem a condição mínima para a realização da história oral: o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação. Ademais, três tempos principais e nítidos se fazem necessário: o da gravação, o da confecção do documento escrito e o de sua eventual análise.

Segundo o mesmo autor um projeto de história oral, a fim de orientar escolhas, especificar condutas e qualificar os procedimentos metodológicos deve ser comporto pelos seguintes itens: tema (o eixo que justifica o projeto); justificativa (que dêem conta da importância do estudo); definição da colônia (a comunidade destino); formação da rede (uma subdivisão da colônia e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não); entrevista (pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista); transcrição (passagem da gravação oral para o escrito); conferência (quando o autor entrega a versão para ser autorizada); uso (sempre sob parâmetros definidos na carta de concessão); e arquivamento (para uso posterior).

A história oral, segundo Lozano (1996), enquanto metodologia é capaz de nos trazer fontes, colhidas por meio de entrevistas que nos permitem produzir conhecimentos históricos e científicos e não somente um relato ordenado da vida e da experiência das pessoas.

Enquanto método de pesquisa privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos como forma de se aproximar do objeto de estudo. Nesse sentido, o passado evocado deve ser entendido não como aquilo que efetivamente aconteceu, mas sim como a versão dada pelo entrevistado, tão logo, a entrevista de história oral nos reporta à uma versão do passado, salientando que este se coloca intrinsecamente subordinado à experiências e versões particulares. O uso dessa metodologia nos possibilita a tentativa de compreender a sociedade através do individuo que nela viveu:

> Em vez de pensar nos pontos comuns que marcam uma experiência coletiva, convém deixar claro que a história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Em outras palavras, cada depoimentos para a história oral individual tem peso autônomo. (MEIHY, 1998 p. 14)

Como principal característica do documento de história oral, a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu nos coloca diante de versões do passado, que precisam colocar-se debaixo de uma análise comparativa das diversas versões de mundo. A lembrança evocada depende, muitas vezes, do lugar que a pessoa ocupou, as relações que manteve, inclusive com outros grupos. Nessa metodologia o que está em jogo, não é o alcance da verdade objetiva por meio das entrevistas, uma vez que, como já indicamos, o que se tem é a versão de fatos, tão logo,

> Assim, não é mais fator negativo o fato de o depoente poder "distorcer" a realidade, ter "falhas" de memória ou "errar" em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se porque razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e porque razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes. (ALBERTI, 1989, p. 3).

Por gravitar em torno de pessoas e lançá-las para dentro da história, a memória será o seu objeto primeiro nesse processo de construção do passado. Le Goff (1996) assinala que a memória constitui-se numa capacidade psíquica, cognitiva, de relembrar. Para a história oral, as memórias são lembranças guardadas e dependem de condições físicas e clínicas dos depoentes:

> (...) Uma vez que a memória é sempre dinâmica, que muda e evolui de época para época, é prudente revitalizar o seu uso, posto que o objeto de análise, no caso, não é a narrativa objetivamente falando, nem sua relação contextual, mas sim a interpretação do que ficou (ou não) registrado na cabeça das pessoas. (MEIHY, 1998, p. 76).

A memória e a historiografia, segundo Pesavento (2008) se traduzem em um dos campos temáticos de pesquisa, em torno dos quais se agregam os trabalhos no âmbito da história cultural.

“História e memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência de tempo.” (PESAVENTO, 2008, p. 94).

Para a autora, enquanto representação, a memória possibilita a lembrança, sem a presença da coisa ou da pessoa evocada. Para o historiador que trabalha com a memória, há de se levar em conta as múltiplas mediações nesse processo: há de se destacar o *gap* da temporalidade transcorrida entre o tempo do vivido e o tempo do lembrado, uma vez que o indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo e re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, ora, aquele que lembra não é mais aquele que viveu, no seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato memorado; ele incorpora não só aquilo lembrado no plano da memória pessoal, mas também aquilo que foi preservado ao nível de uma memória social. Aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer.

Queremos aqui destacar que a memória é permeada pelo tempo presente, ela é construída no momento em que é narrada, a subjetividade e as representações do sujeito se projetam e se colocam nesse processo. Desse modo, o tempo e o espaço também são categorias importantes para compreendermos a memória. Sempre que rememorarmos “retornamos” aos lugares que ocupamos, que nos são familiares, que carregam sentidos, significados. Contudo, essa volta por meio da memória deve ser entendida na sua dinamicidade, isto é, aquilo que é rememorado carrega toda uma gama de vivências, de experiências posteriores aos fatos lembrados.

Nesse viés, dizemos que a memória é permeada pelo presente: reconstituímos o nosso passado com o olhar de hoje, não sentindo jamais as sensações, as emoções, os sofrimentos tal como ocorreram. A memória não é exata, muito menos linear, lógica. O sujeito ora toma ora retoma aspectos do passado ligando-os ao presente, indo e vindo, construindo caminhos, tão logo, não nos interessa a realidade em si, mas a subjetividade de quem narra.

Desse modo, a memória, resgatada através da história oral, nos parece ser capaz de complementar e nos auxiliar a compreender os documentos da Escola Estadual Bento de Abreu e a entrarmos em contato com as representações dos sujeitos entrevistados. Ademais, o que nos interessa, ao utilizar essa fonte, é reconstruir e compreender os aspectos que englobam e favorecem esta memória coletiva que reinterpreta a EEBA e que perdura de geração para geração, e que nos permitirão compreender o processo pelo qual a sociedade via a escola por meio de suas representações.

A evidência oral é, portanto, uma fonte muito importante para este estudo, uma vez que nos possibilitará recuperar e investigar as representações dos sujeitos educacionais sobre a escola (objeto de estudo), a relação escola-sociedade, bem como a cultura produzida por essa escola que se inseriu na formação da cultura da cidade de Araraquara. Essas pessoas, na verdade, são as testemunhas da história. Da história que não se encontra registrada nos arquivos da escola, mas da história que se encontra registrada na memória delas. Como observa Magalhães:

> Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu por acaso. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais. É neste vai-vém entre a memória e o arquivo que o historiador constrói uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho. Um sentido para a história das instituições educativas. (MAGALHÃES, 1999, p. 71).

Desse modo, a história da Escola Estadual Bento de Abreu nos parece ainda conter muitos aspectos a serem explorados, investigados e interpretados, dentre eles as representações de "escola de qualidade" produzidas sobre essa instituição de ensino.

Tão logo, intentamos analisar as representações hoje produzidas sobre essa escola quanto a sua atuação na década de 1970 em virtude da redistribuição e reorganização do ensino no Estado de São Paulo decorrentes da implementação da Lei 5.692/71 que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus. Com essa reconstrução estima-se compreender e aprofundar o estudo sobre a história dessa instituição educativa, contribuindo para a compreensão da educação secundária no Estado de São Paulo na década de 1970.

Dado que os depoimentos constituem o ponto central das análises realizadas por meio do uso da história oral enquanto metodologia, entrevistamos ex-alunos que passaram por essa escola. A formação de nossa rede de sujeitos deu-se, principalmente, a partir da possibilidade de entrevistá-los e dos objetivos da pesquisa.

Os alunos foram selecionados de uma turma/série do 2º Grau da Escola Estadual Bento de Abreu que vivenciou o período de implementação da Lei 5.692/71 a qual ordenou uma redistribuição da rede física escolar em todo o Estado de São Paulo. A turma analisada, a saber, 3ª série F (Habilitação em Química), ingressou na instituição no ano de 1976 e formou-se em 1978 com trinta e quatro alunos[7].

[7] Para a escolha da turma a ser analisada observamos primeiramente o recorte temporal proposto (1976-1978). Em seguida, selecionamos as turmas do período diurno (tanto matutino como vespertino) que ministraram a Habilitação

O levantamento desses sujeitos deu-se por meio de um levantamento realizado no Arquivo Permanente dessa escola[8]. Os arquivos escolares e os documentos neles contidos se mostraram como uma rica fonte e nos possibilitaram, dentro de seus limites, transitar nos processos da própria instituição. Destacamos que os arquivos escolares também são lugares de memória, já que eles nos possibilitam trazer lembranças do passado.

Dentre a documentação presente no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu encontramos dados referentes às matrículas dos alunos (em alguns casos informações de moradia e filiação), a lista de chamada das classes, o rendimento escolar dos alunos, dentre outros. A partir das informações colhidas, iniciamos uma investigação para a localização desses sujeitos, criando um círculo de relacionamentos, uma rede de sociabilidade, na qual, levantamos informações sobre esses ex-alunos a partir deles mesmos.

Após o levantamento, construímos um roteiro de perguntas (APÊNDICE A), dentro dos critérios da história oral, elaborado com base no projeto e na pesquisa exaustiva do tema. Em seguida, entramos em contato com os depoentes, explicamos nossas intenções, garantindo o sigilo dos dados pessoais e, após a autorização, por meio de um Termo de Consentimento de Livre Cessão de Direitos sobre Entrevistas (APÊNDICE B) iniciamos o processo das entrevistas.

Realizar uma entrevista é, sobretudo, a tentativa de visitar com o entrevistado os territórios diversos do passado que se comunicam e se relacionam através de uma lógica para nós desconhecida. A entrevista requer, na linha teórica de Thompson (1998), um ambiente propício, confiança, respeito mútuo, cooperação e interação entre pesquisador e o agente histórico, além de um roteiro que lhe dê maior segurança na condução da entrevista.

Para a sua elaboração e condução procuramos seguir as orientação de Thompson (1998) que nos elucida sobre os diferentes estilos de entrevistas, desde as que são extremamente objetivas e fechadas àquelas que assumem um tom de conversa informal, nas quais a palavra e a orientação da fala cabem ao narrador. Quando o objetivo é trabalhar a partir da memória, esses dois extremos não são recomendados pelo autor, o primeiro por fechar-se demais e o segundo, por perder-se em meio a tantas possibilidades. Desse modo, optamos pela entrevista semi-estruturada, na qual são elaboradas previamente algumas perguntas que servirão como norte para

---

em Química (a Habilitação mais oferecida pela instituição no período) e dentre elas, escolhemos, de modo aleatório a turma da 3ª série F.

a entrevista, projetando um espaço para o entrevistado se expressar mais livremente e, ao mesmo tempo, possibilitando ao pesquisador introduzir mais perguntas caso sinta necessidade.

Após as entrevistas realizamos um trabalho cuidadoso de transcrição dos dados, procurando manter a fidedignidade ao sentido da fala dos sujeitos entrevistados. Segundo Meihy (1998), editar uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta. Ao tentar quebrar o mito de que a transcrição palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa, o autor, acrescenta que é impossível pensar que uma mera transcrição traga tudo o que se passou no ato da entrevista:

> Por esse conjunto de detalhes, assume-se que a entrevista deve ser corrigida e que o ideal é a manutenção do sentido intencional dado pelo narrador, que articula seu raciocínio com as palavras. Pela lógica, não são as palavras que interessam e sim o que elas contém. (MEIHY, 1998, p. 66).

Desse modo, o autor nos adverte que "o que deve vir à público é um texto trabalhado em que a interferência do autor seja clara, dirigida à melhoria do texto" (MEIHY, 1998, p. 65). Ademais, vale salientar que a lógica da oralidade não apresenta uma correspondência fidedigna à lógica da escrita. Portanto, as transcrições realizadas seguiram esse raciocínio, procurando evidenciar o conteúdo das palavras ditas adaptando-as à lógica da escrita. Depois de transcritas, as entrevistas retornaram aos depoentes, a fim de confirmarem a veracidade da transcrição, que após lidas (e corrigidas em alguns casos) receberam a assinatura de consentimento dos mesmos.

Posteriormente à coleta e transcrição dos dados, iniciamos o processo de interpretação, análise e aproveitamento das falas, buscando, desse modo relacioná-las dentro do nosso aporte teórico e de nossos objetivos com a pesquisa, procurando o refinamento de nossa sensibilidade para dizer o texto, para apresentar o seu sentido e a sua significação, a partir do contexto de que emana.

Destacamos que, para manter o anonimato das reminiscências e preservar os nossos colaboradores, tomamos o cuidado de mantermos o sigilo de suas falas. Desse modo, nomeamos aleatoriamente os sujeitos classificando-os em Colaborador 1, Colaborador 2 e sucessivamente.

---

[8] Para a realização dessa pesquisa foram consultados documentos como Atas de Reuniões do Conselho de Professores, Ata de Reuniões Pedagógicas, Livro Termo de Visitas, Ata de Resultados Finais e Prontuários dos ex-alunos.

Tomando as palavras de Thompson (1998) pensamos ser possível pensar e vislumbrar as possibilidades e implicações desse estudo: “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1998, p. 337).

Os resultados, reunidos neste trabalho, são apresentados em três Capítulos: o primeiro aborda uma breve contextualização do ensino secundário brasileiro, buscando em seu processo histórico compreender os aspectos que caracterizam esse nível de ensino, bem como abranger o momento da implementação da Lei Federal 5.692/71; o segundo Capítulo apresenta uma sucinta trajetória da Escola Estadual Bento de Abreu e como essa instituição se configurou quando, atendendo às mudanças nas características da escola de nível médio, passou a oferecer somente o ensino de 2º Grau, especificando a análise em uma turma de alunos que vivenciou esse momento; por fim, o terceiro Capítulo, através da memória de ex-alunos, examina as representações sobre a EEBA quanto a esse período de mudanças, procurando compreender as imagens construídas sobre essa instituição e que ainda se encontram vivas no momento presente.

1 UM PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO

Intentamos nesse Capítulo apresentar um breve histórico sobre o ensino secundário no que se refere à inserção desse ramo de ensino nas políticas de implementação da educação pública brasileira, e como, paulatinamente, o poder público o vai assumindo. Desde seus primórdios, esse nível de ensino tratava da educação de um grupo social muito restrito, caracterizando-se, como veremos, num nível de estudo que expressava uma distinção social, destinado a uma finalidade muito específica: a preparação para os cursos superiores.

1.1 O Ensino Secundário brasileiro e sua fragmentação

Retrocedamos aos primórdios da história de nosso país: a colonização. A existência hoje, de uma variedade de práticas educativas, pode ser explicada pela diversidade étnico-racial presente no Brasil desde sua colonização, bem como a existência de uma diversidade dos agentes que promoviam a educação, como por exemplo, a atuação das ordens religiosas como franciscanos e jesuítas, a atuação do bispado na criação de conventos e seminários, a atuação da coroa portuguesa na criação de escolas de artilharia, marinha, a atuação das confrarias e irmandades no que se refere às associações da sociedade civil.

Quando pensamos no período colonial brasileiro, principalmente no que concerne à educação, os jesuítas parecem estar em lugar de destaque tanto na catequização e aldeamento de índios, como na construção de colégios para a formação dos filhos dos colonizadores, da elite brasileira (esses colégios ofereciam alfabetização, aprendizagem de ofícios e uma cultura humanística). A instalação dos primeiros jesuítas nos povoados espalhados pelo país significou a introdução de uma cultura letrada (sinal de distinção) em um ambiente em que predominava a oralidade.

Logo após a chegada dos jesuítas, em 1549, era fundada em Salvador a primeira escola de ler e escrever do Brasil. No final desse mesmo ano era fundado em São Vicente um seminário escola, o primeiro curso secundário realizado em nosso território. Instalados nas principais vilas da colônia, os colégios foram viabilizados porque em troca da tarefa de educar os meninos brancos, a Coroa portuguesa ofereceria, para o sustento da ação missionária nessas instituições, o recurso da redízima, uma taxa que era arrecadada sobre 10% das dízimas que recolhia. Nesse

sentido, os colégios deveriam receber alunos a título de atividade missionária, estando aberto a todos, porém, Hilsdorf (2003) nos alerta que, na prática, os jesuítas ficavam apenas com os alunos brancos, recusando os demais, como mestiços, mamelucos e índios, com a justificativa de que seu propósito era formar os padres da Companhia.

Segundo Piletti (1988) quando os jesuítas foram expulsos, além de escolas de ler e escrever, que funcionavam em quase todas as aldeias e povoações, eram mantidos dezessete estabelecimentos de ensino secundário nos pontos mais importantes do país.

As primeiras iniciativas de institucionalização da escola pública no Brasil ocorrem no contexto colonial, no final do século XVIII, sob autoridade da Monarquia Portuguesa e em sintonia com o iluminismo. A atuação do Marques de Pombal por meio de um conjunto de medidas em diversos âmbitos, dentre eles a educação, com vistas à modernização portuguesa, viria a culminar no conflito entre jesuítas e a Coroa portuguesa, que resultaria na expulsão dos jesuítas em 1759, dando início a uma secularização da cultura portuguesa.

Tal acontecimento promove uma reorganização da Educação no Império e o Estado passou a assumir a educação (é certo que em alguns aspectos). Por meio da Reforma Pombalina, foram criadas mais de vinte medidas tratando da educação tanto para Portugal como para todos os seus domínios. Dentre elas, destacamos a instituição das *Aulas Régias* que implicaram na descontinuidade e na dispersão do ensino secundário. As aulas régias (ou aulas avulsas) de latim, grego, retórica e filosofia, segundo Souza (2008), funcionaram no Brasil em número reduzido e espalhadas por várias cidades do país até meados do século XIX. Eram cursos isolados e dispersos, sem nenhuma normatização escolar, com vistas a preparar os alunos para o ingresso nos cursos superiores. Cada uma delas constituía uma unidade de ensino, com um único professor, instalada para determinada disciplina, sendo, portanto, autônoma e isolada, sem articulações ou pertencimento a qualquer escola.

O Estado assumia, naquele momento a responsabilidade pelo pagamento do serviço do professor que passava a ser um funcionário público, uma vez que só poderia dar aula o professor nomeado por um concurso público. Queremos aqui destacar que as primeiras regulamentações quanto a instrução pública brasileira começaram pelo professor e não pelo espaço ou instituição, o que evidência a importância deste como aquele que ensina, como mestre.

A dispersão em que se encontrava o ensino secundário em nada foi alterada com a vinda da família real à colônia brasileira em 1808. Dom João limitou-se a criar cursos especiais (a

maioria de nível superior) a fim de atender as novas necessidades criadas no serviço público pela transferência da corte portuguesa, bem como forjar uma cultura mais desenvolvida.

A Independência do Brasil em 1822 inaugurava o Estado Nacional Brasileiro. A promoção da educação pública passou a ser fundamental para a criação/manutenção do Estado, fundamental para a criação do Brasil como Nação independente, com cultura própria, enfim, forjar o brasileiro. Na política imperial a instrução primária visava cumprir um papel civilizador e a instrução secundária tinha em vista a formação da elite ilustre e ilustrada brasileira.

A Constituição de 1824 limitou-se a dizer que a instrução primária deveria ser gratuita a todos os cidadãos. Já o Ato Adicional de 1834 estabeleceu uma divisão de responsabilidades quanto à manutenção e oferecimento de uma educação pública. Ao poder central caberia a responsabilidade de criar e legislar sobre qualquer tipo de estabelecimento de ensino, de qualquer nível e qualquer província; às províncias, caberiam a responsabilidade de criar e legislar sobre qualquer tipo de estabelecimento de ensino, de qualquer nível dentro do seu território.

Na execução prática das medidas propostas pode-se destacar uma dualidade de competências uma vez que, a atuação do poder central limitou-se em geral ao ensino superior e ao ensino primário e secundário do município da Corte e, a atuação das províncias limitaram-se a promover muito precariamente, o ensino primário e secundário.

Decorrente à política excludente do Estado, as províncias começaram a criar os liceus provinciais (ajuntamento, em um mesmo estabelecimento, das aulas que funcionavam dispersas com a intenção de oferecer aos alunos as disciplinas exigidas nos exames preparatórios para o ingresso no ensino superior) destinados aos filhos das classes privilegiadas como uma via de acesso às profissões liberais.

Em 1837 o estabelecimento de ensino secundário mantido pelo poder central – Colégio Pedro II – dava direito a ingresso em qualquer curso superior sem necessidade de novos exames. O Colégio Pedro II, organizado de forma seriada, servia como referência para os demais estabelecimentos secundários do país e se configurava numa primeira tentativa do poder central de organizar esse nível de ensino.

Sem equiparação dos seus estabelecimentos ao Colégio Pedro II, as províncias abandonaram seus liceus e ginásios, desobrigando-se do ensino secundário, e por conseqüência, esse nível de ensino acabou sendo oferecido pelos particulares na forma de cursos avulsos das disciplinas preparatórias aos exames de ingresso.

Piletti (1988) demonstra que, com o Ato Adicional de 1834 criaram-se dois sistemas paralelos de ensino secundário: um Sistema Regular oferecido pelo Colégio Pedro II e, eventualmente pelos liceus provinciais e por poucos estabelecimentos particulares; e, um Sistema Irregular constituído pelos cursos preparatórios e exames parcelados de ingresso ao ensino superior e mantidos pelos estabelecimentos provinciais e particulares.

Os cursos preparatórios e exames parcelados se apresentavam como um caminho mais fácil para o acesso ao ensino superior, desse modo, nesse período pode-se perceber uma predominância desses cursos sobre o ensino regular, haja vista que para o ingresso no nível superior não era exigido o título de bacharel (conclusão do ensino secundário regular) bastava apenas comprovar certa idade e ser aprovado nos exames parcelados. Para aqueles que terminassem o ensino secundário regular não lhes era facultado o direito de ingressar em cursos superiores sem prestarem novos exames (exceto para os formandos do Colégio Pedro II).

Hilsdorf (2003) nos revela que o peso dos cursos parcelados teve tanto impacto que, o próprio Colégio Pedro II acabou por realizar exames finais por disciplina e não por série, e aceitar matrículas avulsas, freqüência livre e exames vagos no lugar dos cursos seriados e regulares. O padrão ideal do ensino secundário no Império era o Pedro II, mas o padrão real foi fornecido pelos cursos preparatórios.

No final do Império o ensino secundário no Brasil encontrava-se em situação de extrema precariedade e desorganização: o sistema de exames parcelados e preparatórios requeridos para o ingresso nos cursos superiores acabaram por restringir os cursos secundários às disciplinas preparatórias exigidas nos exames dos cursos superiores. Para Piletti:

> A superação desta dicotomia seria a única forma de atribuir ao ensino secundário um caráter orgânico e formativo, libertando-o de sua marca exclusiva de curso de passagem para o superior, estigma que o impedia de tornar-se em curso com características próprias, inerentes à responsabilidade fundamental de formação do adolescente. (PILETTI, 1988, p.14).

1.2 O Ensino Secundário e as primeiras tentativas de modernização

Segundo Souza (2008), com o regime republicano os poderes públicos voltaram-se para a reestruturação do ensino secundário. Reformas foram implementadas pelo governo federal com

vistas a regulamentar critérios de entrada no ensino superior, o sistema de equiparação e o estabelecimento do ensino regular, seriado e de freqüência obrigatória nos estudos secundários. As disputas entre estudos literários e estudos científicos estiveram em jogo, enquanto a cultura literária espelhava os vínculos com uma longa tradição instituída, a cultura científica apresentava-se como o vetor das mudanças e da modernidade[9].

O ensino secundário no Brasil, no início do século XX, manteve a seletividade como uma marca significativa, já que o Governo Federal limitou-se apenas à manutenção do Colégio Pedro II e à normatização centralizada da organização pedagógica das escolas públicas e privadas do país, enquanto os Estados dedicaram-se prioritariamente ao desenvolvimento da educação popular por meio das escolas primárias e normais (Souza, 2008).

O crescimento do número de matrículas nesse nível de ensino esteve quase que exclusivamente nas mãos da iniciativa privada, isso porque até 1930 a maioria dos Estados da Federação manteve em funcionamento um único ginásio público instalado nas suas capitais (com exceção de Minas Gerais e São Paulo). Se pensado o número reduzido de escolas secundárias em todo o território nacional, menores ainda eram aqueles estabelecimentos equiparados e, tanto as escolas públicas e particulares eram pagas e caras:

> De fato, não se pode esquecer que durante a Primeira República, o ensino secundário foi caracterizado por uma multiplicidade de instituições com pouca uniformidade. Boa parte dos colégios funcionava independente da equiparação e era considerável o número dos cursos preparatórios oferecendo estudos parcelados. A fiscalização era precária, mesmo para os estabelecimentos equiparados ao Colégio Pedro II. (SOUZA, 2008, p. 116).

Prosseguir nos estudos de nível secundário não era, portanto, algo tão acessível à grande parte da população. Além de enfrentar a falta de políticas públicas de incentivo ao acesso e o número reduzido de escolas, os alunos ainda tinham de enfrentar a alta seletividade interna das escolas que se dava por meio dos exames orais e escritos.

Como bem coloca Souza (2008), outra característica marcante da educação secundária brasileira nas primeiras décadas do século XX refere-se à sua desarticulação com o ensino primário e profissional.

---

[9] Souza (2008) traz em seu estudo uma análise da organização escolar e do currículo no século XX, aprofundando de modo sistemático as questões referentes às disputas postas em torno do currículo, a seleção e as prescrições. O foco

Quanto ao ensino primário, em apenas alguns Estados a conclusão do ensino elementar era um requisito para a entrada no nível secundário. Em sua grande maioria, o exame de admissão à 1ª série do curso ginasial prevaleceu como o requisito mais importante de comprovação do conhecimento do estudante.

Quanto ao ensino técnico-profissional podemos dizer que a desarticulação resultava-se das barreiras historicamente construídas de diferenciação entre esses distintos ramos do ensino médio brasileiro. A educação profissional e sua formação para os diversos ofícios apresentou desde seu início, com a criação dos primeiros Liceus de Artes e Ofícios na segunda metade do século XIX, a ênfase de um caráter assistencialista destinado às camadas populares. Desse modo, o ensino profissional no Brasil revestiu-se de representações negativas e discriminatórias associadas ao trabalho manual e, por conseguinte, uma barreira social se interpôs entre o ensino secundário humanista e o ensino profissional técnico utilitário.

Apesar das inúmeras reformas da primeira metade do século XX, a educação secundária continuou estruturada sobre os princípios estabelecidos desde o império: desarticulação com a educação primária e o ensino técnico, currículo fundamentado na cultura geral com ênfase nas humanidades, caráter preparatório para o ensino superior, e uma distinção social pela pequena oferta de vagas que fazia do pequeno número de estabelecimentos públicos, estabelecimentos de excelência.

Segundo Souza (2008), de 1930 a 1960 temos um período de consolidação e ao mesmo tempo de redefinição e modernização autoritária da educação secundária no Brasil. Duas reformas foram implantadas pelo poder público federal no governo Vargas: a Reforma Francisco Campos (1931) e a Reforma Capanema (1942). A criação do Ministério de Educação e Saúde Pública em 1931 concorreu para a centralização e nacionalização do sistema de ensino brasileiro, permitindo que a educação servisse de forma mais concisa aos propósitos do Estado autoritário.

A Era Vargas (1930-1945) foi marcada por intensas lutas ideológicas entre liberais e conservadores e durante todo esse período esteve presente a discussão sobre a necessidade de uma política nacional de educação (que culminaria na LDB de 1961). Nessa fase, o ensino secundário e superior manteve-se sob a centralização do governo federal e pôde-se perceber um

---

de interesse da autora incide sobre o currículo, considerado pela mesma como um dos aspectos centrais da modernização do secundário em meados do século XX.

nacionalismo exacerbado nas políticas implantadas e a presença de reformas parciais da educação.

A Reforma Francisco Campos, Decreto n° 19.890 de 18/4/1931, estabeleceu, em nível nacional, a modernização do ensino secundário brasileiro, fixando uma série de mecanismos disciplinares tais como o aumento do número de anos do curso secundário e a sua divisão em ciclos, a seriação do currículo, a freqüência obrigatória às aulas (75%), a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal.

Souza (2008) indica que essa reforma, empreendida pelo ministro da educação Francisco Campos, sinalizou os rumos da ação do Estado na tentativa de composição de um sistema nacional de educação pautado nos princípios da racionalidade e uniformização.

A duração do curso foi alterada para 7 anos subdividindo-se em dois ciclos, como se vê no Gráfico 01: o 1º Ciclo, com 5 anos de duração, consistia em um ciclo comum e fundamental destinado à formação geral do adolescente preparando-o para os diferentes setores da atividade nacional; o 2º Ciclo, com duração de 2 anos, previa certo grau de especialização dividido em três seções, cada uma delas agrupando matérias em conformidade com a orientação profissional do estudante (Curso Jurídico, Curso de Medicina, Farmácia e Odontologia, Curso de Engenharia, Arquitetura e Química Industrial), voltava-se, portanto, para a preparação dos que se destinavam ao ensino superior.

Gráfico 01 – Estrutura do Curso Secundário pela Reforma Francisco Campos



Aos estabelecimentos de ensino foi exigida uma seriação, com freqüência obrigatória, onde se fazia necessária a aprovação em todas as disciplinas da série para a promoção à série seguinte. Também foi estabelecida a necessidade da habilitação nos dois ciclos para a realização

do vestibular e entrada no ensino superior (com vistas a eliminar definitivamente os cursos preparatórios responsáveis pelo atendimento de boa parte dos estudantes de ensino médio).

O sistema de equiparação e inspeção federal foi mantido pela reforma, com intuito da padronização das escolas secundárias do país. Segundo Souza (2008), a imposição da uniformidade para todas as escolas, tinha como foco principal, o ensino particular, que na época era responsável por quase 75% das matrículas no ensino secundário.

Um minucioso sistema de avaliação foi estabelecido. Para o ingresso no primeiro ciclo do secundário, continuou a ser exigido e exame de admissão. Quanto à permanência do aluno dentro do curso este deveria passar por um controle exacerbado, por meio de exames periódicos e sistemáticos: a avaliação se configurava como um mecanismo de seleção e símbolo da excelência escolar. No final do ano letivo, os alunos ainda seriam submetidos a provas finais, versando sobre toda a matéria do programa. Aos alunos que não obtinham aprovação na prova final era assegurado o exame de 2ª época realizado apenas uma única vez.

No tocante à seleção cultural dos currículos observa-se o fortalecimento das Ciências Físicas e Naturais, o destaque dado à Língua Portuguesa (com forte ligação ao nacionalismo), e a ênfase dada à educação do corpo. Percebe-se uma valorização da formação científica equilibrando a partilha entre humanidades e conteúdos científicos.

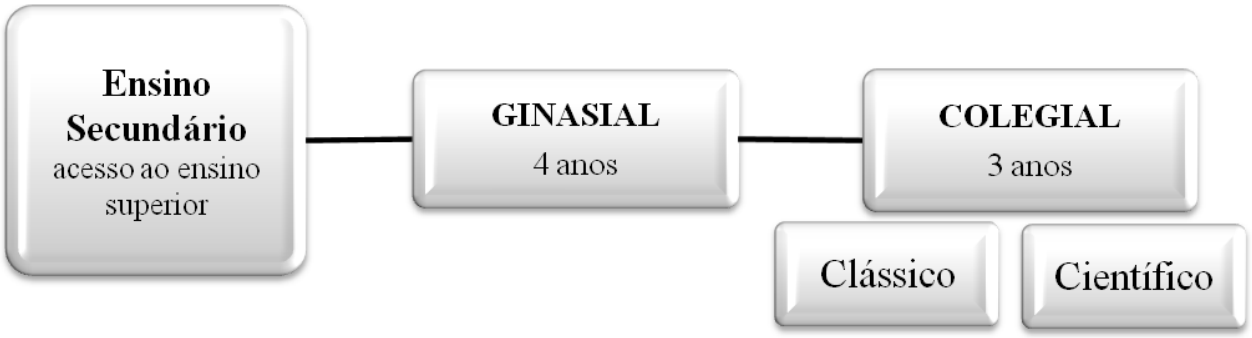
A Reforma Francisco Campos rompeu com o regime de cursos preparatórios e de exames parcelados do ensino secundário brasileiro herdado do período imperial. Uma questão a ser destacada é que a reforma deixou intocável o problema da articulação entre o secundário e os outros ramos de ensino médio, de caráter técnico-profissionalizante. O ensino secundário era o único que dava acesso aos cursos superiores, enquanto os demais (curso normal, agrícola, comercial e industrial) caracterizavam-se pela terminalidade. O caráter de distinção social parece se manter, de um lado, por uma educação destinada às elites e de outro, uma educação destinada às camadas populares.

Dentre o conjunto de reformas educacionais instituídas pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei n. 4.244 de 09/03/1942) rearranjou a estrutura moderna do ensino secundário brasileiro estabelecida pela reforma anterior, de modo a ajustar o ensino secundário aos princípios do Estado Novo.

Visando a função distributiva do ensino secundário, este continuou subdividido em dois ciclos, como ilustrado no Gráfico 02. O primeiro, denominado ginasial, com duração de 4 anos

compreendia um curso de formação geral; o segundo, com duração de 3 anos, compreendia dois cursos paralelos: o clássico e o científico[10], com o objetivo de consolidar e aprofundar a educação ministrada no curso ginasial.

Gráfico 02 – Estrutura do Ensino Secundário pela Reforma Gustavo Capanema[11]



Por essa reforma o ensino secundário objetivava formar no adolescente uma sólida cultura geral, elevar a consciência patriótica, destacando o papel primordial a ser desempenhado pelas elites dirigentes no destino do país.

No que tange ao controle e fiscalização, duas categorias de estabelecimentos passaram a ser consideradas: os equiparados (mantidos pelos estados ou pelo Distrito Federal) e os reconhecidos (mantidos pelos municípios e pela iniciativa particular)

Quanto à avaliação destacamos que o exame de admissão continuou a ser exigido para a matrícula no curso ginasial, configurando-se ainda, como uma efetiva contenção da demanda para essa etapa de estudos. O sistema de avaliação se configurou ainda mais rígido e aprimorado. Souza (2008) sinaliza que foram criados dois tipos de exames: os Exames de Suficiência, em cada disciplina, com finalidade de habilitar o estudante de qualquer série para a promoção à série imediata e habilitar o aluno da última série para a prestação dos exames de licença; e os Exames de Licença, prestados na conclusão dos estudos de 1º e 2º Ciclo tratando de todas as matérias estudadas em cada ciclo. A Caderneta Escolar foi outro recurso de avaliação a ser utilizado: nela seria lançado o histórico escolar, desde o ingresso, com os exames de admissão, até a conclusão com a expedição do devido certificado.

[10] Clássico e Científico: dois cursos que do ponto de vista curricular não apresentavam qualquer caráter de especialização.

Duas inovações foram introduzidas pela reforma: a orientação educacional a fim de encaminhar os alunos nos estudos e na escolha da profissão e, os trabalhos complementares que envolviam instituições escolares de caráter cultural e recreativo.

O Ministro Capanema, encaminhou a reforma privilegiando a formação geral desinteressada, atendendo aos interesses dos grupos conservadores. No conjunto das disciplinas propostas nota-se uma forte cultura geral, por meio da revalorização do latim e das humanidades modernas. Para reforçar o nacionalismo, destacou-se no currículo a importância da educação física, do ensino da moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e Geografia do Brasil, do canto orfeônico e das festividades cívicas.

Nunes (2000) ressalta que, a Reforma Gustavo Capanema afirmou a dualidade de ensino na medida em que se viu permanecer a oposição entre ensino primário e profissional e o ensino secundário e superior. Nesse sentido, o ensino secundário ainda mantinha a função de formador dos adolescentes oferecendo uma sólida cultura geral com o objetivo de preparar as individualidades condutoras, portadoras de concepções que seriam difundidas ao povo.

Pensando na marcada divisão histórica presente no ensino médio entre seus ramos acadêmico e profissionalizante, Piletti (1988) ressalta que até 1949 o curso secundário acadêmico era o único que possibilitava o acesso ao ensino superior, e aquele que tivesse feito curso técnico, para entrar no ensino superior, deveria fazer o curso secundário acadêmico. O primeiro passo no sentido de equivalência entre curso técnico e secundário acadêmico se deu em 1950 pela instituição da Lei n. 1.076 que conferiu o direito de transferência dos alunos concluintes do primeiro ciclo dos cursos comercial, industrial e agrícola de ingressarem no segundo ciclo do curso secundário. O segundo passo, destacado pelo autor, se deu em 1953, pela Lei n. 1.821 que facultava o direito de ingresso em qualquer curso de nível superior ao aluno que tivesse concluído o curso técnico, havendo porém, a necessidade de realizar exames de adaptação.

O referido autor[12] ressalta em seus estudos que a verdadeira equivalência entre esses ramos de ensino se deu pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Aprovada em 1961, pela Lei 4.024, a LDB pouco avançou em relação às expectativas de renovação do ensino

[11] Paralelo ao ensino secundário os alunos poderiam optar pelo ensino profissionalizante, porém este não lhes possibilitava o acesso ao ensino superior e tinha o caráter de terminalidade.

[12] Piletti (1988) traz de modo mais aprofundado a discussão sobre a divisão entre o ensino secundário e o ensino profissionalizante, de modo a compreender até que ponto a reforma educacional de 1971 significou realmente uma quebra da continuidade histórica de diferenciação entre esses ramos de ensino.

secundário. As principais mudanças estabelecidas referem-se à equivalência plena entre todos os ramos de ensino médio (Gráfico 03), e a descentralização do currículo.

Gráfico 03 – Estrutura do Ensino Médio na LDB (1961)



Por essas novas diretrizes estabelecidas, tanto o secundário quanto o técnico e o normal passaram a fazer parte do ensino médio. A nova Lei, de acordo com Souza (2008) buscou atenuar os preconceitos sociais em relação ao ensino técnico:

> (...) Para tanto, estendeu a denominação usual dos ciclos do ensino secundário para toda a educação de grau médio. Dessa maneira, todos os cursos médios passaram a ter a duração de sete anos, ministrados em dois ciclos – o ginasial (quatro anos) e o colegial (três anos). A partir de então, o aluno que concluísse qualquer ramo de ensino médio poderia ter acesso ao ensino superior mediante vestibular. *Mas apesar da eliminação das barreiras formais, a dualidade do ensino médio manteve-se devido à existência da rede dual de escolas secundarias e técnicas – e o prestígio social do ensino secundário.* (SOUZA, 2008, p. 232, grifos meus)

O currículo proposto deixou de ser rigidamente padronizado, admitindo-se certa variedade e flexibilidade, segundo as preferências dos estabelecimentos em relação às matérias optativas. Desse modo, o currículo era composto de três partes: Nacional (disciplinas obrigatórias estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação), Regional (disciplinas obrigatórias estabelecidas pelo Conselho de cada sistema), e as disciplinas próprias dos estabelecimentos. Pela primeira vez, a União abria mão do forte controle que exercera sobre o ensino secundário desde o Império.

Segundo Minguili (1984) embora a LBD 4.024/61 falasse de uma escola democrática, a escola média em seu interior era seletiva não só pelos exames, mas também pela própria prática

educativa. Isso porque o ingresso à escola média ainda se dava por meio de exames de admissão ao ginásio, o primeiro ciclo do ensino médio e, uma vez dentro da escola, os alunos eram submetidos à avaliação mensal e a exames parciais e finais para conseguirem sua aprovação às séries subseqüentes. Os que não conseguiam acompanhar esse ritmo e estilo de ensino eram reprovados ou até mesmo abandonavam a escola.

1.3 O Ensino Secundário e o processo de democratização

Em consonância à defesa de uma escola comum, universal, que atingisse a todos, o ensino primário foi o nível de ensino tomado como ideal para esse fim e alvo central dos projetos de modernização da sociedade brasileira levado a cabo pelos republicanos no início do século XX. Desde os primórdios da República, a responsabilidade pelo desenvolvimento e manutenção da educação primária e secundária, esteve quase que exclusivamente sobre as mãos dos estados da federação, porém, o governo federal manteve, até 1961, uma rigorosa centralização das prescrições para a educação secundária, determinando o currículo e a inspeção das escolas.

O ensino elementar fora, portanto, ao longo da história da educação brasileira, alvo mais incisivo de políticas públicas e logrou uma significativa expansão anterior à que ocorreu ao ensino médio. Entre as décadas centrais do século XX, com o ensino primário já praticamente universalizado, o ensino ginasial tinha se transformado no ponto de estrangulamento do sistema (principalmente em decorrência das dificuldades impostas pelos exames de admissão), desse modo, percebe-se um deslocamento das exigências democratizadoras do primário para o secundário.

Podemos dizer que desde sua origem até bem pouco tempo, o ensino secundário apresentou um nítido sentido elitista, no qual imperavam privilégios e princípios bastante discriminatórios. Essa seletividade, como veremos, seria colocada em xeque pela demanda social, sobretudo nas décadas de 50 e 60 do século XX.

Nas décadas centrais do século XX a democratização das oportunidades educacionais em nível secundário era um dos maiores desafios da educação brasileira, mas, segundo Souza:

> (...) o próprio processo de expansão acelerada indicava outros problemas como a concentração de matrículas no primeiro ciclo em detrimento do segundo,

> assinalando a função distributiva do curso ginasial, os altos índices de abandono e seletividade de ensino, o desequilíbrio na distribuição regional dos estabelecimentos escolares dentro do país (entre regiões e zona urbana e rural) e a preferência do alunado pela educação secundária ao invés da formação profissional. (SOUZA, 2008, p. 206).

Desde os 30 já vinha se intensificando a procura pelo ensino secundário ou ginásio acadêmico. A preferência, como se vê nos dados apresentados por Nunes (2000) no Quadro 01, residia mais sobre esse nível de ensino do que sobre o ensino profissional. A demanda pelos ginásios de educação geral pode ser vista como uma tentativa de apropriação de uma cultura distintiva, mantida durante significativo tempo como privilégio de classe:

Quadro 01 – Matrículas de cursos por ano – Estado de São Paulo

ANOS	CURSOS				
	Secundário	**Comercial**	**Industrial**	**Agrícola**	**Normal**
1945	237.695	56.570	16.531	659	19.533
1950	406.920	76.455	19.436	2.099	33.436
1960	991.391	194.124	26.850	6.850	93.600

FONTE: NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, mai/jul/ago 2000, p. 45.

É a partir da segunda metade da década de 1950 que se acelera o processo de expansão das oportunidades educacionais do ensino secundário (destacamos nesse estudo o Estado de São Paulo) e tais medidas enfrentaram inúmeros protestos e contaram com elevado grau de resistência. O discurso fundamentava-se na convicção de que a democratização do ensino traria invariavelmente a queda da qualidade do ensino.

> Organicidade, racionalidade e padronização foram as bases que alicerçaram a expansão contínua das oportunidades educacionais nesse ramo de ensino médio. Em 1933, havia 66.000 alunos matriculados no ensino secundário no Brasil. Cerca de duas décadas depois, em 1952, esse número elevou-se para 466.000 alunos e, em 1961, atingia a cifra de 991.000 estudantes (Silva, 1969, p. 312). Sem dúvida, um crescimento expressivo e acelerado que permite imputar a esse período histórico o início do processo de democratização da escola secundária do país. (SOUZA, 2008, p. 145)

Embora os números atestem um expressivo aumento no número de matrículas, Souza (2008) nos alerta que o acesso a esse nível de ensino se restringia a uma pequena parcela da população na faixa etária dos 12 aos 18 anos. Em 1958, apenas 10% desse contingente freqüentavam as escolas.

Nunes (1979) caminha nesse mesmo sentido, alertando que, se houve aumento no número da população em idade escolar no ensino secundário, uma grande parte desses adolescentes ainda permanecia fora dos muros da escola: “Em 1957, de 100 alunos que freqüentavam o nível primário, apenas 14 chegavam ao nível subseqüente (...); e apenas 1% dos indivíduos provenientes das camadas populares, que correspondiam a mais de 50% da população brasileira, nele ingressavam (...)” (NUNES, 1978, p. 51). As regiões nordeste e sul apresentavam baixas taxas de ingresso no ensino secundário e as regiões centro-oeste, taxas baixíssimas em comparação à região sudeste.

Na perspectiva da referida autora, a expansão do ensino secundário era fruto das contradições da política populista e, o atraso e a evasão dos alunos revelavam a grave situação econômica de suas famílias, isso porque, daqueles que conseguiam ingressar, 80% eram forçados a não prosseguir em seus estudos a fim de exercer qualquer tipo de trabalho.

Para a autora, no intervalo entre o Estado Novo e o Regime Militar a pressão das populações urbanas (principalmente as classes médias operárias) em torno dos líderes políticos (no caso, refere-se ao Estado de São Paulo) os obrigava a institucionalizar tais movimentos reivindicatórios transformando a abertura de ginásios públicos em bandeira de luta nas câmaras estaduais. O ginásio secundário era a escola que representava a oportunidade de ascensão social: para as classes populares significava uma alternativa lógica na estimativa que faziam das vantagens relativas aos diferentes tipos de educação.

De mesmo modo, Souza (2008) ressalta em seus estudos que a renovação da educação secundária no Brasil iniciou-se pela modernização dos ginásios que se expandiram primeiramente em decorrência de demandas crescentes das classes médias e populares urbanas (principalmente pelo aumento significativo do número de adolescentes que conquistaram a oportunidade de passarem pelos grupos escolares). Essa escola deveria ser então, uma escola democrática, adequada às características de sua nova clientela e pensada como um elemento propulsionador do desenvolvimento nacional.

A própria população passou a reivindicar, a partir de 1950, a abertura de escolas de ensino médio. Não havia escolas suficientes e o ensino secundário foi forçado a expandir-se com o objetivo de conter tensões sociais geradas por sua ínfima oferta. A expansão do ensino secundário no país havia criado uma situação irreversível que exigia uma intervenção mais decisiva dos poderes públicos.

Com o Golpe Militar em 1964, a educação ganhou novas orientações. No campo da educação, as políticas implementadas no período militar, sob a égide do desenvolvimento e da segurança nacional foram realizadas sob a justificativa de que se investia na melhoria do "capital humano" para adequar a sociedade brasileira aos patamares das modernas exigências da produção internacional (Hilsdorf, 2003). Formar para o trabalho esteve sob a base de uma concepção produtivista de educação, colocando a escola à serviço do desenvolvimento econômico mediante a formação de mão-de-obra qualificada.

O governo militar visou mediar os interesses do capital e do trabalho. A manipulação e a repressão militar estiveram à serviço dos tecnoburocratas internacionais que, por sua vez, queriam expandir seus negócios no Brasil. A indústria foi a grande atração para o investimento e crescimento acelerado do capital. Porém, enquanto pequena parte da sociedade teve o privilégio de se desenvolver e se auto-afirmar, o restante da sociedade teve cada vez mais lkaumentado o seu estado de miséria, concorrendo para as constantes reivindicações de seus direitos. Para conter a sociedade civil, os militares não abriram mão da tortura, do terrorismo e assassinatos, além da censura.

Com base na teoria do Capital Humano, importada dos Estados Unidos, a educação passou a ser considerada como preparadora de recursos humanos para o desenvolvimento, como um bem de produção: tinha-se uma visão economicista da educação. Os acordos firmados (MEC-USAID) deram as marcas da política educacional do período: desenvolvimento, produtividade, eficiência, controle e repressão. A grande questão educacional focalizava-se sobre o ensino médio e superior, por servirem mais diretamente ao projeto de desenvolvimento adotado, daí começar a reforma pelo topo da pirâmide educacional até chegar em suas bases.

A década de 1960 pode ser considerada uma década fértil de experimentações e renovações educacionais voltadas à nova conjuntura política e social configurada no país pelo regime militar. A renovação dos ginásios buscou dar soluções a problemas como acesso ao ensino médio, a extensão da escolaridade obrigatória e a constituição de uma escola de ensino

fundamental de oito anos de duração. As iniciativas de renovação experimentadas não chegaram a se generalizar para toda a rede de ensino do país, abrangendo um pequeno número de escolas, mas, mesmo nessas condições, elas prepararam o terreno para as grandes mudanças estabelecidas no inicio dos anos 1970.

Daremos aqui o exemplo da medida adotada pela administração pública paulista nos anos finais da década de 1960, como uma das iniciativas mais bem sucedidas na extensão da escolaridade oferecendo uma nova orientação ao processo de expansão do ensino. A política educacional adotada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo no período de 1967 a 1970 foi a de estender as oportunidades educacionais através da implantação da escolaridade de oito anos. A providência chave dessa política foi a unificação e facilitação dos exames de admissão ao ginásio, isso porque esse tipo de exame foi por algumas décadas a linha divisória entre a escola primária e a escola secundária, funcionando como um rito de passagem: "o exame de admissão mobilizava os estudantes, seus pais e irmãos. Obter a aprovação nas provas tinha uma importância equivalente à aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior. Era uma espécie de senha para a ascensão social" (NUNES, 2000, p.45).

A Secretaria da Educação em dezembro de 1967 determinou o *Exame Unificado de Admissão*[13] com vistas a "democratizar" o ensino médio, procurando combater a grande seletividade do antigo exame de admissão organizado em cada escola. Tal medida garantia o ingresso de todos os alunos do curso primário, mesmo daqueles que haviam abandonado a escola sem concluí-la, ao unificar a preparação das provas (que antes competiam à cada instituição) e reduzindo suas exigências.

Em decorrência da aplicação do Exame Unificado de Admissão o número de alunos nas escolas ginasiais teve um significativo aumento, o que por sua vez demandou uma maior capacidade física e um aumento do número de pessoal administrativo. Sem essa garantia, as escolas precisaram funcionar em períodos reduzidos de trabalho, com certa precariedade.

As facilitações postas pelo Exame Unificado de Admissão encontraram a reação dos professores e da comunidade que temiam que o acesso do "povo" à escola rebaixasse o "nível" cultural da mesma. A esse respeito, afirmou Azanha:

[13] Autores como Azanha (2004), Nunes (2000), Piletti (1988), Ruz Perez (2000), Souza (2008), assinalam uma antecipação do Estado de São Paulo à Lei 5.692 que viria culminar na escola de 1º Grau.

> (...) Fundado na convicção de uma inevitável queda da qualidade do ensino, o professorado não procurou ajustar-se à nova realidade da clientela escolar e insistiu na manutenção de exigências intra-curso que anulariam pela reprovação maciça o esforço de abertura escolar (AZANHA, 2004, p. 340).

Para o autor, a fim de contornar essa situação a Secretaria da Educação instituiu um sistema de pontos por alunos aprovados que pesava na recontratação de professores.

Rus Peres (2000), ao analisar a política educacional no Estado de São Paulo referente a esse período demonstra que houve uma ampliação significativa da atuação do Estado na oferta de matrículas com relação ao ensino médio. No antigo ensino colegial havia, em 1966, uma divisão quase que equitativa entre a rede pública (49%) e a rede particular (48%); em 1970 a rede pública passou para 59% e a privada caiu para 37%; nos anos 1980 intensifica-se esse processo de predominância da rede estadual, que passou a oferecer 70% das matrículas.

Na década de 1970 vê-se no Brasil a forte presença de uma cultura aplicável, prática, técnica, uma cultura utilitarista. O público escolar que estudou nas escolas médias a partir dos anos 70 recebeu uma formação consideravelmente diferenciada em relação às gerações anteriores. A organização do trabalho e o currículo foram fortemente transformados nesse período, conforme afirmação de Souza:

> O aumento do número de escolas e vagas veio acompanhado de políticas de flexibilização do sistema de avaliação escolar, como a eliminação dos exames de admissão do curso primário para o médio, a recuperação paralela, a atribuição de conceitos ao invés de notas. (SOUZA, 2008, p. 227-228)

De acordo com essa autora, o conteúdo até então marcadamente humanista do ensino secundário foi substituído pela cultura científica e técnica orientada para o trabalho. “A ênfase na utilidade prática dos conteúdos e sua funcionalidade para a vida contemporânea mudaram radicalmente as prioridades na seleção e distribuição do conhecimento no interior das escolas” (SOUZA, 2008, p. 228). A profissionalização obrigatória de todo o 2º Grau instituída a partir de 1971, como uma resposta de adequação da escola média às necessidades do desenvolvimento econômico, pode ser considerada uma das transformações mais impressionantes do antigo ensino secundário de ciclo colegial. O ensino secundário com duração de três ou quatro anos passou a designar todo o segundo ciclo da educação de nível médio, unificando o ensino secundário e técnico.

Essa profissionalização obrigatória decorreu da reforma do ensino secundário de 1º e 2º Graus implementada no início da década de 1970 e que impactou profundamente o funcionamento das escolas e a organização didática e pedagógica do ensino básico brasileiro. A Lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971, fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º Graus. Segundo Souza:

> (...) a reordenação simplificava a estrutura educacional, imprimindo-lhe maior racionalidade, atendendo, em certa medida, reivindicações democráticas como a extensão da escolaridade obrigatória e a maior articulação entre os ramos de ensino médio. *Contudo, ela abalava significativamente modos de compreender e praticar o ensino, impactando as representações sociais sobre a escola pública e a cultura escolar.* (Souza, 2008, p. 268, grifos meus)

1.4 Uma nova estruturação do Ensino Médio: a profissionalização compulsória

As reformas que incidiram sobre o ensino médio nos anos 30 e 40 foram reformas que organizaram e sistematizaram o ensino secundário, mas mantiveram a longa tradição do século XIX (formação de currículo humanista, educação geral, formação desinteressada). A reforma de 1971 (Lei 5.692) buscou quebrar essa hegemonia do currículo humanista estabelecendo a educação para o trabalho.

Piletti (1988), seguindo uma linha de interpretação, indica como um dos antecedentes da Reforma de 1971 a pressão social de estudantes, em 1967, que concluíam o nível médio e eram aprovados nos vestibulares, mas não entravam na faculdade por falta de vagas. Como resposta à essa pressão, o Conselho Federal de Educação (CFE) criou uma comissão, para discutir o assunto, tendo por relator Valmir Chagas. A comissão sugeriu uma reforma da escola média a fim de lhe acentuar o caráter de terminalidade (o que desestimularia a continuidade dos estudos), não atendendo, portanto, aos interesses diretos da pressão posta pelos estudantes, antes se colocando como uma manobra de contenção de acesso ao nível superior.

Em 1970, o presidente da República, Emílio Garrastazu Médice, criou, por Decreto, um Grupo de Trabalho no Ministério de Educação e Cultura para estudar e propor diretrizes para a educação primária e média no país. No Congresso Nacional, o Projeto de Lei foi apreciado em regime de urgência, num curto período de um ano, sem passar por discussões públicas com a

sociedade civil, silenciada, portanto, dentro dos limites impostos pelo autoritário regime militar (PILETTI, 1988; SAVIANI, 2002; SOUZA, 2008).

A Lei Federal 5.692 aprovada pelo Congresso Nacional em 11 de agosto de 1971, manteve as finalidades da educação expressas na LDB 4.024/61 e fixou Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus que deveria desenvolver as potencialidades do educando, qualificá-lo para o trabalho e prepará-lo para o exercício consciente da cidadania.

Dentre as modificações mais importantes instituídas por essa reforma destacamos a extensão da escolaridade obrigatória, mediante a implantação de uma escola única de 1º e 2º Graus (Gráfico 04). A escola básica ganhou a seguinte configuração:

- *1º Grau:* houve a junção do antigo ensino primário e o primeiro ciclo (ginasial) do antigo ensino médio. Era responsável pela formação da criança e do adolescente na faixa etária de 7 a 14 anos, apresentando uma escolaridade obrigatória de oito anos.
- *2º Grau:* constituído do segundo ciclo (colegial) do antigo ensino médio. Era responsável pela formação do adolescente e sua qualificação para o trabalho.

Gráfico 04 – Estrutura da Escola Básica: Lei 5.692/71



A Lei Federal, como bem descreve Minguili (1984) definiu ainda:

- diretrizes para o ensino especial;
- suprimento de escolarização regular dos adolescentes e adultos, bem como os estudos de aperfeiçoamento e atualizações;
- instituiu o ensino supletivo através de cursos e exames;
- estabeleceu que docentes e especialistas da educação deviam ser habilitados de acordo com a legislação;

- instituiu que as escolas particulares de Ensino Médio, antes vinculadas ao sistema federal passariam a ser vinculadas aos sistemas estaduais;
- estabeleceu diretrizes para a organização curricular, administrativa e disciplinar de cada estabelecimento de ensino;
- determinou os órgãos competentes para indicar as matérias do currículo pleno (Conselho Federal de Educação, Conselho Estadual de Educação, Conselho Municipal de Educação, Estabelecimentos de Ensino);
- determinou a duração mínima dos períodos letivos;
- vinculou a promoção do aluno à assiduidade e aproveitamento;
- estabeleceu o regime de matrícula com dependência a partir da 7ª série do 1º Grau;
- dispôs sobre a transferência do aluno para outro estabelecimento de ensino ou curso e a conseqüente adaptação e aproveitamento de estudos;
- estipulou o regime de financiamento de educação pelos poderes público e privado;
- estabeleceu prazos e diretrizes para a implantação gradual e progressiva da Reforma nos Estados;
- permitiu à administração dos sistemas de ensino, bem como às pessoas jurídicas de direito privado que mantinham escolas, a instituição de um Regimento Comum para as escolas de 1º e 2º Grau, a fim de assegurar a unidade básica estrutural e funcional da Rede preservando a flexibilidade didática de cada escola.

Segundo Saviani (2002) a Lei 5.692 propôs uma *integralização vertical* dos graus, níveis e séries de ensino, das atividades e, uma *integralização horizontal* dos ramos de ensino (ensino de 1º e 2º Grau) – obrigatório dos 07 aos 14 anos. O currículo apresentava um núcleo comum proposto pelo Conselho Federal de Educação e uma parte diversificada proposta pelos Conselhos Estaduais de Educação.

A Lei caminhou numa primeira tentativa, de fato, de uma articulação curricular que ia desde a 1ª série do 1º Grau até o 3º ano do 2º Grau. Nas suas finalidades, destaca-se a pretensão de criar uma escola mais unificada na integração vertical. Até então a articulação entre os vários ramos e níveis de ensino no Brasil nunca tinha sido tratada de forma tão precisa, tão detalhada, desse modo, com a Lei 5.692 tinha-se de fato uma tentativa dessa articulação e um tratamento

explícito de que isso deveria acontecer desde a 1ª à 8ª série, sem perder a relação com o ensino de 2º Grau. (SOUZA, 2008).

O ensino de 2º Grau nascia da descaracterização tanto das escolas técnicas quanto das escolas secundárias. A Lei 5.692 propôs uma profissionalização compulsória do 2º Grau, que teria por finalidade a preparação para o trabalho, sobrepondo-se à prestigiosa e sedimentada concepção de escola secundária. Para os planejadores militares, tal medida resolveria problemas políticos no que diz respeito à qualificação profissional para o mercado de trabalho, porém, destacamos que essa profissionalização compulsória acabou por sucatear ainda mais a educação já que o excedente nos vestibulares que depois de aprovados esperavam vagas e o número de qualificados em nível técnico sem oportunidade de emprego aumentou consideravelmente.

Essa Lei só pôde ser estabelecida no regime de ditadura. A mudança era tão forte que se tivesse sido discutida com a sociedade ela dificilmente seria aprovada. Não queremos com isso, dizer que concordamos com o regime militar, mas precisamos entender que essa mudança só foi possível num momento de repressão, já que mudava uma estrutura secular da organização do ensino no Brasil. Apesar de todos os debates avançados na época proporem um ensino de 8 anos e a ampliação da escolaridade básica, além de proporem a questão da educação para o trabalho, de fato, a 5.692 só conseguiu se estabelecer minimamente porque estava em um regime autoritário.

Pela Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus a democratização do ensino secundário foi assegurada em parte pelo ensino de 1º Grau (junção do primário com o ginasial), e também pela eliminação de uma das maiores barreiras de acesso ao ensino secundário: o exame de admissão. Para o ingresso no ensino de 2º Grau exigia-se apenas a conclusão do ensino de 1º Grau, ou de estudos equivalentes, atendendo ao princípio de extensão da escolaridade.

Até 1971 a obrigatoriedade escolar esteve sobre o ensino de 1ª a 4ª série. A Lei 5.692 a ampliou para oito anos, desse modo, o Estado foi obrigado a oferecer além dos quatro anos do primário, mais quatro anos de escolaridade, criando uma necessidade de multiplicação de escolas inimaginável para aquele contexto.

As mudanças que a instituição dessa reforma implicou, demandou uma reestruturação substancial na rede de escolas públicas e privadas. A obrigatoriedade de oito anos de escolaridade, portanto, exigia dos poderes públicos iniciativas de ampliação de vagas. Quanto ao 2º Grau, era preciso, além da ampliação das matrículas, adaptar todos os antigos estabelecimentos

de ensino secundário para que pudessem oferecer a formação técnica-profissional, modificar, em alguns casos a estrutura física da escola, efetivar a compra de equipamentos ou até mesmo a capacitação de professores para as disciplinas de formação especial.

Sob a máxima racionalização dos recursos materiais e humanos para a implantação da reforma, a constituição da escola de 1º Grau decorreu da progressiva instalação das séries finais nas escolas de ensino primário, bem como a reunião de pequenos estabelecimentos em unidades maiores, aproveitamento da capacidade ociosa da rede escolar e a organização de centros interescolares, reunindo serviços e disciplinas comuns a vários estabelecimentos (Art. 3º). Segundo a interpretação de Souza (2008), a junção entre o antigo ensino primário e o antigo ensino ginasial representava a reunião, em uma única escola de culturas profissionais historicamente diferenciadas, com diversos níveis de formação e salários, status e modos próprios do exercício do magistério.

A organização curricular foi considerada fundamental para a consolidação da nova estrutura educacional. Para todas as escolas de 1º e 2º Graus a reforma fixou um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional (proposta pelo Conselho Federal de Educação), e uma parte diversificada (proposta pelos Conselhos Estaduais de Educação) a fim de atender às peculiaridades locais (Art. 4º).

Observadas as normas de cada sistema, o Artigo 5º estabeleceu que o currículo pleno teria uma parte de educação geral e outra de educação especial, sendo que, no ensino de 1º Grau a parte de educação geral seria exclusiva nas séries iniciais e predominantes nas finais (com o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho) e, no ensino de 2º Grau a parte de formação geral seria predominante (com o objetivo de habilitação profissional). A parte de formação especial deveria ser fixada em consonância com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional, a partir de levantamentos periodicamente realizados.

O núcleo comum obrigatório nos currículos plenos do 1° e 2° Graus, determinado pela Resolução n.8 de 1/12/1971, deveria abranger as seguintes matérias:

- Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa);
- Estudos Sociais (Geografia, História e OSPB);
- Ciências (Matemática e Ciências Físicas e Biológicas);
- Práticas Educativas (Educação Física, Educação Artística, Educação Moral e Cívica, Programas de Saúde, Ensino Religioso – facultativo aos alunos);

Desse modo, a organização curricular proposta, como aponta Souza (2008) reforçava as tendências de simplificação do currículo da escolarização básica apresentando o mínimo necessário para o indivíduo adaptar-se às exigências da sociedade urbano-industrial e tecnológica.

O Conselho Federal de Educação deveria fixar além do núcleo comum, o mínimo a ser exigido em cada habilitação profissional ou conjunto de habilitações afins, assim feito no Parecer n. 45/72 (que estabeleceu os mínimos exigidos para 52 habilitações técnicas ou plenas e 78 outras habilitações ou habilitações parciais, perfazendo um total de 130 habilitações –subdivididas entre o setores primário, secundário e terciário – com forte predominância da formação especial sobre a formação geral), e no Parecer n. 75/76 (que tentou amenizar o caráter essencialmente profissionalizante do 2º Grau, estabelecendo os mínimos exigidos e a regulamentação de 10 habilitações básicas com um maior equilíbrio entre a formação especial dos currículos e a formação geral)[14].

Segundo Souza (2008) apesar do tema da educação para o trabalho no ensino médio estar presente nas discussões da época, a compreensão dada na reforma à educação geral e à formação especial foi um dos aspectos mais inovadores e polêmicos. Na visão dos educadores que conceberam a reforma a noção de humanismo incorporava as referências do desenvolvimento científico e tecnológico e se traduzia no currículo como formação geral e formação especial. Enquanto a parte geral objetivava a continuidade, a parte especial objetivava a terminalidade. Desse modo, sendo para o 1º ou 2º Grau, a terminalidade estava pressuposta, e cabia, portanto, ao sistema educacional adequar-se à realidade do trabalho para oferecer habilitações condizentes.

A instalação da parte especial do currículo barrou-se na falta de recursos quer humanos, quer materiais. As escolas não conseguiam se adaptar às exigências necessárias para a implantação de uma habilitação técnica, tais como a compra de equipamentos, montagem de laboratórios, bem como a capacitação e contratação de professores especializados e aptos a ministrarem esses cursos. Outra dificuldade refere-se à necessidade de sondagem do mercado de trabalho para a formulação dos currículos, isso porque a dinâmica do mercado não pode ser acompanhada pela escola, que não parece ser a agência mais indicada de formação profissional, uma vez que ela não tem condições de se adaptar a ele. Outra questão que se punha referia-se à restrição do mercado que poderia ser facilmente saturado, implicando o cancelamento de ofertas,

[14] Para uma análise das medidas propostas pelos Pareceres consultar Piletti (1988).

pela escola, das habilitações não mais procuradas, além das empresas procurarem um pequeno número de técnicos preferindo a sistemática da formação em serviço.

Outro aspecto polêmico da reforma refere-se à avaliação do rendimento escolar. A Lei 5.692/71 institui uma concepção de avaliação mais qualitativa e flexível, propondo que a avaliação do rendimento escolar deveria ficar a cargo dos estabelecimentos e compreenderia: a avaliação do aproveitamento (devendo preponderar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, substituindo as notas pelos conceitos), a apuração da assiduidade, além de uma proposta de recuperação para alunos com aprendizagem deficiente.

As medidas foram assumidas pelos professores com cautela e sem mudanças efetivas, buscando preservar a avaliação do rendimento como uma das referências da ação educativa e como elemento de validação da seriedade e da qualidade do ensino. Uma prática já cristalizada entre os professores e que, de certo modo, subsidiava a boa imagem da escola secundaria, teria muitas dificuldades de ser modificada na prática.

A expansão obrigatória da 5ª à 8ª série significou também a necessidade de captação de mão-de-obra rápida, aligeirada, valendo-se de licenciatura curta e da rede privada de ensino superior. Essa obrigatoriedade de 8 anos de escolarização implicou mudanças tanto na escola como também na docência, que se tornou o grande mercado de trabalho nos anos 1970. A mudança na representação do que é o professor mudou substancialmente nos anos 70: antes o professor do ensino secundário era visto num mesmo patamar de um professor do ensino universitário, mesmo não tendo formação.

Nesse sentido, a Lei quebrou com todas as hierarquias de representação de status. Toda a rede virou rede pública de ensino, não havia mais uma escola melhor do que outra, os Institutos de Educação, que desfrutavam de certa diferenciação, passaram a ser escolas de 1º Grau ou escolas de 2º Grau. Tudo foi igualado. Indubitavelmente, a tentativa de uma padronização da rede pública, implicou mudanças no âmbito do imaginário, intervindo diretamente sobre as representações da escola pública.

De acordo com o Artigo 72 da Lei 5.692/71, a implantação da reforma far-se-ia progressivamente, segundo as peculiaridades e possibilidades e legislação de cada sistema de ensino, com a observância do Plano Estadual de Implementação que seguiria um planejamento prévio e elaborado.

No Estado de São Paulo a efetiva implantação da reforma implicava reestruturações de grande impacto na rede como a sistemática de aproveitamento da estrutura física e o remanejamento de pessoal, o que foi feito apenas a partir de 1976.

Quanto à execução e aplicabilidade da Lei temos que:

> (...) a torrente de mudanças que assolaram as escolas públicas em pouco tempo – o crescimento excepcional do número de alunos matriculados, a renovação e ampliação do quadro docente, as pressões para modificação nos métodos de ensino e as estratégias de redução dos índices de evasão e repetência aliados aos baixos salários dos professores, precárias condições de trabalho e da rede física – redesenharam o quadro da educação pública, anunciando a emergência de uma nova cultura escolar e reiterando a percepção de falência do ensino no país. (SOUZA, 2008, p. 282-283)

Ainda segundo esta autora, embora a educação para o trabalho tenha sido a grande vitoriosa, foi, no entanto, a inovação mais frágil e menos efetiva. Para Piletti (1988), em conseqüência da Lei 5.692, o ensino de 2º Grau havia se submetido a uma desorganização, uma vez que significou:

> (...) o desmantelamento tanto do ensino técnico antes existente, pela exigência de enquadrar-se nos currículos mínimos estabelecidos pelo Parecer CFE n° 45/72, quanto do ensino secundário, pela imposição da profissionalização compulsória que, na impossibilidade de ser concretizada, acabou fazendo nem uma coisa, nem outra: não preparavam para o ensino superior e, muito menos, profissionalizavam. (PILETTI, 1988, p. 84)

Após inúmeros protestos e dificuldades de implementação, a profissionalização compulsória foi definitivamente eliminada em 1982 pela Lei Federal 7.044. A partir de então, o ensino de 2º Grau voltou a se constituir em escolas técnicas profissionalizantes e escolas de educação geral.

A cultura humanística presente por tanto tempo no ensino secundário significava uma distinção social, um símbolo de classe, disputada socialmente, abarcando status e privilégios. Porém, num contexto de democratização do ensino médio, essa cultura perdeu o seu valor, os conhecimentos técnicos e científicos ganharam proeminência e passaram a ser valorizados. A representação social da escola foi alterada.

Na década de 1970 vimos a consolidação no Brasil da supremacia da escola pública. Nas décadas que se seguiram a universalização do ensino de 1º Grau e a contínua expansão do 2º

Grau colocariam a educação escolar como uma experiência fundamental na vida da criança e do adolescente. “Uma escola dilacerada pela nostalgia do passado e as exigências do presente impelida à redefinição de sua cultura e de seus significados” (SOUZA, 2008, p. 285).

1.5 A implantação da reforma no Estado de São Paulo

Com a promulgação da Lei Federal 5.692/71 seguiram as tentativas dos sistemas estaduais no sentido de implantar as determinações propostas, especialmente o ensino de 2º Grau profissionalizante na forma da Lei e das regulamentações expedidas pelo Conselho Federal de Educação. Segundo Pilleti, nesse momento, um verdadeiro caos foi instalado na educação brasileira:

> A reforma educacional de 1971, principalmente em função do caráter intempestivo e autoritário com que foi imposta, provocou um verdadeiro caos na educação brasileira, em geral, e no ensino de 2º grau em particular (...). (PILETTI, 1988, p. 81)

Sobre a implantação da Lei 5.692/76 no Estado de São Paulo, Minguili (1984) assinala os seguintes aspectos:

- Em 1976, com a Redistribuição da Rede Física, teve início a implantação da Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus pela Lei Federal 5.692/71. Para tal implementação fez-se necessário o remanejamento de pessoal para atender essa nova estrutura de escola;
- Em 1977, teve início a instalação da 2ª Série do 2º Grau profissionalizante, de acordo com os pareceres CFE nº 45/42 e 76/75;
- Em 1978, a Secretaria da Educação constatou a falta de recursos materiais e de pessoal especializado para o 2º Grau e reformulou esse ensino: estabeleceu cursos de Formação Profissionalizante Básica (FPB) de acordo com o Conselho Estadual de Educação nº 5/77;
- Entre os anos de 1977 e 1978 foram instituídos os Regimentos Comuns das Escolas de 1º Grau, 2º Grau e de 1º e 2º Graus; treinamento de pessoal para

atender à nova legislação de ensino, e os concursos públicos para magistério foram ativados e realizados até duas vezes por ano.

Segundo Minguili (1984) no Estado de São Paulo, o parecer do Conselho Estadual de Educação (por Deliberação 27/71, homologada pela Resolução da Secretaria da Educação em 13/01/72) dispôs que a implantação do regime instituído pela Lei Federal 5.692/71 deveria ser progressiva e as medidas previstas seriam adotadas a partir de 1972 e, os estabelecimentos de ensino deveriam continuar a observar os seus regimentos até a aplicação do Plano Estadual de Implementação.

No ano de 1972, portanto, medidas começaram a ser tomadas para iniciar a implantação da reforma nas escolas estaduais, tais como a autorização de classes de 5ª e 6ª série nos antigos Grupos Escolares, e a transformação dos antigos grupos-escolares-ginásios em escolas completas de 1º Grau. As séries do curso ginasial passaram a denominar-se 5ª à 8ª série do 1ª Grau e, as séries do curso colegial passaram a denominar-se 1ª a 4 ª série do 2ª Grau:

> (...) Assim sendo, os alunos, na sua maior parte, permaneceram nas escolas onde fizeram as 4 (quatro) primeiras séries do 1º grau. Os professores do antigo ginásio tiveram suas aulas diminuídas nessas escolas e precisaram se inscrever para também lecionarem nos antigos grupos escolares para as aulas de 5º Série. Já não pertenciam a uma única escola. Dependendo da matéria lecionada, os professores precisavam percorrer duas, três ou mais escolas por dia, para poderem manter seu salário-aula mensal. Teve início a situação do professor "itinerante", muito comum em nossos dias e já chamado de "bóia-fria". As reuniões pedagógicas se tornaram raras pela dificuldade de se reunir o pessoal, por escola, num mesmo dia. (...) A educação deixou de ser pensada por quem trabalhava nela. (MINGUILI, 1984, p. 34-35)

Eis que surge a figura do professor "itinerante", já que ele precisava se locomover de uma escola à outra a fim de continuar lecionando suas aulas e manter sua remuneração na base de "hora-aula" e não na base de salário.

O Conselho Estadual de Educação aprovou em julho de 1972 o "Plano Estadual de Implantação da Reforma de Ensino de 1º e 2º Graus". O Plano, segundo Minguili (1984), propôs treinamento e aperfeiçoamento de pessoal docente, técnico e administrativo com dois projetos principais: quanto ao Calendário de Implantação e a Redistribuição da Rede Física. A autora ainda apresenta que, com a mudança do Secretário da Educação em 1974, o Plano ficou "guardado" e apenas algumas medidas foram executadas. A efetiva implantação da reforma teve início apenas no ano de 1976.

O Projeto de Redistribuição da Rede Física começou a ser acionado somente em 1975, quando foram estipulados critérios para orientar a reorganização da rede escolar para fins da implantação da Reforma. Segundo Minguili (1984) a execução do Projeto de Redistribuição deveria ocorrer a partir de 1976. Foi dada prioridade de atendimento aos alunos de 1º Grau e, o atendimento de alunos de 2º Grau se daria pela existência de demanda e disponibilidade física. As escolas de 1º Grau e escolas de 2º Grau deveriam funcionar em prédios distintos, salvo exceções.

Os critérios para redistribuição dos alunos foram:

- Setorização rigorosa para a 1ª série do 1º Grau;
- Preferência para matrícula na escola do setor, para alunos de 2ª a 7ª série;
- Preferência para permanecer no estabelecimento, aos alunos da 8ª série;

A estrutura da Rede Oficial de Ensino no Estado de São Paulo ficou assim dividida:

- Escola Estadual de 1º Grau;
- Escola Estadual de 2º Grau;
- Escola Estadual de 1º e 2º Grau;
- Centro Estadual Interescolar;

Para Minguili (1984) estava consolidada a Implantação da Reforma, porém essa consolidação não surgiu do apoio popular, nem dos educadores, nem dos educandos. Ela aconteceu por um Regime de Força. Foi necessário ao Governo do Estado o uso do Ato Institucional nº 8 (que dava ao Secretário da Educação o poder de alterar e remanejar a estrutura da Rede de Ensino) a fim de conseguir a implementação. “Primarização de ensino, “domesticação” da Rede Estadual de ensino, chefes impostos, pessoal descontente, assim teve início a implantação da Reforma de ensino de 1º e 2º Graus” (MIGUILI, 1984, p.42).

Para tais mudanças fazia-se necessário o remanejamento de todo o pessoal responsável pela execução da educação estadual. Professores, diretores e demais funcionários precisaram adaptar-se à nova configuração imposta seja por opção ou à revelia.

Rus Perez (2000) nos confirma esse fato apontando que em janeiro de 1976 foram remanejados 5.343 professores I, 474 professores III, 334 diretores e 6.151 servidores, sendo eliminados 493 cargos de direção, com aproveitamento na escola do diretor mais antigo[15]. O autor ainda assinala que com a implantação da escola de oito anos, o número de estabelecimentos

em 1976 com relação a 1975 diminui em 22%, isso porque houve a incorporação e fusão de escolas que funcionavam em um mesmo prédio ou em prédios adjacentes.

Muitos alunos reagiram à distribuição compulsória e ganharam o direito de retorno à escola de origem. Os professores reagiram e ganharam também o direito de retorno à escola de origem, quando houvesse vaga. Os especialistas da educação obtiveram mandados de segurança para não perderem seus postos nos cargos que lhes eram de direito.

Minguili (1984), em seus estudos, ressalta que, apesar das dificuldades encontradas os alunos tiveram alguns benefícios no sentido de, ter o atendimento mais próximo de suas casas, além da orientação dada às escolas de organizarem o seu trabalho levando em conta a realidade social de seus alunos. O número de alunos por sala também pode ser considerado um benefício aos alunos, pois a Lei determinou o número máximo de 35 alunos por classe numa época em que havia até 60 alunos em classe noturna.

No que se refere aos professores essa redistribuição compulsória gerou muito desemprego. Muitos professores tiveram o número de aulas diminuído ou extinto, o que aumentou, como já salientamos, o número de professores itinerantes e, até mesmo os professores efetivos precisaram complementar suas aulas em mais de um estabelecimento de ensino. Deu-se início a uma série de mandados de segurança impetrados por professores, principalmente regidos pela CLT- Consolidação das Leis Trabalhistas. Os concursos públicos para ingresso e remoção foram acelerados e a troca de professores ocorria até duas vezes por ano (essa situação só veio a se normalizar a partir de 1980). A política de implantação da Lei 5.692/71 não foi seguida de uma política salarial que levasse em conta o trabalho educativo do professor.

Quanto aos diretores foi aplicado o critério de maior tempo de serviço no Estado. O problema implicado a essa medida esteve no fato de que, a experiência profissional dos diretores, muitas vezes, não coincidia com a realidade da nova escola que dirigiam, o que os levava a exercerem suas funções de acordo com o que faziam antes da reforma.

Outro problema encontrado refere-se à dificuldade de realização das reuniões pedagógicas. Por conta do calendário imposto pelo órgão central (o que feria o princípio de autonomia das escolas anteriormente proposto) com uma carga horária máxima de trabalho, ficou

---

[15] Professor I (1ª a 4ª série do 1º Grau), Professor II (5ª a 8ª série do 1º Grau), Professor III (5ª a 8ª série do 1º Grau e em todo o ensino de 2º Grau). Cargos estabelecidos para docentes pelo primeiro Estatuto do Magistério da Rede Estadual de São Paulo – Lei Complementar nº 114 de 1974.

muito difícil reunir periodicamente o pessoal da escola, tão logo, a integração entre o quadro docente da escola ficou deficitária.

Uma nova estrutura curricular fazia-se necessária com a implementação da Reforma. O ensino de 2º Grau agora profissionalizante requeria disciplinas antes não presentes no currículo. Segundo Minguili (1984) em 1976 a organização curricular se daria apenas para o ensino de 1º Grau, nas séries de 1ª a 5ª e no ensino de 2º Grau na 1ª série. As demais séries deveriam ser concluídas pela legislação anterior, portanto, coexistiram, numa mesma escola, dois tipos de organização curricular. Configurou-se, por assim dizer, uma verdadeira colcha de retalhos nas escolas da rede estadual.

Portanto, em 1976 foi implantada a 1ª série do 2º Grau, cuidando somente da educação geral. A profissionalização começou a ser implantada somente em 1977 a partir da 2º série. As escolas no final de 1976 foram solicitadas a escolher as habilitações dos Pareceres CFE nº 45/72 e nº 76/75 que quisessem implantar. Em dezembro desse mesmo ano os alunos tiveram de fazer "opção" para uma habilitação de sua preferência. Alunos e professores não tiveram condições de discutirem o assunto. Minguili (1984) observa que a opção foi um tiro no escuro já que as grades curriculares não haviam sido publicadas e a maioria dos alunos já havia terminado suas avaliações anuais.

Piletti (1988) também destaca que a escolha teve de ser feita no período de férias, num prazo estritamente curto, para que as habilitações fossem implantadas ainda no ano letivo de 1977. Muitos problemas e inadequações surgiram, principalmente devido ao fato de não terem sido ouvidos alunos e professores.

Por Lei os alunos poderiam escolher o curso profissionalizante pretendido, porém na prática, os cursos foram instalados de acordo com as possibilidades das escolas, porque não existia verba para atender as necessidades do ensino de 2º Grau.

Segundo Piletti (1989), nos estabelecimentos de 2º Grau mantidos pela Secretaria da Educação foram implantadas 30 diferentes modalidades de habilitações profissionais, a partir da 2° Série, no ano letivo de 1977, num total de 678 escolas, 1428 classes e 45.472 alunos. As cinco preferidas foram: Magistério, Técnico em Contabilidade, Técnico em Mecânica, Redator Auxiliar e Técnico em Economia Doméstica.

Das vinte e sete habilitações profissionais parciais instaladas (compreendendo 265 estabelecimentos, 643 classes e 22.039 alunos) as que obtiveram maior número de opções foram:

Auxiliar de Patologia Clínica, Desenhista de Arquitetura, Desenhista Mecânico, Auxiliar de Contabilidade e Auxiliar Técnico de Mecânica.

Foram instaladas também oito das dez habilitações básicas (abrangendo 552 estabelecimentos 1.322 classes e 44.406 alunos). As cinco mais procuradas foram Química, Saúde, Administração, Construção Civil e Eletricidade.

> Como a maior parte dos alunos que cursavam o 2º Grau tinham por objetivo continuar seus estudos em nível superior, foi grande a rejeição à implantação da profissionalização compulsória em todas as escolas estaduais. Tal rejeição configurou-se no que o jornal *O Estado de S. Paulo* chamou de "corrida às escolas particulares" em edição de 27/03/77. (PILETTI, 1988, p. 90).

O autor ainda assinala que devido o interesse dos alunos em prosseguir seus estudos e a limitação dos recursos humanos e materiais disponíveis, escolas e alunos preferiram ou as habilitações básicas ou as habilitações plenas e parciais, que possibilitariam melhores condições para o preparo aos cursos superiores e, ao mesmo tempo, funcionariam a um custo mais baixo.

Tendo em vista a opção prematura dos alunos, a falta de preparação dos professores, a ausência de mercado de trabalho e a precariedade de condições materiais e humanas, o Conselho Estadual de Educação procurou uma situação conciliatória e estabeleceu os cursos de Formação Profissionalizante Básica (FPB) nos setores primário, secundário e terciário da economia, com validade regional, a fim de se cumprir a obrigatoriedade da Lei Federal, porque as escolas paulistas não tinham condições de oferecer habilitações técnicas, plenas ou parciais; faltavam professores especializados, material e verbas próprias.

Como diz Piletti (1988) a FPB foi uma solução realista para o Estado de São Paulo seja pelo que respeita aos objetivos dos alunos quanto ao ensino superior, quer em relação às necessidades do mercado de Trabalho, quer em relação às instalações, equipamentos e recursos humanos. Essa formação reforçou a educação geral com vistas à continuidade dos estudos em nível superior sem prejuízo à formação básica para o trabalho (que continua predominante à educação geral).

Assim, a partir de 1978 a implantação da reforma passou a obedecer, segundo Piletti (1988) as seguintes diretrizes:

- Manutenção das habilitações plenas e parciais instituídas pelo Parecer CFE número 45/72 nas escolas que dispuseram de recursos materiais e humanos;

- Substituição das habilitações básicas do CFE pela modalidade correspondente da Formação Profissionalizante Básica (CE);
- Complementação opcional da Formação Profissionalizante Básica com mínimos curriculares necessários à obtenção de uma habilitação profissional do parecer CFE n° 45/72.

O acompanhamento da implementação do ensino de 2º Grau deu-se através do Projeto MEC/DEM/SE/77. Como demonstrou Minguili (1984), no ano de 1977, foi realizada uma pesquisa em 571 municípios do Estado de São Paulo, que implantaram o ensino de 2º Grau (num total de 891 unidades escolares de origens mais diversas: antigas escolas industriais, agrícolas, colégios e institutos de educação, etc.). O resultado encontrado foi que:

- Apenas 107 escolas reuniram melhores condições para a manutenção das habilitações implantadas;
- 377 escolas implantaram as habilitações do parecer 45/72, das quais 120 não tinham condições algumas, e as restantes estavam em perspectivas de manutenção;
- 407 escolas implantaram as habilitações básicas federais (Parecer CFE 76/75), demonstrando certa cautela quanto à profissionalização.

Para a implantação do ensino de 2º Grau não houve verba estadual disponível e suficiente: as escolas interessadas tiveram de recorrer à Associação de Pais e Mestres ou à Prefeitura Municipal. Depois de estabelecida a organização curricular das escolas restava a sua organização interna. Ao longo dos anos de 1977 e 1978 foram estabelecidos os regimentos para as Escolas Estaduais de 1º Grau, de 2º Grau e de 1º e 2º Graus.

Quanto ao Regimento Comum das Escolas Estaduais de 2º Grau e das Escolas de 1º e 2º Graus, no que se refere ao ensino de 2º Grau, ambos determinavam a caracterização da escola, a organização administrativa, os direitos e deveres dos participantes do processo educativo, a organização didática, o regime escolar, as disposições transitórias. As decisões, seguindo os critérios estabelecidos pelo Regimento, deveriam sempre ser tomadas na linha vertical, do superior para o subalterno.

Todas as escolas foram niveladas por um regimento comum, sem atentar para as suas peculiaridades. Conforme Minguili (1984), com a instituição do Regimento Comum para todas as escolas de 1º Grau, a partir de 1977, e com a instituição do Regimento Comum para as Escolas de

2º Grau e 1 e 2º Graus, a partir de 1978, ficou instituída legalmente a “primarização” do ensino, isto é, sua “domesticação”.

Para a autora, tanto os documentos oriundos da Secretaria da Educação, como também os Regimentos Comuns das Escolas deixam explícito que a escola era um órgão de execução. Da escola, foi retirada a sua autonomia para refletir a educação e de criar sobre ela. Porém não se deve negar que ao mesmo tempo, era dentro da própria escola que se encontravam as forças de contradição, a saber, os educadores e educandos. Esses compunham uma realidade capaz de dificultar essa estrutura de poder e podiam criar condições para novos rumos da educação. É bem verdade que existiram dificuldades para que essas forças pudessem ser liberadas, mas isso não era impossível.

No Capítulo que se segue veremos a trajetória percorrida pela Escola Estadual Bento de Abreu ao longo de sua história e como essa escola se configurou nesse período de intensas mudanças nas características da escola de nível médio.

2 A ESCOLA ESTADUAL BENTO DE ABREU

2.1 Trajetórias de uma instituição

Situada na região central da cidade de Araraquara, a EEBA como hoje é conhecida, é uma escola com significativas contribuições à história da educação araraquarense. Em sua trajetória observamos constantes mudanças no que se refere ao seu espaço, clientela, cursos oferecidos, bem como a idealização de sua representação social.

A partir dos dados cotejados por Perez (2006)[16] sobre a história dessa instituição, temos que, seguindo a tendência da grande maioria das instituições de nível secundário do Império e da Primeira Republica, a Escola Estadual Bento de Abreu, antes de passar a Ginásio Municipal do Estado, era uma escola particular, que mantinha suas atividades de ensino voltadas às pretensões da elite local e regional.

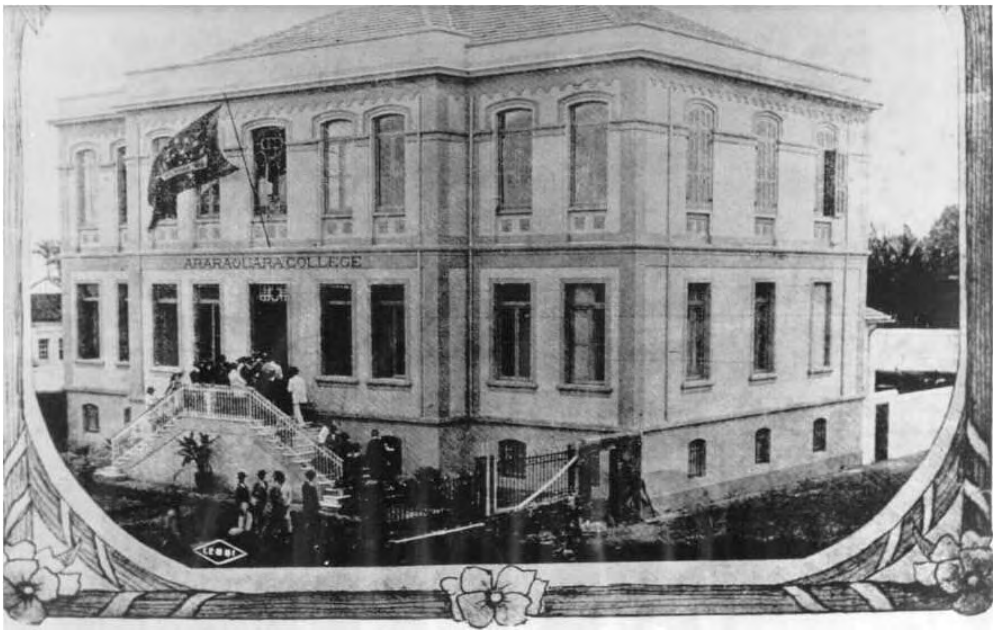


Figura 01 – Araraquara College - 1913
Fonte: LOPES, E.L.V. Memória Fotográfica de Araraquara. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 1999. CD-ROM

Segundo Shimizu (1990), foi muito comum nas primeiras décadas republicanas a providência tomada pelas Câmaras Municipais de construir edifícios escolares, encarregando particulares da parte técnico pedagógica. Nesse caminho, entre os anos de 1911 e 1913 a Câmara Municipal de Araraquara construiu um edifício, considerado moderno para a sua época, destinado especialmente para fins educacionais. Nesse último ano, a Câmara recebeu a proposta de L. J. Lane e Rufus Lane (ligados ao Mackenzie College de São Paulo) para a fundação de um colégio.

Desse modo, em fevereiro de 1914 passou a funcionar na cidade o *Araraquara College* que iniciou suas atividades com 127 alunos primários e 65 alunos secundários, mantendo a tradição americana de ensino. Em 1920 essa instituição de ensino ainda ligada ao Colégio Mackenzie de São Paulo, porém sob nova direção local, passou a denominar-se *Escola Mackenzie de Araraquara*, assim permanecendo até o ano de 1926.

O Colégio Mackenzie de Araraquara foi municipalizado em julho de 1926 e, com o nome de *Ginásio Municipal Mackenzie de Araraquara*, passou a oferecer instrução para cerca de 300 alunos entre os cursos normal e ginasial.



Figura 02 – Escola Normal Livre e Ginásio do Estado
Fonte: LOPES, E.L.V. Memória Fotográfica de Araraquara. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 1999. CD-ROM

[16] Para o aprofundamento da trajetória dessa instituição e suas implicações indicamos a leitura de Perez (2006).

Segundo Perez (2006), com a influência de Bento de Abreu Sampaio Vidal, político importante na cidade e em toda a região, o Ginásio Municipal foi transformado em *Ginásio Estadual de Araraquara* pelo decreto 5.408, de 4 de março de 1932. Este foi instalado, apenas no ano de 1934, na Rua São Bento n.43 onde vinha funcionando o externato do ginásio municipal Mackenzie de Araraquara, doado ao Estado para acolher a nova instituição. Nas palavras de Perez (2006), podemos ver que a cidade se encontrava ansiosa para tal feito:

> A euforia criada em torno da possibilidade de instalação de um estabelecimento oficial de ensino secundário na cidade era acompanhada e divulgada nas manchetes que circulavam quase que diariamente nos jornais da época. Aguardada principalmente pelos líderes políticos locais, a resposta ao pedido de regulamentação da nova instituição de ensino público estadual da cidade surge estampada na primeira página do *Jornal O Imparcial*, no dia 04 de março de 1932. (PEREZ, 2006, p. 31).

Em 1943, pelo Decreto 13.543, essa escola passou a denominar-se *Colégio Estadual de Araraquara*, atendendo também a clientela interessada em prosseguir os estudos no 2º ciclo do Ensino Secundário. Em 1950 foi instalado o Curso Normal e o Curso Primário alterando o nome do estabelecimento de ensino para *Colégio Estadual e Escola Normal de Araraquara.*

Em 1956 foi incorporado à instituição o curso de Aperfeiçoamento, criado pela Lei 2.637 de 1954, e a instituição se tornou *Instituto de Educação "Bento de Abreu"*, nome em homenagem à esse influente político, que se empenhou na luta pela criação do Ginásio Estadual de Araraquara, além de outras obras significativas implementadas por ele nessa cidade e em toda a região. Em 1957 a escola passou a oferecer o Curso Ginasial Noturno.

Já no ano de 1958 a escola, devido a ampliação da clientela escolar, foi transferida para outro local, onde pôde desfrutar de um espaço físico mais ampliado. Situado na Rua Padre Duarte nº 2821, prédio onde até hoje funciona a escola, pôde contar, no momento, com 27 salas de aula e novos recursos didáticos.

Na década de 1960 dois novos cursos foram instalados nessa instituição: o Curso de Administração Escolar em 1961 (com funcionamento até 1972) e o Curso Pré-Primário em 1963. Em 1967, conforme o decreto nº 47.404, esse estabelecimento de ensino passou a denominar-se *Instituto de Educação Estadual Bento de Abreu*.

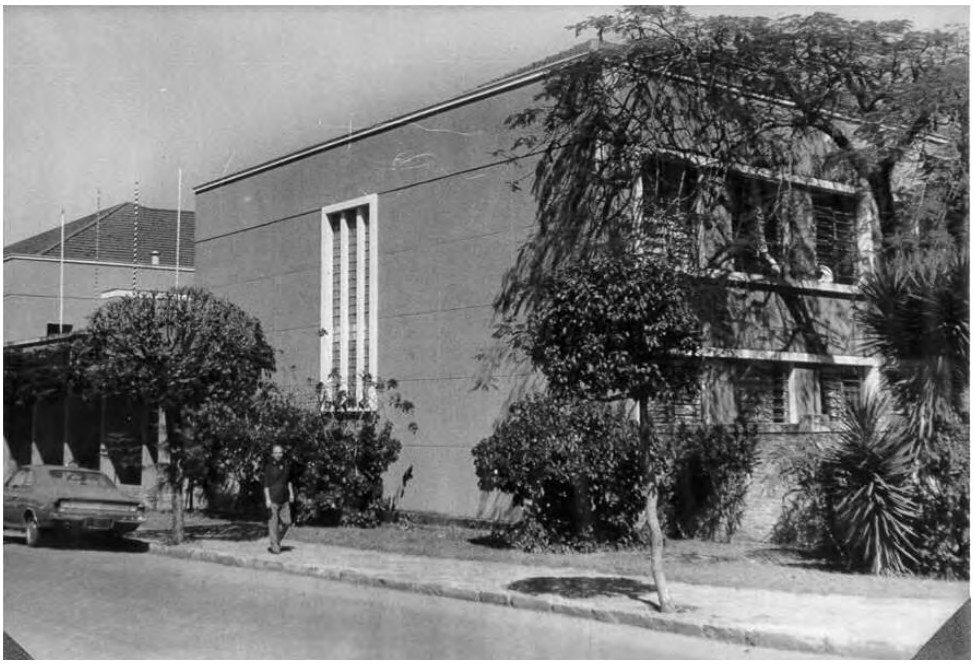


Figura 03 – Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu - 1978

Fonte: LOPES, E.L.V. Memória Fotográfica de Araraquara. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 1999. CD-ROM

Em 1976, devido à redistribuição da rede física no Estado de São Paulo transformou-se em *Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu*. Em 1979 foi restabelecido o ensino de 1º Grau, mudando mais uma vez sua denominação para *Escola Estadual de 1º e 2º Graus Bento de Abreu*, permanecendo com esse nome até o ano de 1996, quando houve nova redistribuição da rede escolar, passando a se chamar *Escola Estadual Bento de Abreu*, atendendo somente alunos do ensino médio.

2.2 O processo de democratização das oportunidades de ensino

O estudo das instituições educativas vem ganhando espaço no campo da História da Educação, principalmente por se entender que, através delas podemos compreender a efetivação do processo, as práticas, os entraves, as adaptações, enfim, a educação em sua realidade[17].

[17] A Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara, objeto de investigação desse estudo, vem sendo alvo de pesquisas sobre sua trajetória, cursos, currículo, pelo esforço conjunto de pesquisadores integrantes do *"Projeto EEBA: História e Memória do ensino secundário em Araraquara"* coordenado pelas Professoras Doutoras Rosa

Maria Isabel Perez (2006) em sua Dissertação de Mestrado realizou um minucioso estudo sobre a Escola Estadual Bento de Abreu, principalmente no que se refere ao processo de democratização vivenciado por essa escola (quanto ao primeiro ciclo do ensino secundário, a saber, ginasial), bem como em todo o Estado de São Paulo entre os anos de 1950 a 1970. Em seu estudo, a autora demonstra que desde sua criação, essa instituição ofereceu o nível secundário e continuou sendo, por muitas décadas, a única escola pública ginasial da cidade e região. No decorrer de seu estudo vemos que o processo de democratização aprofundou o significado sociocultural e a importância atribuída à escola por pais, alunos e professores.

Ao acompanhar as transformações ocorridas em todo o Estado, a EEBA, como relata a autora, atravessou um processo de expansão muito significativo entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, chegando a atender em certo momento de sua trajetória histórica mais de quatro mil alunos no ano. Perez (2006) nos demonstra que, a despeito de ter mantido por longo período de sua história um caráter bastante seletivo, a referida escola tornou seu ensino mais acessível às camadas menos favorecidas da sociedade, possibilitando-lhes um ensino mais democrático, e hoje acolhe, senão todos, grande parte dos alunos que a procuram.

Para a autora, entre as décadas de 1940 e 1950 a demanda de ensino ginasial aumentou apenas 17,19%, não significando um aumento considerado de matrículas nesse período. Já na década de 1960 houve um aumento de matrícula na ordem de 129 %. A partir de então esse número não parou de crescer. Na década de 1970 verificou-se um incremento nas matrículas na ordem de 134,87%. Esses dados revelam que é, a partir da década de 1960, que a escola inicia de fato o processo de democratização das oportunidades de acesso ao ensino ginasial.

Perez (2006) considera como fatores que contribuíram para esse processo de expansão, a abertura do curso ginasial noturno em 1957, a unificação e facilitação dos exames de admissão no Estado de São Paulo em 1967 e, a implementação da Lei 5.692 em 1971 (que previa a integração entre os graus de escolaridade e habilitação profissional, estipulava uma escolaridade obrigatória de 8 anos e eliminava os exames de admissão).

A afirmação de que a escola pública ginasial deixou de garantir o mesmo "padrão de qualidade" a partir do momento em que se expandiu, encontra até os dias de hoje respaldo na opinião pública. Porém, o que é permitido à Perez (2006) afirmar é que a abertura e expansão do

---

Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarin da Unesp/FCL, Campus Araraquara. As pesquisas que integram o projeto evidenciam a importância dessa instituição em suas discussões, e delimitam para análise o período entre as décadas de 1920 e 1970.

ensino ginasial, a partir do momento que instituída por medidas de ordem política, modificaram, de forma significativa, o cotidiano escolar e a realidade interna dessa instituição educativa. Quando foram quebradas as barreiras seletivas que impediam o acesso de grande parte da população escolarizável a esse ramo de ensino, a escola secundária viu-se diante de grandes impasses: aumentaram-se os alunos, os professores e também os problemas advindos dessas mudanças.

Alguns problemas tiveram de ser enfrentados, tais como a acomodação desse expressivo número de alunos que adentraram o ensino ginasial após o ano de 1968 (a escola precisou funcionar em quatro períodos de apenas 3h40min cada), o número insuficiente de funcionários, além do comprometimento de atividades didático-pedagógicas devido às dificuldades para a realização de reuniões dos professores.

O mesmo significado social que diferenciava a escola secundária das demais era também evidenciado no papel de destaque dado aos professores secundaristas. Ao analisar mais especificamente o quadro com o número de professores que atuavam na referida instituição nos anos de 1956 e 1974, Perez (2006) identificou na década de 1950 a presença de normalistas no magistério secundário, o que pode ser explicado principalmente pela insuficiência de licenciados aptos para assumirem os quadros criados com a expansão dos ginásios públicos oficiais. Tal adoção significava uma solução de emergência.

Essa situação persistiu por toda a década de 1960 e, a falta de professores habilitados se tornou uma questão primordial que poderia por em jogo a qualidade de ensino, principalmente após a implementação da Lei 5.692/71. Os princípios democratizadores da Lei poderiam ser parcialmente anulados se, juntamente ao acesso, não fosse também assegurada a garantia da qualidade de ensino.

Na década de 1970, a autora observa um aumento significativo do número de professores da escola estudada. O desprestígio que a abertura educacional trouxe ao então valorizado ensino público ginasial comprometeu também a imagem, por décadas idealizadas, do bom e respeitado professor secundário.

Ao comparar a formação dos professores que atuavam nas décadas de 1950 e 1970 a autora observa que, os professores que exerciam o magistério secundário no ano de 1972, após a abertura educacional do ginasial, no que tange à questão profissional, possuíam melhor nível de

formação e especialização que os professores da década de 1950, porém isso não significa afirmar que eles foram “melhores” ou “piores” que estes.

Desse modo, Perez (2006) questiona-se porque os docentes que atuavam no ano de 1956, mesmo possuindo menor grau de instrução em relação aos professores que ministravam aula no ano de 1972, eram mais prestigiados e valorizados pela sociedade em geral. A resposta pareceu estar na relação entre professores efetivos e professores contratados[18]. No ano de 1956, o quadro de docentes efetivos nessa escola era bem superior ao ano de 1972. A situação de estabilidade desse profissional acabava proporcionando um vínculo maior entre este e a instituição, tão logo, sem o estabelecimento de mudanças significativas na composição do quadro docente da escola, esses professores garantiam a imagem de boa escola secundária. Essa situação se alterou no momento em que o ensino ginasial se abriu a amplos setores da sociedade: em 1972, a grande maioria dos professores era contratada[19], e, considerando sua situação funcional, não criavam vínculos com a instituição que atuavam, implicando à escola um eterno recomeço.

Enfim, segundo a autora, a expansão do ensino público ginasial transformou sensivelmente as características do corpo docente dessa instituição, e é certo que tais transformações instituíram novas peculiaridades ao ensino ginasial, atingindo, em cheio, a imagem mítica, historicamente construída em torno da figura do professor de ensino público secundário.

Apesar do processo democratizante, responsável em alterar significativamente as características desta escola, a EEBA, como é carinhosamente chamada pelos alunos, ainda goza de certo prestígio social, fruto da tradição que conquistou em sua longa trajetória histórica.

2.3 A Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu

[18] Entre o quadro de professores podemos encontrar o *Professor Efetivo (*nomeado por concurso para ocupar permanentemente um cargo criado por lei), o *Professor Estável* (licenciado ou não, que adquire o direito à estabilidade por ter permanecido por 5 anos ou mais no estabelecimento em que atuavam), o *Professor Substituto* (que ministra as aulas de um professor afastado, enquanto durar o afastamento), e o *Professor Contratado* (que não ocupa cargo, ou seja, ministra aulas “extraordinárias” e é pago com base no número de aulas ministradas.

[19] O grande número de professores contratados pode ser explicado pela ausência de concursos públicos para ingresso de professores no Estado de São Paulo após a Lei 5.692/71. O governo investia na expansão do ensino, criando ginásios ou até mesmo ampliando a capacidade dos já existentes, sem criar, concomitantemente, os cargos correspondentes às novas vagas. De certo modo, tal procedimento gerava certa economia, uma vez que a diferença entre o salário de um professor efetivo e um professor contratado era absurdamente gritante.

Como vimos no Capitulo anterior, a Lei 5.692/71 foi responsável por dar uma nova estrutura à educação brasileira ao ampliar a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos estabelecendo o ensino de 1º Grau por meio da junção do antigo ensino primário e ginasial, e ao transformar o antigo colegial em ensino de 2º Grau.

Tendo em vista o efetivo processo de implementação da reforma no Estado de São Paulo no ano de 1976, por meio da redistribuição da rede física abordada no primeiro capítulo, a EEBA passou a oferecer, nesse ano apenas o ensino de 2º Grau (chamando-se nesse período de *Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu"*), permanecendo por três anos com essa estrutura, quando em 1979 voltou a também oferecer o ensino de 1º Grau.

Em 1976, a escola abriu vagas entre os períodos da manhã, tarde e noite, para 28 turmas de primeira série abrangendo aproximadamente 915 alunos, 17 turmas de segunda série para aproximadamente 568 alunos, 20 turmas de terceira série para aproximadamente 594 alunos[20]. Nesse mesmo ano a escola também ofereceu cursos profissionalizantes nas três séries para derca de 295 alunos.[21]

No ano de 1977, a escola, a partir dos dados que pudemos encontrar nas Atas de Resultados Finais, também abriu vagas nos três períodos. Quanto à primeira série encontramos cerca de 970 alunos, na segunda série aproximadamente 762 alunos e na terceira série 497 alunos[22]. Nesse mesmo ano os alunos da segunda série tiveram de fazer suas opções para as habilitações profissionalizantes[23]. Também em 1977 a escola deu continuidade aos cursos profissionalizantes já citados para 144 alunos entre a segunda e terceira séries.

---

[20] Esses dados foram retirados das Atas de Resultados Finais do Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. Esse documento encontra-se sob a referência AD/SEC/ARF/1976-1977/CX28. Queremos salientar que o número exposto refere-se ao número total da soma dos alunos de cada classe, incluindo aqueles que se transferiram tanto para outras escolas, quanto internamente, representando, portanto, uma estimativa. Quanto à notação do documento esclarecemos que cada Documento do Arquivo Permanente da EEBA foi classificado e notado a partir dos seguintes itens: *Grupo* (classificação geral de quem produziu o documento) / *Série* (uma especificação dos produtores) / *Subsérie* (as tipologias dos documentos) / *Nº do documento* / *Especificação do Curso* / *Data*. No exemplo acima temos que o documento é Administrativo (AD), produzido pela Secretaria (SEC), sob a tipologia Ata de Resultados Finais (ARF), nos anos de 1976-1977 e encontra-se acondicionado na Caixa de número 28.

[21] Os cursos profissionalizantes oferecidos referem-se à Técnico de Contabilidade, Técnico em Secretariado,Técnico Assistente Administrativo.

[22] Esses dados foram retirados das Atas de Resultados Finais do Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. Esse documento encontra-se sob a referência AD/SEC/ARF/1976-1977/CX28. Queremos também salientar que o número exposto refere-se ao número total da soma dos alunos de cada classe, incluindo aqueles que se transferiram tanto para outras escolas, quanto internamente, representando, portanto, uma estimativa.

[23] Dos dados encontrados temos 25 turmas para Habilitação em Química, 2 para Habilitação em Enfermagem, 2 para Habilitação em Nutrição e 2 para Habilitação em Professor.

Em 1978, a escola, em seus três períodos de funcionamento, contou com 19 classes de primeira série com cerca de 804 alunos, 17 classes de segunda série com aproximadamente 713 alunos e 14 de terceira série com 511 alunos[24]. Nesse ano encontramos registrada uma turma de 3º ano profissionalizante com 28 alunos.

O quadro a seguir sintetiza as informações aqui apresentadas, de modo a nos oferecer uma melhor visualização quanto à distribuição dos alunos do ensino de 2º Grau dessa escola, tendo em vista a distribuição deles nas séries entre os anos de 1976, 1977 e 1978:

Quadro 02 – Distribuição dos alunos de 2º Grau por ano/série

Distribuição dos Alunos de 2º Grau por ano/série				
SÉRIE	**1976**	**1977**	**1978**	**TOTAL**
1ª série	915	970	804	2689
2ª série	568	762	713	2043
3ª série	594	497	511	1602
Profissionalizante	295	144	28	467

2.3.1 Formandos de 1978: 3ª série F

Com vistas a valorizar a voz daqueles que fizeram parte da história da Escola Estadual Bento de Abreu procuramos conhecer os meandros dessa escola por meio daqueles que ali passaram. Partindo do nosso recorte temporal, a saber, os anos 1976 a 1978 selecionamos uma turma de 2º Grau dessa instituição que vivenciou o período de mudanças na escola quando da implementação da Reforma do Ensino de 1º e 2º Grau, por meio da Lei 5.692.

Com vistas à seleção dos sujeitos a serem entrevistados, buscamos numa turma de formandos do ano de 1978 a formação de nossa rede de depoentes. A turma, aleatoriamente selecionada para análise, fora o 3º F – Habilitação em Química, uma classe do período da manhã que contava com trinta e quatro alunos (quatorze meninos e vinte meninas), dentre os quais trinta

[24] Esses dados foram retirados das Atas de Resultados Finais do Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. Esse documento encontra-se sob a referência AD/SEC/LAE/15/CSG/1978. Destacamos também que o número exposto refere-se ao número total da soma dos alunos de cada classe, incluindo aqueles que se transferiram tanto para outras escolas, quanto internamente, representando, portanto, uma estimativa.

alunos foram promovidos e quatro ficaram retidos. Os alunos, nascidos entre os anos 1959 e 1961[25], adentraram na escola em média com quinze anos de idade.

Os alunos dos 3º F eram oriundos de diversos bairros da cidade, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 03 – Bairros dos alunos do 3º F

BAIRROS DOS ALUNOS			
Alunos	**Bairro**	**Alunos**	**Bairro**
11	Centro	**01**	Santa Angelina
04	Vila Xavier	**01**	Vila Furlan
04	São José	**02**	Carmo
03	São Geraldo	**01**	Vila Velosa
03	Jardim Primavera	**01**	Melhado
03	Vila Harmonia	**03**	Sem informação

Buscando informações sobre a distribuição dos bairros na cidade com vistas a melhor visualizarmos a localização dos alunos em relação à EEBA, encontramos, em uma edição especial do Jornal Imparcial sob o título de "Araraquara – 1974", em agosto do mesmo ano, na coluna "ARARAQUARA COMO ELA É", informações sobre a distribuição urbana desse município[26].

Segundo o jornal, a área central da cidade de Araraquara reunia funções variadas, tais como administração, comércio, serviços, profissões liberais, diversões, num espaço bastante concentrado, principalmente entre as Avenidas Sete de Setembro e Mauá, e as Ruas Antonio Prado e Itália. As áreas próximas ao centro tinham predomínio de residências, mas a densidade da população não era elevada.

Já os bairros, que completavam a planta da cidade imediatamente após o centro, compunham-se de setores com forte predomínio de residências e, nas proximidades das praças, escolas e igrejas iam se definindo sub centros comerciais e de serviços, incluindo até mesmo

[25] Dois alunos nasceram no ano de 1959, quatorze nasceram em 1960 e dezessete alunos em 1961. Não encontramos essa informação no prontuário de um dos alunos.
[26] Não existem estudos específicos sobre os bairros da cidade, por isso buscamos esses dados nos poucos jornais da época preservados e disponíveis para consulta na Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade".

agências de bancos. Segundo o jornal, eram os casos dos bairros do Carmo, Vila Xavier, São Geraldo e São José.

A implantação dos distritos industriais abria novas perspectivas para a ampliação do perímetro urbano e trazia a definição de novas zonas residenciais ao sul da cidade, como a Vila Melhado e imediações.

Na figura abaixo apresentamos uma planta da cidade de Araraquara de 1969, com a intenção de melhor visualizarmos a distribuição urbana da cidade, destacando os bairros de origem dos alunos do 3º F:



Figura 04 – Planta Geral da Cidade de Araraquara (1969)[27]

FONTE: PLANTA da Cidade de Araraquara (1969). Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade.

[27] Referência da Figura: 1- EEBA, 2- Centro, 3- Vila Xavier, 4- São José, 5- São Geraldo, 6- Jardim Primavera, 7- Vila Harmonia, 8- Santa Angelina, 9- Vila Furlan, 10- Carmo, 11- Vila Velosa, 12- Melhado.

A partir dos dados apresentados no quadro acima podemos perceber que a clientela escolar que estudou na Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu ultrapassou as barreiras que antes dividiam os espaços entre as regiões centrais e os bairros considerados periféricos. A referida instituição, que trazia como uma de suas marcas a distinção por se localizar em uma região central da cidade de Araraquara, em meio a todo o processo de redistribuição da rede física pela qual passara a educação pública paulista, ao receber alunos advindos de diferentes bairros da cidade encontrou mudanças consideráveis no perfil de sua clientela.

Quanto à situação sócio-econômica dos alunos podemos considerá-los pertencentes à uma classe social consideravelmente ascendente a partir da profissão dos pais segundo os dados do quadro que se segue:

Quadro 04 – Profissão dos pais dos alunos do 3º F

Profissão dos Pais			
PAIS			
Nº alunos	**PROFISSÃO**		**PROFISSÃO**
05	Comerciante	**02**	Motorista
03	Funcionário Público	**01**	Operário
03	Professor	**01**	Diretor
03	Sem informação	**01**	Vulcanizador
03	Aposentado	**01**	Eletricista
02	Dentista	**01**	Bancário
02	Mecânico	**01**	Encarregado
02	Ferroviário	**01**	Militar
02	Representante Comercial		
MÃES			
Nº alunos	**PROFISSÃO**		**PROFISSÃO**
18	Doméstica	**01**	Telefonista
08	Professora	**01**	Ferroviária
04	Sem informação	**01**	Falecida
01	Cabeleireira		

Os antecedentes escolares dos alunos do 3º F também diferem: nove desses alunos fizeram o antigo ensino ginasial na EEBA, enquanto que dezessete vieram de diferentes escolas ginasiais[28] e cinco foram transferidos para a escola durante o ensino de 2º Grau[29]. Não obtivemos informações de três alunos.

A partir dessa caracterização preliminar da turma escolhida para a análise e de um minucioso processo de localização de alunos dessa turma, encontramos aqueles que nos ajudariam na construção desse trabalho. Para a escolha dos alunos, portanto, procuramos seguir alguns critérios:

- Entrevistar alunos promovidos;
- Entrevistar alunos retidos;
- Entrevistar alunos que fizeram o ginasial na EEBA;
- Entrevistar alunos que fizeram o ginasial fora da EEBA;
- Entrevistar alunos que foram localizados.

O contato com os alunos retidos não fora possível, uma vez que não conseguimos informações atuais de nenhum deles, desse modo, nossa rede de alunos teve de deter-se apenas nos alunos promovidos. Dentre esses, conseguimos de nove alunos o contato e a concordância em participar da pesquisa, sendo, portanto formada a rede de alunos para a análise das representações sobre a EEBA (04 mulheres e 05 homens).

Os sujeitos entrevistados contam hoje, em média com 49 anos e ingressaram no 2º Grau quando tinham 15 e 16 anos. Pensando na localização desses alunos quanto ao período em que estudavam na escola, quatro deles residiam no Centro da cidade, dois no bairro da Vila Xavier, um na Vila Velosa, outro no São Geraldo e um último no Jardim Primavera, o que representava uma abertura do público escolar para além das regiões centrais da cidade.

Dos nove alunos entrevistados quatro fizeram o ginasial na EEBA e cinco fizeram em outras escolas[30]. Vale ressaltar o cuidado que essa diferença nos exigiu, principalmente porque os alunos que já estudavam na escola apresentavam certa confusão em sua fala, o que nos implicou

[28] Sete alunos vieram da Escola "Professor Victor Lacorte", quatro da Escola "Francisco Pedro Monteiro da Silva", dois da Escola "Carlos Baptista Magalhães" e outros dois alunos vieram da Escola "Professor Antonio dos Santos", todas escolas públicas.

[29] Esses alunos vieram transferidos das escolas EESG "Virgilia Rodrigues Alves de Carvalho Pinto" da cidade de São Paulo, IEE "Cardeal Leme" de Espírito Santo do Pinhal, CE "Francisco Pedro Monteiro da Silva" de Araraquara e, EEPSG "Barão do Rio Branco" da cidade de Catanduva.

[30] Esses alunos fizeram o ginasial em duas escolas: três alunos no CE "Francisco Pedro Monteiro da Silva" e dois alunos no GE "Professor Antonio dos Santos.

maior atenção durante as entrevistas de modo a sempre procurar evocar a memória do entrevistado quanto ao período proposto para esse estudo, porém, a memória, como vimos, é construída e permeada pelo presente, e própria de cada sujeito, construída, desse modo, a partir da subjetividade e construções do indivíduo. Levamos, portanto, em consideração essas diferenças em nossas análises.

No Capítulo que se segue veremos, através da memória dos ex-alunos, como se deu a implementação da reforma instituída pela Lei 5.692 no interior escolar e as implicações decorrentes desse processo. A escola precisou se adaptar, novos alunos foram incorporados, novas disciplinas ministradas, uma nova rotina foi estabelecida.

3 REMINISCÊNCIAS SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE QUALIDADE

3.1 EEBA: presença de uma aura de respeito

Escola de qualidade: um ideal desejado por muitos. Um referencial comum, por meio do qual se abrem possibilidades de estabelecer um elo comunicativo entre as pessoas. Mesmo tendo diferentes concepções e visões de escola, ao indagarmos a respeito da qualidade, todos asseguram desejá-la. O sentido da escola e o conseqüente esforço por estabelecê-la como uma instituição de qualidade vêm se conservando ao longo dos séculos, ao mesmo tempo em que se conserva a própria instituição.

Vivemos a procura da escola que, aos nossos olhos, nos parece conter o padrão desejado e idealizado. De uma forma geral, quando questionamos alguém a respeito de uma boa escola, percebemos marcadamente lembranças da escola em que estudou ou a comparação da escola atual com alguma escola que já não existe mais. Muitas de nossas criticas à escola do presente têm como modelo uma referência do passado, todavia, tal alusão ao mesmo tempo em que impede a visão das possibilidades da escola de hoje, contribui para sua falência, reforçando sua imagem de inadequação.

Na cidade de Araraquara a Escola Estadual Bento de Abreu parece manter uma representação de escola de qualidade constituída. Certa nostalgia em relação ao passado sustenta, hoje, uma imagem arquitetada por décadas e que se apresentava com mais força há anos atrás. Essa referida instituição de ensino guarda uma *aura de respeito* que pode, em grande parte, se remeter à história de sucesso construída ao longo de sua trajetória.

Os dados apresentados por Perez (2006) sobre a EEBA demonstram que essa escola é considerada uma importante instituição de ensino, possuidora de extrema relevância histórica na cidade de Araraquara e em toda a região. Isso pode ser explicado pelo fato de ter sido criada (em 1932), num período onde as escolas públicas de nível secundário detinham posições elevadas na estrutura de ensino, e gozavam de elevado prestígio entre os diversos níveis de grau médio.

Ademais, essa instituição de ensino manteve-se por muitas décadas, como sendo a única opção para a educação pública de nível secundário da cidade e região[31]. Adentrar nessa escola, portanto, demonstrava uma grande conquista social e educacional.

Perez (2006) expõe que, ao ampliar a sua oferta de vagas entre as décadas de 1950 e 1970, a imagem de escola de qualidade, que sustentava a imagem sobre essa instituição de ensino continuou a se manter nas representações sociais. Foi tentando compreender essa imagem mítica de uma *escola de qualidade* que anos a fio perdura sobre a EEBA e a *aura de respeito* que a circuncida, que entrevistamos ex-alunos que passaram por essa escola e que poderiam nos trazer pistas sobre esses elementos.

Quais teriam sido as marcas deixadas por essa escola numa geração de alunos que por ali passaram? O que teria significado adentrar os portões dessa instituição, assentar-se nos bancos escolares, participar de algum modo na construção dessa identidade? Quais seriam os aspectos que fundamentam essa imagem mítica de que outrora essa instituição de ensino fora uma instituição de qualidade, cercada por uma aura de respeito que a impeliu a permanecer tão presente na memória da cidade? Perguntas como essas nos levaram a indagar alunos que por ali passaram procurando conhecer essa escola considerada por tantos anos de excelente qualidade.

Ao realizar o processo de interpretação, análise e aproveitamento das falas e a gama de informações suscitadas, procuramos identificar se, essa imagem de escola de qualidade e a aura de respeito que a sustenta, levantada por Perez (2006), encontravam-se presentes nas reminiscências de alunos que por ali passaram.

Não obstante, ao analisá-las buscando compreender as representações construídas quanto a Escola Estadual Bento de Abreu ficou-nos evidente a imagem constituída de uma escola de qualidade. E essa imagem se manifestou em diversos aspectos, quer seja trazendo status, distinção, comparação com outras instituições, quer seja pensando no cotidiano escolar, nos professores, no sistema de avaliação, na formação recebida, enfim, a EEBA, a partir das representações dos ex-alunos parece ainda manter a aura de respeito quanto ao seu nome e memória como apontado por Perez (2006).

[31] Segundo Perez (2006) somente em 1958 foi instalado na cidade o segundo ginásio estadual, conhecido por "Francisco Pedro Monteiro da Silva". O terceiro ginásio "Professor Victor Lacorte" foi instalado em 1964. O quarto ginásio "Professor Antonio dos Santos" em 1970, e no mesmo ano foi instalado o Grupo-Escolar Ginásio "Carlos Baptista Magalhães".

Queremos salientar que as análises feitas a seguir, a partir das reminiscências dos ex-alunos da EEBA, não são tomadas, por esse trabalho, como verdades absolutas. Lembramos que elas representam versões dos fatos, versões daqueles que vivenciaram os eventos narrados e foram participantes ativos de todo o processo histórico estudado. Essas memórias nos trazem, seguindo as indicações de Ginzburg (1989) indícios, nos são postas como sinais da história, e revelam-se como fontes dotadas de inúmeras riquezas.

3.1.1 Que significados teria essa escola?

O que teria significado estudar na Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu"?

> Ah, era motivo de satisfação, de conquista pra vida escolar. O EEBA era uma escola ícone, representativa na cidade. (Entrevista - Colaborador 8)[32].

> Bom, primeiro porque era o melhor colégio que tinha aqui em Araraquara, então era questão de orgulho, a gente falava "estudo no EEBA" se sentia assim, o máximo, eu adorava falar, eu sentia orgulho de falar que eu estudava no EEBA mesmo, era uma excelente escola, excelente escola. (Entrevista - Colaborador 9)

> Na época significava sim. Naquela época o EEBA era considerado umas das melhores escolas de Araraquara, do Colegial. Nós tínhamos aqui o Progresso, mas em matéria de nível de ensino o EEBA era melhor, então significava e, a gente via isso nas escolas em relação ao EEBA. Eu me lembro, na época, que foi forte porque no Ginásio eu tive boas notas, então eu acabei indo pra lá. No EEBA o diferencial era esse: quem ia bem no Ginásio ia pro EEBA. (Entrevista - Colaborador 1)

> Nossa, era tudo! O nosso foco central era a escola, o IEBA. A gente praticava vôlei, encontrava namoradinho, freqüentava a Biblioteca, e tínhamos até aulas opcionais de religião. (Entrevista - Colaborador 5)

Adentrar no ensino de 2º Grau (antigo ensino colegial) significava uma questão de orgulho, haja vista que o ensino de nível médio estava, de fato, ganhando uma efetiva expansão nesse período, o que nos força a lembrar que até então esse nível de ensino era destinado a poucas

[32] Reiteramos que, para preservar o anonimato das falas, classificamos os ex-alunos entrevistados em Colaborador 1, Colaborador 2 e assim sucessivamente. Para uma leitura mais completa e uma melhor contextualização das falas citadas indicamos a leitura integral das entrevistas que se encontram no APÊNDICE C.

pessoas, em geral à elite intelectual. Como já destacamos a expansão do ensino secundário no Brasil começou pelo seu primeiro ciclo e no momento histórico aqui estudado, podemos ver o início efetivo da expansão do segundo ciclo.

Como vimos, o acesso ao ramo acadêmico do ensino médio não era algo tão comum. Poucos eram aqueles que conseguiam ingressar nesse ramo de ensino e mais do que entrar manter-se efetivamente. Segundo Nadai (1991) essa escola seletiva e de difícil acesso ganhava destaque perante a sociedade em geral uma vez que, idealizada como boa escola pública, símbolo de eficiência e qualidade, mantinha-se como um valor a ser perseguido, porém difícil de ser conquistado. Essa realidade, no entanto passou a se modificar principalmente a partir da década de 1950, quando as camadas populares começaram a ver o ensino secundário como uma forma de ascensão social.

Porém, raros eram os ginásios públicos espalhados pelo território nacional. Nadai (1991) ao estudar as representações de um grupo de professores que estudou ou atuou nas escolas oficiais secundárias, normais e superiores do Estado de São Paulo, dos anos 30 a 70 do século passado sintetiza assim a importância de uma escola pública nesse nível de ensino:

> [...] As representações demonstram que a escola, ao lado do cinema, da igreja, do rádio constituíram os aparelhos culturais/simbólicos por excelência das aglomerações urbanas tanto das maiores do interior do Estado, como a da capital. Expressaram também o fato de que a conquista de uma escola pública era um valor a ser perseguido pela sociedade civil que se organizava e lutava por ela, não importando o grau. (NADAI, 1992, p.29)

A Escola Estadual Bento de Abreu foi, por durante muito tempo a única opção para a educação pública ginasial da cidade de Araraquara e região, isso porque somente em 1958 foi instalado na cidade o segundo ginásio estadual, localizado no bairro da Vila Xavier[33]. Desse modo, adentrar nessa escola parecia ser uma grande conquista social e educacional.

Mais do que isso, a EEBA, como pôde ser visto nas reminiscências dos alunos era considerada uma escola ícone, representativa, uma das melhores escolas da cidade, uma excelente escola. Uma imagem mítica de qualidade parece ainda se manter sobre essa instituição de ensino.

Nesse sentido, para a sociedade araraquarense a EEBA, segundo a memória dos alunos tinha fortes significados:

[33] Escola “Francisco Pedro Monteiro da Silva”.

> Ela era considerada uma excelente escola porque ela preparava realmente o aluno pra vida tanto social quanto profissional, eu pelo menos sentia isso, entendeu, e além do mais eu acho que dava até um certo status você falar que estudava no EEBA, sabe, quando a gente falava “oh estudo no EEBA!” o pessoal falava “nossa no EEBA!”, então é... eu acho que era bem por aí. E também eu acho que realmente pela preparação do individuo, sabe, como eu te falei tanto na vida social quanto profissional. (Entrevista - Colaborador 9)

> A imagem era aquela referência de formação, de um local aonde você ia com satisfação pra buscar um aprendizado, dar uma referência de um futuro melhor, dar uma formação para um futuro melhor. Integrava a parte da satisfação com a escola pelo lado da boa formação que a escola dava e ela trazia também outros atrativos: você tinha uma estrutura legal pra fazer educação física, tinha vários eventos, bandas marciais... a escola era um atrativo! (Entrevista - Colaborador 8)

> Olha, eu acho que o colégio da época era o EEBA, até quem estudava no EEBA achava que tinha um pouco de status porque era uma escola boa, uma escola pública, os professores muito bons, muito bons mesmo, então, eu acho assim que ajudou muito. (Entrevista - Colaborador 2)

Orgulho, privilégio, status parecem manter forte relação com o desejo de estudar nessa instituição. A memória dos alunos no levam a pensar que o fato de permanecer por tanto tempo como a única opção de educação pública de nível médio contribuiu para a formação de uma aura de respeito em torno da instituição, para a construção de uma imagem de escola a ser perseguida, uma escola considerada de excelência, tornando-se padrão de referência e comparativo para com outras instituições de ensino:

> [...] Então, mas eu acredito assim que ela era um "pull" vamos dizer assim, era um forte concorrente de todas as escolas do Estado, então era um "top" era uma coisa assim que os próprios alunos se sentiam orgulhosos, entendeu? Eu mesma também me sentia orgulhosa de estudar no EEBA. Era uma concorrência do Pedrão, depois era o outro lá da Vila Xavier, era uma concorrência grande, mas isso só entre os alunos. (Entrevista - Colaborador 6)

3.1.2 A EEBA face a outras escolas de nível médio

Uma forte concorrente. Como veremos a seguir, a memória dos alunos traz indícios de comparações entre escola pública e escola particular, bem como entre a própria rede de escolas públicas. Comecemos pela imagem formada no que diz respeito às escolas particulares.

As reminiscências mostram, nesse caminho, dois tipos de comparações entre a EEBA e as escolas particulares. Primeiro, entendendo a escola particular como uma escola carregada muito mais de um status econômico do que acadêmico[34]:

> [...] na época o EEBA era uma boa escola, na época estudar no EEBA era só por uma questão de amizades, não me lembro na época se tinha algum status. Não havia status, pelo menos não pra mim, era uma questão só de amigos e de bom ensino. *Status era no progresso, que era uma escola que você tinha que pagar, mas o EEBA não*, o EEBA era porque a maioria dos meus amigos, por onde eu morava, pelo meu endereço e todo mundo tava ali, embora eu tivesse amigos em outras escolas, mas a maioria era lá. E lógico, o primeiro item era que era a melhor, era uma das melhores em Araraquara e eu fazia questão de estudar lá, não por questão de status. (Entrevista - Colaborador 1, grifos meus)

> Não, não, era uma outra época, entendeu? Hoje todo mundo tá assim, nessa introspecção, todo mundo quer o seu lado ali, por estar do outro lado eu sou melhor do que o outro, então naquela época não era assim, o professor dava aula no Colégio A que era mais forte e no B que era mais fraco, ele dava com o mesmo prazer, com a mesma cobrança, entendeu? Eu acho que era totalmente diferente, a vaidade do professor era tal que você percebia que ele não queria conduzir você a ser um mau aluno porque estava na pior escola, não, ele dava aula do mesmo jeito, era a mesma coisa, e eu tive essa oportunidade porque, no começinho, como eu tava no último ano e o Progresso tava iniciando. Eu terminei no EEBA e meu irmão fez os dois últimos anos no Progresso e foi praticamente a mesma coisa, a gente conversava, porque eu sou dois anos mais velho do que ele, então quase todos os horários eram os mesmos, entendeu? *Só a diferença no local de estudo e do agrupamento, tinha pessoas assim, mais abastadas*, mas isso também acontecia porque tinham pessoas muito abastadas que estudavam lá [...] Era lá porque lá era bom, entendeu? Tinha uma quadra coberta e naquela época só tinha o Gigantão e lá praticamente. Tinha uma bela estrutura... (Entrevista - Colaborador 7, grifos meus)

[34] Estamos considerando por *status* o grau de distinção ou prestígio perante a opinião das pessoas ou em função do grupo ou categoria em que está sendo classificado. Ressaltamos que a classificação de status depende de avaliações e critérios variáveis conforme as diferentes visões de mundo e das expectativas de cada indivíduo.

Um segundo termo comparativo entendendo a escola pública como um sinal de distinção e de melhor qualidade, onde permaneciam os "bons" alunos, enquanto os "ruins" iam para as escolas particulares:

> [...] a verdade é que a escola pública naquela época não tinha malícia, não tinha a malandragem que tem hoje. O povo que freqüenta a escola pública hoje é outro. *Na nossa época ia pra escola particular quem era ruim, quem era bom ficava na escola pública, só ia pra particular o cara que já era expulso da pública e esse tipo de coisa*, hoje teve uma inversão de valores, hoje ninguém quer pública [...] (Entrevista - Colaborador 4, grifos meus)

> [...] antigamente a gente não ia pra escola particular, *só ia pra escola particular, diferente de hoje, os alunos ruins, que não conseguiam entrar* porque tinha vestibulinho pra entrar em escola do Estado e quem fazia o EEBA era bem cotado. Então é bem diferente de hoje, muito diferente. (Entrevista - Colaborador 2, grifos meus)

Quanto a rede de escolas públicas, a recorrência à Escola "Francisco Pedro Monteiro da Silva" conhecida por *Chicão*, uma escola localizada na Vila Xavier se mostrou evidente em grande parte das entrevistas. Essa escola, na visão dos alunos era tomada como uma concorrente à EEBA[35]:

> [...] sempre teve uma diferença entre o EEBA e o Ginásio da Vila. Nem sei porque. Hoje não tem nada a ver, mas tinha sim uma rivalidade. (Entrevista - Colaborador 2)

> [...] E o 2º Grau eu fiz no EEBA. Inclusive na época era até pra eu ter ido pra Vila, pro Chicão como eles falavam, mas eu consegui ir pro EEBA. Não lembro na época do porque, eu sei que pelo endereço, pela distância, acabei ficando no EEBA. (Entrevista - Colaborador 1)

> [...] Olha, eu me lembro que eles falavam do Ginásio da Vila, Colégio da Vila, não me lembro o nome do colégio, mas falavam "é concorrente do EEBA" não sei o que, mas eu nunca conheci ninguém, nem conversei com alguém que tenha estudado lá. Mas o forte mesmo na época era o EEBA, era o EEBA. [...] (Entrevista - Colaborador 9)

[35] Salientamos que esse sentimento de concorrência entre EEBA e *Chicão* deve ser tomado no que tange ao sentimento dos ex-alunos. Para eles essa concorrência existia. No âmbito dos alunos (sujeitos entrevistados) a competição era incorporada. Desse modo, não podemos dizer que a concorrência também se dava no âmbito das duas

Como um dos bairros mais antigos da cidade, a Vila Xavier, teve suas origens na implantação do leito ferroviário em Araraquara. Segundo Correa (1968), a construção da Estação Ferroviária e o desenvolvimento de outros serviços ligados às necessidades da ferrovia ampliaram o crescimento da cidade para outros lados, para áreas ainda não urbanizadas localizadas atrás do prédio da estação de trem.

A separação imposta pela linha do trem tornava difícil o acesso a este bairro, o que provocou uma espécie de isolamento, levando-o forçosamente a adquirir certa autonomia em relação ao centro urbano da cidade. Ao andarmos hoje pelas ruas da Vila Xavier podemos perceber essa independência com relação ao centro da cidade, isso porque esse bairro comporta inúmeros comércios, escolas, postos de saúde, o que lhe garante certa autonomia.

Com o avanço do processo de urbanização novas áreas passaram a ser habitadas, a cidade foi se ampliando, novas necessidades foram surgindo, inclusive atender a demanda desses novos bairros por educação.

Como vimos a EEBA foi, por durante 26 anos, a única escola pública de nível médio na cidade de Araraquara. Segundo Perez (2006), com o passar do tempo, esse estabelecimento de ensino já não conseguia dar conta de atender a grande demanda educacional posterior a intensificação do processo de urbanização da segunda metade do século XX. Foi justamente na Vila Xavier, esse bairro antigo e populoso, que foi instalado em 1958 o segundo ginásio oficial da cidade de Araraquara.

Esse sentimento de isolamento daqueles alunos oriundos desse bairro e que fizeram o ginasial na escola “Francisco Pedro Monteiro da Silva” se mostrou presente nas rememorações.

> O EEBA era uma das escolas mais bem cotadas, e era, eu não sei se por a Vila ser separada por esses viadutos, então tinha um certo preconceito com o pessoal da Vila, assim, era o que eu sentia, mas era uma escola muito 10, eles eram atuantes, tinham Banda, essas coisas, sabe, e o que eu vejo era assim, um pouco de preconceito pro pessoal da vila só, não eles lá [...] (Entrevista - Colaborador 2)

> [...] eu sei que era muito conhecido o nome EEBA, tinha também a Banda do EEBA, era cheio de.... tinha nome, sabe, e também naquele tempo tinha muita diferença (eu sempre fui da Vila Xavier) e falavam muito da Vila, de ser

---

instituições de ensino (para isso, far-se-ia necessário uma investigação entre os ex-diretores, professores e funcionários, não sendo esse o objetivo desse estudo).

> separado da cidade e o EEBA já era na cidade, ele era famoso. (Entrevista - Colaborador 3)

Pensando um pouco mais sobre essa diferenciação, recorremos a Nadai (1991) que nos reporta as condições dos prédios escolares como um dos sinais da importância e qualidade da escola no meio social, isto porque muitos municípios paulistas adquiriram o seu primeiro ginásio na década de 1930, permanecendo, quase sempre, como único estabelecimento de educação pós-primária da cidade, gozando de prestígio e reconhecimento.

Os primeiros prédios escolares destinados a esse nível de ensino eram construídos em lugares de destaque dentro da cidade, em regiões centrais, cercado por todo o desenvolvimento urbano. A partir do aumento da demanda social por novas vagas no ensino secundário, novos prédios escolares foram construídos, novas oportunidades foram abertas, novos escolares puderam adentrar à escola, novas representações puderam ser construídas. A escola de nível médio ultrapassou as barreiras que antes dividiam centro-bairro. A demanda por novas vagas e as respostas por meio das políticas públicas sinalizou mudanças claras no perfil da escola secundária.

Quando perguntados sobre a distinção entre a escola central e do bairro, os depoentes responderam:

> Olha, naquela época a escola, ou antes daquela época, a escola tinha uma imagem de burguesia. [...] É tinha, tinha rivalidade porque naquela época e até antes desse ano que nós fomos pra lá o mesmo que existia no EEBA existia no Ginásio da Vila, em nível de escola, cursos, fanfarra, então a gente tinha aquela rivalidade: os riquinhos e os pobres, vamos dizer assim. [...] Os riquinhos ficavam no EEBA e os pobres na Vila. Era mais ou menos assim. E ai quando começou o EEBA, quando acabou a Vila ai teve aquela mistura, aí virou só o EEBA. Ai teve que abraçar a idéia e era o EEBA e acabou. IEBA era naquela época. (Entrevista - Colaborador 4)

> [...] então havia assim uma rivalidade entre Chicão e EEBA e eu nem sei porque, mas aí eles mudaram tudo porque acho que tinha Ginásio e Colegial no EEBA, alguma coisa assim, e no Chicão também, aí o Chicão não tinha mais o pessoal do colegial, o pessoal do Chicão teve que passar pro EEBA. Eu achei uma dificuldade no 1º colegial lá porque era um pessoal todo diferente, diferente daqueles que você tinha convivido e aí o colegial eu fiz lá no EEBA. (Entrevista - Colaborador 2)

Entender a escola central como uma escola destinada a certa classe social, e a escola de bairro destinada a extrações mais populares, parecem ser um dos motivos para a existência dessa rivalidade entre os alunos. Novamente vemos uma diferença de status nas representações dos ex-alunos. Estudar na EEBA lhes conferia mais status do que estudar no *Chicão*.

Veremos mais adiante que essa aparente diferenciação se mostrou evidente quando houve a redistribuição da rede física em todo o Estado de São Paulo em 1976 e os alunos precisaram ser remanejados. Retornaremos a essas falas, bem como a outras, buscando entender como a escola teve de lidar com a presença de alunos advindos de diversos bairros e escolas da cidade, providos de culturas próprias de cada instituição.

Ao destacarem a diferenciação entre essas duas escolas, as memórias dos alunos também inferiram a respeito das comemorações cívicas, muito freqüentes naquele tempo, momento em que as escolas perfilavam, cantavam hinos, ensaiavam, desfilavam, exibiam-se para a sociedade. Os desfiles de 7 de setembro, da bandeira, de aniversário da cidade, eram momentos em que a escola tinha a oportunidade de projetar-se para a sociedade por meio de suas bandas, balizas, canto, e os alunos podiam exibir-se ao desfilarem pelo nome da instituição.

Qual seria a melhor banda, qual seria o melhor canto, quem faria o melhor desfile, quem traria inovações? Essas expectativas colocavam sobre cada aluno o desejo de apresentarem-se da melhor maneira, apresentarem-se como a melhor escola, apresentarem-se com entusiasmo, sendo melhor do que as outras escolas. Talvez seja nesse ponto que a concorrência entre os alunos se mostrava de modo mais efetivo.

Pela memória dos alunos é possível apreender que justamente, nesses momentos, os alunos podiam colocar em jogo essa competição. Ser a melhor banda trazia aos alunos um sentimento de reconhecimento e projeção social. Por meio desses eventos os alunos podiam, pelo menos nesse aspecto evidenciar as diferenças frente a sociedade. Essa forte concorrência pode ser apreendida no discurso quanto à Banda Marcial:

> Tinha, tinha uma banda marcial muito boa, muito famosa. Ela ia até fazer apresentação em escolas. O EEBA era, alias ela era a melhor, até brigava com a Banda do Chicão da Vila, mas não tem comparação, a banda do EEBA....eles não conseguiam, eles nunca conseguiram. (Entrevista - Colaborador 1)

> [...] sabe a fanfarra do EEBA era assim muito conhecida e o pessoal gostava de assistir o desfile porque era muito bom e era concorrente número 1 do Colégio da Vila Xavier que eram assim super rivais sabe, eles também treinavam

> bastante. Eu me lembro na época que quando passava o EEBA a gente gritava, tinha torcida e sempre ficava em primeiro lugar. (Entrevista - Colaborador 9)

3.1.3 Professores: qualidade de ensino e rigor

O papel do professor e das práticas de ensino também é destacado por Nadai (1991) como um dos elementos considerados como sinal de importância e qualidade da escola secundária a partir de sua pesquisa. Segundo a autora isso se deve pelo fato de que as reminiscências por ela analisadas relatarem que o exercício da docência apoiava-se no rigor, na exigência, na cobrança nos exames, nas sabatinas e chamadas orais, no compromisso com a escola e no orgulho de exercer uma profissão intelectual.

Por meio da memória dos ex-alunos da EEBA podemos também perceber a forte relação entre qualidade de ensino e rigor, principalmente no que se refere aos professores. Queremos aqui destacar essa imagem que nos pareceu cristalizada nas representações aqui analisadas quanto o papel do professor e das práticas de ensino, o rigor acadêmico e a disciplina e sua relação com a boa imagem da escola secundária. Estes encontraram sólida presença na figuração de aura de respeito em torno na escola, bem como na própria história da instituição.

Em grande parte das reminiscências papel de destaque fora dado aos professores. A escola almejada por tantos alunos parece tentar manter uma imagem de seriedade, compromisso e rigidez. Essa também era a imagem da EEBA:

> É, com professores super bons, provas que realmente avaliavam o conteúdo, e o saber de cada aluno. (Entrevista - Colaborador 7)

> Eu tive muito poucos professores que não, que não eram bons, sabe, mas eu acho que assim 90% dos professores que nós tivemos, todos eram muito, muito capazes, muito profissionais. (Entrevista - Colaborador 9)

O mesmo significado social que diferenciava a escola secundária das demais, era também evidenciado no papel de destaque que, a rigor, era reservado aos professores secundaristas. Segundo nos aponta Nadai (1991) as rememorações que qualificavam os “bons professores de antigamente” revelam que estes profissionais eram valorizados especialmente pela exigência e

seriedade em honrar seus compromissos com os alunos e a escola. Essa visão de excelente professor também se mostrou presente nas rememorações dos alunos da EEBA:

> [...] entendíamos o professor como um educador, a gente respeitava muito isso, respeitava o horário, respeitava a tarefa, quando não fazia a tarefa o professor deixava a gente em uma situação de desvantagem com relação aos outros, então sempre procurávamos fazer as coisas como era pedido. (Entrevista - Colaborador 7)

O respeito para com o professor, assim como relatado pelos alunos, era muito forte, fruto de uma cultura consolidada anos a fio. Os lugares pareciam ser bem definidos, o aluno sabia qual era o seu lugar e o professor, assentado sobre os seus privilégios, exigia o respeito que lhe era devido:

> [...] olha eu não sei muito bem o que era naquela época que punha o professor no lugar de professor, mas não que a gente tivesse medo, mas era um respeito muito grande. Eu acho que esse negócio de professor muito amigo, o adolescente como não tem esse onde eu paro, onde eu vou, não tem aquele limite, então ele avança o sinal e acaba tirando um pouco daquele respeito pelo professor, então "ah, deixa isso pra lá eu faço de qualquer jeito mesmo e ele vai aceitar mesmo e tudo mais" então o próprio aluno acho que já acaba abandonando aquela coisa de respeito pelo estudo, aquela coisa de respeito pelo professor, porque nada a nada ele é um professor e ele está lá, tá desprendendo o horário dele pra essa finalidade, então eu gostava dessa coisa do professor estar no lugar dele e na hora que tinha que ficar quieto ficava e não tinha aquela coisa de algazarra apesar de não sentar nem na frente e nem no fundão (eu sentava no meio da classe) então você sempre ficava dividida entre os *CDFs* e o povo da bagunça. (Entrevista - Colaborador 6)

> [...] Aluno era aluno, professor era professor. Não tinha essa de como hoje não respeitam, não tinha, a gente tinha muito respeito pelo professor, sabe, a gente também não era santo, mas o professor era muito respeitado, ele entrava na sala de aula e dava a aula dele e todo mundo ficava quietinho. Naquela época, eu não me lembro se no primeiro colegial você tinha que se levantar pro professor entrar, acho que foi lá no EEBA ainda, o professor chegava e você se levantava pra ele entrar, então, era muito diferente, hoje é muito diferente. (Entrevista - Colaborador 2)

> A relação com os professores era de muito respeito, muita disciplina. Eu acho que de todos os anos no EEBA se eu tive uma advertência oral ou alguma coisa do tipo em razão de uma brincadeira de colegas que no fim eu fui visualizado no meio dessa turminha, mas eram coisas amenas perto do que se vê hoje. Acho que nesse período todo eu tive uma advertência e junto com os colegas. Mas assim, a relação com os professores era de respeito, muito respeito, era de admiração.

> Alguns professores a gente tinha a referência como um ídolo, era um máximo aquele professor. Não eram todos, mas tinham alguns que tinham um destaque especial. Não que os outros não fizessem um bom trabalho também, mas eu acho que essa empatia, essa didática, essa relação com os alunos é que era diferente. (Entrevista - Colaborador 8)

> Os professores eram... bom é lógico tinha aquela hierarquia, aquela coisa diferente do que é hoje de alunos e professores, sim, você tinha que respeitar muito todos os professores, mas todos eles eram bacanas viu, tinha um ou outro que era mais difícil... mas geralmente aqueles mais difíceis eram os melhores, na verdade eram os mais... mas a gente tinha muito boa relação, é difícil o aluno assim que não, que não se dava bem com o professor só que a gente respeitava viu, era uma amizade assim bacana mas sem essa intimidade que o aluno tem hoje ou liberdade sabe de, de desrespeito, de falar com o professor era, nossa, eu sou da época que chegava, o professor entrava na classe primeiro, a gente se levantava e depois a hora que ele chegava a gente sentava, chegava o diretor nossa, todo mundo ficava em pé sabe, era aquele respeito. É lógico que a gente aprontava também, mas eu sempre falo, eu falo pra as minhas filhas hoje, as nossas brincadeiras eram saudáveis não é essas brincadeiras que a molecada faz hoje, de destruir, de quebrar, eram coisas gostosas, entre a gente. (Entrevista - Colaborador 9)

A imagem dos alunos quanto aos professores apoiava-se no rigor, na exigência, na cobrança nas provas e no compromisso com a escola. Se observarmos as rememorações quanto aos professores podemos perceber que hoje, ao olharem o papel por eles exercido, os ex-alunos entendem que tal atitude foi importante e necessária; tendo que a memória é construída no presente, quando o aluno diz que a rigidez era necessária ele não a entende como uma dominação, pelo contrário, ele olha o passado e continua acreditando que aquilo era bom, principalmente ao colocar o presente como parâmetro de comparação.

É interessante observarmos que a rigidez de outrora hoje não é tida como algo ruim, o rigor estava intrinsecamente ligado à capacidade dos professores e, por conseguinte, atrelado à qualidade do ensino. Mais uma vez podemos ver evidenciada a representação da EEBA como uma escola de qualidade, e, sem sombra de dúvidas, os professores contribuíram em muito para a construção mítica dessa aura de respeito em torno dessa instituição.

O “bom professor” impunha respeito, aparentava seriedade e competência, e a fim de manter-se nesse sistema o aluno precisava aprender, já que isso lhe era bem cobrado:

> Na minha época o professor era professor, aluno era aluno, sabe, ninguém ia lá bater boca com o professor, discutir, nada disso. Não era uma barreira, era um respeito que tinha entre o professor e o aluno, não é como hoje onde o aluno

> xinga o professor, essas coisas, não, era um respeito bem assim, tipo, você tinha o respeito com a sua mãe em casa e com o professor na escola. Hoje não, hoje é muito diferente, muito, muito. [...] Ah, era bem assim, você ia pra escola pra estudar. (Entrevista - Colaborador 2)

> As aulas elas seguiam um cronograma que não era dado pra nós. A gente sabia que o professor a cada aula tinha uma papeleta e cada aula ele, tipo, "hoje a aula vai ser de introdução à geometria", então colocava 50 minutos, assinava lá no final, e ia fazendo, dando toda a programação do ensino e ia passando aula por aula e chegava no final ele fazia a prova com tudo aquilo que tinha contido. Ah... era normal assim... (Entrevista - Colaborador 7)

> [...] Naquela época era bem assim: a idéia é que você ia lá para você aprender mesmo, e se você não aprendesse você tinha que se virar porque, volta e meia te chamavam "agora é você que faz o exercício", " agora é você", então era bem cobrado, ainda mais por seu uma escola pública, tinham poucas particulares [...]. (Entrevista - Colaborador 7)

A valorização dada pelo aluno ao ensino recebido parece ganhar um grande destaque. O ensino secundário representava uma grande conquista de acesso naquela época e era muito bem valorizado pelos alunos, pais e por toda a sociedade:

> Eu tenho saudades! Sei lá eu acho que era muito melhor a nossa época o ensino, porque a gente levava a sério e aprendia né? E aprendia! Eu acho que a gente aprendia. E é lógico que tinha as dificuldades, como eu por exemplo, nunca me sai bem em Física, Matemática, eu tinha muita dificuldade, História ia bem, Português ia bem, Inglês ia bem mas fazia escola particular também, mas eu não era primeiro lugar da sala de aula não, eu era uma aluna assim, eu falava "ah, eu estudo pra passar", eu era uma aluna mediana, mas a gente levava a sério. Era muito bom! (Entrevista - Colaborador 9)

3.1.4 O sistema de avaliação e a qualidade de ensino

O rigor do sistema de avaliação do ensino secundário expressava-se durante todo o processo de escolarização por meio de provas, exames parciais e finais, sabatinas e chamadas orais. Segundo Perez (2006) esse conjunto de obstáculos transformou-se no que poderia ser chamado de "ritual de passagem" e se constituiu no próprio fundamento da escola secundária. Por conseguinte, uma prática tão fortemente arraigada na cultura da instituição educativa, certamente não seria facilmente modificada.

A Lei 5.692/71 propôs que a avaliação do rendimento escolar deveria ficar a cargo dos estabelecimentos e deveria compreender: a avaliação do aproveitamento (devendo preponderar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final), a apuração da assiduidade, além de uma proposta de recuperação para alunos com aprendizagem deficiente.

A implantação dessa nova sistemática de avaliação só viria a acontecer formalmente, na rede estadual de ensino de São Paulo, no ano de 1976. Por esse modelo a avaliação seria expressa em conceitos e os resultados dos alunos decorreriam de um triplo processo: auto-avaliação, avaliação em grupo e avaliação do professor.

Essa nova sistemática de avaliação não passou despercebida pelos alunos:

> Eu acho que a escola mudou muito, porque eu não me lembro que ano, mudou todo o sistema de ensino, até houve também uma mudança que não era mais nota, era conceito, nossa aí mudou tudo! Virou assim, uma bagunça pra dizer a verdade. Então eu achei que as avaliações mudaram. O tipo de avaliação do professor porque você tirava A, B, C, D e E então de repente você vinha com uma nota lá D+, era A, B e C você tava dentro da média, D e E você tava abaixo da média, ai o professor te dava o D+ e você ficava implorando "professor, mas eu quero C, eu quero C", gente o que é D+? O que isso significa? Então, houve sim, eu achei que mudou muito nessa época, mas foi uma mudança que houve em todo o sistema de ensino, não foi do EEBA e eles tiveram de seguir o padrão. Eu achei que caiu muito o ensino naquela época. Mudou bastante. (Entrevista - Colaborador 9)

> Prova escrita. As perguntas pra classe toda... Tinha aquela rigidez pra olhar quem tava colando ou não, mas não, não era difícil. Eu acho que eles também avaliavam bastante e naquela época começou a avaliar bastante o comportamento. Eu nunca peguei uma turma tão bagunçada como o 2º F e o 3º F. Até o 1º colegial foi tranqüilo, depois eu não sei se houve muita mudança, sabe que eu achei que atrapalhou muito essa reforma toda que nós pegamos, ficou muita gente vendida, muito perdida nessa mudança. (Entrevista - Colaborador 6)

Essa nova proposta trouxe uma profunda modificação no modo de conceber a avaliação do aluno do ensino de nível médio. Era o ensino, e conseqüentemente o sistema educacional que deveria se adaptar à nova clientela escolar. Essa nova concepção, segundo Perez (2006) descaracterizou totalmente a cultura da escola secundária, cujos alicerces se estruturavam sob a rigidez do sistema seletivo de avaliação escolar, onde o aluno, através de inúmeros esforços deveria adaptar-se e enquadrar-se nesse rigoroso sistema.

Uma nova sistemática de avaliação exigia do professor uma mudança de postura e redefinição de práticas e valores consolidados durante décadas, e que de certa forma estava atrelado à concepção de escola de qualidade, com vistas a atender de forma positiva as necessidades dos novos alunos.

Ao olharmos as Atas de Reunião de Professores da EEBA, notamos que a implantação dessas medidas na instituição foram discutidas por parte dos professores que buscaram formas de interpretar e (re)adaptar as novas propostas reformadoras, de acordo com sua própria cultura, mais tradicional e conservadora. O grupo de professores não aderiu ao novo modelo de avaliação escolar, sem antes certo grau de cautela.

Em julho de 1971, o Diretor Reginaldo Galli trouxe para a reunião pedagógica dos professores a seguinte questão: "que podemos exigir de nossos alunos, hoje que a escola não é seletiva?". A resposta dada a essa pergunta revela o entendimento da equipe quanto a necessidade de uma mudança de postura frente a nova sistemática de avaliação escolar, bem como o reconhecimento das dificuldades que isso lhes implicaria uma vez que os próprios professores eram produtos dessa escola seletiva e precisavam, desse modo, mudar todo um conceito e uma prática já consolidada e considerada de sucesso:

> Há necessidade de selecionar, dentro de um conteúdo imenso, pois não estamos formando especialistas. Devemos reconhecer, ainda, que nós, que somos produtos de uma escola seletiva, também sentimos lacunas. Hoje as condições são outras, a escola é outra, é a escola democrática, em que entram todos. Há, pois, necessidade de um reexame, um diagnóstico novo, não apenas adaptação de estudos já feitos[36]

Na continuidade dessa discussão, os professores definiram uma nova forma de avaliação para o próximo ano que valorizasse o interesse, ênfase e participação dos alunos nos trabalhos escolares. Foram propostos os valores 8 para provas e 2 para o interesse e participação. Podemos, portanto, perceber a tentativa de adaptar-se à essa nova sistemática de avaliação que valorizava cada vez mais o envolvimento do aluno. O diretor ressalta que essa resolução não constituía uma recomendação, mas sim uma modificação aprovada pelo Conselho para padronização em toda a escola.

[36] ATA de Reunião Pedagógica dos Professores, fl. nº 3, 28 de junho de 1971. Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.

Em 1976 em Ata da Reunião do Conselho de Professores da escola, sob coordenação da Diretora Inaya Bittencourt e Silva, foram explicitadas as disposições enviadas pela Secretaria da Educação, contidas em "Diretrizes referentes à avaliação, promoção e recuperação" publicadas no Diário Oficial do dia 21 de fevereiro de 1976:

> 1) Avaliação diagnóstica: os professores deverão organizar os pré-requisitos necessários para a aprendizagem; 2) Serão adotados os seguintes conceitos ou menções: A - Plenamente Satisfatório; B - Regularmente Satisfatório; C – Satisfatório; D - Pouco Satisfatório; E – Insatisfatório; 3) No final do ano a avaliação será dada pelo conselho de professores; serão abolidos os exames finais; 4) Os instrumentos de avaliação para o professor serão habilidades, conceitos e atitudes dos alunos; 5) Há dois tipos de critérios: rendimento escolar em todas as disciplinas e assiduidade também em Educação Física; 6) Serão considerados aprovados os alunos que obtiveram: a) menção C e 75% de assiduidade; b) menção A e assiduidade não inferior a 50%; c) freqüência entre 60 e 70% e menção inferior a A, desde que se submetam, com sucesso às provas de "recuperação"; d) menção inferior a C, mediante recuperação; 7) A recuperação envolverá freqüência e aproveitamento insuficientes.[37]

Perez (2006) descreve em seu estudo sobre a EEBA, que a nova prática de avaliação mesmo depois de ser amplamente discutida pela equipe de professores, encontrou dificuldades de aplicação, sendo possível perceber a recorrência dos docentes à práticas de cunho seletivas, próprias do sistema de ensino elitista. Os benefícios conquistados quanto à garantia de acesso acabaram sendo parcialmente anulados devido ao fato de muitos alunos ainda não conseguirem permanecer nos bancos escolares.

Os alunos podiam sentir as exigências impostas pelo criterioso sistema avaliativo ainda configurado:

> Então as avaliações [...] é, eram bem difíceis as provas, era difícil e não tinha choro, se você não tirava 7 você não passava de ano mesmo (com ênfase) e acho que o exame final acho que a média era 5 pra quem ficava de exame, pra quem não atingia os 49 pontos, acho que era 5 mesmo... [...] E... e era isso, mas era difícil viu? Tinha que estudar, naquela época tinha que estudar. (Entrevista - Colaborador 9)

> Então, eu acho que tinha alguma matéria que era uma prova oral, eu acho até que era Português, alguma coisa assim, não me lembro direito e prova... prova,

[37] ATA de Reunião do Conselho de Professores, fl. nº 91, 25 de fevereiro de 1976. Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/LAC/04/1970-1977.

> prova mesmo, não tinha muito choro nem vela, se não passou, não passou aí acho que tinha uma prova de avaliação final. (Entrevista - Colaborador 2)

> Eram provas difíceis, exigiam bastante esforço e estudo dos alunos; e muita pesquisa bibliográfica. Até por isso que o EEBA era uma escola que todo mundo respeitava por ela ter uma seqüência, uma rigidez. Pra mim tudo era muito rígido. Eu acho que era bem firme mesmo e exigia do aluno. Eu tinha muita dificuldade de matemática, de inglês, então era bem difícil. [...] Olha, você tinha que correr atrás. Eu lembro de uma professora de inglês que era bem rígida, ela dizia assim: "se você tiver com dor de cabeça a aula continua porque eu estou com dor de cabeça e também estou dando aula, e se você não entender você tem que estudar". Eu me lembro que fiquei de 2ª época de Inglês, precisava de 9, era a última fase, aí a minha mãe contratou uma professora particular pra me ajudar. (Entrevista - Colaborador 5)

Apesar da diversificação dos critérios e das categorias adotadas, a permanência de certo rigor na avaliação escolar, acabava de certa forma prejudicando muitos dos benefícios trazidos pelas propostas democratizadoras:

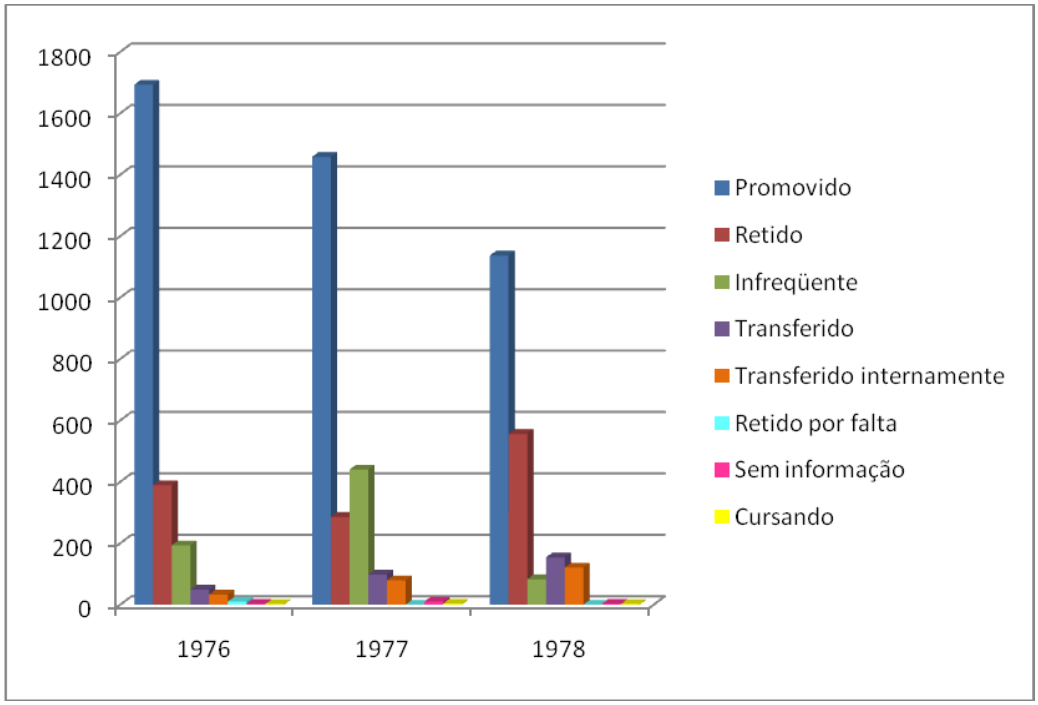
> Não eram provas fáceis não, eram provas assim que você, se não estudasse ia mal, se estudasse ia mal também, então tipo assim, a avaliação da época pra mim era muito mais, vamos supor, os meus filhos, por exemplo, você vê os boletins deles era só 9, 10, "pô meu!" então eu era burro, porque eventualmente eu tinha um 9, um 10 assim, então na verdade, você tirar um 7 naquela época era muito mais peso do que tirar um 9 hoje. Então eu acho que hoje assim, as pessoas parecem ter mais facilidade "puxa, fulano só tem 9, 8, 9 e 10" e não sei se é assim em termos de entendimento.
> **Isso representava muito mais na época?**
> Na época sim. Com certeza, com certeza mesmo. Você tirar um 7 naquela época lá em relação a um 9 hoje é... um 7 valia muito mais do que um 9 de hoje, principalmente pelo conteúdo, porque o conteúdo era muito maior entendeu? E a segunda época, como você falou, era a mesma coisa, era matéria e tudo o que tinha direito. Eu nem lembro quantas que eu fiz, com certeza eu fiz, agora eu não lembro, faz muito tempo. [...].
> **Eu tenho o histórico do senhor aqui, e agente pode ver a dificuldade em tirar nota.**
> Nossa, eles assim, não deixavam ninguém tirar nota.
> **E porque o senhor acha que eles não deixavam tirar nota?**
> Porque era mais rígido, entendeu? Eles te ensinavam mesmo, é como se fosse uma escola particular. Eles detonavam mesmo. [...] Então era dessa maneira, não era "Ah, tudo bem", não, lá zero é zero, um é um, dois é dois... era bem mais controlado. Eu acho que isso infelizmente perdeu. (Entrevista - Colaborador 7)

O rigor e a disciplina parecem ter um significado mais real aos alunos que antes viam o ensino secundário como uma possibilidade única de ascensão social e de possibilidades de um

melhor futuro social e profissional. Os depoimentos nos levam a pensar que os alunos reconheciam e valorizavam essa oportunidade de acesso a esse nível de ensino e sobreviviam, mesmo que muitas vezes sob rebeldia ou contrariedade a esse forte viés disciplinador. As reminiscências indicam que o sistema de avaliação era tido como um referencial de qualidade da instituição e, ao ser lembrado como um aspecto positivo nos intenciona a olhá-lo como um dos elementos constitutivos da aura de respeito que cerca essa instituição de ensino.

Expansão das matrículas, nova forma de avaliar, nova concepção de ensino, novas finalidades, imposições a serem cumpridas: podemos observar a resistência dos professores a tudo isso nos altos índices de reprovação dos alunos. Apesar do empenho dos professores em discutir as ações e propostas inovadoras, quando olhamos para as grandes taxas de reprovação e evasão escolar podemos ver que elas ficaram apenas no âmbito do discurso.

Gráfico 05 – Situação final dos alunos de 2º Grau da EEBA (1976-1978)



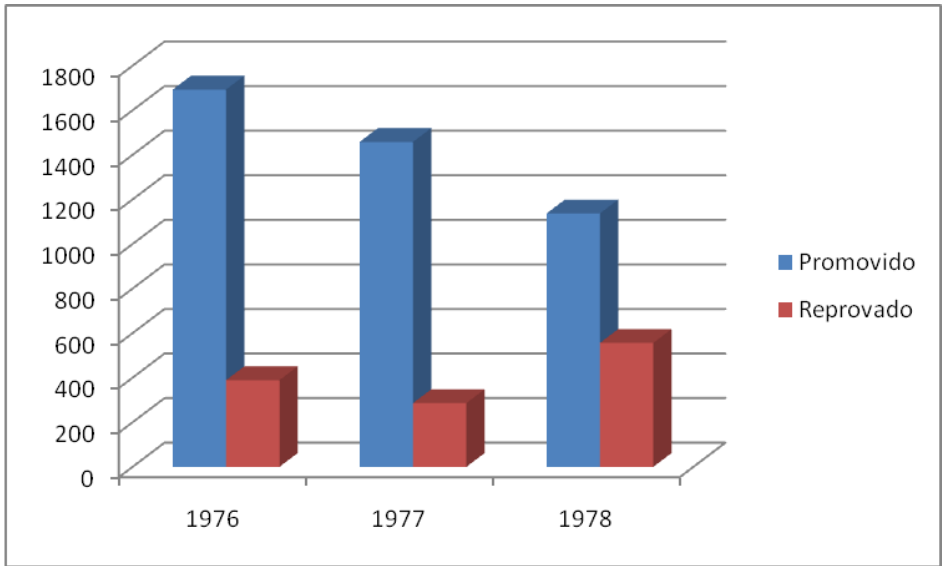
No Gráfico 05 temos uma idéia geral do movimento dos alunos a partir dos dados coletados nas Atas de Resultados Finais da EEBA[38]. Em 1976, de um total de 2.372 alunos, 1.693

[38] Esses dados foram retirados das Atas de Resultados Finais dos anos de 1976, 1977 e 1978 do Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. Esses documentos encontram-se sob a referência AD/SEC/ARF/1976-

foram promovidos, 389 foram retidos, e 193 foram considerados infreqüentes. Em 1977, de um total de 2.374 alunos, 1.458 foram promovidos, 286 reprovados e um alto índice de 440 alunos foram considerados infreqüentes. Em 1978, dos 2.056 alunos, 1137 foram promovidos, 556 foram reprovados e 83 foram infreqüentes.

Apesar do grande índice de alunos promovidos, não podemos desconsiderar o expressivo número de alunos que não conseguiram atingir as médias impostas, bem como abandonaram os bancos escolares.

Gráfico 06 – Índice de Promoção e Retenção dos alunos de 2º Grau da EEBA (1976-1978)

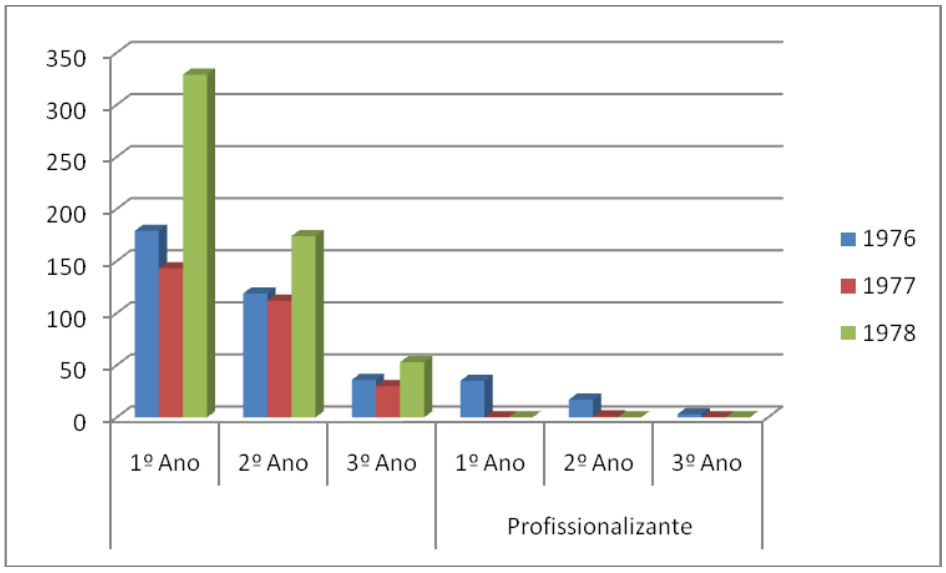


Os índices atestam que a dificuldade em passar de ano ainda se mostrava presente. Em 1976 o índice fora de aproximadamente 16% de reprovação e 71% de promoção. Em 1977, 61% do total de alunos foram promovidos enquanto que 12% ficaram retidos. Em 1978 a taxa de alunos promovidos passou por uma certa queda, atingindo apenas 55% do total de alunos enquanto que o índice de reprovação subiu para a casa dos 27%. O número de alunos promovidos, no transcorrer desses três primeiros anos de implementação da Reforma nessa escola demonstram certo declínio.

1977/CX28 e AD/SEC/LAE/15/CSG/1978. Queremos salientar que o número exposto refere-se ao número total da soma dos alunos de cada classe conforme indicados nas atas representando, portanto, uma estimativa. Quaremos também ressaltar que consideramos no número total de alunos aqueles que foram transferidos tanto internamente quanto para outras escolas, entendendo que esses também fizeram parte do processo educativo da EEBA.

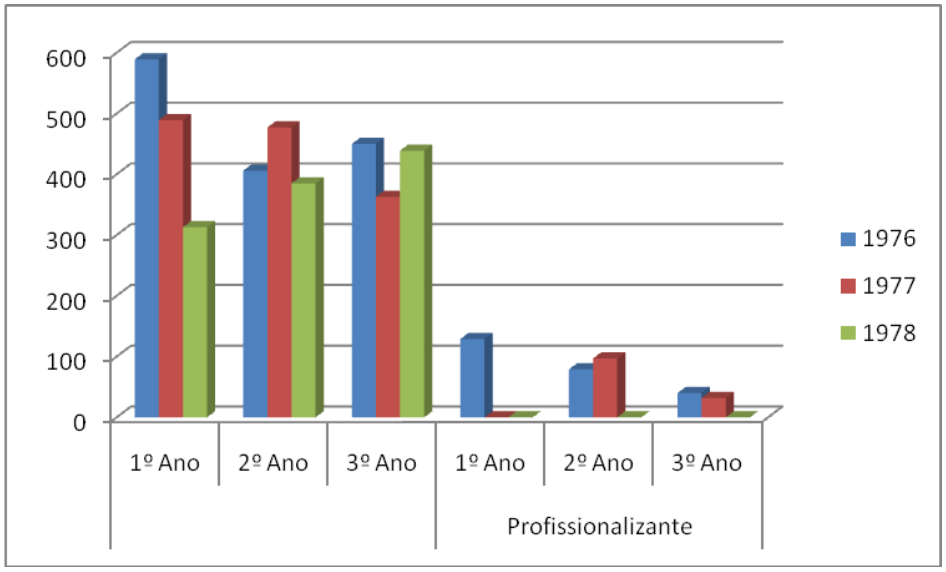
Como vemos no Gráfico 07 o índice de reprovação dos alunos da primeira série do 2º Grau, tanto em 1976, 1977 ou 1978 esteve maior em relação às demais séries. Isso nos leva a pensar ter havido uma necessidade de adaptação tanto dos alunos quanto dos professores frente à nova finalidade imposta sobre o nível médio, bem como o ingresso de alunos advindos de outras instituições com culturas e ritmos diferenciados.

Gráfico 07 – Reprovação por série dos alunos do 2º Grau da EEBA (1976-1978)



Ao comparamos com o Gráfico de Promoção por série observamos que entre os alunos da primeira série em 1976, foram promovidos 589 alunos e ficaram retidos 179, no ano de 1977 foram promovidos 489 e retidos 143 alunos. Em 1978 esses índices praticamente se equiparam e temos que 313 alunos foram promovidos e 329 foram reprovados.

Gráfico 08 – Promoção por série dos alunos do 2º Grau da EEBA (1976-1978)



Ao correrm os olhos sobre as notas dos alunos durante esse período percebemos o quão difícil era, como dizem os alunos, “tirar nota” naquele tempo. A menção C (Satisfatório) se mostrou como a mais freqüente. Poucos eram aqueles que conseguiam alcançar uma menção B (Regularmente Satisfatório) e mais raro ainda uma menção A (Plenamente Satisfatório). Essa foi uma das considerações apontadas nas reminiscências dos ex-alunos:

> Ah, não era fácil. Não é que não era fácil, eu nunca tive problemas, teve um ano lá que eu fiquei de recuperação, acho que era recuperação que falava, de Química e eu fazia o ano e depois fazia essa matéria paralela, mas aí você tinha que correr atrás, você tinha que fazer trabalho, muitas coisas pra conseguir nota. Não era fácil não, era bem puxado, eu me lembro. (Entrevista - Colaborador 2)

Dos trinta e quatro alunos da 3ª série F apenas 19 conseguiram alcançar pelo menos uma menção A, um índice muito pequeno se levarmos em conta que durante os três anos que os alunos ali estiveram passaram por 29 disciplinas obrigatórias. Se nos aprofundarmos nesses dados temos que apenas 1 aluno alcançou quatro menções A, 2 alunos alcançaram três menções A, 5 alunos alcançaram duas menções A e, 10 alunos alcançaram apenas uma menção A.

A Lei 5.692 ao instituir o novo sistema de avaliação estabeleceu que as escolas deveriam apresentar uma proposta de recuperação para alunos com freqüência e aproveitamento

insuficientes. Na EEBA esse tema também esteve presente nas discussões das reuniões dos professores.

No final de 1976, por exemplo, em Ata da Reunião Pedagógica dos Professores da Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu" [39] concluiu-se que, a respeito da recuperação, seria vantajoso o início imediato dos trabalhos de recuperação, sendo imprescindível a elaboração de um plano pelo professor, considerando as condições materiais da escola e a disponibilidade dos alunos e professores. Foi destacada a necessidade de interar os alunos e pais sobre a situação, bem como o quadro de conceitos e freqüência exigidos para a aprovação.

As Atas de Reuniões Pedagógicas da EEBA nos atestam que as propostas erigidas pela Lei 5.692 não deixaram de ser discutidas pelo corpo docente e administrativo da instituição. Apesar dos professores terem o conhecimento das mudanças do modo de entender o aluno e conceber a avaliação, quando nos atentamos aos índices de promoção e retenção e as baixas notas dos alunos, percebemos o quão fadigoso foi a implementação das medidas inovadoras da lei no cotidiano das práticas escolares.

3.1.5 A integração de novos alunos

> Ah, o EEBA era muito forte. Todo mundo queria estudar no EEBA, ele tinha um nível muito bom por ser pública, tanto que aquela mudança que teve na época que você citou, nossa, ninguém queria mais voltar pros seus bairros. Era muito bom o ensino e os professores. (Entrevista - Colaborador 5)

"Todo mundo queria estudar na EEBA". Mais uma vez observamos nas reminiscências dos ex-alunos a imagem da EEBA como uma escola de qualidade. Indubitavelmente estudar nessa escola trazia certo status social aos alunos, tão logo, ter a oportunidade de ingressar nessa instituição poderia trazer inúmeros significados, principalmente pelo fato de poderem freqüentar uma instituição tão bem respeitada na cidade de Araraquara.

A mudança referenciada na fala acima remete-se à redistribuição da rede física que ocorreu em todo o Estado de São Paulo no ano de 1976, quando da implementação autoritária da Lei Federal 5.692/71, de acordo com as exigências do seu Artigo 72. Esse processo implicou

[39] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.

reestruturações de grande impacto na rede, tais como a sistemática de aproveitamento da estrutura física e o remanejamento de pessoal.

Pelo Projeto de Redistribuição foi dada prioridade de atendimento aos alunos de 1º Grau e, o atendimento de alunos de 2º Grau se daria pela existência de demanda e disponibilidade física. As escolas de 1º Grau e escolas de 2º Grau deveriam funcionar em prédios distintos, salvo exceções.

Como vimos no primeiro Capítulo os critérios para redistribuição dos alunos foram:

- Setorização rigorosa para a 1ª série do 1º Grau;
- Preferência para matrícula na escola do setor, para alunos de 5ª a 7ª série;
- Preferência para permanecer no estabelecimento, aos alunos da 8ª série;

O Estado de São Paulo teve sua Rede Oficial de Ensino reestruturada, provendo Escolas de 1º Grau, Escolas de 2º Grau, Escolas de 1º e 2º Grau e Centro Interescolar.

No final do ano de 1975, encontramos essa discussão na Ata de Reunião Pedagógica realizada no dia 31 de outubro[40]. A reunião teve por objetivo pedir apoio e colaboração de todos os professores para todas as solicitações da Comissão de Redistribuição da Rede Física. A diretora solicitou que os professores distribuíssem, em classes a serem determinadas, as fichas cadastrais dos alunos pedindo aos mesmos que acrescentassem no local do endereço mais detalhes sobre este, o nome do bairro e ainda que escrevessem, no canto superior esquerdo da ficha, o período de preferência para estudar no próximo ano.

Até esse momento a instituição estudada oferecia os antigos cursos ginasial e colegial. Lembrando que a Lei 5.692, que instituiu a organização da educação básica, juntou, no nível de 1º Grau, os antigos ensino primário e ginasial e estabeleceu como nível de 2º Grau o antigo colegial. Desse modo, atendendo às imposições exigidas pela lei e as Determinações do Plano de Redistribuição da Rede Estadual de Ensino, a escola estudada passou, no ano de 1976 a oferecer somente o ensino de segundo grau.

Os alunos que ainda não haviam concluído o ginasial precisaram ser transferidos para outras escolas, e a então Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu” passou a receber alunos oriundos de diversos bairros e antigas escolas ginasiais da cidade.

Segundo *Relato sobre Araraquara,* elaborado pela Diretoria de Educação e Cultura da Prefeitura da cidade em dezembro de 1976, sob finalidade de oferecer de uma forma sintética

[40] Ibidem.

informações que pudessem servir de subsídio para uma análise do Município, encontramos que, nesse ano, havia em Araraquara 22 escolas públicas de 1º Grau e 2 escolas públicas de 2º Grau.

De acordo com o documento, os estabelecimentos oficiais de 2º Grau, depois de implantado o Projeto de Redistribuição da Rede Física, eram dois: a Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu", com capacidade para atender 2.500 alunos, e o Centro Interescolar "Profa. Anna de Oliveira Ferraz[41]", com cursos de Mecânica e Enfermagem.

Ainda segundo o relato, as escolas particulares predominavam nesse período em relação ao número de estabelecimentos, como podemos observar no Quadro abaixo. Porém há de se destacar que embora o número de estabelecimentos particulares fosse maior, as duas únicas escolas públicas de 2º Grau atendiam a um maior número de alunos. Para duas escolas públicas havia um total de 2.487 alunos, enquanto que, para dez escolas particulares havia um total de 2.263 alunos.

Quadro 05 – Relação de Escolas de 2º Grau em Araraquara (1976)

ESCOLAS DE 2º GRAU						
Zona Urbana	ESCOLAS			ALUNOS		
	Oficiais	Particulares	Total	Oficiais	Particulares	Total
	02	10	12	2.487	2.263	4.750

Fonte: Relato sobre Araraquara (1976). Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade".

Desse modo, alunos de outras escolas que ofereciam o antigo ensino colegial (como por exemplo a Escola "Francisco Pedro Monteiro da Silva") foram transferidos para a Escola Bento de Abreu. A memória, tanto dos alunos que sempre estudaram na EEBA como aqueles que vieram transferidos de outras escolas, indicam esse episódio. Vejamos o que a reminiscência daqueles que vieram de outras escolas nos revelam:

> O Grupo eu fiz no Antonio J, o Ginásio no Antonio dos Santos que era aqui em frente o cinema e agora mudou, no JBO, lá embaixo. E o 2º Grau eu fiz no EEBA. Inclusive na época era até pra eu ter ido pra Vila, pro Chicão como eles falavam, mas eu consegui ir pro EEBA. Não lembro na época do porque, eu sei que pelo endereço, pela distância, acabei ficando no EEBA. (Entrevista - Colaborador 1)

[41] Atual ETEC "Professora Anna de Oliveira Ferraz" administrada pelo Centro Paula Souza de Educação.

> Do São Geraldo eu mudei para a Vila. A maioria desses aqui eu conheci lá no Antonio Lourenço Correa aí 5ª série, o Ginásio, lá no Chicão, então havia assim uma rivalidade entre Chicão e EEBA e eu nem sei porque, mas aí eles mudaram tudo porque acho que tinha Ginásio e Colegial no EEBA, alguma coisa assim, e no Chicão também, aí o Chicão não tinha mais o pessoal do colegial, o pessoal do Chicão teve que passar pro EEBA. Eu achei uma dificuldade no 1º colegial lá porque era um pessoal todo diferente, diferente daqueles que você tinha convivido e aí o colegial eu fiz lá no EEBA. (Entrevista - Colaborador 2)

> Os riquinhos ficam no EEBA e os pobres na Vila. Era mais ou menos assim. E ai quando começou o EEBA, quando acabou a Vila ai teve aquela mistura, aí virou só o EEBA. Ai teve que abraçar a idéia e era o EEBA e acabou. IEBA era naquela época. (Entrevista - Colaborador 4)

> Os alunos nós pegamos uma amizade muito boa. Eu me lembro que quando era na Vila a gente conhecia por morar lá, mas lá não, no EEBA já era um pessoal diferente, que não era conhecido, então eu acabei pegando uma amizade muito boa. Até hoje a gente encontra alguém. (Entrevista - Colaborador 3)

> Lembra muito dos amigos, porque foram amigos novos, porque no tempo da Vila como eu fiz vários anos tanto no Grupo Escolar como no Ginásio já éramos amigos, agora quando eu fui pro EEBA foram amigos novos e sei lá, a divisão da cidade, se pegou de vários bairros, acredito que foi isso na época, então eu tive muitos amigos novos. Foi legal. (Entrevista - Colaborador 3)

Novos alunos puderam ingressar nessa escola tão expressiva nas representações da sociedade araraquarense. Talvez para alguns, isso pudesse ser muito significativo, e até mesmo representar uma conquista. Uma escola considerada para “riquinhos”, como vemos na fala de nosso Colaborador 4, recebeu uma diversidade de alunos advindos de diferentes pontos da cidade, inclusive aqueles, tomando a fala do nosso Colaborador, alunos “pobres”. Mais uma vez, encontramos marcadamente a questão do status e a distinção que a EEBA possuía.

Mas como teria sido a integração desses novos alunos? Na fala abaixo vemos a percepção de um de nossos colaboradores quando da chegada dos novos estudantes à escola:

> [...] Quando houve a mudança eu estava no 1º Colegial, deu pra perceber que a escola saiu um pouquinho do normal porque os alunos que vieram de outros bairros, vinham talvez, de uma outra estrutura educacional, pois o EEBA sempre foi muito rígido, entendeu? A gente não podia bagunçar, tínhamos consciência. Eu senti que quando as escolas começaram a se unir a nossa realidade mudou. Até que a direção conseguiu controlar todos os alunos, colocar ordem, colocar um limite, demorou um pouco. (Entrevista - Colaborador 5)

Diferentes alunos advindos de diversas escolas com culturas e representações próprias foram reunidos. Para aqueles alunos, acostumados com o status que estudar na EEBA lhes oferecia e sob um rígido processo disciplinar e avaliativo, receber em “sua” escola estudantes oriundos de diferentes bairros talvez representasse certa ameaça em um campo por eles dominado.

Para Perez (2006), a afirmação de que a escola pública deixou de garantir o mesmo padrão de qualidade a partir do momento em que se expandiu encontra, até os dias de hoje, respaldo na opinião pública. De fato, podemos perceber esse mesmo discurso nas representações aqui analisadas, principalmente entre aqueles alunos que já estudavam na EEBA e tiveram que lidar com a presença de novos estudantes oriundos de outras escolas.

Nesse viés, podemos pensar que o processo de democratização parece ter sido rejeitado. E o que nos leva a refletir nesse sentido são justamente as disputas de espaços sociais de distinção. Ora, esses alunos, que desfrutavam do privilégio de estudar nessa escola tão bem posta nas representações sociais da época, colocaram-se no direito de negarem esse processo e de não quererem perder a distinção social que estudar na EEBA lhes figurava.

Para tais alunos, toda essa abertura escolar e a resultante facilidade de ingresso atingiriam, em cheio, a aura de respeito que cercava essa instituição e, por conseguinte, em toda a distinção facultada aos seus alunos. Estudar na EEBA tornar-se-ia algo corriqueiro, possível a todos, perdendo, desse modo, a imagem (que lhes garantiam a distinção) de que somente poucos e os melhores conseguiam entrar nela. A EEBA não mais seria para poucos.

Mas todos os alunos, independente de já estudarem ou não nessa instituição, tiveram de lidar com essas diferenças. Apesar dessas dificuldades encontradas nossos depoentes em suas reminiscências associaram a escola às amizades estabelecidas naquela época:

> Ah, eu me lembro muito assim da convivência, porque eu fiz muita amizade boa lá que até hoje a gente se encontra e fala "ah, nossa, você lembra disso, lembra daquilo" e pra mim foram pessoas que mudaram muito, porque quando você faz parte de um bairro, então eu nunca sai dali, sempre estudei dentro do meu bairro aí eu saí e fui do outro lado da cidade, então você tem a oportunidade de conhecer pessoas diferentes, jeito de lidar com pessoas, como as pessoas vivem porque a gente fazia muito trabalho em casa sabe, era muito legal, então juntava três, quatro e ia fazer o trabalho na casa de uma depois outro dia na casa da outra, até outro dia a gente tava conversando "ah, lembra de quando eu ia estudar na sua casa" então era muito gostoso, eu não sei se a gente tinha mais

> liberdade de andar na rua, as mães da gente não se preocupavam tanto, eu saía da minha casa e ia a pé na casa das amigas mesmo sendo longe, era gosto. Hoje é um massacre você pegar um filho e andar daqui a ali, ele não vai. Era muito gostoso sim! (Entrevista - Colaborador 2)

> [...] na época estudar no EEBA era só por uma questão de amizades, não me lembro na época se tinha algum status. Não havia status, pelo menos não pra mim, era uma questão só de amigos e de bom ensino. (Entrevista - Colaborador 1)

> Na teoria a cidade não era tão grande como é hoje e você conhecia a maioria. Na verdade eu poderia dizer assim, como acontece muito hoje, os seus amigos da escola não são os seus amigos da vida social, mas no EEBA era diferente, uma boa parte da minha amizade social eram os meus amigos de escola também, de clube (eu sempre joguei futebol e muitos deles jogaram comigo, iam no clube), então ali você tinha amigos, a convivência não era só na escola, era fora da escola, e é lógico que com uns mais com outros menos, mas era diferente de hoje. (Entrevista - Colaborador 1)

> Ah, era uma delícia, eu pelo menos tinha assim, muito bom relacionamento com todo mundo, eu acho que eu nunca briguei, é, tanto no grupo como no ginásio, no colégio, eu nunca briguei com ninguém, tinha bastante amizade com todo mundo. Aí se você conversar com o pessoal acho que todo mundo vai se lembrar de mim! A gente, nossa... era muito bom, eu tenho muita saudade. Pra você ter uma noção eu sonho até hoje que eu ainda estudo no EEBA, às vezes eu sonho que eu estou na sala de aula, sonho com as minhas amigas, era muito bom, ficou marcado como uma lembrança muito boa, lembrança boa, nossa era muito bom. Lembro de quase todos os meus professores... muito bom, inclusive eu até queria saber de alguns ainda, sabe, nossa, será que os professores ainda estão vivos, porque tinham uns que já tinham uma certa idade, sabe, quando trabalhou com a gente, então, era muito bom. (Entrevista - Colaborador 9)

Sem sombra de dúvidas, quando nos lembramos de uma escola onde estudamos trazemos à memória as amizades que ali fizemos. O convívio escolar é um aspecto muito importante na vida escolar seja para a promoção da aprendizagem como para a socialização dos alunos. Como podemos observar nas rememorações, na escola fazemos amizades que muitas vezes ultrapassam os muros escolares e que nos trazem boas recordações do tempo ali vivido.

3.1.6 Reorganização interna de alunos e funcionários

De que modo esses alunos seriam organizados nas séries do 2º Grau? Esse foi um dos questionamentos feito por um de nossos colaboradores:

> [...] Sabe o que me passava a idéia, naquela época, e eu trago isso até hoje, é que o 3º F não era bem visto e bem quisto, tanto pelos professores, como pela direção. Eu gostaria de entender o porquê era A, B, C, D, E, F, nós estávamos quase caindo do alfabeto. Porque essa divisão? De onde veio essa divisão? No caso a minha irmã ela é mais velha que eu dois anos e tinha uma caligrafia perfeita, ela tinha um outro nível, eu, a minha caligrafia era péssima, horrorosa, não gosto dela até hoje, então tinha uma diferença e ela fazia parte do abecedário, mas era A, B, C, ou uma coisa pro início do alfabeto, entendeu? Agora essa divisão eu queria saber, o porquê. A Suzi até me perguntou a respeito disso e nós ficamos em dúvida. Como era feita essa classificação, como era separado esses alunos, como eram avaliados esses alunos pra poder jogar assim, entendeu? Nós nos sentíamos jogados, por exemplo, teve professores bons como o professor Ulisses que eu não peguei, uma boa turma pegou, o 3º F não pegou, a Geci deu aula de história, né? Ela deu também pra mim e tinha mais uns dois ou três professores bons, de renome mesmo que o 3º F não pegava, não passava, não sei se era o professor que escolhia a classe, se não queria e colocava outro substituto ou um professor que tava começando, o Malaspina na época tava começando. (Entrevista - Colaborador 6)

Tentamos responder à essa pergunta recorrendo às Atas de Reuniões do período que foram conservadas. Uma escola democrática não poderia manter práticas seletivas em seu interior, pelo menos é isso que se supõe. Ao abrir a escola à um número maior da população, a escola se viu obrigada a mudar critérios, práticas e conceitos.

Conforme registrado em Ata do dia 30 de junho de 1971[42], o Professor Dante Moreira Leite, da cadeira de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras foi convidado pelo diretor da escola, Reginaldo Galli, para falar sobre os melhores critérios para a divisão de classes. O convidado falou sobre a realidade vivida pela escola, que não era mais seletiva e que, portanto, receberia uma população grande e heterogênea, tão logo, fazia-se necessário estudar a melhor maneira de tratar essa população. Nesse sentido, a indagação proposta pelo convidado foi "misturamos ou selecionamos" e após apresentar algumas vantagens e desvantagens de qualquer das soluções, concluiu que as maiores desvantagens estão no sistema seletivo.

[42] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.

Durante a discussão desse assunto pelos professores o diretor lembrou que a decisão tomada seria julgada por toda a comunidade, em vista do grande número de pessoas envolvidas no problema e também por autoridades.

Foram três as propostas: por ordem alfabética, por idade e, por seleção dos ótimos, sendo as demais distribuídas por ordem alfabética ou por idade. A proposta vencedora foi a distribuição por idade sob os critérios de idade pura e simples, dia, mês e ano.

No início do ano de 1976 encontramos registros na Ata da Reunião do Conselho de Professores da EEBA outra discussão acerca da distribuição dos alunos nas classes. A Diretora ressalta que nesse mesmo ano a escola, em virtude da redistribuição da rede física, iria receber alunos advindos de diversos lugares da cidade:

> (...) lembrando que o estabelecimento vai receber alunos vindos de todos os pontos de Araraquara, espontaneamente ou não, alguns até cheios de preconceitos contra a EEBA, faz um apelo para que os professores unam seus esforços para conquistar esses jovens.[43]

Por votação ficou decidido que as classes seriam organizadas de acordo com a idade dos alunos e os de menor idade seriam enquadrados em classes do período matutino. A distribuição de classes por período seria feita da seguinte maneira:

[43] ATA de Reunião do Conselho de Professores, fl. nº 90, 17 de fevereiro de 1976. Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/LAC/04/1970-1977.

Quadro 06 – Distribuição de classes de 2º Grau por período (1976)[44]

1º Período – 23 classes		
1º Colegial	**2º Colegial**	**3º Colegial**
9 classes	15 classes	08 classes: 1 – Educação 1 – Letras 1 – Ciências Humanas 5 - Comuns
2º Período – 21 classes		
1º Colegial	**2º Colegial**	**3º Colegial**
10 classes	06 classes	05 classes
3º Período – 34 classes		
1º Colegial	**2º Colegial**	**3º Colegial**
09 classes + 4 profissionalizantes	07 classes + 4 profissionalizantes	07 classes

Para o ano de 1977 não encontramos nenhuma informação quanto a distribuição dos alunos, apenas que a escola, nesse ano possuía 69 classes de 2º Grau de acordo com o Livro Termo de Visitas de 1977[45].

Em Ata de Reunião Pedagógica de novembro de 1977[46], ficou estabelecido que para o próximo ano as classes seriam organizadas pelo critério de conceitualização. No ano de 1978 a escola contou com 58 classes de 2º Grau.

O número de alunos por sala precisou ser reestruturado no momento da implementação da Lei 5.692 que determinava o número máximo de 35 alunos por classe numa época em que havia, por exemplo, até 60 alunos em classe noturna.

No dia 30 de março de 1978, como registrado no Livro termo de Visitas temos que a escola recebeu a visita de um inspetor de ensino cujo objetivo era verificar o número de alunos

[44] Em 1976 a nova organização curricular, conseqüente à Lei 5.692, se daria apenas para o ensino de 1º Grau, nas séries de 1ª a 5ª e no ensino de 2º Grau na 1ª série, as demais séries deveriam ser concluídas pela legislação anterior. Desse modo, como pode-se observar, coexistiram, na mesma escola, dois tipos de organização curricular.

[45] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/LVi/OS04/1977-1992.

[46] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.

das classes de 1ª e 2ª séries de 2º Grau em função da Resolução SE Nº 183/77. Os dados descritos pelo inspetor encontram-se presentes no Quadro 07:

Quadro 07 – Número de alunos de 1ª e 2ª séries de 2º Grau (1978)[47]

Turno da manhã					
1ª série: 07 classes	**Nº alunos matriculados**		**2ª série: 04 classes**	**Nº alunos matriculados**	
	Inicial	**Final de fevereiro**		**Inicial**	**Final de fevereiro**
1ª A	34	36	2ª A (P)	34	38
1ª B	35	37	2ª B (P)	34	38
1ª C	34	33	2ª C (P)	31	27
1ª D	34	33	2ª D (P)	34	37
1ª E	34	34			
1ª F	35	34			
1ª G	37	30			
Subtotal	243	237	**Subtotal**	133	140
Média por classe	34,71	33,85	**Média por classe**		35,00
Turno da tarde					
1ª série: 06 classes	**Nº alunos matriculados**		**2ª série: 07 classes**	**Nº alunos matriculados**	
	Inicial	**Final de fevereiro**		**Inicial**	**Final de fevereiro**
1ª H	34	35	2ª E (S)	33	33
1ª I	33	35	2ª F (S)	34	33
1ª J	32	35	2ª G (S)	34	33
1ª L	33	34	2ª H (S)	34	31
1ª M	34	33	2ª I (S)	32	28
1ª N	33	33	2ª J (S)	32	34
			2ª L (T)	43	38
Subtotal	199	205	**Subtotal**	242	230
Média por classe	33,16	34,16	**Média por classe**	34,57	32,85
Turno da noite					
1ª série: 06 classes	**Nº alunos matriculados**		**2ª série 06 classes**	**Nº alunos matriculados**	
	Inicial	**Final de fevereiro**		**Inicial**	**Final de fevereiro**
1ª O	30	44	2ª M (P)	33	41
1ª P	39	44	2ª N(P)	38	42
1ª Q	37	46	2ª O(S)	43	41
1ª R	37	43	2ª P (S)	42	44
1ª S	34	45	2ª Q(T)	26	24
1ª T	36	39	2ª R (T)	30	39
Subtotal	213	261	**Subtotal**	212	231
Média por classe	35,50	43,50	**Média por classe**	35,33	38,50

P – S – T: Setores Primário, Secundário, Terciário[48]

[47] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/LVi/OS04/1977-1992.

1ª O: com 34 alunos a tarde, foi transferida para o turno da noite para atendimento às necessidades dos alunos

A Resolução SE nº 183/77 estabeleceu o mínimo de 35 alunos por classe, porém, pode-se perceber que esse número estava longe de ser respeitado, principalmente após o início do ano letivo. Segundo o diretor tais fatos decorriam de problemas administrativos, principalmente pela falta de funcionários, o que impossibilitava uma maior distribuição de salas pelo prédio.

A falta de funcionários foi um dos problemas encontrados pela administração escolar. A democratização das escolas não implicou, necessariamente, políticas de contratação de pessoal. Os reflexos da falta desses funcionários puderam ser sentidos pelos alunos, como veremos nas falas a seguir:

> Funcionários? ... É, eram poucos funcionários, porque até então, acho que a massa de alunos era facilmente contida pelo número de funcionários. Vamos supor que tinha 100 alunos pra 3 funcionários, hoje pra 100 tem que ter 30 funcionários, entendeu? Era um número reduzido pelo que eu vejo, mas eles exerciam de maneira assim, não tinha o que fazer. (Entrevista - Colaborador 7)

> **Você disse que mudou. O que mudou? E por que mudou?**
> Talvez a gestão escolar começou a acompanhar menos essas questões, parece que as coisas foram sendo abandonadas. Os inspetores foram sumindo, não tinha funcionário, começou um desleixo. Um exemplo o banheiro, os banheiros eram simples mas sempre muito bem limpos e depois acho que começou a cair o cuidado com a escola, começou a diminuir o número de funcionários. (Entrevista - Colaborador 8)

Em seu estudo sobre essa instituição Perez (2006) também descreve esse fato, principalmente quando a escola, devido ao acelerado processo de abertura escolar e a alta de demanda de alunos, teve de funcionar em quatro períodos (isso no final da década de 1960). Segundo a autora o aumento do contingente de alunos não resultou em um aumento de funcionários, e a instalação de quatro períodos acabou invialibilizando a execução de tarefas básicas, imprescindíveis para o dia a dia da escola, que não passaram despercebidas aos olhos dos pais, alunos e professores.

---

[48] Para um maior entendimento, a área econômica primária iniciava, por exemplo, agricultura, pesca, economia domestica rural, etc.; a área econômica secundária indicava organização industrial mecânica, eletricidade, construção civil, vestuário, etc.; e, na área econômica terciária, contabilidade, turismo, hotelaria, enfermagem, puericultura, datilografia, dentre outras.

A preocupação com o número reduzido de funcionários, principalmente daqueles que exerciam cargos administrativos também esteve presente nas discussões das reuniões dos professores.

No ano de 1971 o diretor Reginaldo Galli, em Ata da Reunião Pedagógica dos Professores de 26 de novembro[49], falou sobre as dificuldades que a Secretaria da escola estava encontrando em terminar as fichas dos alunos para a publicação dos resultados das médias de aproveitamento. Segundo o diretor, eram poucos os escriturários para um serviço tão grande. Desse modo ele pediu a ajuda dos professores para que esses auxiliassem na soma das médias ponderadas, abreviando o tempo para que assim as provas pudessem ter início no dia 1º.

Em 1976 a Diretora Inaya Bittencourt e Silva, em Ata da Reunião Pedagógica dos Professores[50] dá as boas vindas aos novos docentes e pede que a qualquer dúvidas procurem a direção da escola. Ela pediu para que os professores colaborassem com a Secretaria do estabelecimento, que no momento estava com número de funcionários insuficiente, efetuando a tradução das notas bimestrais em conceitos: A, B, C, D, e E.

Em registro deixado no Termo de Visitas, em março de 1978[51], o inspetor responsável também ressaltou essa questão da falta de funcionários. Segundo registros, o número de inspetores foi reduzido, especialmente dos escriturários. A escola deixou de contar no 2º semestre de 1977 com dois escriturários e no início de 1978 com mais três.

3.1.7 A opção pela Habilitação em Química

> Então, eu passei por várias mudanças, por exemplo, lembra na 4ª série quando você tinha que fazer aquela prova de admissão, eu fiz o preparatório, mas na hora mudaram o processo e eu entrei direto, sem o exame de admissão. Da 8ª série pro 1º colegial também havia uma prova, mas não lembro o que aconteceu, só que mudaram para o Técnico em Química, Enfermagem, e Nutrição. Eu escolhi Técnico em Química. (Entrevista - Colaborador 5)

> Quando nós fomos pra lá você não tinha muita opção, era um pacote fechado. Naquele ano estava lançando o técnico e era Química e Nutrição, tinha o pacote

[49] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.
[50] Ibidem.
[51] Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/LVi/OS04/1977-1992.

> de Química e Nutrição. Eu não queria nada disso ai. Aí eu optei por Nutrição. A Nutrição não formou classe, só no noturno formou uma classe, então como eu não queria estudar a noite acabei fazendo Química, mas... o que eu vou te falar... (Entrevista - Colaborador 4)

Uma nova estrutura curricular fazia-se necessária com a implementação da reforma do ensino de 1º e 2º Graus. A profissionalização do ensino de 2º Grau, que teria por finalidade a preparação para o trabalho, requeria disciplinas antes não presentes no currículo modificando completamente a prestigiosa e sedimentada concepção de escola secundária fundamentada por um currículo humanista.

Decisivamente, nesse contexto, a representação social da escola de nível médio foi alterada. A cultura humanística que esteve presente por tanto tempo no ensino secundário e que lhe atribuía uma distinção social, status e privilégios, perdeu o seu valor; os conhecimentos técnicos e científicos ganharam evidência e passaram a ser valorizados. A Escola Estadual Bento de Abreu não esteve imune a todo esse processo e, inevitavelmente a sua imagem fora atingida, a sua aura de respeito abalada.

Em 1976 foi implantada a 1ª série do 2º Grau, cuidando somente da educação geral. A profissionalização começou a ser implantada somente em 1977 a partir da 2º série. Como vimos no primeiro Capítulo, no final de 1976 as escolas foram solicitadas a escolherem as habilitações dos Pareceres CFE nº 45/72 e nº 76/75 que quisessem implantar.

A Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu" ofereceu aos seus alunos, nesse período, as Habilitações Profissionalizantes em Química, Nutrição, Enfermagem e Formação para Professor. A Habilitação em Química (Resolução SE 15/77) desprendeu o maior número de salas, sendo, portanto, a maior formação profissionalizante oferecida pela escola nesses anos analisados (1976-1978).

Apresentamos no Quadro 08 o conjunto de disciplinas pelas quais os alunos passavam para terem sua formação de Técnico em Química:

Quadro 08 – Currículo do Curso de 2º Grau – Habilitação em Química da EEBA

HABILITAÇÃO EM QUÍMICA – RESOLUÇÃO SE 15/77						
Disciplinas			**1ª Série C/H**	**2ª série C/H**	**3ª série C/H**	**Total de Horas**
EDUCAÇÃO GERAL	Núcleo Comum e Art. 79 da Lei 5.692/71 – res. CFE nº 8/71 e 58/76	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	144	74	-	218
		Francês	108	-	-	108
		Educação Artística	72	-	-	72
		História	108	74	-	182
		Geografia	108	74	-	182
		Organização Social e Política do Brasil	-	-	72	72
		Educação Moral e Cívica	-	74	-	74
		Matemática	144	74	-	218
		Ciências Físicas e Biológicas: Física	72	-	-	72
		Química	72	-	-	72
		Biologia e Programa de Saúde	72	74	-	146
		TOTAL DE HORAS DE EDUCAÇÃO GERAL				**1416**
FORMAÇÃO ESPECIAL	Mínimo Profissionalizante	Química	-	111	144	255
		Análise Química	-	74	108	182
		Processos Químicos Industriais	-	74	108	182
		TOTAL DE HORAS DO MÍNIMO PROFISSIONALIZANTE				**619**
	Parecer CFE nº	Língua Estrangeira Moderna – Inglês	-	111	-	111
		Matemática	-	-	144	144
		Física Aplicada	-	111	108	219
		Fundamentos Básicos de Química	-	74	-	74
	Núcleo Comum Par. CFE 853/71					
		Língua Portuguesa	-	-	180	180
		Desenho	-	-	108	108
		TOTAL DE HORAS DE FORMAÇÃO ESPECIAL				**1455**
		Educação Física	108	111	108	327
		CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO				**3198**
		Ensino Religioso	36	37	36	109

É certo que a cargo dos alunos estava a decisão do curso profissionalizante pretendido, conforme indicações da Lei, porém na prática, os cursos foram instalados de acordo com as possibilidades das escolas, porque não existia verba, bem como recursos físicos e humanos para atender as novas necessidades do ensino de 2º Grau.

Num pequeno espaço de tempo e sem discussões e maiores esclarecimentos, os alunos tiveram de fazer uma “opção” para uma habilitação de sua preferência (sem ao menos conhecê-

las de fato) no mês de dezembro de 1976 para que a mesma fosse iniciada no ano letivo seguinte. Alunos e professores não tiveram condições de discutirem o assunto.

Nas reminiscências abaixo temos uma idéia de como os alunos vivenciaram esse fato e quais foram as implicações imediatas desse processo:

> A imagem era aquela referência de formação, de um local aonde você ia com satisfação pra buscar um aprendizado, dar uma referência de um futuro melhor, dar uma formação para um futuro melhor. [...] A gente tinha essa percepção, essa satisfação até a 8ª série, pelo menos eu me lembro muito bem disso. Depois com a mudança (e a gente vai perceber, vai filtrar isso já depois de certa idade), com essa mudança do setor primário, eu não me lembro exatamente como era, mas você tinha que focar ou pra química, física e matemática, ou pra biologia e mais alguma coisa, ou pra área de humanas era português e mais algumas matérias, eu não me lembro como era a divisão exatamente, mas o problema era que no momento você não sabia qual era o seu horizonte profissional, você não tinha noção de horizonte profissional. Qual seria o seu horizonte profissional terminando o 1º Grau? Não dá pra decidir. Ai a partir desse momento a escola ficou mais pelo lado do convívio social, da amizade, da satisfação da parte esportiva. [...] Foi desestimulante a partir dessa mudança. O primeiro colegial ainda foi mais ou menos, o segundo foi um desleixo, o "paladar" da escola tinha mudado, e o terceiro parece que tinha perdido a noção daquela referência de escola que a gente tinha, foi essa sensação. Até a 8ª nós tínhamos laboratórios de química, física, nós tínhamos atividades práticas e depois isso foi simplesmente eliminado. Os laboratórios ficavam fechados. No primeiro grau até marcenaria nós tínhamos! Eu lembro do professor Alarcão, ele dava aula de marcenaria. A escola era atraente. (Entrevista - Colaborador 8)

> [...] Até o 1º colegial foi tranqüilo, depois eu não sei se houve muita mudança, sabe que eu achei que atrapalhou muito essa reforma toda que nós pegamos, ficou muita gente vendida, muito perdida nessa mudança.
> **Porque você acha que ficou perdido?**
> Porque quando eu converso com umas e outras e não sei se você vai também chegar a essa conclusão, nós mesmos ficamos pensando "pra que lado nós vamos agora? o que vamos escolher?" Era Química, Física e Matemática, não eram essas três matérias de especialização? Foi quando houve um racha de uma vez.
> **Foi difícil escolher? Como foi feita a escolha?**
> Eu me identifiquei com a Química, com a tabela periódica dos elementos, foi por aí e a professora era muito boa também, como ela chamava? É foi por me identificar com a Química. Matemática eu nunca fui muito chegada, Física também não e foi pela Química mesmo. (Entrevista - Colaborador 6)

"Muita mudança", "bagunça", "ficamos perdidos", esse parece ter sido o sentimento dos alunos de 2º Grau. Com apenas 16 anos em média os alunos precisaram fazer uma escolha que talvez pudesse influenciar toda a sua vida, isso porque, vale lembrar que a proposta da Lei era dar

ao ensino de nível médio o caráter de terminalidade, formando o aluno para o mercado de trabalho.

Escolher uma habilitação profissional em tão pouco tempo e com tão poucas informações realmente fora um tiro no escuro. Como veremos nas falas a seguir, a maioria dos alunos escolheu sua Habilitação seguindo a opção de seus amigos e, alguns, por se identificarem com a área:

> E eu sempre fui mal em Química, sempre! Tanto é que não sei se tem aí uma dependência minha em Química. A gente tinha a professora Dona Terezinha que era muito brava, muito brava e tinha umas coisas que eu não entendia. Eu não sei, eu nem lembrava disso, que eu fiz Habilitação em Química, nem sei porque! Acho que a maioria fez eu fui no embalo, eu não me lembro não. (Entrevista - Colaborador 2)

> [...] eu detestava Química, eu fui fazer por obrigação, tanto é que eu nunca usei nada disso, mas os professores eu acredito que ensinavam legal, porque na minha época saíram alguns ali que foram fazer química, deram seqüência na carreira, fizeram faculdade de química, alguns são químicos até hoje outros abandonaram a profissão porque financeiramente é inviável, mas eu acho que era bem dado, o esquema era legal, naquela época era legal sim. Eu que não fazia parte, não gostava da coisa. (Entrevista - Colaborador 4)

> É tinha Química ou... será que era Física? Eu não lembro agora qual que era, e também eu não me lembro certinho porque eu escolhi Química, porque eu nunca fui bom em Química também, é que o outro eu acho que era pior, deveria ser pior, mas era a Zuleica que era professora. Eu acho que era a Zuleica sim, é quase certeza. [...]. (Entrevista - Colaborador 3)

> [...] nós decidimos pela percepção dos amigos, junto com os amigos. "Ah, eu acho que vou fazer engenharia", "eu acho que vou... então essa área aqui é melhor". Foi nessa linha. (Entrevista - Colaborador 8)

> Eu não me lembro o que aconteceu. Eu me lembro que houve alguma coisa, mas eu não me lembro exatamente o que. Acho que o 1º foi normal aí eu fiquei com a habilitação em química e aquele grupinho mais próximo também optou por isso, mas muita gente depois viu o que era e acho que trocou, mudou. Acho que foi isso ai. (Entrevista - Colaborador 8)

> Foi uma escolha de... eu não lembro na época.... tinha Pedagogia, Química e eu não lembro se tinha alguma outra coisa, não lembro o que tinha, mas eu optei pra Química porque tinha mais aquilo que eu gostava, eu queria engenharia então pra minha área tinha que ser exatas e não o que não era exatas... Então tinha Química, Pedagogia nessa área de humanas, e eu não lembro se tinha

> Biologia, então eu fiz Química porque era da área de exatas, que é a minha área até hoje. (Entrevista - Colaborador 1)

> Porque eu gostava e gosto de química. Acho uma área interessante e eu ia super bem, adorava estar no laboratório. Nutrição não tinha nada a ver comigo, enfermagem, pelo amor de Deus, tenho pavor de hospital, qualquer coisa relacionada à saúde (na esfera profissional). (Entrevista - Colaborador 5)

No meio dessa bagunça e sem terem suas certezas os alunos precisaram decidir. Novas turmas foram formadas e a convivência entre os estudantes teve de ser alterada. Como cada aluno seguiu a sua opção, novos círculos de amizade foram vivenciados:

> [...] a sala permaneceu desde o começo da 5ª série até a 8ª série, mas quando tivemos que fazer a escolha para o Técnico alguns foram para a Química, outros para Nutrição e Enfermagem, sentindo que houve uma quebra na união da turma. (Entrevista - Colaborador 5)

Em meio a toda essa desordem vivenciada e hoje sentida pelos ex-alunos, uma questão se mostra interessante: apenas um colaborador traz em sua memória lembranças quanto a formatura enquanto Técnicos em Química. Essa consideração é interessante porque as festas de formaturas, principalmente as de nível médio, segundo Souza (2008), eram práticas comuns nesse período festejadas com grande empenho dos alunos e da própria instituição. Elas representavam a saudação dada aqueles vitoriosos que conseguiram se manter na tortuosa jornada escolar.

> **Você me falou de algumas fotos que você tem. Você se lembra se teve formatura?**
> Nossa! A nossa formatura foi muito diferente do que é uma formatura hoje. Eu tava procurando as fotos, mas não sei onde eu coloquei, não sei se está lá na minha mãe. É... nós fizemos uma missa, que até esses dias eu tava falando pra minha mãe que hoje você vê, minhas filhas, eu tenho uma filha que já é formada advogada, ela fez na PUC Campinas então tem toda uma... não, nós mandamos rezar uma missa, minha mãe nem foi, e eu estou com essas minhas amigas ai que a gente tá abraçada, isso ai foi na Santa Cruz, essa missa. E depois teve a entrega de diplomas, foi no Anfiteatro do EEBA, que eu acho que ainda tem esse anfiteatro, né? Você perguntou de festas, agora que você falou isso que me veio, nós fazíamos algumas peças de teatro ali também, nós tínhamos aula de teatro, sei lá, então a gente fazia algumas peças ali. Qualquer evento que tivesse a gente fazia lá no Anfiteatro do EEBA. Devagar eu tô lembrando, também você vê, foi em 78? Eu tinha 18 anos, eu tô com 49, tem 31 anos isso, tem muita coisa que a gente precisa ir puxando na memória! E... ah então, da festa! Então, ai teve a entrega de diplomas que foi nesse Anfiteatro e nós, os alunos, nós pedimos se podíamos fazer, porque tinha que pedir autorização, uma coisa burocrática, e

> fomos falar com o diretor se nós podíamos fazer uma festinha só pra nós, ali no pátio mesmo do EEBA e foi muito gozado que isso é uma coisa que eu tava falando "mãe, como era diferente naquela época"; eu morava perto do parque infantil e tinha umas amigas que moravam por ali então nós combinamos, nós levamos um prato de salgado cada uma, na mão, vai vendo, e um refrigerante, alguém levou uma sonata, naquela época que a gente estudava tinha a sonata, acho que não é da sua época? Então sonata era um aparelhinho de som aí você punha o disquinho e era terrível o som. [...] Então nós levamos esse aparelho e foi assim a nossa festa de formatura de 3º Colegial. Só entre os alunos.
> **Foi só entre a sua turma ou todos do 3º ano?**
> Ah, eu acho que foi só entre a minha turma.
> **E a entrega dos diplomas?**
> A entrega dos diplomas não. Foram todas as turmas. Nós íamos de uniforme, não tinha esse negócio de roupa que nem tem hoje. Não, nós fomos de uniforme receber o diploma. Eles chamavam o pessoal lá em cima, entregavam o diploma e foi só isso. E a missa, isso ai eu não me lembro, eu não sei se foi a classe que pediu ou se foi o colégio que pediu pra realizar a missa. Eu me lembro que foi na Santa Cruz.
> **Na entrega dos diplomas sua família foi, ou foram só os alunos?**
> Eu acho que minha mãe foi, eu acho que minha mãe e meu pai foram. Na entrega do diploma a família ia sim. (Entrevista - Colaborador 9)

Para os outros alunos não existe a lembrança de Formatura. Temos aí mais um indício de que as representações sociais da escola secundária estavam sedo alteradas. O ensino de 2º Grau e sua Habilitação em Química passara despercebido pelos alunos e pela própria instituição:

> Não me lembro. Olha! Foi em 78? Trinta e um anos! Olha se teve eu acho que não participei porque eu não me recordo. Não me recordo mesmo. (Entrevista - Colaborador 2)

> Não houve formatura. O que interessava na época era passar de ano e receber o diploma. (Entrevista - Colaborador 5)

> Boa pergunta! Eu não me lembro da minha formatura. Não teve? Teve? A Suzi chegou a dizer alguma coisa? (Entrevista - Colaborador 6)

> Não, não teve. Na oitava série eu me lembro que teve alguma coisa no Anfiteatro. O EEBA tem um Anfiteatro! (Entrevista - Colaborador 8)

3.1.8 As atividades extra-classe

> A imagem era aquela referência de formação, de um local aonde você ia com satisfação pra buscar um aprendizado, dar uma referência de um futuro melhor,

> dar uma formação para um futuro melhor. Integrava a parte da satisfação com a escola pelo lado da boa formação que a escola dava e ela trazia também outros atrativos: você tinha uma estrutura legal pra fazer educação física, tinha vários eventos, bandas marciais... a escola era um atrativo! [...] A escola era atraente. (Entrevista - Colaborador 8)

"A escola era um atrativo". Esporte, lazer, entretenimento, momentos de sair da sala de aula, de sair daquele esquema fechado, indubitavelmente chamavam a atenção dos alunos. As atividades extra-classe atraiam os alunos. A escola participava de eventos que envolviam a união dos estudantes fora do universo da sala de aula, como por exemplo, os campeonatos esportivos e as apresentações cívicas.

Talvez, somente hoje, ao olharem para essas atividades é que os alunos as consideram como um atrativo, pois faziam parte da rotina escolar, mas, sem sombra de dúvidas podemos dizer que essas atividades faziam parte da identidade da instituição e se colocavam como um dos meios pelos quais os alunos podiam ornamentar o status que estudar nessa instituição lhes proporcionava ao apresentarem-se para a sociedade quer seja por meio do esporte, quer seja por meio das apresentações cívicas.

> [...] Antigamente as atividades que a escola tinha mantinham você muito mais ligado na escola, então tinha jogos, cada escola tinha o seu campeonato de voleibol, de basquetebol, de futebol, tínhamos gincanas, e então elas eram muito mais introduzidas dentro do meio estudantil. (Entrevista - Colaborador 7)

As reminiscências dos alunos trouxeram a forte presença do esporte na escola. As aulas de educação física, a prática do vôlei e do basquete, os professores, a participação em eventos como os Jogos da Primavera marcaram presença em suas memórias:

> **O esporte era um atrativo na escola?**
> Ah era ali que encontrávamos todos os nossos amigos, era legal! Olha foi um tempo muito bom e passou muito rápido.
> **As aulas eram fora do período.**
> Eram. Treinávamos no período oposto às aulas e a noite. (Entrevista - Colaborador 5)

A disciplina Educação Física era ministrada em todas as séries do 2º Grau e, com uma carga horária total de 327 horas. No prontuário dos alunos não há presença de notas para essa disciplina o que no leva a entender, que, apesar de ser obrigatória, essa não tinha um caráter

avaliativo. Ao verificarmos os prontuários dos alunos do 3º F podemos perceber que uma pequena parcela de alunos apresentava atestado médico para não participar das aulas.

> Na minha época [...] Educação Física era obrigatório, você reprovava não por nota, mas se você não fazia Educação Física a não ser se você tinha atestado médico, mas comprovado, eu vejo, que nem minhas filhas, eu conseguia atestado médico direto, elas não fizeram Educação Física, na nossa época não, a gente fazia, eu fazia, eu jogava no time de basquete do EEBA, joguei muitos anos, a gente representava o EEBA, ia jogar com outras escolas e lá quando nós começamos era assim: seis meses você fazia vôlei, seis meses você fazia basquete. Tinha que ir uniformizado na aula, eu não sei se você também já não conversou com o pessoal, nós tínhamos, era horrível o uniforme naquela época, mas tinha que ir. As meninas tinham um shortinho e era com perninha, vermelho e a sainha era vermelho e branco pregueada e camiseta branca de manga, tênis e meia. Bom, a saia era pregueada vermelha de um lado e do outro lado era branca só pra professora poder montar time, então se você participava do time vermelho, por exemplo de basquete, seis jogadores, não, cinco jogadores, ai então as cinco ficavam com a sainha do lado branco e o outro time virava a sainha do lado vermelho. E tinha que ir à aula de Educação Física se não você reprovava mesmo. Fazia até prova! A Dona Eulália, que era excelente, adorava ela, professora de Educação Física e também não sei se ela ainda tá viva ou não, e.... nossa a gente respeitava, a gente morria de medo da Dona Eulália. [...] (Entrevista - Colaborador 9)

As aulas de Educação Física, conforme relatadas pelos alunos eram ministradas no período oposto ao das aulas:

> [...] Nós fazíamos Educação Física em horário fora do período escolar (eu acho fantástico isso porque eu acho uma judiação colocar a criança pra fazer Educação Física e depois ir pra sala de aula), mas a gente fazia aula a tarde com a Dona Eulália, fazíamos muito basquete, jogávamos muito basquete.
> **Os meninos e as meninas faziam juntos?**
> Não. Era separado. As meninas num horário e os meninos num outro horário, acho que com o professor Volmes, se não me engano, aí eles faziam basquete e vôlei, mas o forte da Dona Eulália, que ela dava no aquecimento da quadra pra gente e nós usamos sunga, aquela sunga azul, então tinha umas e outras que gostavam de se aparecer, era oportunidade de colocar uma sunguinha, e ela falava "olha essas almôndegas pra fora do prato" pra gente arrumar que tinha uma parte do bumbum que tava pra fora. Isso era muito bacana, a parte de Educação Física. (Entrevista - Colaborador 6)

> Olha eu me lembro que você tinha aquele período que você ia pra sala de aula, depois você tinha período em que você tinha Educação Física, contrário, duas vezes por semana. Tinham os dias que a gente voltava pra escola pra encontrar os amigos porque a gente tinha reservado a quadra, era assim, bem intenso... a vivência com a escola. (Entrevista - Colaborador 8)

Dois eram os esportes praticados nas aulas de Educação Física:

> [...] naquela época não tinha futebol, você jogava basquete, vôlei, mas pra quem gosta de esporte faz parte. (Entrevista - Colaborador 1)

A dedicação dos professores também foi lembrada pelos alunos:

> **Você falou que gostava de esportes. O que o esporte significava pro aluno?**
> Ah, era prazer.
> **E você participava?**
> De atletismo, de competições inter-classes. Os professores de Educação Física eram muito dedicados. O Seu Volmes, o Seu Horácio, a Dona Darcy, tinha uma equipe e eram "os professores". Eles promoviam, estimulavam. Tem a Dona Eulália e se não me engano a quadra coberta de esportes do ginásio leva o nome dela. Colocaram entre aspas "Eulalião". A Dona Eulália era também muito dedicada nessa área.
> **Isso foi no 2º Grau?**
> Desde o 1º Grau. (Entrevista - Colaborador 8)

Eventos cívicos e esportivos eram uma marca desse período e de tempos anteriores. Podemos reconhecer a presença do esporte dentro dessa instituição de ensino por meio dos artefatos esportivos conquistados por essa escola e que ganham destaque em sua exposição no prédio escolar. Expostos no corredor de entrada da escola, na sala de direção e na sala de educação física saltam vistas por sua grande quantidade. Ao todo, a escola possui 109 artefatos, conquistados por meio do esporte, da Banda Marcial e do Canto Orfeônico[52].

A título de exemplo a foto abaixo expõe uma das conquistas da escola neste tipo de evento:

[52] Esses artefatos fazem parte do *Acervo da Cultura Material Escolar*, organizado pelos pesquisadores do "Projeto EEBA: história e memória do ensino secundário em Araraquara". Sob a forma digital, o acervo foi construído com o intuito de erigir um inventário analítico do acervo armazenado em uma base de dados para uso da comunidade escolar e dos pesquisadores, tudo isso levando em consideração os problemas decorrentes das restrições de manuseio freqüente dos objetos e para agilizar a identificação de dados. Para mais informações consultar: Souza e Fiscarelli, 2007.



Figura 05 – Troféu Jogos da Primavera (1976)
Fonte: Acervo da Cultura Material Escolar da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara

A significativa participação da escola em eventos esportivos em nível Municipal, Estadual e Nacional, nos demonstra a relevância e importância da prática esportiva dentro do âmbito escolar. A exposição dessas conquistas nos corredores escolares, decisivamente nos denota que tais aquisições representavam glórias para essa instituição escolar e fazem parte constituinte de sua história:

> Nas instituições escolares, os troféus constituem indícios significativos de práticas relacionadas à educação física, especialmente os certames e as competições esportivas. Além dessas práticas, são indicadores de outras atividades de natureza cívico e socioculturais. Eles põem em cena *habitus* estudantis e os vínculos entre a escola e a sociedade. (SOUZA; FISCARELI, 2007, p. 104)

Ainda, segundo as autoras:

> Nesses certames de grande projeção social, a Escola Estadual Bento de Abreu reafirmava a sua excelência enquanto instituição de ensino. Os troféus auferidos pela escola nos Jogos da Primavera, Jogos de Inverno, Jogos Colegiais de Araraquara (JOCOARA), entre outros certames esportivos, revelam a

> importância do esporte nas práticas educativas e na convivência estudantil. (SOUZA; FISCARELI, 2007, p. 104-105)

Nesse mesmo sentido:

> Considerada uma "boa escola pública", a excelência escolar era garantida dentro e fora das salas de aula. As conquistas nos jogos esportivos ratificavam o bom desempenho dos alunos, mais um traço de pertencimento e de identidade estudantil e institucional. O mesmo se passava nos demais concursos e competições. (SOUZA; FISCARELI, 2007, p. 105)

A participação nesses eventos esportivos esteve presente na memória dos alunos. Não somente participar das equipes de competidores, mas também torcer pela escola fazia parte da cultura estudantil:

> [...] A escola tinha time de vôlei, tinha um pessoal que jogava nos Jogos da Primavera e a gente ia assistir, mas não tinha na época o futebol, então eu não participava, mas eu ia assistir. E até mesmo porque essa parte dos jogos a gente gostava muito. [...] (Entrevista - Colaborador 1)

> Eu nunca fui boa de vôlei, essas coisas. Eu participava assim, nas aulas, mas tinha um time lá que o pessoal jogava muito, mas eu nunca fui muito boa nisso. Quando tinha os jogos a gente ia torcer. (Entrevista - Colaborador 2)

> **Você participava do time da escola?**
> Participava, sempre participei.
> **Era legal competir?**
> Nossa, muito. Eu gostava assim de paixão mesmo.
> **E tinha bastante competição?**
> Tinha. Até acho que teve Jogos Panamericanos aqui no EEBA que o EEBA foi representando a Ucrânia, carregando a bandeira da Ucrânia na frente, a roupa era toda de cetim preto, bem ucraniano mesmo, eu fui representando homem porque naquela época não tinha muito homem pra representar, um chapéu alto preto, uma calça meio bombacha com um cinto laranja e uma bota preta. Eu me lembro que era cômico. (Entrevista - Colaborador 6)

Podemos dizer que participação dos alunos da EEBA nos diversos eventos esportivos reforçava a idéia de pertencimento bem como a identidade estudantil e educacional. O desempenho dos alunos poderia não apenas defender, mas reforçar a aura de respeito dessa instituição. Podemos pensar que, a idéia que reforçava essas práticas esportivas estava intrinsecamente ligada à defesa do nome da instituição a fim de mantê-la presente, nas

representações sociais, como uma “boa escola pública” cercada de sucesso e excelência tanto dentro como fora das salas de aula.

Não somente os eventos esportivos estavam presentes na identidade da instituição. Outro atrativo da escola, lembrado pelos alunos foi a Banda Marcial. Sem sombra de dúvidas, essa organização, ao lado do esporte, contribuiu para elevar o nome da Instituição, servindo de meio para a divulgação da escola e para o alcance do prestígio na comunidade.

Quando discutimos acerca das reminiscências que indicavam certa rivalidade entre a EEBA e a Escola “Francisco Monteiro da Silva” vimos que os alunos ficavam empolgados com essas situações, pois os desfiles das bandas das escolas era um momento onde os alunos podiam competir entre si, de modo a mostrar qual banda se apresentaria com maior maestria, e isso, por conseqüência, traria maiores prestígios à escola.

> **Você se lembra se na época em que você estudava lá tinha banda marcial, fanfarra?**
> Tinha, tinha uma banda marcial muito boa, muito famosa. Ela ia até fazer apresentação em escolas. O EEBA era, alias ela era a melhor, até brigava com a Banda do Chicão da Vila, mas não tem comparação, a banda do EEBA....eles não conseguiam, eles nunca conseguiram. (Entrevista - Colaborador 1)

Tais considerações nos remetem à grande importância dada às práticas educativas que enalteciam a escola e a dotavam de sentimento cívico, indispensável ao momento histórico, além da grande ênfase dada à formação esportiva e patriótica que se colocava como intrinsecamente necessária para o desenvolvimento da Pátria.

Segundo Souza e Fiscarelli (2007), as fanfarras de bandas estudantis conseguiram grande difusão no Estado de São Paulo e no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Especificamente no Estado de São Paulo, os campeonatos de fanfarras e bandas promovidos pela Rádio Record tiveram um papel fundamental no incentivo a esse tipo de formação musical nas escolas.

A participação da Banda Marcial da EEBA em eventos esportivos também está relatada no Acervo da Cultura Material dessa instituição. A Figura 06 destaca um troféu, conquistado pela escola em 1976, quando da participação de um concurso de bandas marciais e fanfarras de Araraquara.



Figura 06 – Troféu Concurso Municipal de Bandas Marciais e Fanfarras de Araraquara (1976)
Fonte: Acervo da Cultura Material Escolar da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara

A memória de um de nossos colaboradores, que estudou na escola desde a 5ª série atesta a presença dessa organização, bem como a participação desta em comemorações cívicas e demais eventos:

> **Você se lembra do cotidiano da escola, por exemplo, as atividades que vocês faziam, se havia Banda Marcial no seu 2º Grau, se ainda havia Fanfarra?**
> Sim, eu fazia parte da Fanfarra.
> **E no 2º Grau ainda tinha?**
> Sim, a Fanfarra era extraordinária.
> **E como era participar da fanfarra?**
> Ah, eu adorava! Eu desfilava na primeira fila, com bota branca, saia azul e cacharrel branca e batom vermelho nos lábios.
> **Você tocava algum instrumento?**
> Não, eu não tocava nada. Eu só desfilava. Nas comemorações cívicas hasteei muita bandeira e recitei várias vezes. Era muito legal. (Entrevista - Colaborador 5)

> [...] Eu tocava na fanfarra, a gente tinha ... três fanfarras, era legal porque você era assim, a sua mente era muito mais aberta pra um monte de coisas, então, a

> formação como hoje, como chefe de família, como homem, é muito diferente da que se vê hoje. [...]. (Entrevista - Colaborador 7)

Campeonatos esportivos, apresentações das bandas e fanfarras nos desfiles cívicos, talvez esse pudesse ser o momento (pelo menos para os alunos) de exibirem-se para a sociedade sob o status que estudar nessa instituição lhes garantia. Para a instituição, mais do que exibir-se, a sua participação nesses eventos indiscutivelmente lhes garantia a conservação do seu nome nas representações sociais; exibir-se com excelência reforçaria a sua imagem de boa escola pública seja dentro ou fora da sala de aula. Quer seja para os alunos ou para a própria instituição, o que parece estar em jogo, no campo das representações, é a manutenção da aura de respeito que sustenta o nome da Escola Estadual Bento de Abreu.

Outro espaço de vivência e lazer dos alunos, por eles memorado, refere-se ao Centro Cívico Escolar "Bento de Abreu". O grêmio de estudantes teve um papel importante no fortalecimento dos vínculos de identidade dos alunos. À essa organização cabia a realização de eventos sociais, esportivos e culturais.

Segundo Souza (2008) o cultivo dos valores cívico-patrióticos foi reforçado nas escolas nos anos 1970 em harmonia com a ideologia do regime militar. Nesse sentido, o Centro Cívico Escolar (criação do governo federal pelo Decreto n. 68.065/71) compreendia uma associação de alunos voltada exclusivamente para a promoção de atividades cívicas e culturais.

As reminiscências dos alunos associam Centro Cívico à atividades de lazer:

> **O que você fazia lá?**
> Ah, bater papo, às vezes tinha jogo de pingue-pongue e... era só isso. (Entrevista - Colaborador 1)

> Ah, o Diretório para nós que não queríamos no envolver com o Diretório, com a atuação no DA, era entretenimento. Era ir lá para jogar baralho, jogar pingue-pongue, ouvir música. Era num local separado, inclusive um tipo de subsolo e tinha várias salas. Era bem legal. (Entrevista - Colaborador 8)

> Tinha o Grêmio, eu lembro bem que tinha uma mesa de pingue-pongue, eu lembro sim disso daí. E eu nunca fui de esporte também sabe, então eu lembro dali porque a gente encontrava os amigos, mas eu nunca fui de participar. Até da Educação Física eu pulava fora! (Entrevista - Colaborador 3)

Além de um local reservado para o lazer, o Centro Cívico também foi lembrado pelos alunos por uma carteirinha que este oferecia e que lhes garantia o pagamento de metade da entrada nos cinemas:

> Olha, sinceramente eu não lembro de fazerem nada pelos estudantes. Lembro de uma mesa de pingue-pongue. Eu lembro que tínhamos a carteirinha para ir ao cinema, pois todos na época gostavam muito disso. (Entrevista - Colaborador 5)

> O Diretório? O Diretório servia pra cobrir janela de aula, quando faltava algum professor ou alguma coisa a molecada descia lá, na hora do intervalo a moçada descia lá e... era música, era pingue-pongue, o Diretório lá (você conhece a escola né, fazem trinta anos que eu não vou lá) o Diretório era um porão embaixo de uma sala de aula e o pessoal ia lá pra isso, pra jogar pingue-pongue, pra jogar baralho, jogar dama.
> **Vocês do Diretório tinham algum envolvimento com a escola?**
> Não, nós éramos alunos e na medida do possível, fora do horário de escola, ou numa emergência você saia durante a aula pra atender o Diretório, você trabalhava interligado, você ia a tarde pra ver alguma coisa o cara que estudava a tarde vinha de manhã pra ver alguma coisa, o outro ia a noite pra atender o pessoal da noite.
> **Cuidava só da parte de recreação, de lazer?**
> Não, não era só recreação não, tinha a carteirinha de cinema, que tinha na época, e o Diretório que emitia a carteirinha de cinema... promovia ali campeonatos internos, sabe, esse tipo de coisa, mas era mais a parte de lazer mesmo. (Entrevista - Colaborador 4)

> Ah... era um pessoal bacana, inclusive no terceiro ano alguns da nossa classe e alguns de outras classes, inclusive eu participei da nossa classe, nós montamos uma chapa e nós ganhamos a eleição no... na época era... Diretório Acadêmico era na faculdade... era Centro Cívico? também eu já não lembro... mas era um tipo de um DA, você fazia carteirinha de cinema, tinha duas mesas de pingue-pongue, naquela época era bacana, não era o que hoje é a escola. (Entrevista - Colaborador 4)

> Eu acho que no final tinha sim porque eu tinha até uma carteirinha, do grêmio... tinha sim, mas eu não me lembro muito, assim, eu não me lembro, tinha, tinha, porque teve uma época também que teve jornalzinho mas assim eram fofoquinhas só internas, fulano com cicrano, sabe aquelas, é, namoradinhos, essas coisinhas aí, então tinha e o grêmio que fazia esse jornalzinho. (Entrevista - Colaborador 9)

3.1.9 O cotidiano escolar e a disciplina

Nesse item, veremos um pouco daquilo que os ex-alunos da EEBA rememoraram acerca do cotidiano escolar. Dentre as lembranças, analisaremos a questão dos horários, o uso dos uniformes, a carteirinha de identidade e controle, o recreio, as vivências da sala de aula, tudo isso levando em consideração o processo disciplinar envolvido nessas ações por meio da participação dos funcionários e diretores e que talvez podem nos trazer indícios de sua possível relação com a imagem dessa escola enquanto uma instituição de qualidade.

Com a Redistribuição da Rede Física em 1976 a fim de implementar as medidas da Lei 5.692, a Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu" recebeu alunos advindos de diversos bairros da cidade uma vez que, somente ela e o Centro Interescolar "Professora Anna de Oliveira Ferraz" passaram a oferecer o ensino de 2º Grau. Desse modo, os alunos (que traziam as vivências e costumes de suas escolas de origem) estavam forçados, a agora, dividirem um mesmo espaço e se adaptarem às normas de sua nova escola. Nesse sentido, a necessidade de um controle sobre os alunos se fazia presente.

Em Ata de Reunião Pedagógica dos Professores da escola de outubro de 1976, o diretor Rui Cavichia pediu a colaboração de todos a fim de se estabelecer uma linha disciplinar na escola:

> Afirmou o Sr. Diretor não ser fácil resolver o problema de disciplina, e apenas em tese, alunos de 2º Grau teriam condições de se responsabilizarem por seus atos. Seria necessária a fixação de uma linha disciplinar, a fim de que os alunos cumpram o horário regulamentar das aulas. Por exemplo, alunos só entrarão após a 1ª aula por motivos bem fundamentados.[53]

A participação de funcionários, professores e direção seria indispensável para o sucesso dessa proposta. As memórias dos alunos atestam a presença de uma linha disciplinar a ser seguida na escola, bem como o envolvimento de funcionários para o controle dos alunos. Concomitante ao cumprimento do horário regulamentar das aulas estava também a necessidade do uso dos uniformes:

[53] ATA de Reunião de Professores, fl. nº 60, 30 de outubro de 1976. Este documento encontra-se no Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu sob a referência AD/SEC/AR/04/1971-1984.

> Acho que desde o 1º colegial era a Inaya na direção, então ela era muito rígida, aluno não entrava sem uniforme; sala de aula, dava o sinal tinha que estar todo mundo lá dentro, a organização era assim, muito, muito rígida. Agora escolarização eu acho que era normal, não me lembro direito. (Entrevista - Colaborador 2)

Aluno não entrava sem uniforme. A direção da escola entendia que o uso obrigatório do uniforme seria indispensável a fim de que se evitassem abusos. Além de ser dotado de um caráter disciplinar, o uniforme escolar também servia para identificar o aluno à instituição. Se pensarmos que a EEBA manteve, por durante tanto tempo, uma imagem de escola de qualidade, andar pelas ruas da cidade vestido com o uniforme dessa instituição, deveria trazer algum tipo de distinção para esse aluno.

> **Quando você estudava lá a escola era divulgada?**
> Era, nossa pelos uniformes também! A gente tinha o bolso que era bordado, era vermelho e azul, se não me engano, bordado Escola Estadual Bento de Abreu, EEBA, os próprios alunos muito uniformizados também e muita gente, muita gente, abraçava uma região enorme, os bairros periféricos, porque eu morava no Carmo na época. (Entrevista - Colaborador 6)

A lembrança de como eram os uniformes foi algo que nos chamou a atenção. Os detalhes rememorados nos parecem afirmar que o uso do uniforme tinha um valor significativo tanto para o aluno como para a escola:

> [...] Era uma camiseta, e agora não me lembro se era uma calça jeans que usava, não era que nem hoje que a criança vai pra escola de qualquer camiseta, de barriga de fora, nada disso, era uniforme mesmo. (Entrevista - Colaborador 2)

> [...] Tinha que usar uniforme, outra fase teve que usar um avental, um jaleco com o símbolo da escola. Teve uma fase que tinha o uniforme mesmo, outra fase teve que usar o jaleco com essa identificação da escola, tinha uniforme pra Educação Física. [...] (Entrevista - Colaborador 8)

> Nossa o uniforme não era bonito não, era feio, mas a gente ia. Bom depois, no final, no 3º colegial, acho que já tinha liberado calça jeans, mais a principio... quando comecei mesmo no EEBA, na 5ª série, o primeiro uniforme era uma saia cinza, tinha uma prega assim na frente, me lembro até hoje, uma camisa branca, e um cintinho de verde e vermelho, era uma coisa, e era de tecido não é que nem hoje, era aquele poliéster, sei lá, minha mãe que fazia o uniforme *(mostrava com a mão enquanto falava).* Acho que a meia era 3/4 até aqui branca, mais você sabe que no fim ficava bonito, parecia aqueles colégios que as vezes vocês vê,

> na Europa, no filme, tá tudo uniformizado. Bom, depois eu não me lembro o ano mudou pra calça comprida, as meninas podiam ir de calça comprida, também nessa época que a gente ia de saia, os meninos iam de calça cinza, aí, era um cinza chumbo, bem escuro e depois passou para calça comprida aí era um jaleco, a gente falava, um jaleco branco que a gente tinha que esticar o braço e tinha que ser quatro dedos acima do joelho era muito feio a roupa, mas tinha que ir, no inverno você tinha que por blusa por baixo desse jaleco, porque não podia de jeito nenhum esconder o nome, tinha bordado aqui EEBA e tal e... o sapato e meia branca, o sapato preto e meia branca, sapato do tipo boneca, era bem feio, e aí a gente tentava enganar porque a gente queria ir de tênis, quase todas nós meninas queríamos ir de tênis na escola [..] (Entrevista - Colaborador 9)

Sem uniforme não se podia entrar na escola. As falas abaixo relatam como era exercido o controle pelos inspetores de aluno, quanto ao uniforme, no momento de entrada na escola:

> Olha todos... os inspetores eram muitos bons, a gente tinha aquelas coisas, porque no EEBA assim, você tinha que ir de uniforme todos os dias, e era super rígido, então tinha a inspetora e quando nós chegávamos tinha uma escada, acho que você conheceu o prédio, então ela ficava bem na entrada do corredor e observando tudo, se você estava uniformizado. (Entrevista - Colaborador 9)

> [...] elas olhavam se você estava, se você não estivesse de uniforme, elas te mandavam para diretoria e você tinha que explicar o porque e muitas vezes você não podia assistir aula ou a diretora tinha que te autorizar, ou então se você estivesse algum problema com o seu sapato, se você não fosse de sapato ou se você não foi com a calça cinza, foi com a calça jeans, qualquer item que faltava do seu uniforme, sua mãe tinha que fazer um pedido e assinar embaixo o porque, justificando o porque, era super rígido, mas era bom, você sabe que ensinava muito a gente a ter disciplina, era muito bom... [...] (Entrevista - Colaborador 9)

Para a entrada dos alunos, além de estarem vestidos com os uniformes, os alunos precisavam apresentar a sua carteirinha de identificação:

> Olha, na minha época eu sempre enxerguei as pessoas muito bravas, tudo muito sério, não podia conversar muito alto, essas coisas. Eu só lembro dessa senhora. Todo dia você tinha que apresentar a carteirinha, com a nossa foto, e essa inspetora carimbava presença ou falta, e colocava as carteirinhas numa caixinha, em seu número correspondente, então todo dia você chegava e mostrava para ela. No colegial começou a ficar um pouquinho mais leve, mas ainda com certo controle. (Entrevista - Colaborador 5)

> [...] Porque a gente tinha um sistema de que quando você chegava, na primeira aula, você punha a carteirinha numa caixinha e depois você só pegava essa carteirinha na última aula ou quando você precisava sair com a autorização, então essa pessoa ia lá, abria o armário com a chave pegava a caixinha da sua

> sala, a sua carteirinha e só com a carteirinha na mão você saía. Tinha um controle muito rígido de entrada e saída da escola. [...] (Entrevista - Colaborador 8)

> [...] a agente chegava tinha que depositar a carteirinha, nós tínhamos carteirinha de controle de presença depositava numa, elas tinha uma caixinha e tinha lá 1F, 2F, 3F, todas as séries, então você chegava e aí tinha nessa caixinha também o número seu de chamada, então você já chegava e depositava a sua carteirinha naquela urna, tipo assim gavetinha, depositava o seu número e aí você depositando lógico você estava presente na sala então elas batiam o carimbo de presença todo o dia e no fim do dia ela entregava a carteirinha então não tinha como você enforcar aula, nem você ir embora do colégio, você não conseguia sair sem a carteirinha [...]. (Entrevista - Colaborador 9)

Controlar quem entra e quem sai da escola era uma tarefa imprescindível para uma escola com tantos alunos. Além desse controle exercido no momento de entrada dos alunos pelos portões da escola, os professores também foram convocados pelo diretor, em Ata de Reunião dos Professores, em maio de 1976, a mostrarem o seu apoio ao trabalho de controle dos alunos que a direção estava empreendendo, devendo, a cada aula, realizar a chamada e assinalar as faltas dos alunos nas papeletas.[54]

Outro momento que merecia atenção dos administradores escolares era o recreio. As lembranças dos alunos vão de momentos de lazer, diversão, paqueras, lanches, até brincadeiras que talvez merecessem maior atenção dos inspetores.

> Ah, o recreio era um momento muito especial em que você ia fazer o lanche, ia fazer a fofoca com os amigos, tinha alguns joguinhos no Diretório Acadêmico (DA) como o pingue-pongue, tinham os jogos de tampinha, de dadinho, então era um momento em que o pessoal estava sempre se descontraindo. Ficava mais separado: meninas e meninos. Naquele horário na quadra tinha sempre Educação Física e o pessoal ia lá ver quem tava jogando e as vezes tava tendo uma disputa de basquete, de vôlei. O pessoal ia na cantina e pegava o lanche e um refrigerante e ia lá ver o jogo ou se não sentava ali no banco uns quatro ou cinco e fazia disputa do jogo de tampinha, de dadinho que a gente sempre levava. (Entrevista - Colaborador 8)

> Por exemplo, a gente estudava de manhã, então era a turma da tarde que tava fazendo, ou os meninos estavam na quadra jogando basquete, fazendo aulas de Educação Física, então era uma coisa bacana ficar vendo os meninos, ou então os meninos da nossa classe ficavam vendo as meninas fazendo a Educação Física ali. Tinha a cantina, uma cantina muito bem movimentada. Eu cheguei a

[54] Ibidem.

> participar uma vez só da Festa Junina lá do EEBA de dança que tinha, mas foi uma vez só depois não participei mais. (Entrevista - Colaborador 6)

> Lembro, ah, era uma delícia a gente paquerava, era muito bom, era muito bom. Eu conheci o meu marido lá, naquela época, é, era muito bom o recreio**.**
> **A merenda, cantina, tinha comida?**
> Tinha cantina, tinha cantina, não tinha merenda. Eu acho que tinha merenda se tinha, se eu não me engano, acho que tinha presinho no EEBA naquela época, mas eram separados, não misturavam com a gente, era em outro pátio, eles davam merenda, não sei. Mas tinha uma cantina que era uma delícia, que era o "point" do EEBA, acho que tem ainda lá, faz tantos anos que eu não entro lá no EEBA e a gente comprava o lanche ou levava de casa, entendeu, tinha um pipoqueiro lá dentro também, essas coisas. (Entrevista - Colaborador 9)

> **E dos recreios? Você tem memória da parte fora da sala de aula?**
> Ah, era normal. O EEBA era uma escola muito fechada, você descia (a minha sala ficava em cima) e você descia a escada e já estava pátio que era todo coberto, aí tinha um jardim, até quando eu tava no 2º ano, tinha a Professora Darci que eu me recordo, que era professora de Educação Física e era mãe de um aluno, de um menino que estudava com a gente, não sei se você ouviu falar do Leto, acho que era no 2º colegial, aí eles jogaram uma bomba pela janela e caiu no lago... foi terrível. (Entrevista - Colaborador 2)

> Os recreios... vou lembrar uma coisa que marcou, era uma guerra que tinha de abacate, acho que lá tinha um pé de abacate ou era de mamão, acho que era de abacate e tinha uma turma mais forte (eu era sempre miudinho) e eu lembro que eles jogavam esses abacates. No restante era um recreio normal, não tinha muita diferença não. (Entrevista - Colaborador 3)

Nesse intervalo os alunos saíam do ambiente da sala de aula e podiam circular pelo pátio, encontrar amigos, conversar, brincar, lanchar, enfim, se distrair. Num ambiente, onde a liberdade estava mais presente, maiores eram as chances de haverem desvios das condutas esperadas e estabelecidas para os alunos. Desse modo, a presença dos inspetores era algo indispensável.

> O espaço físico era grande demais, tinha muita sala e tal, e... pra mim os funcionários não tinham assim tanto problema, era assim, a bagunça que saia era nas quadras de basquete, de voleibol que ficavam do lado do galpão que era a cantina. Quando tinha o "recreio", de vez em quando a bola pulava, caia lá e a gente ficava fazendo joguinho, mas era só isso entendeu?, coisa de moleque, assim, não que pegava saía correndo, ficava com a bola, não, a índole nossa era muito mais tranqüila do que a que tem hoje, hoje é muito mais destrutiva, risca a parede, estoura a carteira, sei lá, xinga o professor, naquela época não era assim. (Entrevista - Colaborador 7)

Além dos inspetores, a direção da instituição também era responsável por, além de gerir a escola, primar pelo controle e disciplina escolar. As reminiscências dos alunos, em sua maioria, quando se referem aos diretores associam direção da escola e rigidez:

> Ah, ele era bravo[55]. Não é seu pai não, né? Eu lembro dele, ele era bravo. Era bravo, mas também a classe era uma classe meio foguete sabe, então não tinha outro jeito de lidar, é complicado estudante. Ele era meio enérgico.
> **Com a classe de vocês principalmente?**
> Principalmente. Então ele era bem enérgico, mas não podia ser diferente. Eu era mais quietão, mas eu lembro que a classe era foguete, era uma classe meio foguete. (Entrevista - Colaborador 3)

> **Você estava falando do diretor, o que era o diretor pra você?**
> Uma pessoa sisuda, fechada, mal humorada, não tinha diálogo. A gente quase nunca via, e quando falava de ir pra direção, então tremia na base.
> **Você já foi pra direção?**
> Não! *(risos)* Eu por ficar no meio termo, por ser amiga de todo mundo, nem pra um lado, nem pro outro, acho que eu aprendi a ter jogo de cintura com as coisas e driblar tudo isso, porque não era fácil, a turma da bagunça era grande. (Entrevista - Colaborador 6)

> [..] Houve um diretor lá, eu não me lembro o nome dele, na fase desse diretor não existia essa abertura não, mas nada que nos atrapalhasse porque a gente cresceu num sistema rígido familiar e escolar, sempre foi rígido, onde o pessoal mais velho era respeitado e, eu também não achava que naquela fase estava preparado para opinar ou melhorar aquilo, eu pelo menos achava que eu tinha que aprender mais e não tinha experiência o suficiente pra poder discutir, diferente de hoje. Hoje a molecada sai e acha que sabe tudo, eles acham que podem discutir de igual pra igual, pode até discutir, mas não em todos os assuntos. E naquela época a gente era bem simples, você tomava um cuidado danado pra discutir algum assunto. (Entrevista - Colaborador 1)

> Olha, na época eu me lembro da Dona Inaya que era muito rígida, como até hoje ela me passa essa imagem. Era tudo muito rígido, não era como hoje que ninguém respeita. Nós respeitávamos os professores porque aprendemos assim. Mesmo que o professor estivesse errado os nossos pais nos ensinaram a respeitar o professor.
> **Vocês viam sempre o diretor?**
> Sim. Uma época que eu me lembro muito, foi uma campanha de vacinação e ela estava toda preocupada, coordenando os alunos, ela era bem participativa mesmo. (Entrevista - Colaborador 5)

> **E você se lembra do diretor?**
> A direção? Nossa... eu não me lembro exatamente.

[55] Referindo-se ao diretor.

> **Ou o que era o diretor, como era a relação com os alunos, vocês o viam?**
> Não, com a direção o contato era pequeno. Salvo uma eventualidade que eu me lembro que nós fomos lá para a diretoria, mas era com a vice-diretora. Não era com o diretor que a gente chagava, era com a vice-diretora. Tinha o diretor homem que eu não me lembro quem era, e tínhamos diretor mulher, mas esses assuntos de disciplina a gente ia falar com a vice-diretora. Era o primeiro estágio de hierarquia. Mas o diretor eu não me lembro. A Inayá foi bem mais aqui pra frente. Eu não lembro quem era. (Entrevista - Colaborador 8)

Estar com o diretor não era algo tão desejável pelos alunos. Estar com o diretor poderia significar estar em situação complicada. A figura do diretor era bem respeitada, e hoje é compreendida pelos alunos. Como veremos na fala a seguir, somente hoje nosso colaborador entende o papel exercido pela direção escolar, e entende que a firmeza e a rigidez se faziam necessários naquele momento de formação:

> Não, o diretor é, a figura dele era bem, é... bem respeitada, sabe, é como eu te falei, quando ele entrava na sala de aula, ele abria a porta todo mundo já ficava em pé, sabe, aí ele falava pode sentar aí é que a gente sentava, todo mundo respeitava e é lógico, o diretor é sempre o carrasco, é o não sei o que, todo mundo achava ele feio e bravo, chato, mas depois que você passa essa fase que você vê o porque dele ter sido, mas na época você acha que ele é o, o pior de todos, “ah, o diretor é chato, o diretor é isso”, mas não é por aí, é com decorrer do tempo que você vai vendo a importância dele ter feito daquele jeito né, ele precisa de força tem que ter uma figura que impõe, acho que é isso. (Entrevista - Colaborador 9)

> Uma coisa interessante, falando em disciplina, dava o sinal do recreio (isso até a 8ª, 1º, depois começou a mudar um pouquinho o comportamento e talvez a própria gestão escolar) e você não ficava no pátio o bedel, o inspetor de alunos, ele conhecia todo mundo e ele passava e dizia "porque ainda não subiu?" "vou levar o seu nome na diretoria", ah, não ficava um. Falava em diretoria? Que é isso? Hoje nós compreendemos bem essa pressão e porque nós atendíamos de imediato: a diretoria ia ligar pra família e você ia chegar em casa e ai de você se não fizesse jus, ficava de castigo, não saía de final de semana e até levava umas lambadas! Então existia esse apoio da família para com a escola. Então o bedel passava, subia todo mundo. Não ficava um. (Entrevista - Colaborador 8)

Assim como destacamos ao analisar as reminiscências dos ex-alunos quanto aos professores podemos também perceber, no que diz respeito à rigidez exercida pelos funcionários e principalmente pelos diretores, a forte relação entre qualidade de ensino e rigor. Mais uma vez vemos que, ao olhar o passado pela reflexão do presente o ex-aluno entende a rigidez vivenciada como necessária e de grande valia para a sua formação.

Não somente os pátios e corredores eram espaços que exigiam disciplina. A própria sala de aula demandava controle e intervenção. Em alguns depoimentos percebemos que a 3ª série F não era uma classe com uma conduta disciplinar tão controlada:

> A minha era a pior, eu tenho certeza, porque a F (naquela época eles usavam aquele padrão A, B, C, D, E, F), a F era a escória, mas eu não lembro. Mas não era nada do que tem hoje, não era nada disso aí, era baguncinha básica mesmo, não tinha nada de extraordinário. (Entrevista - Colaborador 4)

> Olha, eu sempre fui muito quieta, recatada, muito certinha. Eu tinha muita amizade, os alunos também tinham muita amizade, os professores eram muito dados, mas também na hora que chegava pra ter aula, tinha aula e tudo mais, mas até os professores entrarem dentro da sala de aula era uma anarquia, tinha até os inspetores de alunos que conseguiam colocar o pessoal em ordem na sala.
> **Tinha essa divisão?**
> Ah tinha essa divisão, e como tinha. Era a turma da pesada que sentava no fundão e a gente na realidade que era um pouco mais dada com esse pessoal do fundão depois que saía da sala de aula então pegávamos um vinculo, tínhamos uma amizade extra-classe e depois quando chegava na sala de aula a gente até ficava meio que dividido porque você tinha que se comportar certinho e na realidade eles no fundão eram como eles eram fora da sala de aula e nessa época tinha essa divisão: da metade da sala pra frente tinha um certo respeito aí o pessoal de trás não, ficava naquela coisa de algazarra e tudo mais. Agora nem sei mais como é que está, se as salas de aula estão assim bagunçadas de uma forma geral ou depende da disposição das cadeiras porque as vezes tem escolas que colocam as cadeiras em círculo e isso também acho que tem todo um estudo do porque disso. Eu acho que pra certas atividades sim, pra outras não, como carteiras duplas, eu não concordo com isso, é um trabalho em equipe, tudo bem, vamos nos reunir, mas eu acho que pra estudo não. (Entrevista - Colaborador 6)

Os alunos precisavam se adaptar à rotina escolar e aos critérios disciplinares estabelecidos pela direção da escola. Talvez, para aqueles alunos que, no processo de redistribuição da rede física foram transferidos para a EEBA esse processo tenha sido mais difícil do que para aqueles que já estudavam na instituição anteriormente[56]. Podemos pensar que a prática do controle escolar talvez fosse uma tentativa da própria instituição de zelar por esse mecanismo que, por durante décadas tenha lhe possibilitado a disciplina dos seus alunos e a consagração de seu nome como uma instituição distinta, com uma aura de respeito construída, uma imagem de sucesso escolar.

[56] Faz-se necessário destacar que, não é nossa intenção dizer que a EEBA não enfrentava problemas com os alunos e necessitasse utilizar meios disciplinares para controlá-los antes do processo de entrada de novos estudantes em 1976. A utilização de uma rígida conduta interna já fazia parte da própria cultura da instituição.

Essas considerações nos levam a imaginar se a estrutura escolar vivenciada pelos alunos lhes trazia alguma abertura para que pudessem participar do processo educativo de modo mais ativo seja sugerindo, reclamando e até mesmo defendendo suas opiniões? Quando as vozes dos alunos podiam ser ouvidas? Essa foi uma das questões feitas aos alunos:

> **Você se lembra se com os professores, com a direção da escola, havia espaço pra vocês conversarem, reclamarem, sugerirem ou eram espaço separados?**
> Não, não tinha, era completamente separado, professor era professor, era uma rigidez, acho que pela própria cara do professor, ele já se impunha pela sua cara sisuda. Não tinha não, infelizmente não tinha, nem com direção. (Entrevista - Colaborador 6)

> **E você acha que havia espaço pra trocas, discussões, sugestões?**
> Ah, isso ai eu acho que não. O aluno era aluno, professor era professor, diretor era diretor. Os espaços eram bem equacionados... Mas também parece que não tinha tanto problema como tem hoje. Essa é uma questão. Eu não me lembro de ter visto tantos problemas. Eu me recordo (não sei se até a 8ª série, mas nos primeiros anos do 1º Grau) que o professor entrava e nós nos levantávamos. Eu não me esqueço disso. (Entrevista - Colaborador 8)

> **E havia espaço para trocas, sugestões, reclamações ou o aluno tinha que ficar quietinho ali ou havia dialogo?**
> Não, entre os alunos e professores acho que muitos abriam esse espaço sabe, agora tinha alguns professores que eram assim inatingíveis. [...] (Entrevista - Colaborador 9)

Os espaços pareciam estar bem separados, cada um sabia onde era o seu lugar. Rigidez e respeito ainda pareciam caminhar junto. Uma nova linha educacional estava se colocando. O papel do aluno adquiria cada vez mais espaço, uma escola democratizante precisava ser mais democrática em seu processo. Porém, romper com toda uma cultura, construída anos a fio e que, de certo modo, lhes imprimia uma imagem de seriedade, compromisso e sucesso, indubitavelmente não se daria de uma hora para outra.

3.1.10 Contribuições para a formação

Uma escola considerada de qualidade. Essa parecia ser a imagem construída sobre a EEBA. Mas será que, dentro dos muros escolares a sustentação dessa imagem se fazia presente

nos discursos proferidos tanto pelos professores quanto pelos diretores? Ao serem questionados sobre esses aspectos, a maioria dos alunos entrevistados relataram não terem percebido nenhum discurso nesse sentido entre a equipe de profissionais que atuava na instituição. Apenas dois, dos alunos entrevistados, relataram terem notado algo nesse sentido:

> Olha, acho que quem falava muito isso era o professor Dauri de Português. Ele sempre dizia que era uma escola muito boa, que realmente nós tínhamos tudo e naquela época era mesmo, era o auge, era o "pull" do momento estudar no EEBA. E também acho que meia Araraquara estudou naquele EEBA porque o que a gente encontra de gente que pergunta "Você estudou comigo?", "não, não, eu não estudei na tua classe" porque tinha uma união muito grande das turmas, quando saía das salas de aula pro pátio era uma coisa fantástica, Tinha 1º, 2º, 3º colegial, todo mundo junto, unido. (Entrevista - Colaborador 6)

> Você tinha sim uma colocação "olha, vocês estão no EEBA", "vocês precisam se dedicar mais". Não era uma imposição carregada, pesada, mas era pra manter o bom nome da escola. (Entrevista - Colaborador 8)

De algum modo, os alunos sabiam que, estudar em uma escola considerada por muitos como a melhor escola da cidade, lhes implicava seguir certos padrões para que essa mantivesse lugar de destaque nas representações da sociedade araraquarense. Ao contrário do que as medidas democratizadoras propunham, muitos dos alunos podiam sentir a pressão que lhes eram impostas, principalmente para que esses pudessem permanecer nos bancos escolares. A escola abriu as vagas para a democratização, mas ainda manteve em suas práticas a cultura escolar seletiva.

Como veremos no relato a seguir, para alguns de nossos colaboradores, o aluno precisava se adaptar à toda sistemática da escola para que pudesse se manter lá dentro:

> Contribuiu porque ela era uma escola séria, principalmente os professores. Independente de qualquer coisa eles mantinham sempre a linha, eles sempre mantinham o padrão, eles sempre mantinham o nível de estudos, um sistema fantástico, não faziam diferenças entre um e outro. Então se a escola servia pra você, muito bem, se não servia então saía, só que o EEBA era muito bom, eles não faziam como hoje que a escola faz como o aluno quer, lá não, nós tínhamos que nos adaptar ao EEBA, eu me lembro de algumas pessoas que não se adequavam e trocavam de escola, tinham escolas em Araraquara mais fáceis, vamos dizer, mais *light*. Lá no EEBA você sabia que tinha que manter o nível de aprendizado porque a exigência existia e você ia enfrentar isso, ou até pior, na vida profissional. Foi o que eu consegui entender deles. Se lá nós encontrássemos um ambiente onde o aluno aperta e mudam o jeito de ensinar, então o aluno pensaria "ah, a vida é assim, eu consigo fazer o que eu quero!" e é o que acontece hoje com muitos jovens, eles forçam e o caminho muda em

> relação à vontade deles. Muitos dos meus amigos aprenderam logo cedo que era duro, era difícil, e nós tínhamos que enfrentar isso. Foi bom, foi muito bom, tanto é que a maioria dos que estão aqui, não tem nenhum bandido, nenhum marginal. (Entrevista - Colaborador 1)

"Aprendemos desde cedo que a vida era dura". As imposições e exigências vivenciadas pelos alunos dentro da escola, parecem só agora encontrar sentido na vida dos ex-alunos. No tempo em que lá estudaram, no tempo em que viveram sob essas pressões, as experiências vivenciadas não foram sentidas num tom de crescimento, antes, foram muitas vezes recebidas à contra gosto ou até mesmo sob rebeldia. Mas apenas hoje, refletindo sobre o passado, é possível enxergar, por meio do distanciamento, novos sentidos para aquilo que fora vivido.

A Escola Estadual Bento de Abreu, uma escola almejada por muitos e que por muito tempo esteve aberta para poucos, vivenciava uma nova fase que havia se iniciado com a abertura dos portões da escola a uma população cada vez mais heterogênea, bem como uma nova formação que passou a ser oferecida sob um viés profissionalizante.

Como já destacado, por durante muito tempo o ensino secundário manteve-se sob um caráter propedêutico enquanto os demais ramos do ensino médio (profissionalizantes) caracterizavam-se pela terminalidade. A marca de distinção social parecia se manter, de um lado, por uma educação destinada às elites e de outro, uma educação destinada às camadas populares. Com a Lei 5.692, esse caráter ou distinção social foi estremecido uma vez que a formação para o mundo do trabalho passou a ditar toda a formação do ensino de 2º grau. A terminalidade passou a ser a característica principal do ensino de nível médio brasileiro. Indubitavelmente as representações sobre esse nível de ensino foram abaladas.

Nesse sentido, a formação recebida pelos alunos da EEBA teria sido suficiente tendo em mente os novos objetivos postos sobre o ensino de nível médio? A formação recebida teria formado o aluno para o mundo trabalho?

> Ah, contribuir sempre contribui, é lógico, isso ai não tenho nem dúvida. Eu acho que na época ele tava fazendo o papel que hoje a Industrial faz de curso técnico e... só que eu acho que ele errou, ou era uma determinação lá de cima, do governo, pra instituir, por exemplo, Nutrição e Química, era uma coisa que não tinha nada a ver com a realidade, eu preferia ter feito outro curso, pra mim não era nada, Química e Nutrição não era nada, não representava nada! Mas contribuiu bastante, porque eu saí de lá e fui direto pra faculdade, ele me serviu como um 2º Grau, me serviu de ponte. O técnico que ele me deu não serviu pra

> nada, mas ele me deu formação de 2º Grau, não tenho dúvidas. (Entrevista - Colaborador 4)

Embora a proposta fosse a formação profissionalizante essa não nos pareceu ser a verdadeira intenção dos alunos. As reminiscências nos testificam que prosseguir nos estudos de nível superior ainda continuava a ser o maior objetivo de ingressar no ensino de nível médio. Alguns dos alunos relataram a necessidade de fazerem cursos preparatórios para que pudessem adentrar em uma faculdade, principalmente em uma faculdade pública.

> [...] As aulas eram muito boas, tudo escrito na lousa, o professor não tinha preguiça de escrever na lousa, eles enchiam a lousa, a gente enchia o caderno de tanto escrever. A avaliação era muito boa, a escola era muito boa, mas é lógico que não era uma escola completa, você não conseguia sair do EEBA e entrar numa faculdade, entrar numa faculdade de alto nível, de um padrão alto, numa escola mediana você tinha essa possibilidade. E bem nessa época que eu estava saindo do EEBA veio pra Araraquara o Objetivo, o cursinho pré vestibular que chegou em Araraquara, tinha o do Poli, mas era um cursinho não tão famoso como era o Objetivo. Você precisava fazer cursinho para a Faculdade, mesmo porque não era nem uma questão do ensino no EEBA porque pro EEBA, pelos três anos era um ensino muito forte, muito bom, mas você tem que condensar desde o ginásio mais o ensino médio pra você prestar o vestibular, então o cursinho é necessário, mas nesse período do EEBA o ensino era muito forte. (Entrevista - Colaborador 1)

> [...] Eu fiz cursinho sim, mas também como eu te disse, eu não era tão dedicado porque eu já trabalhava na época que eu estudava lá, então eu não era tão dedicado e fiz cursinho sim. E também parecia que era o começo do cursinho, sabe, naquela época era até gostoso você falar que fazia cursinho, era mais bagunça, tinha tudo isso também. (Entrevista - Colaborador 3)

> [...] eu fiz porque minha meta não era administração, era outra coisa. Porque o EEBA ele pecou nessa parte, ele não te dava estrutura, ele dava matéria especifica da área e não te dava o resto, então ele dava sete, oito tipos de aulas de química e não te dava, por exemplo, inglês, não te dava português, não dava um monte de coisas, que faltavam, então eu fui fazer cursinho pra recuperar isso aí, mas depois eu acabei mudando e arrumei um emprego e fui fazer administração. (Entrevista - Colaborador 4)

Como bem tratou um aluno, a EEBA não era uma escola completa e não responderia aos anseios e expectativas de todos que por ali passaram. Talvez pela tentativa de proporcionar uma formação imediata para o mercado de trabalho e, o atachamento das humanidades em virtude do imperativo da cientificidade, os alunos não saíssem tão aptos a enfrentarem as imposições postas

pelos vestibulares. Vale aqui relembrarmos que, os estudos sobre a Lei 5.692 têm apresentado que, as medidas autoritariamente adotadas pelo governo militar quanto ao ensino de 2º Grau, parecem estar ligadas à uma clara decisão de contenção do acesso ao nível superior de ensino. Desse modo, os cursinhos pré-vestibulares se mostraram como uma solução recorrente em resposta à essa aparente defasagem.

Embora a formação profissionalizante não tenha respondido efetivamente nem aos objetivos da escola, nem aos dos alunos, temos de levar em consideração que todo processo educativo contribui de algum modo para a formação de quem dele participa. Nesse sentido podemos nos questionar sobre quais teriam sido as contribuições da formação oferecida por essa escola. Que marcas ela teria deixado em seus alunos?

Uma das indagações feitas aos nossos colaboradores caminhou justamente nesse sentido. A EEBA teria contribuído de algum modo na formação desses alunos? Para alguns, o fato de terem passado pelas mãos de excelentes professores, teve representações significativas para as suas vidas, principalmente porque a presença desses e a exigência das matérias contribuíram para a construção de uma boa base intelectual:

> Olha, eu acho que o colégio da época era o EEBA, até quem estudava no EEBA achava que tinha um pouco de status porque era uma escola boa, uma escola pública, os professores muito bons, muito bons mesmo, então, eu acho assim que ajudou muito. (Entrevista - Colaborador 2)

> Acredito que sim porque foi puxado, em termos de matéria tinha que estudar. Tanto é que eu consegui ficar em 2º época e não só em 2º época, eu precisei correr atrás de professor particular [...]. (Entrevista - Colaborador 3)

> Você sabe que eu acho que sim. Eu acho que foi uma coisa assim, apesar de que eu nunca tive problemas com estudo, eu sempre consegui assimilar e tal, mas eu acho que sim, eu acho que foi bem puxado o EEBA por causa dos professores e não eram professores novos, o que eu recordo deles é que eles eram professores senhores [...]. (Entrevista - Colaborador 2)

Para outros, o período passado no interior dessa instituição contribuiu para a formação de uma base moral mais sólida, acrescentando-lhes valores e costumes:

> Ah sim, acrescentou muitos valores, deu base moral, costumes, pois as pessoas eram muito mais humanas. (Entrevista - Colaborador 5)

> Como formação de vida, eu acho que o EEBA, tanto os professores, tudo, contribuiu muito pro lado social da gente, sabe, eu acho que tudo que eu passo hoje para as minhas filhas eu devo muito não só aos meus pais mas ao que eu aprendi lá, assim, respeito pelas pessoas, a disciplina também porque era muito rígido e na época você falava "ah, mas precisa tanto?" as vezes a gente fazia alguma coisa, alguma brincadeira, mas hoje eu vejo a importância disso. Hoje não. Logo depois que eu saí de lá, quando você parte pra sua vida profissional, que você vai trabalhar você passa a dar muito valo àquilo [...]. (Entrevista - Colaborador 9)

> **Quando te falam EEBA o que te vem à mente?**
> Ah, um tempo bom que a gente podia ter aproveitado até mais e talvez ter estudado mais, eu estudei, mas... como tudo na vida da gente, as vezes você fala "ah, eu podia ter me esforçado mais", mas foi ótimo, um tempo muito bom, muito legal e eu acho que contribuiu sim para o que eu vivo hoje entendeu? Fazer as coisas certas, respeitar as pessoas, ter hierarquia, até porque eu trabalho na área da educação e eu acho que se tem uma hierarquia sabe, você tem que respeitar o seu chefe, respeitar o professor, o servente, mas eu vejo assim porque cada um faz o seu papel e todo mundo trabalha para um bem comum. (Entrevista - Colaborador 5)

Há ainda alunos que se referem às bases necessárias para a formação profissional como uma das contribuições dessa escola em sua formação:

> Ah, contribuiu, contribuiu sim. Tanto é que foi no 3º colegial que apareceu um grupo de estudantes da escola de Biblioteconomia de São Carlos passando nas escolas, ou só no EEBA, não me lembro porque eu não fui perguntar pro grupinho que foi lá falar sobre esse curso da Biblioteconomia e Documentação que na época era da EBDSC, [...]. (Entrevista - Colaborador 6)

> Ela contribuiu porque assim, não porque eu seja adepto à, mas eu acho que a rigidez no ensino, na avaliação do ensino, forma pessoas mais bem postadas pra vida profissional. Numa escola que não tem uma rigidez, tipo assim, se o cara faltou, se ele tem 100 aulas, por exemplo, se ele faltou em 40, você vai passar de ano. Hoje, é diferente o processo. Antigamente as pessoas eram compromissadas em querer ver se você tinha presença, pelo o que você fazia nas aulas, pelo que você realmente desempenhava em provas. Eles apertavam a gente mesmo. (Entrevista - Colaborador 7)

As reminiscências sobre a Escola Estadual Bento de Abreu nos indicam que, para além da formação acadêmica, as experiências vivenciadas durante todo o processo educativo trouxeram inúmeras contribuições para a formação de vida dos sujeitos entrevistados. Hoje, refletindo sobre o passado os fatos vividos dentro da instituição parecerem encontrar um maior significado, principalmente quando os nossos sujeitos olham o passado comparando-o com o presente.

Tendo que a memória é construída no tempo presente e está sujeita a toda reflexão e crítica, as comparações presentes nas reminiscências entre o passado e o presente são totalmente compreensivas. Mais do que compreensivas, elas nos revelam que algo mudou nas representações sobre essa instituição. Quando os ex-alunos dizem “que pena que a escola”, “na minha época era diferente”, “veja como está hoje” podemos dizer que, a aura de respeito que por tanto tempo sustentara o nome da Escola Estadual Bento de Abreu foi, de algum modo, atingida. A EEBA parece não sustentar hoje o prestígio que outrora lhe foram tão presentes.

Indubitavelmente, não podemos pensar que apenas a Escola Estadual Bento de Abreu tenha passado por esse processo de mudanças de suas características e representações sociais. Todas as escolas de nível médio do sistema público de ensino foram impactadas pelas mudanças impostas pela Lei 5.692; a precarização do ensino, tão presente nas reminiscências dos ex-alunos deve ser entendida, para além do âmbito local, como um problema vivenciado pela escola pública brasileira de um modo geral.

Ademais, vale reiterar que as mudanças efetivadas não estiveram longe das discussões e preocupações do corpo docente e administrativo da instituição; os professores lutaram para manter a cultura seletiva em suas práticas, uma cultura que aos seus olhos parecia garantir a qualidade da instituição, mas a pressão imposta pelo sistema público de ensino foi mais preponderante e maior do que as suas forças. As representações sociais sobre a “boa escola secundária” foram, indiscutivelmente, alteradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação pública brasileira vivenciou, nessas últimas décadas, um momento de mudanças e transformações que indubitavelmente modificaram os modos de ver e conceber a instrução pública, principalmente no que diz respeito à sua referência de qualidade. O público escolar que estudou nas escolas de nível médio a partir dos anos 1970 encontrou uma escola consideravelmente diferenciada em relação às gerações anteriores.

O ensino secundário no Brasil manteve, por durante muito tempo, a seletividade como característica. Além de enfrentarem a insuficiência de políticas públicas de incentivo ao acesso, bem como o número reduzido de escolas, os alunos precisavam enfrentar a grande seletividade interna das escolas devido às imposições postas pelos exames. Ingressar e prosseguir nos estudos secundários não era, portanto, algo tão acessível à grande parte da população em idade escolar. Por conseguinte, esse nível de ensino consagrou-se, nas representações sociais, com um caráter distintivo.

Nas décadas de 1930 a 1940 as Reformas Francisco Campos (1931) e Capanema (1942) consolidaram um tempo de redefinição e modernização da educação secundária brasileira, mantendo ainda o modelo de escola concebida como a educação das elites condutoras da nação, privilegiando a cultura geral desinteressada e de caráter altamente seletivo. Nesse período, encontramos uma pequena expansão do ensino primário e do primeiro ciclo (ginasial) do ensino secundário, permanecendo o segundo ciclo (colegial) e o ensino superior, com instâncias de diferenciação social.

Nas décadas de 50 e 60 do século XX a democratização das oportunidades educacionais em nível secundário se colocou como um dos maiores desafios da educação brasileira. A seletividade desse nível de ensino foi posta em xeque pela demanda social que via, nesse ramo acadêmico do ensino médio, uma tentativa de apropriação de uma cultura distintiva, mantida durante significativo tempo como privilégio de classe. A população começou a reivindicar a abertura de escolas de nível médio.

Não havia escolas suficientes e o ensino secundário (a princípio ginasial) foi forçado a expandir-se na tentativa de inibir as tensões sociais geradas por sua ínfima oferta. As medidas de expansão da oportunidade escolar enfrentaram inúmeros protestos e contaram com elevado grau

de resistência. O discurso fundamentava-se na convicção de que a democratização do ensino traria invariavelmente a queda da qualidade do ensino.

Acompanhando todas essas transformações, a Escola Estadual Bento de Abreu passou por um processo significativo de expansão entre as décadas de 1950, 1960 e 1970. A despeito de ter mantido por longo período de sua história um caráter marcadamente seletivo, essa instituição tornou seu ensino mais acessível à boa parte da população araraquarense (PEREZ, 2006).

Apesar do discurso de que a escola pública ginasial deixou de garantir o seu padrão de qualidade a partir do momento em que se expandiu, o que foi possível constatar, a partir dos estudos realizados por Perez (2006), é que a abertura e expansão desse nível de ensino modificou de forma significativa o cotidiano escolar e a realidade interna da Escola Estadual Bento de Abreu.

Certamente, o público escolar que estudou nas escolas médias a partir dos anos 1970 recebeu uma formação consideravelmente diferenciada em relação às gerações anteriores. A Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus implementada pela Lei Federal 5.692/71 impactou profundamente o funcionamento das escolas e a organização didática e pedagógica da educação brasileira, abalando os modos de compreender e praticar o ensino e alterando substancialmente as representações sociais sobre a escola pública.

A priori podemos dizer que a aplicação dessa Lei oportunizou, de certa forma, a garantia dos estudos em nível secundário. Isso porque, o primeiro ciclo do ensino médio (ginasial) foi forçadamente unido ao curso primário formando um só curso fundamental e obrigatório de oito anos (1º Grau). Quanto a segundo ciclo do ensino médio, este, denominado de 2º Grau, não foi incluído na obrigatoriedade escolar e continua sendo, até os dias de hoje, como um ponto de estrangulamento da educação pública brasileira.

A presença de uma cultura aplicável, prática, técnica e utilitarista esteve presente nas bases e formulações dessa reforma. De acordo com a Lei Federal 5.692 a educação básica deveria desenvolver as potencialidades do educando, qualificá-lo para o trabalho e prepará-lo para o exercício pleno da cidadania.

No que tange ao ensino de 2º grau (antigo colegial), o conteúdo até então marcadamente humanista que sedimentava a escola secundária foi substituído por uma cultura científica e técnica orientada para o trabalho. Podemos considerar a profissionalização obrigatória de todo o

2º grau, instituída a partir de 1971, como uma das transformações mais impressionantes pelas quais passara o ensino médio brasileiro.

Seguindo o Projeto de Redistribuição da Rede Física do Estado de São Paulo (que tinha por fim a efetiva implantação a Lei 5.692) a EEBA passou a oferecer somente o ensino de segundo grau, atendendo ao nome de Escola Estadual de 2º Grau Bento de Abreu.

Perez (2006) já havia destacado em seu estudo sobre essa instituição a presença de um conjunto de fatores que tornaram a Escola Estadual Bento de Abreu respeitada por aqueles que a procuraram e conseguiram adentrá-la. Certa nostalgia em relação ao passado sustenta, ainda hoje, uma imagem erigida por décadas e que se apresentava com mais força há anos atrás. Essa referida instituição de ensino guarda uma *aura de respeito* que pode, em grande parte, se remeter à história de sucesso construída ao longo de sua trajetória.

Um tom saudosista pode ser percebido na medida em que as pessoas relatam que, a Escola Estadual Bento de Abreu, parece hoje não manter o mesmo padrão de outrora. A escola lembrada é marcada pela seletividade, rigidez, a excelência na docência, a disciplina, os eventos cívicos e esportivos, as amizades, enfim, uma gama de recordações que cultuam essa escola, e que apresentam certo negativismo sobre a escola atual.

Perez (2006) expõe que, ao ampliar a sua oferta de vagas entre as décadas de 1950 e 1970, a imagem de escola de qualidade, que sustentava o conceito sobre essa instituição de ensino continuou a se manter nas representações sociais. Intentando reviver a memória em busca da identidade dessa instituição, encontramos na memória um alicerce para a recuperação das representações da escola pública, e foi justamente tentando compreender essa imagem mítica de uma *escola de qualidade* que há tantos anos sustenta a Escola Estadual Bento de Abreu e a *aura de respeito* que a circuncida que entrevistamos ex-alunos que passaram por essa escola e que poderiam nos trazer pistas sobre esses elementos.

Ao analisar as reminiscências de ex-alunos dessa instituição ficou-nos evidente a imagem constituída de uma escola de qualidade. E essa imagem se manifestou em diversos aspectos, quer seja trazendo status, distinção, comparação com outras instituições, quer seja pensando no cotidiano escolar, nos professores, no sistema de avaliação, na formação recebida, enfim, a EEBA, a partir das representações dos ex-alunos parece ainda manter a aura de respeito quanto ao seu nome e memória como apontado por Perez (2006).

A memória dos alunos no levam a pensar que o fato de permanecer por tanto tempo como a única opção de educação pública de nível médio na cidade de Araraquara contribuiu para a formação de uma aura de respeito em torno dessa instituição, bem como para a construção de uma imagem de escola a ser perseguida, uma escola considerada de excelência, tornando-se padrão de referência e comparativo para com outras instituições de ensino. Mais do que isso, a EEBA, como pôde ser visto nas reminiscências dos alunos era considerada uma escola ícone, representativa, uma das melhores escolas da cidade, uma excelente escola.

Estudar na Escola Estadual Bento de Abreu, uma instituição localizada na região central da cidade, parecia conferir aos alunos certo status social. A defesa por essa distinção pareceu-nos muito claramente quando os alunos relataram o sentimento de concorrência entre a EEBA e a Escola Estadual "Francisco Pedro Monteiro da Silva". Tendo que essa aparente concorrência se manifestava no âmbito dos estudantes, podemos entendê-la com uma defesa de reconhecimento social. Tomando por exemplo, a participação em eventos cívicos, tais como os desfiles de bandas e fanfarras, verificamos que, para os alunos, esse era o momento onde poderiam evidenciar as diferenças e defenderem seus espaços nas representações sociais. Realizar a melhor apresentação trazia aos alunos um sentimento de reconhecimento e projeção social.

A escola participava de eventos que envolviam a união dos estudantes fora do universo da sala de aula, como por exemplo, os campeonatos esportivos e as apresentações cívicas. Apesar de fazerem parte da rotina escolar, ao olharem com a reflexão do presente, os ex-alunos consideram essas atividades como "atrativos" da escola. Podemos considerar que essas atividades faziam parte da identidade da instituição e se colocavam como um dos meios pelos quais os alunos podiam ornamentar o status que estudar nessa instituição lhes proporcionava ao apresentarem-se para a sociedade quer seja por meio do esporte, ou por meio das apresentações cívicas. Para a instituição, mais do que exibir-se, a sua participação nesses eventos indiscutivelmente lhes garantia a conservação do seu nome nas representações sociais e a manutenção da aura de respeito que sustentava o nome da Escola Estadual Bento de Abreu.

Em 1976, em virtude da Redistribuição da Rede Física em todo o Estado de São Paulo, apenas duas escolas públicas passaram a oferecer o ensino de 2º Grau na cidade de Araraquara: a Escola Estadual de 2º Grau "Bento de Abreu", e o Centro Interescolar "Profa. Anna de Oliveira Ferraz". Inúmeros alunos precisaram ser remanejados e a EEBA precisou atender estudantes

advindos de diferentes escolas e bairros da cidade. As diferenças sociais de distinção entre as instituições de ensino foram abaladas.

Tendo em vista o status e a distinção que a EEBA possuía, podemos considerar que talvez, para alguns alunos que com essa redistribuição tiveram a oportunidade de ingressarem nessa escola, isso pudesse ter representado uma conquista significativa. Por outro lado, podemos considerar que, para os alunos que já estudavam nessa instituição, receber em "sua" escola estudantes oriundos de diferentes bairros da cidade e de diferentes escolas talvez representasse certa ameaça em um campo que por eles era dominado. O status social que diferenciava a EEBA e a aura de respeito que a sustentava poderia estar ameaçada.

Tão logo, o discurso de que a escola pública deixou de garantir o mesmo padrão de qualidade a partir do momento em que se expandiu encontrou-se presente nas representações aqui analisadas, principalmente entre aqueles alunos que já estudavam na EEBA e tiveram que lidar com a presença de novos alunos. Os alunos que desfrutavam do privilégio de estudar nessa escola tão bem posta nas representações sociais da época, colocaram-se no direito de negarem esse processo e de não quererem perder a distinção social que estudar na Escola Estadual Bento de Abreu lhes figurava.

Por meio das reminiscências dos ex-alunos da EEBA podemos também apreender a forte relação entre qualidade de ensino e rigor, principalmente no que se refere aos professores. A imagem quanto aos professores apoiava-se no rigor, na exigência, na cobrança nos exames e no compromisso com a escola e, tais práticas, pareciam confirmar a imagem de qualidade da escola.

Os professores encontraram sólida presença na figuração de aura de respeito em torno na escola, bem como na própria história da instituição. A excelência na docência esteve presente em grande parte das rememorações. O papel exercido pelos professores e a rigidez com que ministravam suas disciplinas é hoje valorizada pelos ex-alunos; para eles o rigor de outrora estava intrinsecamente ligado à capacidade dos professores e, por conseguinte, atrelado à consolidação da qualidade do ensino da EEBA.

A disciplina esteve presente nas rememorações dos alunos para além da sala de aula. O processo disciplinar se fazia presente desde o horário de entrada até o horário de saída da escola, seja pelo cumprimento dos mesmos, o uso dos uniformes, a carteirinha de identidade e controle, o comportamento nos recreios, enfim, os alunos deveriam seguir uma linha disciplinar a ser inspecionada por professores, funcionários e diretores. A organização e a ordem davam um clima

salutar à escola. Não obstante, podemos pensar que a prática do controle escolar talvez fosse uma tentativa da própria instituição de zelar por esse procedimento que, por durante décadas tenha lhe possibilitado a disciplina dos seus alunos e a consagração de seu nome como uma instituição prestigiosa, com uma aura de respeito construída, uma imagem de sucesso escolar.

As reminiscências também indicam que o sistema de avaliação era um referencial de qualidade da instituição e um dos elementos constitutivos da aura de respeito que cerca essa escola. Apesar das novas indicações avaliativas postas pela Lei 5.692 os alunos podiam sentir as exigências impostas pelo criterioso sistema avaliativo ainda configurado; os altos índices de reprovação e a dificuldade em se alcançar os conceitos plenamente satisfatórios nas disciplinas atestam isso. Tanto os alunos quanto os professores precisaram se adaptar a nova finalidade imposta sobre o nível médio de ensino.

De certa forma, os alunos sabiam que, estudar em uma escola considerada por muitos como a melhor escola da cidade, lhes implicaria seguir certos padrões para que essa mantivesse lugar de destaque nas representações da sociedade araraquarense.

A cultura humanística que esteve presente por tanto tempo no ensino secundário e que lhe atribuía uma distinção social, status e privilégios, perdeu o seu valor; os conhecimentos técnicos e científicos ganharam evidência e passaram a ser valorizados a partir da Lei 5.692. Inevitavelmente, nesse contexto, a representação social da escola de nível médio foi alterada.

Os alunos da EEBA não passaram imunes a essas mudanças e tiveram de se adaptar a elas. Com apenas 16 anos em média os alunos precisaram escolher uma habilitação que lhes capacitassem para o mundo do trabalho. Mas, além de terem de escolher uma "profissão" tão precocemente, o tempo para tal fora muito curto e com poucas informações. A escolha das habilitações profissionais propostas pela Lei 5.692 foi um tiro no escuro.

Embora a proposta da Lei fosse a formação profissionalizante essa não nos pareceu ser a verdadeira intenção dos alunos. As reminiscências nos apontam que seguir nos estudos de nível superior ainda continuava a ser o maior objetivo de ingressar na escola média. Tão logo, a corrida aos cursinhos pré-vestibulares se mostrou como uma solução recorrente em resposta a essa intenção.

As recordações sobre a Escola Estadual Bento de Abreu nos revelam que, mais do que a própria formação acadêmica, as atividades desenvolvidas durante todo o processo educativo trouxeram inúmeras contribuições para a formação de vida dos ex-alunos entrevistados. Ao

comparar o passado com o presente, os fatos vividos no tempo escolar parecerem encontrar um maior sentido e significado.

Indubitavelmente as mudanças instituídas pela Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus modificaram substancialmente o funcionamento das escolas e a organização didática e pedagógica da educação brasileira. Os novos modos de compreender e praticar o ensino e alteraram as representações sociais sobre a escola pública. A Escola Estadual Bento de Abreu não esteve imune a todo esse processo e, de maneira inevitável a sua imagem fora atingida, a sua aura de respeito abalada.

O que nos é interessante observar, através da análise das entrevistas, é que a memória não desobriga os deslizes da história, a memória é permeada pelo tempo presente, ela não deixa de lado as reflexões hoje postas pelos sujeitos. Hoje eles vêem a importância das experiências vividas no tempo escolar. Desse modo, devemos ter claro que a memória aqui apresentada reflete as representações que hoje os sujeitos têm sobre essa escola quanto à década de 1970 e não de fato o que essa escola significava no período estudado.

Há de se destacar que representações se revelaram como uma fonte em potência para o resgate da história da educação brasileira, principalmente porque é possível ascender à peculiaridades que também fizeram parte da história. Vale ainda salientar os limites desse trabalho, ainda há muito que se estabelecer entre as fontes da memória e a educação brasileira, porém nessa pequena amostra, pudemos apresentar as possibilidades de utilização dessa fonte de pesquisa de modo a enriquecer o trabalho do historiador da educação.

Ademais, queremos aqui destacar que o trabalho maior do historiador é o de compreender a relação do singular com o geral, já que nenhuma Instituição Escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado, se tomada apenas em si mesma. Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social, ela produz memórias ou imaginários, ou seja, é muito mais do que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem, aprenderem etc. O movimento inverso também ocorre, pois a instituição é objeto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros. É preciso, portanto, ressaltar que a história das instituições escolares é a história da própria educação e não uma mera subdivisão dela. Como toda parte se relaciona com o todo, ao compreendermos uma instituição, amplia-se a possibilidade de compreensão da Educação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral:* a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1989.

ARARAQUARA. Diretoria de Educação e Cultura. *Relato sobre Araraquara*. Araraquara, 1976.

ARARAQUARA COMO ELA É. Araraquara – 1974. *O Imparcial.* Araraquara, ago. 1974.

AZANHA, José Mario Pires. Democratização do ensino: vicissitudes da idéia no ensino paulista. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 335-344, mai/ago.2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. *Reforma do ensino*: 1º e 2º Graus. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1971.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade:* lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1990.

CORREA, Anna Maria Martinez. *História Social de Araraquara.* Tese (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1968.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira:* leituras. São Paulo: Tomson, 2003.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. *História social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

LOPES, E.L.V. Memória Fotográfica de Araraquara. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 1999. CD-ROM.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (Orgs.). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 15-26.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento sobre a história das instituições educativas. In: SOUZA, Cynthia Pereira e CATANI, Denice Barbara (Orgs.) *Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente.* São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (Orgs.). *Para a História do Ensino Liceal em Portugal – Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga: Universidade do Minho, 1999, p. 63-77.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral.* São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MINGUILI, Maria da Glória. *Direção de Escola Estadual de 2º Grau no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1984.

NADAI, Elza. *A educação como apostolado:* história e reminiscências (São Paulo 1930-1970). São Paulo, 1991, 450f. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

NUNES, Clarice. *Escola & dependência:* o ensino secundário e a manutenção da ordem. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

NUNES, Clarice. O "velho" e "bom" ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, mai/jul/ago 2000, p. 35-60.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ARAUJO, Gilda Cardoso. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr 2005, nº 28, p. 5-22.

PEREZ, Maria Isabel. *História de uma instituição pública de ensino secundário:* implicações da democratização do ensino na cultura escolar. Dissertação (Mestrado em Educação escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural.* Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PILETTI, Nelson. *Ensino de 2º Grau. Educação Geral ou profissionalização*. São Paulo: EPU, 1988.

ROMANELLI, O. O. *História da Educação no Brasil: 1930-1973*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RUS PEREZ, José Roberto. *Avaliação, impasses e desafios da educação básica*. São Paulo: Annablume; Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *Política e educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2002.

SHIMIZU, Kumiko Sueli. O "Mackenzie" de Araraquara. In: *Concurso de Monografias: Histórias de Araraquara no decurso dos 100 anos da República (1889-1989)*. Araraquara: Departamento de Cultura e FUNDART – Fundação de Arte e Cultura, 1990.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *A escola e a memória*. Bragança Paulista: IFANCDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:* (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de; FISCARELI, Rosilene Batista de Oliveira. Símbolos da excelência escolar: história e memória da escola pública inscrita em troféus. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 14, mai./ago. 2007, p. 95-115.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. *Política e Administração do Pessoal Docente* (Um Estudo Sobre A Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo). São Paulo: FEUSP, 1988.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado:* história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VALDEMARIN, V. & SOUZA, R. F. de. (Orgs.). Cultura escolar: história, práticas e representações. *Cadernos CEDES*, n. 52, 2000.

FONTES PRIMÁRIAS

ATA de Resultados Finais, 1976-1977. Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. AD/SEC/ARF/1976-1977/CX28.

ATA de Resultados Finais, 1978. Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. AD/SEC/LAE/15/CSG/1978.

ATA de Reunião do Conselho de Professores do Instituto de Educação Bento de Abreu, 1970-1977. Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. AD/SEC/LAC/04/1970-1977.

ATA de Reunião Pedagógica dos Professores do Instituto de Educação Estadual Bento de Abreu, 1971-1984. Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. AD/SEC/AR/04/1971-1984.

PLANTA Geral da Cidade de Araraquara: Guia Santini, 1969.

TERMO de Visitas dos Inspetores Regionais, 1977-1992. Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu. AD/SEC/LVi/OS04/1977-1992.

Acervo da Cultura Material Escolar da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara.

Arquivo Permanente da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara.

ENTREVISTAS

BORIN, Izabel Cristina. Ex-aluna da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em sua casa, à autora em 14 de novembro de 2009.

CHRISTIANO, Suzeli Bolsoni. Ex-aluna da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em sua casa, à autora em 16 de setembro de 2009.

FRANCISCHINI, Clélia Pucca. Ex-aluna da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em sua casa, à autora em 12 de novembro de 2009.

GRECCO, Edson. Ex-aluno da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em seu local de trabalho, à autora em 29 de outubro de 2009.

MARTHO, Marina Gaudiosi. Ex-aluna da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em seu local de trabalho, à autora em 28 de outubro de 2009.

NAGLE, Maurício Meirelles. Ex-aluno da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em seu local de trabalho, à autora em 14 de setembro de 2009.

PAVANELO JUNIOR, Reinaldo. Ex-aluno da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em sua casa, à autora em 24 de setembro de 2009.

PEREZ JUNIOR, Daniel Munhoz Garcia. Ex-aluno da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em seu local de trabalho, à autora em 11 de novembro de 2009.

SANTOS, Brauner Brandão dos. Ex-aluno da Escola Estadual de 2º Grau “Bento de Abreu”. Entrevista concedida em seu local de trabalho, à autora em 11 de novembro de 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM EX-ALUNOS

1. Como foi sua carreira escolar antes do ingresso na EEBA?

2. O que significava estudar na EEBA?
   - Qual era a imagem que se tinha da escola?
   - O que ela representava?

3. Como foi o processo de escolarização na EEBA?
   - Relação com professores
   - Relação com alunos
   - Relação com funcionários
   - Questão da rigidez; Conteúdos; Avaliação

4. Como era o cotidiano escolar?
   - Atividades, Aulas, Recreio, Festas, Banda Marcial, Coral, Fanfarra, Grêmio Estudantil...

5. Havia um discurso de distinção por se estar estudando na EEBA?
   - O que os funcionários/professores diziam sobre a instituição?

6. Havia espaço para trocas, discussões, sugestões, reclamações?

7. O que essa instituição contribuiu para sua formação e sua vida?
   - Vestibular: a escola pública foi suficiente?

8. Como você vê hoje a escola?
   - Ela sofreu mudanças?
   - Ela mantém o mesmo padrão?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS

Eu, _____, estado civil _____, RG n.º _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada e transcrita para leitura em __/__/____ à Muriel Carmo Lameira Ancelmo, casada, RG n.º _____, para ser usada integralmente ou em partes com a devida citação como fonte para sua Dissertação de Mestrado, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Araraquara.

De igual modo, autorizo a audição e o uso de citações a terceiros, ficando vinculado o controle e a guarda da mesma ao Departamento de Ciências da Educação da FCLAr da UNESP, sob a salvaguarda do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Instituições Educacionais, a fim de que seja preservada como fonte da história da educação secundária brasileira, de modo destacado da educação pública paulista.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes sobre esta entrevista, subscrevo o presente termo de cessão.

_____

Araraquara, ____ de _____ de 200__.

APÊNDICE C – ENTREVISTAS COM OS EX-ALUNOS

Entrevista concedida pelo *Colaborador 1*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 28 de outubro de 2009
Local da Entrevista: No trabalho do colaborador

Você se lembra em que escolas você estudou antes de estudar no EEBA?
Na época era diferente a nomenclatura, no começo era o Grupo Escolar? O Grupo eu fiz no Antonio J, o Ginásio no Antonio dos Santos que era aqui em frente o cinema e agora mudou, no JBO, lá embaixo. E o 2º Grau eu fiz no EEBA. Inclusive na época era até pra eu ter ido pra Vila, pro Chicão como eles falavam, mas eu consegui ir pro EEBA. Não lembro na época do porque, eu sei que pelo endereço, pela distância, acabei ficando no EEBA.

Significava alguma coisa estudar na EEBA?
Na época significava sim. Naquela época o EEBA era considerado umas das melhores escolas de Araraquara, do Colegial. Nós tínhamos aqui o Progresso, mas em matéria de nível de ensino o EEBA era melhor, então significava e, a gente via isso nas escolas em relação ao EEBA. Eu me lembro, na época, que foi forte porque no Ginásio eu tive boas notas, então eu acabei indo pra lá. No EEBA o diferencial era esse: quem ia bem no Ginásio ia pro EEBA.

Para a sociedade, para os seus pais, para os seus amigos, a escola tinha uma boa imagem?
Tinha, na época o EEBA era uma boa escola, na época estudar no EEBA era só por uma questão de amizades, não me lembro na época se tinha algum status. Não havia status, pelo menos não pra mim, era uma questão só de amigos e de bom ensino. Status era no progresso, que era uma escola que você tinha que pagar, mas o EEBA não, o EEBA era porque a maioria dos meus amigos, por onde eu morava, pelo meu endereço e todo mundo tava ali, embora eu tivesse amigos em outras escolas, mas a maioria era lá. E lógico, o primeiro item era que era a melhor, era uma das melhores em Araraquara e eu fazia questão de estudar lá, não por questão de status.

Você se lembra como foi o seu processo de escolarização lá dentro, por exemplo, na sua relação com os professores?
É foi boa, foi boa. No primeiro ano no EEBA (eu sempre quis estudar de manhã, às vezes, aqui por exemplo, nessa escola, no Ginásio, eu tive aula à tarde, tive aula à noite, os horários as vezes não batiam, eu tive aula de manhã, era meio complicado por causa do horário e no EEBA não, existia horário de manhã, tarde e a noite e a minha idéia era estudar de manhã) mas no primeiro ano não teve vagas na manhã e eu estudei no período da tarde e era diferente, era outro ambiente, diferente do Ginásio. Ai no 2º e no 3º não, eu fui pra parte da manhã e foi legal, foi tudo bem.

E como eram os professores?
Eram bons, muito bons, inclusive alguns deles eram pais de amigos. E é lógico, quando você é adolescente você tem assim alguns maus entendidos, mas naquela época não tinha maldade.

Você se lembra dos seus amigos, como vocês se relacionavam na classe.
Na teoria a cidade não era tão grande como é hoje e você conhecia a maioria. Na verdade eu poderia dizer assim, como acontece muito hoje, os seus amigos da escola não são os seus amigos da vida social, mas no EEBA era diferente, uma boa parte da minha amizade social eram os meus amigos de escola também, de clube (eu sempre joguei futebol e muitos deles jogaram comigo, iam no clube), então ali você tinha amigos, a convivência não era só na escola, era fora da escola, e é lógico que com uns mais com outros menos, mas era diferente de hoje.

Você se lembra dos funcionários da escola? Inspetores, secretárias?
Não lembro. Tinha inspetores, mas eu não lembro.

Ou o que eles faziam na escola?
É, eu lembro, mas não lembro da pessoa, eu lembro do pessoal que eram inspetores de alunos, o pessoal que fazia a limpeza, a escola era bem limpa, depois do intervalo eles iam lá limpar. Eu me lembro de um ou outro, mas não era da época do EEBA, tinha um inspetor que era amigo do meu pai, então eu lembro dele, mas lá do EEBA não, mesmo

porque sempre foi um relacionamento normal, nunca teve nada de excepcional, nunca tive problemas com eles, não aconteceu nada de mais.

Você se lembra como funcionavam as aulas? Como era o cotidiano escolar?
Eu lembro assim, que a gente não trocava de classe eram os professores que vinham na classe. Eu estudava de manhã, acho que era umas 7:10 da manhã e a gente saía acho que 12:20, se não me engano. A tarde, eu não me lembro se a tarde tinha laboratório, ou se o laboratório era de manhã, mas era normal.

Atividades?
Não, atividades a gente não tinha, a não ser Educação Física.

Você participava da Educação Física?
É naquela época não tinha futebol, você jogava basquete, vôlei, mas pra quem gosta de esporte faz parte.

Você participava dos times?
É... de Educação Física. Da escola assim eu não me lembro. A escola tinha time de vôlei, tinha um pessoal que jogava nos Jogos da Primavera e a gente ia assistir, mas não tinha na época o futebol, então eu não participava, mas eu ia assistir. E até mesmo porque essa parte dos jogos a gente gostava muito. Até teve uma passagem interessante que eu era aluno do EEBA e minha irmã estudava numa outra escola, eu era técnico do time da minha irmã e jogava contra o EEBA, foi um ano que eles perderam o técnico e eu fui lá, eu não entendia nada de vôlei, mas eles estavam precisando de alguém no banco aí eu fui lá, nós não ganhamos nada, mas foi legal.

Você se lembra se na época em que você estudava lá tinha banda marcial, fanfarra?
Tinha, tinha uma banda marcial muito boa, muito famosa. Ela ia até fazer apresentação em escolas. O EEBA era, alias ela era a melhor, até brigava com a Banda do Chicão da Vila, mas não tem comparação, a banda do EEBA....eles não conseguiam, eles nunca conseguiram.

E Grêmio estudantil?
Tinha também, mas eu não participei. No começo, acho que foi até no primeiro ano, tinha um pessoal que criou o Grêmio e eu tinha amizade com eles e ia lá de vez em quando e ouvia, mas não fazia parte da diretoria.

O que você fazia lá?
Ah, bater papo, às vezes tinha jogo de pingue-pongue e... era só isso. Até na faculdade tinha, quando tinha pingue-pongue na faculdade eu ia, sinuca não, naquela época não tinha porque não podia.

Pensando um pouquinho do que você se lembra das suas aulas, dos seus professores, você se recorda como eram as avaliações? Como vocês eram avaliados? Tinha rigidez ou não?
Tinha, tinha rigidez. As aulas eram muito boas, tudo escrito na lousa, o professor não tinha preguiça de escrever na lousa, eles enchiam a lousa, a gente enchia o caderno de tanto escrever. A avaliação era muito boa, a escola era muito boa, mas é lógico que não era uma escola completa, você não conseguia sair do EEBA e entrar numa faculdade, entrar numa faculdade de alto nível, de um padrão alto, numa escola mediana você tinha essa possibilidade. E bem nessa época que eu estava saindo do EEBA veio pra Araraquara o Objetivo, o cursinho pré vestibular que chegou em Araraquara, tinha o do Poli, mas era um cursinho não tão famoso como era o Objetivo. Você precisava fazer cursinho para a Faculdade, mesmo porque não era nem uma questão do ensino no EEBA porque pro EEBA, pelos três anos era um ensino muito forte, muito bom, mas você tem que condensar desde o ginásio mais o ensino médio pra você prestar o vestibular, então o cursinho é necessário, mas nesse período do EEBA o ensino era muito forte.

Você fez habilitação em Química, você se lembra como foi essa escolha?
Foi uma escolha de... eu não lembro na época.... tinha Pedagogia, Química e eu não lembro se tinha alguma outra coisa, não lembro o que tinha, mas eu optei pra Química porque tinha mais aquilo que eu gostava, eu queria engenharia então pra minha área tinha que ser exatas e não o que não era exatas... Então tinha Química, Pedagogia nessa área de humanas, e eu não lembro se tinha Biologia, então eu fiz Química porque era da área de exatas, que é a minha área até hoje.

Lá na escola você se lembra de haver espaço pra trocas, sugestões, ou não havia esse espaço para você fazer reclamações, sugestões?

Não me lembro. Teve uma época que não teve não. Houve um diretor lá, eu não me lembro o nome dele, na fase desse diretor não existia essa abertura não, mas nada que nos atrapalhasse porque a gente cresceu num sistema rígido familiar e escolar, sempre foi rígido, onde o pessoal mais velho era respeitado e, eu também não achava que naquela fase estava preparado para opinar ou melhorar aquilo, eu pelo menos achava que eu tinha que aprender mais e não tinha experiência o suficiente pra poder discutir, diferente de hoje. Hoje a molecada sai e acha que sabe tudo, eles acham que podem discutir de igual pra igual, pode até discutir, mas não em todos os assuntos. E naquela época a gente era bem simples, você tomava um cuidado danado pra discutir algum assunto.

Você acha que o EEBA contribuiu em alguma coisa para a sua formação?
Contribuiu porque ela era uma escola séria, principalmente os professores. Independente de qualquer coisa eles mantinham sempre a linha, eles sempre mantinham o padrão, eles sempre mantinham o nível de estudos, um sistema fantástico, não faziam diferenças entre um e outro. Então se a escola servia pra você, muito bem, se não servia então saía, só que o EEBA era muito bom, eles não faziam como hoje que a escola faz como o aluno quer, lá não, nós tínhamos que nos adaptar ao EEBA, eu me lembro de algumas pessoas que não se adequavam e trocavam de escola, tinham escolas em Araraquara mais fáceis, vamos dizer, mais *light*. Lá no EEBA você sabia que tinha que manter o nível de aprendizado porque a exigência existia e você ia enfrentar isso, ou até pior, na vida profissional. Foi o que eu consegui entender deles. Se lá nós encontrássemos um ambiente onde o aluno aperta e mudam o jeito de ensinar, então o aluno pensaria "ah, a vida é assim, eu consigo fazer o que eu quero!" e é o que acontece hoje com muitos jovens, eles forçam e o caminho muda em relação à vontade deles. Muitos dos meus amigos aprenderam logo cedo que era duro, era difícil, e nós tínhamos que enfrentar isso. Foi bom, foi muito bom, tanto é que a maioria dos que estão aqui, não tem nenhum bandido, nenhum marginal.

Você falou um pouquinho dos alunos do EEBA, vendo o EEBA hoje, você acha que houve alguma mudança?
Eu acho que embora o EEBA seja uma escola pública (e hoje a escola pública não está legal, por fatos que a gente vê na televisão, por comentários dos professores) eu nunca mais tive contato com ela. Eu escuto algumas conversas de alguns alunos, às vezes você passa e ouve sobre escola pública em Araraquara e ainda o EEBA é a mais popular, o pessoal ainda prefere o EEBA. O EEBA dentro do ensino público, eu vejo que os alunos ainda gostam de lá, alguns procuram o EEBA, acham legal estudar lá. Não sei o que mudou. Mudou, mas não sei o que manteve, alguma coisa ainda existe lá daquela época.

Bom, eram essas as perguntas que eu queria lhe fazer e eu queria agradecer a sua disponibilidade e a sua ajuda!

Entrevista concedida pelo *Colaborador 2*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 12 de novembro de 2009
Local da Entrevista: Na casa do colaborador

Você se lembra em que escolas estudou antes de entrar na EEBA?
A primeira série eu fiz naquela lá na 36, o Culturato, o Francisco Sales Culturato, aí eu mudei pro Antonio Lourenço Corrêa na Vila.

Você morava da Vila?
Do São Geraldo eu mudei para a Vila. A maioria desses aqui[57] eu conheci lá no Antonio Lourenço Correa aí 5ª série, o Ginásio, lá no Chicão, então havia assim uma rivalidade entre Chicão e EEBA e eu nem sei porque, mas aí eles mudaram tudo porque acho que tinha Ginásio e Colegial no EEBA, alguma coisa assim, e no Chicão também, aí o Chicão não tinha mais o pessoal do colegial, o pessoal do Chicão teve que passar pro EEBA. Eu achei uma dificuldade no 1º colegial lá porque era um pessoal todo diferente, diferente daqueles que você tinha convivido e aí o colegial eu fiz lá no EEBA.

E você lembra, naquela época, e você falou um pouco sobre essa rivalidade...
Alguém falou sobre isso?

Você se lembra, naquela época o que significava o EEBA dentro dessa rivalidade?
O EEBA era uma das escolas mais bem cotadas, e era, eu não sei se por a Vila ser separada por esses viadutos, então tinha um certo preconceito com o pessoal da Vila, assim, era o que eu sentia, mas era uma escola muito 10, eles eram atuantes, tinham Banda, essas coisas, sabe, e o que eu vejo era assim, um pouco de preconceito pro pessoal da vila só, não eles lá, porque antigamente a gente não ia pra escola particular, só ia pra escola particular, diferente de hoje, os alunos ruins, que não conseguiam entrar porque tinha vestibulinho pra entrar em escola do Estado e quem fazia o EEBA era bem cotado. Então é bem diferente de hoje, muito diferente.

Você se lembra como foi o seu processo de escolarização lá dentro do EEBA? Por exemplo, com os professores?
Acho que desde o 1º colegial era a Inaya na direção, então ela era muito rígida, aluno não entrava sem uniforme; sala de aula, dava o sinal tinha que estar todo mundo lá dentro, a organização era assim, muito, muito rígida. Agora escolarização eu acho que era normal, não me lembro direito.

Você se lembra dos professores?
Eu lembro da professora de Química que era a Dona Terezinha, o Pezza que era professor de Matemática e ele é inesquecível, quem mais? Nossa gente, faz muito tempo!

Ou como que os professores se portavam em relação aos alunos, como era a relação entre vocês e eles?
Muito diferente. Aluno era aluno, professor era professor. Não tinha essa de como hoje não respeitam, não tinha, a gente tinha muito respeito pelo professor, sabe, a gente também não era santo, mas o professor era muito respeitado, ele entrava na sala de aula e dava a aula dele e todo mundo ficava quietinho. Naquela época, eu não me lembro se no primeiro colegial você tinha que se levantar pro professor entrar, acho que foi lá no EEBA ainda, o professor chegava e você se levantava pra ele entrar, então, era muito diferente, hoje é muito diferente.

Você se lembra da rotina das aulas, como vocês eram, pro exemplo, avaliados? Como era a questão das provas, conteúdos?
Então, eu acho que tinha alguma matéria que era uma prova oral, eu acho até que era Português, alguma coisa assim, não me lembro direito e prova... prova, prova mesmo, não tinha muito choro nem vela, se não passou, não passou aí acho que tinha uma prova de avaliação final.

E como era tirar nota naquela época?
Ah, não era fácil. Não é que não era fácil, eu nunca tive problemas, teve um ano lá que eu fiquei de recuperação, acho que era recuperação que falava, de Química e eu fazia o ano e depois fazia essa matéria paralela, mas aí você

[57] Referindo-se aos alunos do 3º F.

tinha que correr atrás, você tinha que fazer trabalho, muitas coisas pra conseguir nota. Não era fácil não, era bem puxado, eu me lembro.

Você se lembra dos funcionários da escola, se tinham funcionários como inspetores, secretaria?
Gozado, do Chicão eu lembro e de lá eu não lembro. Mas deixa eu pensar. Não me lembro mesmo.

E dos recreios? Você tem memória da parte fora da sala de aula?
Ah, era normal. O EEBA era uma escola muito fechada, você descia (a minha sala ficava em cima) e você descia a escada e já estava pátio que era todo coberto, aí tinha um jardim, até quando eu tava no 2º ano, tinha a Professora Darci que eu me recordo, que era professora de Educação Física e era mãe de um aluno, de um menino que estudava com a gente, não sei se você ouviu falar do Leto, acho que era no 2º colegial, aí eles jogaram uma bomba pela janela e caiu no lago... foi terrível.

Você falou no comecinho de Banda Marcial e Fanfarra, ainda tinha na época em que você estudou no EEBA?
Eu lembro do que passou no Chicão, não sei porque, como lá era uma seqüência do que eu vinha, saí do Antonio Lourenço e foi a turma toda pra lá, então aqui eu lembro muito das pessoas que faziam parte da Banda e tudo, agora lá, eles tinham e eu acho que era a Valéria, será que era a Valéria? Uma das meninas que não sei se era baliza ou se tocava alguma coisa na banda. Porque aqui no Chicão eu fiz parte e lá não, então pra mim foi assim, foi cortado um vínculo, porque a gente tinha amizades, você estava em casa, porque a minha casa sempre foi perto da escola.

E como você ia pro EEBA?
De ônibus, pro EEBA eu ia de ônibus. Eu sempre morei na Vila e de lá eu ia de ônibus.

Você fez habilitação em Química no 2º Grau, você se lembra como foi essa escolha?
E eu sempre fui mal em Química, sempre! Tanto é que não sei se tem aí uma dependência minha em Química. A gente tinha a professora Dona Terezinha que era muito brava, muito brava e tinha umas coisas que eu não entendia. Eu não sei, eu nem lembrava disso, que eu fiz Habilitação em Química, nem sei porque! Acho que a maioria fez eu fui no embalo, eu não me lembro não.

Você falou um pouquinho sobre a competição entre Ginásio da Vila e EEBA, você se lembra se quando você foi fazer o 2º Grau no EEBA se havia entre os professores ou até mesmo pela própria direção um discurso de valorizar a escola, de dizer que ali era uma boa escola e vocês deveriam fazer jus por estar estudando lá? Ou não havia esse tipo de comentário?
Ah, eu acho que não. Não me lembro. Mas entre os alunos tinha sim.

Como?
Ah, não sei, sempre teve uma diferença entre o EEBA e o Ginásio da Vila. Nem sei porque. Hoje não tem nada a ver, mas tinha sim uma rivalidade.

Você se lembra se teve formatura?
Não me lembro. Olha! Foi em 78? Trinta e um anos! Olha se teve eu acho que não participei porque eu não me recordo. Não me recordo mesmo.

Você falou também de rigidez, que tinha que ir de uniforme, não entrava sem?
Ah não. Era uma camiseta, e agora não me lembro se era uma calça jeans que usava, não era que nem hoje que a criança vai pra escola de qualquer camiseta, de barriga de fora, nada disso, era uniforme mesmo.

Você participava da Educação Física?
Participava.

Dos times também?
Eu nunca fui boa de vôlei, essas coisas. Eu participava assim, nas aulas, mas tinha um time lá que o pessoal jogava muito, mas eu nunca fui muito boa nisso. Quando tinha os jogos a gente ia torcer.

Você se lembra se a escola era um lugar aberto pra trocas, discussões, sugestões, reclamações ou era um espaço fechado?

Não. Eu nunca senti o que a gente tem hoje, eu vejo os meus filhos, a professora liga pra ele pra conversar, pra saber como ele vai fazer, apesar de que ela é uma professora universitária, mas eu acho que na época a Inaya era muito sargenta, então a gente tinha um medo dela sabe, porque ela aparecia lá no corredor e ela era toda imponente e eu nunca achei que teve muito espaço, apesar de não ter participado ativamente da Associação que tinha entre os alunos, como é que chamava?

Grêmio?
Não, não era Grêmio.

Diretório Acadêmico?
Isso Diretório Acadêmico, apesar de não participar, mas era uma coisa assim, sabe, você via que o pessoal brigava muito por liberdade de expressão, não sei o que, mas eu não acho que tinha abertura, ela não dava abertura, era aquilo e pronto.

Você acha que o EEBA trouxe alguma contribuição pra sua formação pessoal, profissional?
Olha, eu acho que o colégio da época era o EEBA, até quem estudava no EEBA achava que tinha um pouco de status porque era uma escola boa, uma escola pública, os professores muito bons, muito bons mesmo, então, eu acho assim que ajudou muito.

Você deu seqüência em seus estudos?
Eu prestei vestibular pra fazer Odonto e eu passei na 1ª fase, aí na 2ª fase a minha mãe ficou doente e aí eu precisei parar e ajudar ela, ela tinha uma casa de frios e eu fiquei ajudando. Aí eu prestei e fiz Administração no ano seguinte.

E você acha que a formação que você recebeu no EEBA foi suficiente pra prestar o vestibular?
Você sabe que eu acho que sim. Eu acho que foi uma coisa assim, apesar de que eu nunca tive problemas com estudo, eu sempre consegui assimilar e tal, mas eu acho que sim, eu acho que foi bem puxado o EEBA por causa dos professores e não eram professores novos, o que eu recordo deles é que eles eram professores senhores sabe, que nem o Pezza, pra quem você for falar de lá eles vão lembrar dele porque ele era uma pessoa muito diferente, a Professora Terezinha de Química também que eu me lembro muito. Agora eu não me lembro de mais nenhum, mas... quem mais heim? A professora Darcy... olha Muriel, antes de você vir eu fiquei pensando e eu falei "meu Deus, mas o que eu vou falar pra ela?".

Você continua aqui na cidade e tem oportunidade de ver o EEBA, ouvir falar, da época em que você estudou lá você acha que o EEBA teve alguma mudança?
Nossa! Eu acho que decaiu muito é uma judiação, uma judiação. Porque o meu sobrinho estudou lá, minha sobrinha estudou lá e olha, é droga, você vê alunos que apedrejaram o caro de um professor, nossa, você vê um monte de problemas.

Na sua época não tinha isso?
Na minha época o professor era professor, aluno era aluno, sabe, ninguém ia lá bater boca com o professor, discutir, nada disso. Não era uma barreira, era um respeito que tinha entre o professor e o aluno, não é como hoje onde o aluno xinga o professor, essas coisas, não, era um respeito bem assim, tipo, você tinha o respeito com a sua mãe em casa e com o professor na escola. Hoje não, hoje é muito diferente, muito, muito. Mudou a direção lá também, não sei, mas eu acho que tudo mudou, eu acho que o EEBA poderia continuar sendo o que ele era, uma escola bem... e era uma escola fechada, os portões ficavam fechados, ninguém de fora entrava, nem no intervalo, então você saía de lá a hora que acabava a aula, que abriam os portões, hoje a escola fica totalmente aberta, entra quem quer, sai quem quer. Ah, era bem assim, você ia pra escola pra estudar.

Quando te falam EEBA o que te vem à mente?
Ah, eu me lembro muito assim da convivência, porque eu fiz muita amizade boa lá que até hoje a gente se encontra e fala "ah, nossa, você lembra disso, lembra daquilo" e pra mim foram pessoas que mudaram muito, porque quando você faz parte de um bairro, então eu nunca sai dali, sempre estudei dentro do meu bairro aí eu saí e fui do outro lado da cidade, então você tem a oportunidade de conhecer pessoas diferentes, jeito de lidar com pessoas, como as pessoas vivem porque a gente fazia muito trabalho em casa sabe, era muito legal, então juntava três, quatro e ia fazer o trabalho na casa de uma depois outro dia na casa da outra, até outro dia a gente tava conversando "ah, lembra de quando eu ia estudar na sua casa" então era muito gostoso, eu não sei se a gente tinha mais liberdade de andar na rua,

as mães da gente não se preocupavam tanto, eu saía da minha casa e ia a pé na casa das amigas mesmo sendo longe, era gosto. Hoje é um massacre você pegar um filho e andar daqui a ali, ele não vai. Era muito gostoso sim!

Você falou que teve que sair do Colégio da Vila porque ele não ia mais oferecer o colegial. Só tinha o EEBA pra ir?
Eu acho que sim, porque aqui não tinham muitas escolas. Tinha o EEBA e eu acho que tinha o Industrial talvez, eu não me lembro. Eu acho que sim, e aí algumas pessoas migraram pra escola particular. Hoje tem muita escola particular, você quer entrar numa Faculdade você vai pra uma escola particular, lá não, lá todo mundo brigava, tinha um vestibulinho pra você entrar, você tinha que fazer o vestibulinho pra ver se você alcançava a nota pra entrar.

Você teve que fazer pra entrar no EEBA?
Eu acho que eu tive sim, eu acho que sim. Agora de outras escolas de Colegial eu não me recordo. Eu acho que eles centralizaram o Ginásio lá no Chicão e o Colegial no EEBA. Acho que foi isso. Não me lembro.

Como você se lembrou bastante coisa! Eram essas perguntas que eu queria lhe fazer. Muito obrigada pela sua ajuda e pela sua disponibilidade!

Entrevista concedida pelo *Colaborador 3*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 11 de novembro de 2009
Local da Entrevista: No trabalho do colaborador

Você se lembra em que escolas estudou antes de entrar no EEBA?
Lembro. No Primário eu estudei no Coleginho, no Externato Santa Teresinha, depois eu fui pro Antônio Lourenço Corrêa e lá eu fiz o primário, depois eu pulei o ginasial pro Ginásio da Vila, o Pedro Monteiro da Silva e depois do Pedro Monteiro da Silva que teve essa mudança pro EEBA, então eu acho que eu fui no 2º Colegial, se não me engano, isso que eu não tenho certeza, eu acho que foi no 2º que eu fui pro EEBA e terminei lá.

O Pedro Monteiro não ia mais oferecer o colegial?
Todo mundo teve uma mudança, todo mundo foi, não me lembro certinho como era o nome, mas foi todo mundo.

Você se recorda se naquela época o EEBA representava alguma coisa? Significava alguma coisa estudar lá?
Ah, tinha muito nome na cidade, o ginásio assim né, o colegial no caso, era famoso estudar no EEBA, parecia que era uma primeira linha.

A sociedade tinha alguma representação sobre a escola? A escola fazia alguma coisa pra se projetar? Porque vocês achavam que ela tinha um bom nome?
É difícil achar um porque, eu sei que era muito conhecido o nome EEBA, tinha também a Banda do EEBA, era cheio de.... tinha nome, sabe, e também naquele tempo tinha muita diferença (eu sempre fui da Vila Xavier) e falavam muito da Vila, de ser separado da cidade e o EEBA já era na cidade, ele era famoso.

E você lembra do período em que você estudou lá, como foi o seu processo de escolarização lá dentro, por exemplo na sua relação com os professores?
Dos professores? *(...)*

O que você lembra dos professores?
É...olha, pra mim marcou mais o tempo da Vila, acabou pegando mais amizade, a professora de Inglês, tinha outra de Educação para o Lar, uma matéria diferenciada. Do EEBA assim eu teria que começar a lembrar, eu lembro de alguns professores, tinha um de Matemática, que era um japonês que esforçava bastante a gente, tinha.... eu teria que tentar lembrar todos. Claro que se você falar se eu lembro do fulano eu vou lembrar todos, mas assim de recordação eu lembro mais ou menos.

Não somente de um professor, mas como vocês viam o professor? Como era a relação entre professor e aluno?
Ah, eu nunca tive problema com nenhum professor em lugar nenhum, então não teve nada atípico não.

E com relação aos alunos?
Os alunos nós pegamos uma amizade muito boa. Eu me lembro que quando era na Vila a gente conhecia por morar lá, mas lá não, no EEBA já era um pessoal diferente, que não era conhecido, então eu acabei pegando uma amizade muito boa. Até hoje a gente encontra alguém.

Como era o cotidiano de vocês, o comportamento? Assistiam aulas...
Assistíamos, mas tinha uma classe que era meio foguete, era um pessoal meio... a que você pegou era o 3º F? Eu acho que era essa daí mesmo, era o 3º F que era mais...

(conversa sobre os alunos - formação da rede de sociabilidade)

Você se lembra como era o cotidiano das aulas?
Hum...

Na questão das avaliações, das provas? Elas exigiam muito ou eram tranqüilas?
Olha, não eram tranqüilas não porque tinha a recuperação e eu lembro inclusive desse japonês que eu te falei de Matemática eu e o Mauricio Nagle nós ficamos até de 2ª época, eu lembro disso daí. Então não era tão fácil, eu já

trabalhava na época também então eu dividia o meu tempo em estudo e trabalho e não era tão fácil não, tinha que pegar firme mesmo.

Você fez Habilitação em Química...
Tá, no caso era a Zuleica

Você se lembra como foi feita essa escolha?
É tinha Química ou... será que era Física? Eu não lembro agora qual que era, e também eu não me lembro certinho porque eu escolhi Química, porque eu nunca fui bom em Química também, é que o outro eu acho que era pior, deveria ser pior, mas era a Zuleica que era professora. Eu acho que era a Zuleica sim, é quase certeza. Eu conheço muito a irmã dela, tenho encontrado sempre a irmã dela. Eu acho que é isso mesmo, acho não, 99% que foi. Inclusive a irmã dela estudou comigo também, ela se chama Hilda ela não está aí na sua lista?

Você se lembra como funcionavam os recreios, se tinha Grêmio Estudantil, Fanfarra?
Tinha o Grêmio, eu lembro bem que tinha uma mesa de pingue-pongue, eu lembro sim disso daí. E eu nunca fui de esporte também sabe, então eu lembro dali porque a gente encontrava os amigos, mas eu nunca fui de participar. Até da Educação Física eu pulava fora!

E os recreios?
Os recreios... vou lembrar uma coisa que marcou, era uma guerra que tinha de abacate, acho que lá tinha um pé de abacate ou era de mamão, acho que era de abacate e tinha uma turma mais forte (eu era sempre miudinho) e eu lembro que eles jogavam esses abacates. No restante era um recreio normal, não tinha muita diferença não.

Você se lembra se dentro da escola os professores ou diretores tinham algum discurso de diferenciar o EEBA das demais escolas, ou de dizer que vocês deveriam se esforçar por estarem estudando no EEBA?
Eu não me recordo.

E espaços pra trocas, sugestões, reclamações? A escola era um espaço aberto?
Ela tinha um Anfiteatro que até é uma coisa rara de ter em escolas, e naquele tempo era difícil, tomando por base o Ginásio da Vila e lá tinha um Anfiteatro e vira e meche tinha um evento lá.

E vocês alunos tinham voz na escola?
Olha eu não me envolvia. Eu sempre fui meio tímido, meio não, bastante tímido, então se dependesse de mim pra alguma coisa.

Você se lembra da direção da escola?
Lembro, era o Rui que era o diretor. Eu acho que devo ter pego mais alguém.

Você se lembrou do Rui. O que você se lembra dele?
Ah, ele era bravo. Não é seu pai não, né? Eu lembro dele, ele era bravo. Era bravo, mas também a classe era uma classe meio foguete sabe, então não tinha outro jeito de lidar, é complicado estudante. Ele era meio enérgico.

Com a classe de vocês principalmente?
Principalmente. Então ele era bem enérgico, mas não podia ser diferente. Eu era mais quietão, mas eu lembro que a classe era foguete, era uma classe meio foguete.

Você acha que o EEBA contribui em alguma coisa para a sua formação?
Acredito que sim porque foi puxado, em termos de matéria tinha que estudar. Tanto é que eu consegui ficar em 2º época e não só em 2º época, eu precisei correr atrás de professor particular, eu me lembro disso, eu precisei do reforço de Física e Química, eu fiz aquele Maquifisica que ainda tem hoje.

(pausa para atendimento de telefone)

Eu tinha perguntado no que o EEBA contribui e você estava falando que precisou fazer reforço...

É... então ele era puxado sim, eu fiz o Maquifísica, essas aulas particulares, era mais Física e Química que eu fiz, e Inglês alguma coisa tinha também porque eu não era bom de Inglês, alguma coisa eu fiz de aula particular, não estou me lembrando com quem, mas eu sei que era meio forte também, era meio puxado.

Você concluiu os seus estudos?
Sim, eu me formei em Engenharia, sou Engenheiro Civil hoje.

E você precisou fazer cursinho ou o EEBA foi suficiente?
Não. Eu fiz cursinho sim, mas também como eu te disse, eu não era tão dedicado porque eu já trabalhava na época que eu estudava lá, então eu não era tão dedicado e fiz cursinho sim. E também parecia que era o começo do cursinho, sabe, naquela época era até gostoso você falar que fazia cursinho, era mais bagunça, tinha tudo isso também.

Você se lembra se houve formatura do seu 2º Grau?
A minha cabeça que é complicada, sabe. É quase certeza que houve eu não estou lembrando certinho, eu teria que puxar a memória.

Você continua aqui na cidade e olhando para a EEBA hoje você acha que ela sofreu alguma mudança em relação ao período em que você estudou lá?
Eu não tive mais contato com alguém lá dentro.

Como você vê a escola hoje?
Eu passo lá e é gostoso ver onde você estudou, eu passo sempre ali, mas eu não tive mais nenhum contato, eu não tenho mais acesso com ninguém. Inclusive essa pessoa que eu te falei, a Hilda que acho que é irmã da professora Zuleica ela é professora lá no EEBA hoje, ela falou que dá aula lá, mas não entramos em detalhes sobre isso daí. Se te interessar depois eu te passo o contato.

Quando te falam EEBA o que te vem à mente?
Lembra muito dos amigos, porque foram amigos novos, porque no tempo da Vila como eu fiz vários anos tanto no Grupo Escolar como no Ginásio já éramos amigos, agora quando eu fui pro EEBA foram amigos novos e sei lá, a divisão da cidade, se pegou de vários bairros, acredito que foi isso na época, então eu tive muitos amigos novos. Foi legal.

Eram essas perguntas que eu queria te fazer. Gostaria de lhe agradecer pela sua disposição e sua ajuda.

Entrevista concedida pelo *Colaborador 4*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 29 de outubro de 2009
Local da Entrevista: No trabalho do colaborador

Você se lembra em quem escolas você estudou antes de estudar no EEBA?
Você quer as duas? O Primário no Carlos Batista Magalhães e o Ginasial no Francisco Monteiro da Silva.

No EEBA você só fez o 2º Grau?
Só o colegial, só o 2º Grau.

O que significava estudar no EEBA naquela época? Significava alguma coisa? A escola tinha alguma imagem formada?
Olha, naquela época a escola, ou antes daquela época, a escola tinha uma imagem de burguesia.
(pausa para atendimento de telefone)

Eu te perguntei o que significava a escola. Você me disse alguma coisa de burguesia?
É tinha, tinha rivalidade porque naquela época e até antes desse ano que nós fomos pra lá o mesmo que existia no EEBA existia no Ginásio da Vila, em nível de escola, cursos, fanfarra, então a gente tinha aquela rivalidade: os riquinhos e os pobres, vamos dizer assim.

Os "riquinhos" ficavam onde?
Os riquinhos ficam no EEBA e os pobres na Vila. Era mais ou menos assim. E ai quando começou o EEBA, quando acabou a Vila ai teve aquela mistura, aí virou só o EEBA. Ai teve que abraçar a idéia e era o EEBA e acabou. IEBA era naquela época.

Você se lembra como foi o seu processo de escolarização lá dentro, por exemplo, na relação com os professores?
Não vou me lembrar.

Ou como eram os professores, que imagem vocês tinham deles?
Quando nós fomos pra lá você não tinha muita opção, era um pacote fechado. Naquele ano estava lançando o técnico e era Química e Nutrição, tinha o pacote de Química e Nutrição. Eu não queria nada disso ai. Aí eu optei por Nutrição. A Nutrição não formou classe, só no noturno formou uma classe, então como eu não queria estudar a noite acabei fazendo Química, mas... o que eu vou te falar...

Você se lembra dos professores?
Alguns.

Quando você se lembra deles o que vem na sua mente?
Ah... Fizeram a parte deles na época. Não fizeram nada de fantástico e nada que abone... abone sim... fizeram a parte deles.

E o relacionamento com os alunos. Como eram os alunos lá na escola?
Ah... era um pessoal bacana, inclusive no terceiro ano alguns da nossa classe e alguns de outras classes, inclusive eu participei da nossa classe, nós montamos uma chapa e nós ganhamos a eleição no... na época era... Diretório Acadêmico era na faculdade... era Centro Cívico? também eu já não lembro... mas era um tipo de um DA, você fazia carteirinha de cinema, tinha duas mesas de pingue-pongue, naquela época era bacana, não era o que hoje é a escola.

Você se lembra de alguma coisa dos funcionários? Inspetores de alunos, secretaria?
Não lembro. Eu lembro de alguns diretores que nós tivemos lá, a Inayá, o Rui. Funcionário tinha um que era inclusive o cara que arrendava a cantina era o... Moacir... acho que o filho dele é quem tomava conta da cantina e ele era o inspetor de alunos lá, mas eu não vou me lembrar o nome dele não.

Você se lembra do cotidiano das aulas? Como vocês se comportavam, se as aulas tinham alguma rotina?

A minha era a pior, eu tenho certeza, porque a F (naquela época eles usavam aquele padrão A, B, C, D, E, F), a F era a escória, mas eu não lembro. Mas não era nada do que tem hoje, não era nada disso aí, era baguncinha básica mesmo, não tinha nada de extraordinário.

E na questão da avaliação, como eram as provas?
(risos dele) Não, dali o que eu lembro... eu detestava Química, eu fui fazer por obrigação, tanto é que eu nunca usei nada disso, mas os professores eu acredito que ensinavam legal, porque na minha época saíram alguns ali que foram fazer química, deram seqüência na carreira, fizeram faculdade de química, alguns são químicos até hoje outros abandonaram a profissão porque financeiramente é inviável, mas eu acho que era bem dado, o esquema era legal, naquela época era legal sim. Eu que não fazia parte, não gostava da coisa.

Era fácil ou difícil conseguir nota?
E agora hem? E agora? Não vou me lembrar!

Pensando um pouco o cotidiano da escola, você falou que participou do Grêmio, do Diretório Acadêmico, como ele funcionava?
O Diretório? O Diretório servia pra cobrir janela de aula, quando faltava algum professor ou alguma coisa a molecada descia lá, na hora do intervalo a moçada descia lá e... era música, era pingue-pongue, o Diretório lá (você conhece a escola né, fazem trinta anos que eu não vou lá) o Diretório era um porão embaixo de uma sala de aula e o pessoal ia lá pra isso, pra jogar pingue-pongue, pra jogar baralho, jogar dama.

Vocês do Diretório tinham algum envolvimento com a escola?
Não, nós éramos alunos e na medida do possível, fora do horário de escola, ou numa emergência você saia durante a aula pra atender o Diretório, você trabalhava interligado, você ia a tarde pra ver alguma coisa o cara que estudava a tarde vinha de manhã pra ver alguma coisa, o outro ia a noite pra atender o pessoal da noite.

Cuidava só da parte de recreação, de lazer?
Não, não era só recreação não, tinha a carteirinha de cinema, que tinha na época, e o Diretório que emitia a carteirinha de cinema... promovia ali campeonatos internos, sabe, esse tipo de coisa, mas era mais a parte de lazer mesmo.

Você falou no começo de fanfarra, banda marcial...
Ah, então depois isso aí eu não me lembro mais, porque eu me lembro que quando nós saímos do Ginásio da Vila existia essa competição, quer dizer, o Ginásio da Vila tinha uma e o EEBA tinha outra fanfarra, mas depois eu não lembro se isso aí acabou, não lembro mais disso aí, se foi extinto isso, se continuou lá no EEBA.

E eventos esportivos? Você participava?
Hum... acho que não. Eu participava de... eu participava assim, como é que eu vou te falar, a escola tinha na época Jogos da Primavera, essas coisas, e a escola mandava times, mas era participação nossa mesmo, eu não era destaque!

Você se lembra se na escola havia espaços pra trocas, pra conversas, discussões, sugestões, reclamações? Isso com os professores, diretores. Era um espaço aberto ou era um espaço fechado?
Não vou me lembrar disso aí. Não dá pra lembrar.

O que você acha que o EEBA contribuiu para a sua formação de vida? Você acha que ele contribuiu em alguma coisa ou não contribuiu em nada?
Ah, contribuir sempre contribui, é lógico, isso ai não tenho nem dúvida. Eu acho que na época ele tava fazendo o papel que hoje a Industrial faz de curso técnico e... só que eu acho que ele errou, ou era uma determinação lá de cima, do governo, pra instituir, por exemplo, Nutrição e Química, era uma coisa que não tinha nada a ver com a realidade, eu preferia ter feito outro curso, pra mim não era nada, Química e Nutrição não era nada, não representava nada! Mas contribuiu bastante, porque eu saí de lá e fui direto pra faculdade, ele me serviu como um 2º Grau, me serviu de ponte. O técnico que ele me deu não serviu pra nada, mas ele me deu formação de 2º Grau, não tenho dúvidas.

Você fez faculdade de...
Administração.

E não precisou fazer nenhum cursinho?
Não, eu fiz porque minha meta não era administração, era outra coisa. Porque o EEBA ele pecou nessa parte, ele não te dava estrutura, ele dava matéria especifica da área e não te dava o resto, então ele dava sete, oito tipos de aulas de química e não te dava, por exemplo, inglês, não te dava português, não dava um monte de coisas, que faltavam, então eu fui fazer cursinho pra recuperar isso aí, mas depois eu acabei mudando e arrumei um emprego e fui fazer administração.

Você que continua na cidade, olhado o EEBA você acha que ele teve alguma mudança do período em que você estudou lá?
Eu nunca mais fui no EEBA. A mudança que eu vi nele foi externa. É... ele subiu muro de 5 metros de altura.

Não tinha?
Não tinha, na minha época não tinha nada disso, era um murinho que você no intervalo ficava olhando pra fora, na rua, a verdade é que a escola pública naquela época não tinha malícia, não tinha a malandragem que tem hoje. O povo que freqüenta a escola pública hoje é outro. Na nossa época ia pra escola particular quem era ruim, quem era bom ficava na escola pública, só ia pra particular o cara que já era expulso da pública e esse tipo de coisa, hoje teve uma inversão de valores, hoje ninguém quer pública, tanto é que os meus filhos nem passaram, graças a Deus, pela escola pública, mas na época não era assim, hoje eu não sei o que está havendo, não sei a estrutura que ele tem, se está informatizado, como é que está as carteiras lá dentro, então não sei nada, banheiro, não sei nada disso ai, nunca mais entrei na escola.

Quando te falam EEBA, o que te vem à mente?
(tempo) (risos) Vem uma escola, só isso. Não vem nada, nada que... tive, tive momentos bons, não tenho dúvidas, namorei lá dentro, fiz um monte de coisas lá dentro, mas hoje EEBA pra mim não significa nada.

Eram essas perguntas que eu gostaria de fazer. Eu queria lhe agradecer pela sua atenção e disposição!

Entrevista concedida pelo *Colaborador 5*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 14/11/2009
Local da Entrevista: Na casa do colaborador

Você me disse que sempre morou pertinho da EEBA. Você se lembra em que escolas você estudou antes de ir para a EEBA?
Bom, eu fiz o Maternal no Externato Santa Teresinha, Pré Primário no IEBA, depois Primário no Pedro José Neto, de 5ª a 8ª série e Colegial no IEBA.

Você fez desde a 5ª série?
No EEBA? Isso. Fiz o Primário no Pedro José Neto e depois eu fui pro EEBA, da 5ª série em diante.

Eu queria que você pensasse um pouquinho no período do 2º Grau, você se lembra se a escola significava alguma coisa?
Nossa, era tudo! O nosso foco central era a escola, o IEBA. A gente praticava vôlei, encontrava namoradinho, freqüentava a Biblioteca, e tínhamos até aulas opcionais de religião.

E pra sociedade o que representava o EEBA?
Ah, o EEBA era muito forte. Todo mundo queria estudar no EEBA, ele tinha um nível muito bom por ser pública, tanto que aquela mudança que teve na época que você citou, nossa, ninguém queria mais voltar pros seus bairros. Era muito bom o ensino e os professores.

E você se lembra do seu processo de escolarização lá dentro, por exemplo, na sua relação com os professores?
Era ótima porque assim, famílias conhecidas, professores também conhecidos, uma relação saudável e respeitosa.

O que você lembra da direção da escola?
Olha, na época eu me lembro da Dona Inaya que era muito rígida, como até hoje ela me passa essa imagem. Era tudo muito rígido, não era como hoje que ninguém respeita. Nós respeitávamos os professores porque aprendemos assim. Mesmo que o professor estivesse errado os nossos pais nos ensinaram a respeitar o professor.

Vocês viam sempre o diretor?
Sim. Uma época que eu me lembro muito, foi uma campanha de vacinação e ela estava toda preocupada, coordenando os alunos, ela era bem participativa mesmo.

Você se lembra dos funcionários? A escola tinha funcionários?
Lembro. Ah, tinha vários, mas assim, eu me lembro do Florzinha.

Você fez o pré no EEBA?
Eu fiz o pré no EEBA. Eu não lembro muito bem como foi o processo, depois eu fui pro Pedrão. Eu lembro que a professora era a Dona Leonor e o servente era o Florzinha, eu nem sei se ele ainda está vivo, ele era carequinha e super simpático, passava aqui na frente de casa de bicicleta, mexia com a gente.

Quando você fazia o 2º Grau você se lembra se havia inspetores de alunos?
Sim, tinha uma baixinha, muito brava, exigente, sempre bem vestida, de salto alto, mas eu não me lembro o nome dela.

E o que eles faziam?
Olha, na minha época eu sempre enxerguei as pessoas muito bravas, tudo muito sério, não podia conversar muito alto, essas coisas. Eu só lembro dessa senhora. Todo dia você tinha que apresentar a carteirinha, com a nossa foto, e essa inspetora carimbava presença ou falta, e colocava as carteirinhas numa caixinha, em seu número correspondente, então todo dia você chegava e mostrava para ela. No colegial começou a ficar um pouquinho mais leve, mas ainda com certo controle.

Você se lembra do cotidiano das aulas? Como era, por exemplo, a questão da avaliação, das provas, conteúdos?

Especificamente o que?

Como eram as provas? Elas eram simples, exigiam muito?
Eram provas difíceis, exigiam bastante esforço e estudo dos alunos; e muita pesquisa bibliográfica. Até por isso que o EEBA era uma escola que todo mundo respeitava por ela ter uma seqüência, uma rigidez. Pra mim tudo era muito rígido. Eu acho que era bem firme mesmo e exigia do aluno. Eu tinha muita dificuldade de matemática, de inglês, então era bem difícil.

E os professores te ajudavam nessa sua dificuldade ou você tinha que correr atrás?
Olha, você tinha que correr atrás. Eu lembro de uma professora de inglês que era bem rígida, ela dizia assim: "se você tiver com dor de cabeça a aula continua porque eu estou com dor de cabeça e também estou dando aula, e se você não entender você tem que estudar". Eu me lembro que fiquei de 2ª época de Inglês, precisava de 9, era a última fase, aí a minha mãe contratou uma professora particular pra me ajudar.

Quando eu cheguei aqui você falou "ah, porque eu peguei todo aquela mudança, aí teve que escolher Química". Você se lembra desse processo?
Então eu passei por várias mudanças, por exemplo, lembra na 4ª série quando você tinha que fazer aquela prova de admissão, eu fiz o preparatório, mas na hora mudaram o processo e eu entrei direto, sem o exame de admissão. Da 8ª série pro 1º colegial também havia uma prova, mas não lembro o que aconteceu, só que mudaram para o Técnico em Química, Enfermagem, e Nutrição. Eu escolhi Técnico em Química.

E você se lembra porque escolheu Química?
Porque eu gostava e gosto de química. Acho uma área interessante e eu ia super bem, adorava estar no laboratório. Nutrição não tinha nada a ver comigo, enfermagem, pelo amor de Deus, tenho pavor de hospital, qualquer coisa relacionada à saúde (na esfera profissional).

Você falou que era um curso técnico. Você acha que o curso foi bem técnico?
Foi, foi bem legal, aprendi muita coisa, o conteúdo era muito bem fundamentado e respeitado, assim como os professores.

Ele pegou bastante na área de Química? Foi bem específico?
Sim. Eu tenho um filho biomédico e algumas questões de química a gente até discute, e percebo que, a base transmitida nas aulas de técnico era de qualidade.

Você se lembra do cotidiano da escola, por exemplo, as atividades que vocês faziam, se havia Banda Marcial no seu 2º Grau, se ainda havia Fanfarra?
Sim, eu fazia parte da Fanfarra.

E no 2º Grau ainda tinha?
Sim, a Fanfarra era extraordinária.

E como era participar da fanfarra?
Ah, eu adorava! Eu desfilava na primeira fila, com bota branca, saia azul e cacharrel branca e batom vermelho nos lábios.

Você tocava algum instrumento?
Não, eu não tocava nada. Eu só desfilava. Nas comemorações cívicas hasteei muita bandeira e recitei várias vezes. Era muito legal.

A escola tinha esses eventos?
Não, isso aconteceu no Pedro José Neto. Agora no EEBA só desfilava na fanfarra e jogava vôlei na “Turma de Treinamento Especial”, com a coordenação da professora Dona Eulália Schiavon e Dona Darcy Bruneti, professoras que merecem o meu respeito, admiração e muitas saudades.

O esporte era um atrativo na escola?

Ah era ali que encontrávamos todos os nossos amigos, era legal! Olha foi um tempo muito bom e passou muito rápido.

As aulas eram fora do período.
Eram. Treinávamos no período oposto às aulas e a noite.

Você se lembra de Grêmio Estudantil?
Era o Diretório Acadêmico na época, mas eu nunca fiz parte.

E o que o Diretório fazia? Ou o que vocês viam ele fazendo?
Olha, sinceramente eu não lembro de fazerem nada pelos estudantes. Lembro de uma mesa de pingue-pongue. Eu lembro que tínhamos a carteirinha para ir ao cinema, pois todos na época gostavam muito disso.

E dos seus recreios?
Ah, era legal o recreio, um descanso merecido.

No 2º Grau?
Isso, no colegial. Quando houve a mudança eu estava no 1º Colegial, deu pra perceber que a escola saiu um pouquinho do normal porque os alunos que vieram de outros bairros, vinham talvez, de uma outra estrutura educacional, pois o EEBA sempre foi muito rígido, entendeu? A gente não podia bagunçar, tínhamos consciência. Eu senti que quando as escolas começaram a se unir a nossa realidade mudou. Até que a direção conseguiu controlar todos os alunos, colocar ordem, colocar um limite, demorou um pouco.

Você falou que quando veio esse pessoal de fora demorou certo tempo para as pessoas colocarem um limite. Como eram colocados os limites?
Levavam advertência, suspensão em grupo ou individuais.

Mas o que vocês viam eles fazendo pra controlar?
O portão era fechado na hora certa; no recreio a direção quase todos os dias estava de plantão para que não houvesse muita bagunça, e havia muita conversa (diálogo).

Você então sentiu uma diferença do seu 2º Grau para o que você fez de 5ª à 8ª série?
Ah muita diferença.

E você acha que isso também influenciou dentro da sala de aula?
Olha eu não sei em outras salas, na minha não, porque a sala permaneceu desde o começo da 5ª série até a 8ª série, mas quando tivemos que fazer a escolha para o Técnico alguns foram para a Química, outros para Nutrição e Enfermagem, sentindo que houve uma quebra na união da turma.

Você falou um pouquinho sobre estudar na EEBA, que era uma escola diferente, uma escola rígida, você se lembra se dentro da própria escola, entre os diretores, entre os professores havia um discurso de distinguir a EEBA de outras escolas ou de dizer que vocês deveriam se empenhar, se esforçar ou fazer jus ao nome da instituição?
Não, não, eu nunca vi isso no dia a dia da escola, mas o conceito IEBA era o da melhor escola pública da cidade.

Você se lembra se a escola era um espaço aberto ou um espaço fechado para sugestões, reclamações, discussões?
Não. Só me lembro que poderíamos até reclamar, discutir, mas a ordem era obedecer.

Os espaços eram bem separados?
Eu enxergava dessa forma, até porque eu não era muito assim de falar, de brigar.

Você se lembra se teve formatura?
Não houve formatura. O que interessava na época era passar de ano e receber o diploma.

Você acha que a EEBA contribuiu em alguma coisa pra sua formação enquanto pessoa? No que?

Ah sim, acrescentou muitos valores, deu base moral, costumes, pois as pessoas eram muito mais humanas.

Quando te falam EEBA o que te vem à mente?
Ah, um tempo bom que a gente podia ter aproveitado até mais e talvez ter estudado mais, eu estudei, mas... como tudo na vida da gente, as vezes você fala "ah, eu podia ter me esforçado mais", mas foi ótimo, um tempo muito bom, muito legal e eu acho que contribuiu sim para o que eu vivo hoje entendeu? Fazer as coisas certas, respeitar as pessoas, ter hierarquia, até porque eu trabalho na área da educação e eu acho que se tem uma hierarquia sabe, você tem que respeitar o seu chefe, respeitar o professor, o servente, mas eu vejo assim porque cada um faz o seu papel e todo mundo trabalha para um bem comum.

Você deu continuidade nos seus estudos?
Sim. Na época prestei serviço social no Colégio Progresso, sou graduada, com especialização em terapia familiar sistêmica.

A EEBA foi suficiente?
Foi sim. Eu não queria ficar fazendo cursinho e aí eu passei na faculdade e segui o meu caminho.

Você continua pelo menos agora aqui na cidade, você mora pertinho da escola, como você vê a EEBA hoje? Você acha que ela sofreu alguma mudança da época em que você estudava lá?
Totalmente. Eu não vejo mais o IEBA como IEBA. É engraçado né? Mas como tudo está em constante mudança, o IEBA também seguiu o seu tempo.

Você acha que ela perdeu ou ganhou?
Eu não posso falar muito porque fiquei um tempo fora de Araraquara, mas penso que não é mais aquilo que era na nossa época não. Tem o ginasinho que era o maior fervo nos Jogos da Primavera, era o máximo. E hoje o que você vê ali? Nada! Então eu não enxergo mais o EEBA como no passado. Acho que ela é uma escola comum, pois o EEBA antigamente tinha um peso e respeitávamos e fazíamos jus à isso, mas apenas hoje bem mais velha é que confirmo a excelência da escola em que estudei.

Eram essas perguntas que eu queria lhe fazer. Eu gostaria de agradecer a sua disposição e a sua ajuda.
Espero ter contribuído para o bem do seu trabalho, com respeito e apreço. A única coisa que quero reforçar na questão da mudança escolar é que não houve preconceito, foi assim uma questão estrutural da época e nós enquanto alunos sentimos as causas e seus efeitos.

Entrevista concedida pelo *Colaborador 6*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 28 de outubro de 2009
Local da Entrevista: No trabalho do colaborador

Você se lembra das escolas que você estudou antes do EEBA? Você sempre estudou aqui em Araraquara?
Sempre estudei aqui em Araraquara. No Antonio J. de Carvalho. Não, sempre não, pera lá, nós moramos em Itaju, perto de Bariri, bem no interior do Estado de São Paulo, passa Jaú, Bariri, depois vem Itaju, eu também estudei lá e meu pai trabalhava na parte de dentário, porque ele sempre foi dentista de unidade escolar, então nós fomos pra lá, mas o que me vem agora à memória foi o Antonio J. de Carvalho, depois fui pro EEBA e lá eu conclui até o 3º colegial. Ah, e o Pedro José Neto também.

Você fez o que ali?
De 1ª à 4ª série. É, agora não sei se foi por causa de repetência, ou se aconteceu alguma coisa eu fui pro Antonio J. E outra escola também, aquela ali perto do Carmo...

O Vitor Lacorte?
Não, qual que é o outro, não é o Vitor Lacorte. Espera um pouco, não é o Vitor Lacorte, é o Florestano Libuti. Eu estudei lá também. Depois o Pedro José Neto e o EEBA, que na época era IEBA né?

Era Instituto de Educação
Isso mesmo era Instituto e depois passou para EEBA, Escola Estadual Bento de Abreu.

Você se lembra o que significava estudar no IEEBA naquela época? Significava alguma coisa estudar lá ou não? A escola tinha alguma imagem formada?
Tinha. Eu equiparo ela com o Objetivo de hoje, onde há muita procura ou pelo ponto estratégico, ou pelos professores. Eu acredito que naquela época tenha sido pelos professores bons que o EEBA tinha, mas... ah.... a sua pergunta novamente?

Representava alguma coisa estudar na escola? Ela tinha alguma imagem?
Ah, era realmente isso aí, pelo lado dos professores, por eles serem bons. O Professor Ulisses de Matemática, a Dona Geci (acho que ela era professora de História), as professoras de Química, o Professor Pezza, tinha dois Pezza, o Airton e o irmão dele. Eu me lembro bem do professor Ulisses de Matemática, mas ele não deu aula pra mim, o professor Spoto, o Malaspina, que se não me engano está como diretor do EEBA. Então, mas eu acredito assim que ela era um "pull" vamos dizer assim, era um forte concorrente de todas as escolas do Estado, então era um "top" era uma coisa assim que os próprios alunos se sentiam orgulhosos, entendeu? Eu mesma também me sentia orgulhosa de estudar no EEBA. Era uma concorrência do Pedrão, depois era o outro lá da Vila Xavier, era uma concorrência grande, mas isso só entre os alunos.

Você fez desde a 5ª série lá no EEBA?
Isso. Desde a 5ª série.

Nesse período de 2º Grau, você se lembra como foi o seu processo de escolarização lá dentro, por exemplo, em relação aos professores? Como os alunos se relacionavam com os professores?
Olha, eu sempre fui muito quieta, recatada, muito certinha. Eu tinha muita amizade, os alunos também tinham muita amizade, os professores eram muito dados, mas também na hora que chagava pra ter aula, tinha aula e tudo mais, mas até os professores entrarem dentro da sala de aula era uma anarquia, tinha até os inspetores de alunos que conseguiam colocar o pessoal em ordem na sala.

Como que o professor se relacionava com vocês?
Ah... era frio, não era muito amigável não. Acho que pelo fato também... olha eu não sei muito bem o que era naquela época que punha o professor no lugar de professor, mas não que a gente tivesse medo, mas era um respeito muito grande. Eu acho que esse negócio de professor muito amigo, o adolescente como não tem esse onde eu paro, onde eu vou, não tem aquele limite, então ele avança o sinal e acaba tirando um pouco daquele respeito pelo professor, então "ah, deixa isso pra lá eu faço de qualquer jeito mesmo e ele vai aceitar mesmo e tudo mais" então o próprio aluno acho que já acaba abandonando aquela coisa de respeito pelo estudo, aquela coisa de respeito pelo

professor, porque nada a nada ele é um professor e ele está lá, tá desprendendo o horário dele pra essa finalidade, então eu gostava dessa coisa do professor estar no lugar dele e na hora que tinha que ficar quieto ficava e não tinha aquela coisa de algazarra apesar de não sentar nem na frente e nem no fundão (eu sentava no meio da classe) então você sempre ficava dividida entre os *CDFs* e o povo da bagunça.

Tinha essa divisão?
Ah tinha essa divisão, e como tinha. Era a turma da pesada que sentava no fundão e a gente na realidade que era um pouco mais dada com esse pessoal do fundão depois que saía da sala de aula então pegávamos um vinculo, tínhamos uma amizade extra-classe e depois quando chegava na sala de aula a gente até ficava meio que dividido porque você tinha que se comportar certinho e na realidade eles no fundão eram como eles eram fora da sala de aula e nessa época tinha essa divisão: da metade da sala pra frente tinha um certo respeito aí o pessoal de trás não, ficava naquela coisa de algazarra e tudo mais. Agora nem sei mais como é que está, se as salas de aula estão assim bagunçadas de uma forma geral ou depende da disposição das cadeiras porque as vezes tem escolas que colocam as cadeiras em círculo e isso também acho que tem todo um estudo do porque disso. Eu acho que pra certas atividades sim, pra outras não, como carteiras duplas, eu não concordo com isso, é um trabalho em equipe, tudo bem, vamos nos reunir, mas eu acho que pra estudo não.

Você falou dos alunos, você se lembra como vocês se relacionavam, comportamento, disciplina?
Olha, era tudo muito, vamos dizer assim, era uma alegria muito grande e uma bagunça saudável. Sempre foi muito saudável. Era aquela coisa, um mexia com o outro, um tirava sarro, falava "olha o sapato do professor" e todo mundo caía na gargalhada baixa, então tinha uma coisa que, como você não vai rir numa situação dessas? Teve até uma vez uma professora que chegou na sala pra dar aula e estava com um sapato preto e o outro pé azul marinho e então foi aquela coisa, sabe quando professor entra correndo e sai correndo de casa e tem que se trocar e então chega com o sapato trocado, então é uma coisa que põe a gente também pra cair na gargalhada, mas tinha uma turma boa, tinha uma turma boa lá no fundão.

Você se lembra dos funcionários da escola? Inspetores secretárias?
Eu me lembro de um inspetor de alunos que era o Seu Rodrigues, um senhor de cor, ele até trabalhou depois que se aposentou aqui na Biblioteca como encadernador e ele já é falecido, e ele era assim, um senhor super rígido, não podia nem olhar pra ele porque o homem era fera, aquela coisa, aquele medo que impunha e que eu também acho uma coisa muito legal que tenha inspetor de alunos porque de uma certa forma você cria um vínculo de amizade e você sabe até onde ele faz o seu trabalho, e você também tem que respeitá-lo como aluno, porque nada a nada um é aluno e o outro está lá como inspetor de alunos, pra cuidar de alunos e botar uma certa ordem . O seu Oscar também, a filha dele se não me engano se chamava Sonia. Ela não estudou na minha classe, por um acaso tem alguma Sonia aí?

Não, não tem.
Então ela estudou comigo no 2º ano, eram as irmãs gêmeas, Silvia e Sonia.

(conversa sobre os alunos da turma - formação da rede de sociabilidade)

Você se lembra como o aluno era avaliado, como era a questão da avaliação, se havia rigidez, flexibilidade em relação aos conteúdos que vocês estudavam? Você fez Habilitação em Química no 2º Grau, você se recorda de como era esse processo de avaliação?
Olha, tinha avaliação pelas provas, e não eram um tanto de conteúdos exorbitantes que não desse pra estudar, era que na época a gente não queria estudar e era meio que folgado mesmo, como na adolescência todos são, mas esse conteúdo não era muito que não desse pra estudar. A gente fazia o curso na parte da manhã então tinha a tarde pra recuperar ou então repor as aulas, tanto é que eu fiz até acho que admissão, fiz uma admissão...

Pra entrar na 5ª série?
No Colegial, não é isso? Foi na 5ª série ou no 1º Colegial? Ai, ai, ai... A dona Margot... Olha vai ser fantástico você conversar com a Dona Margot. Qual é complemento da sua pergunta?

E como os alunos eram avaliados? Como eram as provas?
Prova escrita. As perguntas pra classe toda... Tinha aquela rigidez pra olhar quem tava colando ou não, mas não, não era difícil. Eu acho que eles também avaliavam bastante e naquela época começou a avaliar bastante o

comportamento. Eu nunca peguei uma turma tão bagunçada como o 2º F e o 3º F. Até o 1º colegial foi tranqüilo, depois eu não sei se houve muita mudança, sabe que eu achei que atrapalhou muito essa reforma toda que nós pegamos, ficou muita gente vendida, muito perdida nessa mudança.

Porque você acha que ficou perdido?
Porque quando eu converso com umas e outras e não sei se você vai também chegar a essa conclusão, nós mesmos ficamos pensando "pra que lado nós vamos agora? o que vamos escolher?" Era Química, Física e Matemática, não eram essas três matérias de especialização? Foi quando houve um racha de uma vez.

Foi difícil escolher? Como foi feita a escolha?
Eu me identifiquei com a Química, com a tabela periódica dos elementos, foi por aí e a professora era muito boa também, como ela chamava? É foi por me identificar com a Química. Matemática eu nunca fui muito chegada, Física também não e foi pela Química mesmo.

Você se lembra do seu cotidiano se tinha grêmio estudantil, fanfarra, banda marcial?
Na minha época já não tinha mais a fanfarra. E por sinal meu esposo (nós estudamos juntos no 2º colegial) ele tocou prato na Banda. Ele ainda pegou a época da Banda, mas eu não. Na minha turma já não tinha mais a Banda, depois entrou o pessoal do vôlei.

Vocês tinham bastante ligação com o esporte?
Tínhamos bastante. Nós fazíamos Educação Física em horário fora do período escolar (eu acho fantástico isso porque eu acho uma judiação colocar a criança pra fazer Educação Física e depois ir pra sala de aula), mas a gente fazia aula a tarde com a Dona Eulália, fazíamos muito basquete, jogávamos muito basquete.

Os meninos e as meninas faziam juntos?
Não. Era separado. As meninas num horário e os meninos num outro horário, acho que com o professor Volmes, se não me engano, aí eles faziam basquete e vôlei, mas o forte da Dona Eulália, que ela dava no aquecimento da quadra pra gente e nós usamos sunga, aquela sunga azul, então tinha umas e outras que gostavam de se aparecer, era oportunidade de colocar uma sunguinha, e ela falava "olha essas almôndegas pra fora do prato" pra gente arrumar que tinha uma parte do bumbum que tava pra fora. Isso era muito bacana, a parte de Educação Física.

Você participava do time da escola?
Participava, sempre participei.

Era legal competir?
Nossa, muito. Eu gostava assim de paixão mesmo.

E tinha bastante competição?
Tinha. Até acho que teve Jogos Panamericanos aqui no EEBA que o EEBA foi representando a Ucrânia, carregando a bandeira da Ucrânia na frente, a roupa era toda de cetim preto, bem ucraniano mesmo, eu fui representando homem porque naquela época não tinha muito homem pra representar, um chapéu alto preto, uma calça meio bombacha com um cinto laranja e uma bota preta. Eu me lembro que era cômico.

Você se lembra se os professores dentro da própria escola, se eles tinham um discurso de dizer que o EEBA era melhor do que as outras, ou de que era uma boa escola e por isso vocês deveriam fazer jus à escola em que vocês estavam estudando?
Olha, acho que quem falava muito isso era o professor Dauri de Português. Ele sempre dizia que era uma escola muito boa, que realmente nós tínhamos tudo e naquela época era mesmo, era o auge, era o "pull" do momento estudar no EEBA. E também acho que meia Araraquara estudou naquele EEBA porque o que a gente encontra de gente que pergunta "Você estudou comigo?", "não, não, eu não estudei na tua classe" porque tinha uma união muito grande das turmas, quando saía das salas de aula pro pátio era uma coisa fantástica, Tinha 1º, 2º, 3º colegial, todo mundo junto, unido.

Como eram os recreios?
Por exemplo, a gente estudava de manhã, então era a turma da tarde que tava fazendo, ou os meninos estavam na quadra jogando basquete, fazendo aulas de Educação Física, então era uma coisa bacana ficar vendo os meninos, ou

então os meninos da nossa classe ficavam vendo as meninas fazendo a Educação Física ali. Tinha a cantina, uma canina muito bem movimentada. Eu cheguei a participar uma vez só da Festa Junina lá do EEBA de dança que tinha, mas foi uma vez só depois não participei mais.

Você se lembra se com os professores, com a direção da escola, havia espaço pra vocês conversarem, reclamarem, sugerirem ou eram espaço separados?
Não, não tinha, era completamente separado, professor era professor, era uma rigidez, acho que pela própria cara do professor, ele já se impunha pela sua cara sisuda. Não tinha não, infelizmente não tinha, nem com direção.

Você se lembra da direção?
Se não me engano, eu sei do apelido desse diretor, acho que é Rui, Rui Clavicha, e tem o apelido dele também, mas eu não vou falar. *(risos)* É muito engraçado, mas deixa pra lá, porque a turma dos meninos sempre colocava apelidos nos professores, não sei se vem ao caso falar, se isso vai ficar em memória guardada, tinha o professor Spoto, tinha o Professor Babão que na hora que ele ia coçar a orelha do lado esquerdo ele pegava o braço direito e fazia assim pra coçar, então era muito engraçado. Então como que você vai ficar assistindo uma aula que é importante com um professor gozado na sua frente. Tinha assim, muitos casos.

Você estava falando do diretor, o que era o diretor pra você? Qual era a figura dele?
Uma pessoa sisuda, fechada, mal humorada, não tinha diálogo. A gente quase nunca via, e quando falava de ir pra direção, então tremia na base.

Você já foi pra direção?
Não! *(risos)* Eu por ficar no meio termo, por ser amiga de todo mundo, nem pra um lado, nem pro outro, acho que eu aprendi a ter jogo de cintura com as coisas e driblar tudo isso, porque não era fácil, a turma da bagunça era grande.

A Suzi chegou a comentar comigo alguma coisa sobre a formatura. Você se lembra se teve formatura?
Boa pergunta! Eu não me lembro da minha formatura. Não teve? Teve? A Suzi chegou a dizer alguma coisa?

Ela disse que teve uma missa e depois uma colação de grau no Anfiteatro da escola e depois vocês fizeram uma festinha no pátio da escola. Mas ela também não se lembra direito.
Eu acho que nem teve, porque nem isso eu estou me lembrando. Acho que foi uma coisa que passou tão despercebido, mas tão despercebido, alguma coisa muito simples, entendeu? Sabe o que me passava a idéia, naquela época, e eu trago isso até hoje, é que o 3º F não era bem visto e bem quisto, tanto pelos professores, como pela direção. Eu gostaria de entender o porquê era A, B, C, D, E, F, nós estávamos quase caindo do alfabeto. Porque essa divisão? De onde veio essa divisão? No caso a minha irmã ela é mais velha que eu dois anos e tinha uma caligrafia perfeita, ela tinha um outro nível, eu, a minha caligrafia era péssima, horrorosa, não gosto dela até hoje, então tinha uma diferença e ela fazia parte do abecedário, mas era A, B, C, ou uma coisa pro início do alfabeto, entendeu? Agora essa divisão eu queria saber, o porquê. A Suzi até me perguntou a respeito disso e nós ficamos em dúvida. Como era feita essa classificação, como era separado esses alunos, como eram avaliados esses alunos pra poder jogar assim, entendeu? Nós nos sentíamos jogados, por exemplo, teve professores bons como o professor Ulisses que eu não peguei, uma boa turma pegou, o 3º F não pegou, a Geci deu aula de história, né? Ela deu também pra mim e tinha mais uns dois ou três professores bons, de renome mesmo que o 3º F não pegava, não passava, não sei se era o professor que escolhia a classe, se não queria e colocava outro substituto ou um professor que tava começando, o Malaspina na época tava começando.

Você falou que se formou em Biblioteconomia. O que você acha que o EEBA contribui pra sua vida, pra sua formação? Você acha que ele contribuiu em alguma coisa?
Ah, contribuiu, contribuiu sim. Tanto é que foi no 3º colegial que apareceu um grupo de estudantes da escola de Biblioteconomia de São Carlos passando nas escolas, ou só no EEBA, não me lembro porque eu não fui perguntar pro grupinho que foi lá falar sobre esse curso da Biblioteconomia e Documentação que na época era da EBDSC, Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos, elas foram até a nossa sala de aula pra explicar e dar uma explanada sobre o que seria e me chamou a atenção e a Silvia Ferraz Bueno sentava logo do meu lado e eu disse "olha, acho que é isso aí que eu vou prestar no vestibular, se não for isso vai ser Letras" tanto é que eu prestei Letras aqui na UNESP e entrei em São Carlos e quando eu entrei em São Carlos eu falei "eu vou pra lá" e eu ia e voltava todo dia, não montei república porque o meu pai não deixava, ele era daqueles pais super severo e rigoroso que 10h da noite tinha que estar em casa, então eu ia e voltava e fazia também uns cursos optativos e eu ia a tarde em São

Carlos e a noite tinham os cursos optativos pra você aumentar no seu currículo, na sua grade curricular, então ficava até 11:30, meia noite e pegava o ônibus e voltava pra casa, voltava para Araraquara.

E você precisou de algum complemento, de fazer algum cursinho pra poder entrar? Você acha que o EEBA foi suficiente?
Não. Foi suficiente tanto pra UNESP que eu prestei. Não, eu não fiz cursinho. Já fui direto. E eu acho que depois que essas moças foram dar uma explicação sobre o curso que me chamou bastante atenção no que fazer, porque fazer, e caí na real que eu já tava terminando o colegial e eu acho isso muito importante, muito bacana, os próprios alunos fazerem uma divulgação dos seus cursos assim que esses coitados estiverem saindo, porque no 3º colegial, se nós já éramos assim meio que perdidos naquela época, porque olha, tinha os seus estudos, tinha, nós nos sentíamos perdidas, mas mesmo assim nós conseguíamos fazer alguma coisa, a gente já saía com uma definição, agora os nossos filhos estão com 21, 22 anos e não sabem direito o que estão querendo fazer da vida. E eu com 21 anos estava saindo da faculdade, eu já me formei em Biblioteconomia e estava com o diploma, mas mesmo assim a gente já tinha um direcionamento por mais que nós fossemos avoados ou brincalhões, ou não sei o que, ou pegamos todas essas mudanças do ensino que por uma certa vez atrapalhou um pouco, nós ainda conseguimos ter um sentido "não, vou fazer isso, isso, isso". O Reinaldo deve ter comentado alguma coisa com você ou ele não tocou nesse assunto? Aqui comigo ele falou, que ele também se sentia perdido, mas mesmo assim foi aprendendo tudo que sozinho, nos tropeços, e tendo um direcionamento. Ah, a Biblioteconomia, depois de EBDSC passou a ser uma Fundação, era a Fundação Rui Barbosa em São Carlos e ela passou pra Federal de São Carlos. Olha eu gostei do curso, me identifiquei bastante, tanto é que nós éramos em seis aqui de Araraquara que pegávamos o ônibus no mesmo horário, voltava, fazia a mesma caminhada, descia lá na Rodoviária, e o curso era no centro em frente ao Museu e a gente fazia todo o trajeto a pé e eu sei que a Valeria Lombardi ainda falou assim "nossa quem faria esse curso novamente?" eu falei "eu", a única das seis, elas quiseram me matar "você é louca"" aí cada uma foi pra um canto, foi fazer uma coisa diferente e eu peguei mesmo pra atuar nessa área, depois a Eleatrice que também estava na nossa turma e morava aqui em Araraquara foi Bibliotecária do Logati por um bom tempo depois se casou e saiu daqui, foi uma turma boa.

Pensando em como foi o período em que você estudou no EEBA e olhando a escola hoje, como você vê o EEBA hoje?
Apagado, apagado. Olha aquela escola poderia estar a todo vapor. Porque é um prédio enorme que comporta muitas pessoas e ia resolver também o problema da escola estadual. Mas faz tempo que eu não vou pro EEBA ou vou conversar com o pessoal de lá, mas eu percebo que não tem divulgação, você não escuta falar sobre a escola, poderia ter mais.

Quando você estudava lá a escola era divulgada?
Era, nossa pelos uniformes também! A gente tinha o bolso que era bordado, era vermelho e azul, se não me engano, bordado Escola Estadual Bento de Abreu, EEBA, os próprios alunos muito uniformizados também e muita gente, muita gente, abraçava uma região enorme, os bairros periféricos, porque eu morava no Carmo na época.

E tinha outra escola de 2º Grau ou só tinha o EEBA?
Acho que só tinha o EEBA. Ah, tinha o Colégio da Vila... e acho que só tinha na Vila e o EEBA na época. Aí houve uma reforma no EEBA e nós fomos lá pro... nós falávamos que era escola dos cachorros, onde é o centralizado da Prefeitura agora. Ai, como é que chama aquela escola? Nós ficamos um ano. Eu acho que é o JBO, que era uma escola que tinha uma capacidade maior para atender os alunos do EEBA então nós íamos tudo a pé.

Do Carmo até lá?
Não, não, com nove anos nós saímos do Carmo e viemos aqui pro centro, em frente ao Castelinho, duas quadras do Parque Infantil quatro quadras do EEBA e foi aí que eu fui estudar no EEBA, mas houve uma reforma no EEBA, eu não sei em que ano foi, mas a gente tinha que fazer esse trajeto todo a pé e ia aquela turma grande de criançada, mas aí acho que era 5ª, 6ª até a 8ª série. Foi nesse período que o EEBA teve uma reforma, pintura, mexeram um monte! Nossa, nós ficamos um ano, mas era um sol escaldante, nós íamos a pé e aquele bairro não era grande como agora, não tinha calçada, não tinha árvore, era só terrenão. Tá certo que estava asfaltado, mas era um loteamento aberto. O que eu me recordo era isso aí. Naquela época a gente falava escola dos cachorrinhos porque a carrocinha funcionava naquele pedaço. É isso mesmo, escola da carrocinha que a gente chamava. Eu não me lembro bem do nome da escola, só do apelido.

Olha só como você lembrou bastante coisa! Eram essas questões que eu queria lhe perguntar. Eu queria lhe agradecer por ter me concedido esse tempo, por ter se colocado disposta a me ajudar na minha pesquisa.
Ah, que é isso. E vai ficar uma pergunta no ar: como e porque dessa divisão alfabética, dessa classificação alfabética. Obrigada você!

Entrevista concedida pelo *Colaborador 7*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 14 de setembro de 2009
Local da Entrevista: No trabalho do colaborador

Como foi sua carreira escolar antes do ingresso na EEBA?
Eu estudei sempre aqui. Estudei no João Manuel do Amaral... já faz muito tempo, puxa vida! Depois do João Manoel do Amaral eu estudei no Antonio dos Santos e depois no EEBA que era referência na época.

O que significava estudar na EEBA?
Você tinha contato com os melhores professores que tinham aqui, o Seu Ulisses de Matemática, a Elisabete de História, a Maria Isabel de Desenho, eram pessoas que naquela época estavam sendo chamados para as escolas particulares. Então o mesmo conteúdo que eles davam nas escolas particulares era dado na rede pública, que até então era a referência. O Professor Alarcão de técnicas comerciais, mas uma formação muito mais voltada para o ser humano homem, não o que se tem hoje.

Essa era a imagem que você tinha da escola?
É, com professores super bons, provas que realmente avaliavam o conteúdo, e o saber de cada aluno.

E na sociedade, entre seus vizinhos, amigos?
Era a mesma coisa também.

E havia estímulo para estudar lá?
Havia estímulo. Você tinha situações em que o diretor entrava na sala e deixava de castigo.

Como foi o processo de escolarização na escola? Você tem recordação dos três anos que você passou lá?
Ah...

Com relação aos professores?
A minha relação com os professores sempre foi assim: como meu pai era educador, eu sempre ela filho do Jorge, então pra mim era ruim. Assim, eu vejo em relação aos outros também, a gente tinha aula de francês, de inglês, e entendiamos o professor como um educador, a gente respeitava muito isso, respeitava o horário, respeitava a tarefa, quando não fazia a tarefa o professor deixava a gente em uma situação de desvantagem com relação aos outros, então sempre procurávamos fazer as coisas como era pedido.

E com o diretor?
O diretor também. O diretor (era amigo da minha mãe que também era educadora) era o Sr. Luiz Claudio Cavicha. Ele era um diretor extremamente enérgico, ele era sempre assim "vou falar com sua mãe, vou falar com seu pai", e era assim com todos, não era só comigo, mas a minha relação era não de diferente, eu era diferenciado mas na parte da cobrança, entendeu? Então, "você tem que estudar mais", era bem enérgico naquela época, e hoje infelizmente perdeu essa energia de comando e respeito do professor daquela época do que tem pra hoje, hoje praticamente o aluno faz que nem cachorro do professor. Naquela época era bem assim: a idéia é que você ia lá para você aprender mesmo, e se você não aprendesse você tinha que se virar porque, volta e meia te chamavam "agora é você que faz o exercício", " agora é você", então era bem cobrado, ainda mais por ser uma escola pública, tinham poucas particulares, na época era só o Progresso que tinha, e o Progresso já começava a captar alguns professores da rede pública como o Seu Ulisses, a Dona Maria Isabel, entre outros, então tiveram algumas pessoas que saíram da rede pública para a particular.

E os funcionários?
Funcionários? ... É, eram poucos funcionários, porque até então, acho que a massa de alunos era facilmente contida pelo número de funcionários. Vamos supor que tinha 100 alunos pra 3 funcionários, hoje pra 100 tem que ter 30 funcionários, entendeu? Era um número reduzido pelo que eu vejo, mas eles exerciam de maneira assim, não tinha o que fazer.

E o espaço físico, como era?
O espaço físico era grande demais, tinha muita sala e tal, e... pra mim os funcionários não tinham assim tanto problema, era assim, a bagunça que saia era nas quadras de basquete, de voleibol que ficavam do lado do galpão que era a cantina. Quando tinha o "recreio", de vez em quando a bola pulava, caia lá e a gente ficava fazendo joguinho, mas era só isso entendeu?, coisa de moleque, assim, não que pegava saía correndo, ficava com a bola, não, a índole nossa era muito mais tranqüila do que a que tem hoje, hoje é muito mais destrutiva, risca a parede, estoura a carteira, sei lá, xinga o professor, naquela época não era assim.

E as aulas, você lembra? Como era a rotina das aulas?
As aulas elas seguiam um cronograma que não era dado pra nós. A gente sabia que o professor a cada aula tinha uma papeleta e cada aula ele, tipo, "hoje a aula vai ser de introdução à geometria", então colocava 50 minutos, assinava lá no final, e ia fazendo, dando toda a programação do ensino e ia passando aula por aula e chegava no final ele fazia a prova com tudo aquilo que tinha contido. Ah... era normal assim...

Você tem recordação de como era o cotidiano dentro da escola? As festas, grêmio estudantil, fanfarra, banda marcial, você tinha participação com isso, o que isso representava?
É... sei lá... não consigo entender. Eu tocava na fanfarra, a gente tinha ... três fanfarras, era legal porque você era assim, a sua mente era muito mais aberta pra um monte de coisas, então, a formação como hoje, como chefe de família, como homem, é muito diferente da que se vê hoje. Hoje eu vejo assim, eu volta e meia ando de manhãzinha e pego a entrada de duas escolas e a gente vê assim, não todos, mas uma gama muito grande de pessoas que ao invés de entrar na escola, saem pra fazer algumas coisas, fumar, beber, namorar, enforcar aula, então, sei lá, antigamente não era assim, entendeu? Antigamente as atividades que a escola tinha mantinham você muito mais ligado na escola, então tinha jogos, cada escola tinha o seu campeonato de voleibol, de basquetebol, de futebol, tinhamos gincanas, e então elas eram muito mais introduzidas dentro do meio estudantil.

E esses ensaios, treinos, era tudo dentro do período escolar ou fora?
É tudo fora do período escolar.

E você me disse no começo que era muito bom estudar lá, porque você tinha bons professores, os melhores professores. E dentro da escola havia esse discurso entre os professores de distinguir o EEBA das outras escolas?
Não, não, era uma outra época, entendeu? Hoje todo mundo tá assim, nessa introspecção, todo mundo quer o seu lado ali, por estar do outro lado eu sou melhor do que o outro, então naquela época não era assim, o professor dava aula no Colégio A que era mais forte e no B que era mais fraco, ele dava com o mesmo prazer, com a mesma cobrança, entendeu? Eu acho que era totalmente diferente, a vaidade do professor era tal que você percebia que ele não queria conduzir você a ser um mau aluno porque estava na pior escola, não, ele dava aula do mesmo jeito, era a mesma coisa, e eu tive essa oportunidade porque, no começinho, como eu tava no último ano e o Progresso tava iniciando. Eu terminei no EEBA e meu irmão fez os dois últimos anos no Progresso e foi praticamente a mesma coisa, a gente conversava, porque eu sou dois anos mais velho do que ele, então quase todos os horários eram os mesmos, entendeu? Só a diferença no local de estudo e do agrupamento, tinha pessoas assim, mais abastadas, mas isso também acontecia porque tinham pessoas muito abastadas que estudavam lá, por exemplo, eu estudei com o José Roberto Bortolozo que tinha três ou quatro fazendas aqui na região e hoje ele é o campeão de vendas lá no Piauí de exportação trigo, de cereais, entendeu? Então tem pessoas milionárias que estudaram lá. Era lá porque lá era bom, entendeu? Tinha uma quadra coberta e naquela época só tinha o Gigantão e lá praticamente. Tinha uma bela estrutura...

Como era a questão da rigidez das avaliações?
Ah, era forte, realmente você pegava 2ª época, recuperação, trabalhos pra você tentar melhorar sua absorção daquela matéria, era bem mais exigida. Não era só assim "ó se você não estudar você não passa!", se não você não passa mesmo, entendeu? Então tinha algumas aulas de reforços.

E as provas?
Não eram provas fáceis não, eram provas assim que você, se não estudasse ia mal, se estudasse ia mal também, então tipo assim, a avaliação da época pra mim era muito mais, vamos supor, os meus filhos, por exemplo, você vê os boletins deles era só 9, 10, "pô meu!" então eu era burro, porque eventualmente eu tinha um 9, um 10 assim, então na verdade, você tirar um 7 naquela época era muito mais peso do que tirar um 9 hoje. Então eu acho que hoje assim, as

pessoas parecem ter mais facilidade "puxa, fulano só tem 9, 8, 9 e 10" e não sei se é assim em termos de entendimento.

Isso representava muito mais na época?
Na época sim. Com certeza, com certeza mesmo. Você tirar um 7 naquela época lá em relação a um 9 hoje é... um 7 valia muito mais do que um 9 de hoje, principalmente pelo conteúdo, porque o conteúdo era muito maior entendeu? E a segunda época, como você falou, era a mesma coisa, era matéria e tudo o que tinha direito. Eu nem lembro quantas que eu fiz, com certeza eu fiz, agora eu não lembro, faz muito tempo. Eu lembro de uma segunda época que eu peguei mas eu tava na faculdade, faz 25 anos, agora 30 e deixa pra lá.

Eu tenho o histórico do senhor aqui, e agente pode ver a dificuldade em tirar nota.
Nossa, eles assim, não deixavam ninguém tirar nota.

E porque o senhor acha que eles não deixavam tirar nota?
Porque era mais rígido, entendeu? Eles te ensinavam mesmo, é como se fosse uma escola particular. Eles detonavam mesmo. Uma pessoa que estudou comigo e que tirava nota muito alta, que eu lembro, era o Onaim, Eduardo Charbel Onaim. Eu estudei junto com ele, ele é um médico hoje aqui, nessa cidade, até você tem facilidade de encontrá-lo, ele é um dos caras que tiravam notas altas, ele era a referência nossa, entendeu? Então era dessa maneira, não era "Ah, tudo bem", não, lá zero é zero, um é um, dois é dois... era bem mais controlado. Eu acho que isso infelizmente perdeu.

E você acha que a sua formação lá no EEBA contribuiu para a sua continuação na carreira? Na sua formação enquanto homem, enquanto ser humano, na sua vida profissional?
Ela contribuiu porque assim, não porque eu seja adepto à, mas eu acho que a rigidez no ensino, na avaliação do ensino, forma pessoas mais bem postadas pra vida profissional. Numa escola que não tem uma rigidez, tipo assim, se o cara faltou, se ele tem 100 aulas, por exemplo, se ele faltou em 40, você vai passar de ano. Hoje, é diferente o processo. Antigamente as pessoas eram compromissadas em querer ver se você tinha presença, pelo o que você fazia nas aulas, pelo que você realmente desempenhava em provas. Eles apertavam a gente mesmo.

O estudo realizado no EEBA te facilitou o ingresso na Universidade, no vestibular? Você precisou fazer alguma formação complementar depois?
Eu fiz dois anos de cursinho... e eu não sei se facilitou ou não...

Você se vê satisfeito com o ensino que você teve lá?
Eu me dou por satisfeito. Bastante. Eu gostei muito de fazer lá, porque inclusive até nos primeiros anos o Professor Alarcão, que era um professor que eu tinha aqui, ele dava técnicas comerciais pra gente, como é que se faz raquete de pingue-pong, como é que se faz um monte de coisas que vamos dizer assim, que hoje você pede pro seu filho "preciso de um compensado" e ele diz "o que é um compensado?" pô, então hoje a escola fala que aquilo é uma madeira, mas não fala pro aluno como é que faz. Então ele ensinava a você a fazer calço para mesa, sabe umas coisas assim que naquela época eu acho que era legal, acho que fazia parte da formação, hoje aquele modelo foi ultrapassado, mas eu acho que infelizmente ele foi ultrapassado, deveria ser melhorado e não absolutamente modificado. A começar dos professores, hoje o cara dá aula em 30 escolas, naquela época não, eram duas ou três. Então o professor dava aula em duas belas escolas, então é diferente.

Você olhando pra escola hoje, o que você vê? Como você vê a escola hoje?
Dá dó. Depredação é... como eu posso falar... um ambiente ruim, os freqüentadores da escola são de bairros periféricos, entendeu?

Quando você estudava lá não?
Não era assim, a cidade também não tinha esse crescimento. Quando eu estudei a cidade tinha uns 80 mil habitantes, você entendeu? Então hoje tem 200 mil. Então não tem como você, é, entender o que vai acontecer com tal escola. Antigamente, nossa, era assim, não que era da elite, entendeu? era gente de todos os lugares mas era muito bem organizado porque era muito bem cobrado. Era uma outra maneira de ensinar. Naquela época era assim, o professor é o que manda, o professor chegava lá e dava reguada nas costas, por exemplo, era uma régua de madeira de quase um metro e a pessoa ficava quieta, e entendia como se fosse um pai que tivesse chamando a atenção, hoje se você faz isso, você ameaça você toma um tiro, então hoje a freqüência da escola, pra mim, é ... se não é péssima é pra baixo

disso. Não consigo ver uma escola bem... até pelo professor mesmo, o quadro de professores lá não deve ser bom, tô por fora, seria até leviano eu falar que o quadro é ruim, mas é, eu acho que acompanha.

Aquela aura de qualidade de ensino...
Nossa... eu não estou lá pra ver, mas eu tenho a impressão de que a aura acompanha as pessoas que lá estão hoje. De péssima qualidade. Infelizmente, porque foi uma escola assim que... é muito chato assim... eu sei porque os meus pais foram educadores, minha mãe foi sempre diretora de escola, foi minha diretora entendeu? Meu pai sempre esteve por trás chuchando a gente, e a gente vê assim que a coisa mudou muito, mudou muito, muito, muito... Naquela época lá o diretor te dava uma suspensão de 5 ou 6 dias, você ficava quietinho, aí hoje em dia se você dá uma suspensão de 2 ou 3 dias o seu carro aparece inteirinho riscado, então quer dizer, hoje a população que tá na escola pra mim é de péssima qualidade, infelizmente. E mesmo assim tem um monte de gente que vai pra enforcar aula, que não sabe se tem aula, que leva só um caderno pra aula, então.... você vê assim é um despreparo do professor e os alunos não tem incentivo, eles não querem estudar, querem viver o momento e não sabem que daqui a dez anos, se ele não estudou o que ele tinha que estudar hoje ele vai ter um problema muito sério na vida, isso estudando, sem estudar ele tá mais fora do mercado ainda, e eles não conseguem perceber isso daí. Eu acho que os professores também não estão tão preocupados, eles vão lá e explicam para quem quer. Quer dizer, eu vejo assim, em algumas salas de aula a gente vê aquela bagunça, o professor gritando de um lado, o outro gritando do outro, algumas vezes conversando, não é lamentável? E isso aí, hoje sim eu consigo ver, o que reflete hoje aqui na faculdade também, a gente não está com os melhores alunos, a gente está com os piores, e olha lá se não fosse Faculdade, se não fosse Universidade, entendeu? É um ou outro que é um bom aluno aqui.

O que você acha que permitiu que o ensino de hoje ficasse desse jeito, diferente do tempo em que você estudava e que não era assim. Qual você acha que era o diferencial que havia?
Ah, não sei.... posso falar alguma coisa, não sei se pode ser isso, mas eu acho que o pior culpado foi o próprio governo. Não ter qualificado tanto assim o corpo docente, não ter qualificado a remuneração docente, entendeu? É... eu vejo pelo meu pai, o meu pai quando era professor da UNESP tinha uma certa regalia, hoje o professor não tem. Então você vê assim que o governo exige que você se qualifique, mas não dá meios pra você se qualificar, o governo exige que você ensine direitinho mas também não dá muitos métodos pra você se aperfeiçoar e te cobra pra você se aperfeiçoar, entendeu? Então eu vejo um pouco assim. Antigamente o governo achatou demais o salário dos professores, sei lá... é o que acontece aqui, você ganha, por exemplo R$ 4.000,00 e você ensina o cara a ganhar 10, 12 mil por mês. É a mesma coisa na escola, como é que você vai chegar e dar R$ 1.000,00 pro professor e pro cara ganhar mais ele tem dar aula em 5 ou 6 escolas, olha o que ele gasta de gasolina, olha o que ele estressa, qual que é a referência dele? Ele não sabe nem onde ele vai dar aula direito, é tudo assim... de maneira desordenada, então eu acho que isso tá pesando de mais. A confusão que o governo fez, é, problema salarial, achatar os salários (isso da rede pública né, das escolas de 1º e 2º Graus) e o produto final é isso que tá chegando ai, de cada 10 alunos bons você tem uma média de 20 ruins, entendeu? Então hoje é... na população aqui na faculdade de cada 70 alunos você pode procurar 10, 12 bons alunos, 35 medianos...

Ok, eu queria lhe agradecer pelo seu desprendimento
(pausa para atendimento de telefone)

(depois)
Por exemplo, uma coisa que a gente não pode fazer esse tipo de comparação, o meu irmão estudou dois anos, os mesmos tantos que eu estudei no EEBA e fez dois anos no Progresso. Ele entrou numa faculdade de engenharia e hoje é presidente de multinacional. Quer dizer, isso ai é uma situação... ele é engenheiro... e na época aconteceu o que, o curso de odontologia era um top de linha, hoje já não é mais, quer dizer, quando eu prestei tava 40 para 1, hoje tá 11, então acontece o seguinte, tem uma fuga da Odontologia. Ele acertou, não é que ele acertou na vida, teve um conjunto de fatores que levaram ele a ser um cara respeitado, mais novo do que eu inclusive, ganha 5 vezes mais do que eu. Mas isso ai não é uma questão de que é a escola que formou isso, porque ele escolheu e estava no momento certo, na hora certa, entendeu? Então foi indo... eu quis ficar aqui, fazer aqui, então essa é que é a diferença, entendeu? Não acho que pode ser um comparativo, entendeu? Nas duas escolas... eu tive uma oportunidade de salário, meu irmão tem 5 vezes mais, o problema foi o que ele escolheu, no momento em que ele escolheu. Como também teriam pessoas que saíram daqui e não tiveram essa chance, então essa é uma outra situação.

(conversa... informações sobre os demais estudantes – rede de sociabilidade)

Entrevista concedida pelo *Colaborador 8*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 24 de setembro de 2009
Local da Entrevista: Na casa do colaborador

Como foi sua carreira escolar antes do ingresso no EEBA?
Eu estudei aqui. Eu fiz o João Manoel do Amaral no primeiro ano, depois eu fui pro Pedro José Neto e do Pedro José Neto eu fui para o EEBA.

Você chegou a fazer uma parte do primário lá no EEBA?
Eu fiz o jardim de infância, o primeiro ano aqui na Fonte (no João Manoel), depois fiz até a 4ª lá no Pedro José Neto e o 1º Grau e 2º Grau no EEBA. De 5ª à 8ª e o colegial eu fiz no EEBA.

Do que voce tem lembrança, o que significava estudar no EEBA naquela época?
Ah, era motivo de satisfação, de conquista pra vida escolar. O EEBA era uma escola ícone, representativa na cidade.

E qual era a imagem que vocês tinham da escola?
A imagem era aquela referência de formação, de um local aonde você ia com satisfação pra buscar um aprendizado, dar uma referência de um futuro melhor, dar uma formação para um futuro melhor. Integrava a parte da satisfação com a escola pelo lado da boa formação que a escola dava e ela trazia também outros atrativos: você tinha uma estrutura legal pra fazer educação física, tinha vários eventos, bandas marciais... a escola era um atrativo! A gente tinha essa percepção, essa satisfação até a 8ª série, pelo menos eu me lembro muito bem disso. Depois com a mudança (e a gente vai perceber, vai filtrar isso já depois de certa idade), com essa mudança do setor primário, eu não me lembro exatamente como era, mas você tinha que focar ou pra química, física e matemática, ou pra biologia e mais alguma coisa, ou pra área de humanas era português e mais algumas matérias, eu não me lembro como era a divisão exatamente, mas o problema era que no momento você não sabia qual era o seu horizonte profissional, você não tinha noção de horizonte profissional. Qual seria o seu horizonte profissional terminando o 1º Grau? Não dá pra decidir. Ai a partir desse momento a escola ficou mais pelo lado do convívio social, da amizade, da satisfação da parte esportiva. A gente ia no período contrário jogar bola, tinha os times, o inter-classe. Foi desestimulante a partir dessa mudança. O primeiro colegial ainda foi mais ou menos, o segundo foi um desleixo, o "paladar" da escola tinha mudado, e o terceiro parece que tinha perdido a noção daquela referência de escola que a gente tinha, foi essa sensação. Até a 8ª nós tínhamos laboratórios de química, física, nós tínhamos atividades práticas e depois isso foi simplesmente eliminado. Os laboratórios ficavam fechados. No primeiro grau até marcenaria nós tínhamos! Eu lembro do professor Alarcão, ele dava aula de marcenaria. A escola era atraente.

Você fez Habilitação em Química? Você se lembra como foi feita essa escolha?
Sim. Os nossos pais, avós, foram pessoas que não tinham tido essa oportunidade de um grau maior de escolaridade, então eles não tinham também como dar essa orientação. Então nós decidimos pela percepção dos amigos, junto com os amigos. "Ah, eu acho que vou fazer engenharia", "eu acho que vou... então essa área aqui é melhor". Foi nessa linha.

Você se lembra como foi o seu processo de escolarização lá dentro? Por exemplo, na sua relação com os professores?
A relação com os professores era de muito respeito, muita disciplina. Eu acho que de todos os anos no EEBA se eu tive uma advertência oral ou alguma coisa do tipo em razão de uma brincadeira de colegas que no fim eu fui visualizado no meio dessa turminha, mas eram coisas amenas perto do que se vê hoje. Acho que nesse período todo eu tive uma advertência e junto com os colegas. Mas assim, a relação com os professores era de respeito, muito respeito, era de admiração. Alguns professores a gente tinha a referência como um ídolo, era um máximo aquele professor. Não eram todos, mas tinham alguns que tinham um destaque especial. Não que os outros não fizessem um bom trabalho também, mas eu acho que essa empatia, essa didática, essa relação com os alunos é que era diferente.

E você se lembra do diretor?
A direção? Nossa... eu não me lembro exatamente.

Ou o que era o diretor, como era a relação com os alunos, vocês o viam?

Não, com a direção o contato era pequeno. Salvo uma eventualidade que eu me lembro que nós fomos lá para a diretoria, mas era com a vice-diretora. Não era com o diretor que a gente chagava, era com a vice-diretora. Tinha o diretor homem que eu não me lembro quem era, e tínhamos diretor mulher, mas esses assuntos de disciplina a gente ia falar com a vice-diretora. Era o primeiro estágio de hierarquia. Mas o diretor eu não me lembro. A Inayá foi bem mais aqui pra frente. Eu não lembro quem era.

Você se lembra de funcionários, de inspetores de alunos?
Tinha, tinha sim... Tinha o Cidão, tinha uma senhorinha muito engraçada. Porque a gente tinha um sistema de que quando você chegava, na primeira aula, você punha a carteirinha numa caixinha e depois você só pegava essa carteirinha na última aula ou quando você precisava sair com a autorização, então essa pessoa ia lá, abria o armário com a chave pegava a caixinha da sua sala, a sua carteirinha e só com a carteirinha na mão você saía. Tinha um controle muito rígido de entrada e saída da escola. Tinha que usar uniforme, outra fase teve que usar um avental, um jaleco com o símbolo da escola. Teve uma fase que tinha o uniforme mesmo, outra fase teve que usar o jaleco com essa identificação da escola, tinha uniforme pra Educação Física. Agora eu não me lembro do nome deles, mas eu me lembro das pessoas que disciplinavam os alunos ali no pátio, nos corredores. Tinha um, acho que era o Seu Oscar, eu me lembro que ele foi amigo do meu pai, e ele veio da FEPASA, porque teve uma época que a gente teve funcionários da FEPASA nas escolas, ainda me lembro que depois ele foi fazer engenharia a noite, foi um caso que ficou notório porque ele saiu da condição de servente e foi fazer um curso superior.

Você se lembra como eram as rotinas das aulas? Na questão dos conteúdos, das avaliações, das provas?
Olha Professora Cidinha de História: "terrorzão"! Professora Elisabete que até era mãe de um amigo meu, do Erasmo, as duas davam história, mas as duas tinham um método diferente de avaliação. A mãe do Erasmo, a Dona Elisabete, ela primava por, por exemplo, chegava no final da aula ela dava questionário pra fazer em casa e corrigia na aula seguinte e a prova era prova tradicional, escrita, de perguntas (as vezes a prova vinha mimeografada) dissertativas ou pra você marcar a alternativa correta. A Dona Cidinha não dava prova escrita, ela dava o ponto, discutia, e na próxima aula ela já saia fazendo chamada oral. Era o terror. Chegava no começo da aula ela já chamava, se você não tivesse terminado então terminava ai na próxima aula ela passava a chamada e daquele assunto ela fazia 40 perguntas diferentes, ela tinha uma habilidade fantástica, ela dominava o conteúdo. Se tivesse 35 alunos eram 35 perguntas diferentes. A Dona Miriam, por exemplo, de Geografia, trabalhava muito bem, ela não tinha os recursos que se tem hoje e desenhava os mapas e coloria com o giz de cor num capricho fantástico, e trabalhava também o conteúdo em casa, vinha mimeografado pra você pintar, destacar determinadas áreas de acordo com a legenda. Ela trabalhava também a geografia física e humana do assunto, daquilo que ela estava tratando, ela fazia a ponte da geografia humana com a geografia física, enfim, era muito bem trabalhada. Eu me lembro que eu não gostava muito de pintar e precisava pedir socorro, eu não gostava de ficar pintando, e vinha lá os mapas que eram feitos no mimeógrafo pra gente pintar e fazer a parte escrita atrás.

Como era tirar nota naquela época?
Não era fácil não! Não era fácil não. Eu me lembro, por exemplo, de um professor que ficou muito tempo aí e que eu tenho um carinho especial por ele, era o Professor Antonio Montelione, era professor de Biologia. Ele era assim, de uma empatia, de uma amabilidade fantástica, e a forma dele mostrar a biologia era... inclusive fazendo pontes com a prática dos laboratórios (o EEBA hoje não, mas teve laboratórios muito bons, e nessa época tinha laboratórios de Química, Física, Biologia, tinha toda essa infra-estrutura) ele levava a gente no laboratório e fazia as experiências, então você percebia onde estava o conteúdo que ele estava dando, você se localizava, e as provas aí ficavam fáceis, porque você ficava empolgado, estudava e aprendia com facilidade pela didática. E nesses casos eu lembro que tirar nota era uma conseqüência. Agora tinham outras matérias que não. O terror pra mim sempre foi Português, talvez a maneira como foi trabalhada a Língua Portuguesa eu acho que eu perdi muito.

Você se lembra como era o cotidiano escolar como os recreios? O que você tem de recordação?
Ah, o recreio era um momento muito especial em que você ia fazer o lanche, ia fazer a fofoca com os amigos, tinha alguns joguinhos no Diretório Acadêmico (DA) como o pingue-pongue, tinham os jogos de tampinha, de dadinho, então era um momento em que o pessoal estava sempre se descontraindo. Ficava mais separado: meninas e meninos. Naquele horário na quadra tinha sempre Educação Física e o pessoal ia lá ver quem tava jogando e as vezes tava tendo uma disputa de basquete, de vôlei. O pessoal ia na cantina e pegava o lanche e um refrigerante e ia lá ver o jogo ou se não sentava ali no banco uns quatro ou cinco e fazia disputa do jogo de tampinha, de dadinho que a gente sempre levava.

Você falou do Diretório Acadêmico. Você participou alguma vez?
Eu freqüentava.

O que o Diretório fazia?
Ah, o Diretório para nós que não queríamos no envolver com o Diretório, com a atuação no DA, era entretenimento. Era ir lá para jogar baralho, jogar pingue-pongue, ouvir música. Era num local separado, inclusive um tipo de subsolo e tinha várias salas. Era bem legal.

Você falou que gostava de esportes. O que o esporte significava pro aluno?
Ah, era prazer.

E você participava?
De atletismo, de competições inter-classes. Os professores de Educação Física eram muito dedicados. O Seu Volmes, o Seu Horácio, a Dona Darcy, tinha uma equipe e eram "os professores". Eles promoviam, estimulavam. Tem a Dona Eulália e se não me engano a quadra coberta de esportes do ginásio leva o nome dela. Colocaram entre aspas "Eulalião". A Dona Eulália era também muito dedicada nessa área.

Isso foi no 2º Grau?
Desde o 1º Grau.

Tinha Banda Marcial?
Tinha. Tinha Fanfarra. A gente ia ver os desfiles da cidade para ver a fanfarra da escola.

Você se recorda se nesse período em que você fez o 2º Grau se havia dentro da escola algum discurso entre os professores e funcionários de diferenciar o EEBA das demais escolas?
Você tinha sim uma colocação "olha, vocês estão no EEBA", "vocês precisam se dedicar mais". Não era uma imposição carregada, pesada, mas era pra manter o bom nome da escola.

E você acha que havia espaço pra trocas, discussões, sugestões?
Ah, isso ai eu acho que não. O aluno era aluno, professor era professor, diretor era diretor. Os espaços eram bem equacionados... Mas também parece que não tinha tanto problema como tem hoje. Essa é uma questão. Eu não me lembro de ter visto tantos problemas. Eu me recordo (não sei se até a 8ª série, mas nos primeiros anos do 1º Grau) que o professor entrava e nós nos levantávamos. Eu não me esqueço disso.

(conversa com a esposa)

Uma coisa interessante, falando em disciplina, dava o sinal do recreio (isso até a 8ª, 1º, depois começou a mudar um pouquinho o comportamento e talvez a própria gestão escolar) e você não ficava no pátio o bedel, o inspetor de alunos, ele conhecia todo mundo e ele passava e dizia "porque ainda não subiu?" "vou levar o seu nome na diretoria", ah, não ficava um. Falava em diretoria? Que é isso? Hoje nós compreendemos bem essa pressão e porque nós atendíamos de imediato: a diretoria ia ligar pra família e você ia chegar em casa e ai de você se não fizesse jus, ficava de castigo, não saía de final de semana e até levava umas lambadas! Então existia esse apoio da família para com a escola. Então o bedel passava, subia todo mundo. Não ficava um.

Você disse que mudou. O que mudou? E por que mudou?
Talvez a gestão escolar começou a acompanhar menos essas questões, parece que as coisas foram sendo abandonadas. Os inspetores foram sumindo, não tinha funcionário, começou um desleixo. Um exemplo o banheiro, os banheiros eram simples mas sempre muito bem limpos e depois acho que começou a cair o cuidado com a escola, começou a diminuir o número de funcionários.

Você acha que o número de alunos aumentou quando a escola passou a oferecer somente o 2º Grau?
Hum... esse é um parâmetro difícil. Eu acho que não.

A escola funcionava em quais períodos?
Manhã, tarde e noite. Eu me lembro de um aluno que estudou comigo até a 8ª série e na 8ª ele repetiu justamente coma professore Cidinha de História, aí os pais disseram que ele iria fazer a 8ª a noite e ia trabalhar.

No primeiro ano do 2º Grau veio pra escola bastante gente diferente?
Da 5ª até o 2º colegial o grupo se manteve, só no 3º é que mudou mas mudou com pessoas ali da escola mesmo.

(conversa com a esposa)

Você fez escolha para Habilitação em Química. você se lembra em que ano?
Eu não me lembro o que aconteceu. Eu me lembro que houve alguma coisa, mas eu não me lembro exatamente o que. Acho que o 1º foi normal aí eu fiquei com a habilitação em química e aquele grupinho mais próximo também optou por isso, mas muita gente depois viu o que era e acho que trocou, mudou. Acho que foi isso ai.

O que você acha que o EEBA contribuiu para sua vida? Seja sua vida pessoal, social, profissional? Você acha que teve alguma contribuição ou ela não contribuiu em nada?
Claro, claro. O conhecimento que nós adquirimos principalmente, e eu volto a reforçar, até o 1º colegial, porque do 2º pra frente ficou confuso, sempre trouxe respaldo pra tudo o que foi feito daí pra frente.

Depois que você saiu de lá continuou os seus estudos?
A sim, daí entra aquele problema da indefinição "o que eu vou fazer?". Eu passei duas vezes no vestibular da primeira fase daí que eu vi que eu tinha muita deficiência. Foi Engenharia em São Carlos e Geologia em Rio Claro. Depois eu comecei a fazer Engenharia aqui e não gostei também e parei, aí eu fui fazer técnico. Eu observei essa área de informática, de computação, mas não uma computação de nível superior e eu pensei ser interessante, daí eu conversei com um primo que estava em São Paulo que estava trabalhando na área de programação, aí foi quando eu parei a Engenharia e fui para São Paulo fazer o curso Técnico de Programação que não tinha aqui. Eu peguei toda transição de tecnologia. Eu continuo trabalhando como técnico de informática, atualmente na Prefeitura, mas trabalhei muito no setor primário em várias funções, como programador, analista de sistemas, analista de suporte, técnico e atualmente eu estou como técnico na Prefeitura em razão de mercado mesmo, eu corri pra um concurso em razão de ter atingido os 40 e ninguém quer pagar mais o seu currículo. Essa foi uma percepção difícil de se administrar. *(conversa sobre o seu trabalho)*. Eu fiz direito também como cultura geral e vale a pena, como visão de mundo ajuda muito.

(conversa com a esposa)

E eu a partir de uma determinada fase nessa atuação técnica de informática eu fui fazer a Pós Graduação na UNAERP que os professores da USP montaram um curso legal lá e dai eu dei um *upgrade* no meu conhecimento. Eu fui lá pra fazer a Pós que tinha uma proposta muito legal, um conteúdo muito interessante e aprender um pouco mais sobre metodologia porque eu sempre tive uma atuação mais prática. Eu fiz então a Pós em Análise de Sistemas.

Você continua aqui na cidade e tem a possibilidade de olhar o EEBA hoje. Então, olhando o EEBA hoje, como você vê a escola? Ela sofreu mudanças do período que você passou lá? Você acha que ela mantém o mesmo padrão?
Em hipótese nenhuma. Pelo que a gente ouve e sabe a escola decaiu muito, muito. Essas mudanças que foram propostas acabaram minando o bom ensino e o EEBA hoje virou mais uma escola pública, bem diferente do que foi o IEEBA.

(conversa com a esposa)

O professor nessa história é o menos culpado e o mais prejudicado, infelizmente. A questão é de Estado mesmo. A educação pública passou a ser um problema, teria de ser solução e passou a ser um problema. Ai se você for se aprofundar você vai chegar à raiz do problema: a instituição chamada governo, está nos políticos. Infelizmente.

Você se lembra se teve formatura do seu 2º Grau.
Não, não teve. Na oitava série eu me lembro que teve alguma coisa no Anfiteatro. O EEBA tem um Anfiteatro!

Tinham festas, celebrações cívicas?

Celebrações cívicas eu me recordo, sempre teve! Nas datas importantes o pessoal perfilava, ouvíamos palavras, cantávamos o hino nacional. Os alunos recebiam autoridades as vezes na escola, tinha toda aquela formação, parecia militar.

(conversa com a esposa)

Por falar em seleção, a minha turma foi a última que fez aquele vestibular para entrar no EEBA. Admissão.

Mas o você fez na 5a série?
É, pra entrar na 5ª série. Nós chegamos a fazer a prova e naquele ano por uma decisão administrativa do Estado terminou. Uma pessoa que pode enriquecer muito a sua pesquisa é a Dona Margot. A Dona Margot dava aula de admissão. Nós fazíamos o Pedro José Neto de manhã e a tarde nós íamos à Dona Margot, fazia reforço. Nossa tinha uma turminha grande que fazia aula na Dona Margot, na casa dela. Tinha mais de vinte e poucos alunos.

Na época que você estudava que valor tinha a escola, ou estar na escola?
Estar na escola era um bem estar! Era um bem estar!

Era normal ir à escola?
Era normal, normal.

Era normal no sentido de que todos iam à escola, ou eram poucos que iam?
Como referência eu vou pegar o meu círculo de amizade: todos os que eu tinha amizade iam à escola. Os meus amigos, vizinhos, todo mundo que eu conhecia iam à escola.

(conversa com esposa)

Olha eu me lembro que você tinha aquele período que você ia pra sala de aula, depois você tinha período em que você tinha Educação Física, contrário, duas vezes por semana. Tinham os dias que a gente voltava pra escola pra encontrar os amigos porque a gente tinha reservado a quadra, era assim, bem intenso... a vivência com a escola. Até a 8ª série, ainda reforço outra vez, eu me lembro que tinha muita tarefa, atividades da escola pra fazer em casa, depois isso foi diminuindo muito, caindo muito, o colegial quase nem... no 1º eu ainda me lembro de alguma coisa, no 2º e 3º foi um... aí aconteceu algo muito comprometedor, vamos colocar assim, mas até a 8ª série... tinha professor que recolhia a folha avulsa e valia como nota complementar da média. Tinha bastante atividade em casa, pesquisar mapa, fazer exercícios de matemática, de química de física, você tinha que fazer. Uma coisa que eu detestava: falava em redação eu ficava verde, roxo, azul, branco, eu detestava escrever e depois eu fui entender isso, a maneira como foi ensinada a língua... falava em redação e vinha todo um "complicômetro", uma parte de análise sintática, escrever naqueles padrões, era um bicho de sete cabeças. Eu me lembro que fazer uma redação, produzir textos, nossa, era um sacrifício.

(conversa com a esposa)

Então eu acho que foi a maneira como foi colocada a Língua Portuguesa: muita ênfase em gramática, gramática, gramática, era uma coisa chata, uma coisa que não era palpável e você queria muito mais aquela coisa da física, da química, da biologia.

Muito obrigada pela sua atenção. Eu queria lhe agradecer!

Entrevista concedida pelo *Colaborador 9*
Entrevista realizada por *Muriel Carmo Lameira Ancelmo*
Data da entrevista: 16 de setembro de 2009
Local da Entrevista: Na casa do colaborador

Você lembra como foi a sua carreira escolar antes de ingressar no EEBA, onde você estudou?
Lembro, eu estudei no Pedro José Neto, na rua 4, que na época era comum. No EEBA, a gente geralmente fazia o primário numa escola e depois prestava um tipo de vestibular para ingressar no EEBA.

Você começou com a 5ª Série?
Comecei na 5ª, eu fiz a 5ª à 8ª e depois o 1º até o 3º colegial.

Do primeiro para o terceiro você fez alguma prova, pra poder continuar?
Não, não, se você já estava no EEBA você automaticamente já estava matriculado no 1º Colegial. A única prova foi para ingressar na 5ª Série, exame preparatório, que chamava na época.

Porque estudar no EEBA?
Bom, primeiro porque era o melhor colégio que tinha aqui em Araraquara, então era questão de orgulho, a gente falava "estudo no EEBA" se sentia assim, o máximo, eu adorava falar, eu sentia orgulho de falar que eu estudava no EEBA mesmo, era uma excelente escola, excelente escola.

Como que a sociedade via o EEBA, ou por que ela era considerada uma excelente escola?
Ela era considerada uma excelente escola porque ela preparava realmente o aluno pra vida tanto social quanto profissional, eu pelo menos sentia isso, entendeu, e além do mais eu acho que dava até um certo status você falar que estudava no EEBA, sabe, quando a gente falava "oh estudo no EEBA!" o pessoal falava "nossa no EEBA!", então é... eu acho que era bem por aí. E também eu acho que realmente pela preparação do individuo, sabe, como eu te falei tanto na vida social quanto profissional.

Era difícil entrar lá? Pra estudar lá era concorrido?
Era, era difícil, então como eu te falei, na 5ª série, quando nós acabávamos a 4ª série, falava 4º ano primário na época, aí a gente fazia um exame, um curso preparatório e pagava aula particular, não sei se você já conversou com outras pessoas, então nós fazíamos aulinhas, eu acho que era português, inglês, não me lembro se tinha história. Português, matemática e não me lembro se tinha história, inglês não. E aí depois fazia um exame, inclusive tinha uma média para tirar e que também não me lembro, na época eu acho que era 5 a média. Mas tinha gente que não conseguia entrar, eu mesmo conheci pessoas que não conseguiram entrar.

Além do EEBA você se lembra de alguma outra escola que oferecia o 2º Grau, na época?
Você fala assim que era também, tão bom quanto?

Se não fosse no EEBA a pessoa estudaria onde?
Olha, eu me lembro que eles falavam do Ginásio da Vila, Colégio da Vila, não me lembro o nome do colégio, mas falavam "é concorrente do EEBA" não sei o que, mas eu nunca conheci ninguém, nem conversei com alguém que tenha estudado lá. Mas o forte mesmo na época era o EEBA, era o EEBA. Se você conversasse com o meu marido, assim, você ia adorar porque ele estudou no EEBA, só que ele se formou primeiro do que eu, ele é 4 anos mais velho... nossa, teve uma outra fase excelente, o meu marido fez UNICAMP, já saiu do EEBA prestou vestibular entrou na UNICAMP, umas das melhores universidades do país, então, ele também acha o EEBA, achava na época o EEBA o máximo.

Pensando um pouquinho de como você fez o seu 2º Grau lá, você se lembra mais ou menos como que era, como foi o seu processo de escolarização ali dentro, como foi a sua relação, por exemplo, com os professores?
Ah, tá, não... eu sempre tive boas relações com os professores, sempre tive muita boas relações. Os professores eram... bom é lógico tinha aquela hierarquia, aquela coisa diferente do que é hoje de alunos e professores, sim, você tinha que respeitar muito todos os professores, mas todos eles eram bacanas viu, tinha um ou outro que era mais difícil... mas geralmente aqueles mais difíceis eram os melhores, na verdade eram os mais... mas a gente tinha muito boa relação, é difícil o aluno assim que não, que não se dava bem com o professor só que a gente respeitava viu, era uma amizade assim bacana mas sem essa intimidade que o aluno tem hoje ou liberdade sabe de, de desrespeito, de

falar com o professor era, nossa, eu sou da época que chegava, o professor entrava na classe primeiro, a gente se levantava e depois a hora que ele chegava a gente sentava, chegava o diretor nossa, todo mundo ficava em pé sabe, era aquele respeito. É lógico que a gente aprontava também, mas eu sempre falo, eu falo pra as minhas filhas hoje, as nossas brincadeiras eram saudáveis não é essas brincadeiras que a molecada faz hoje, de destruir, de quebrar, eram coisas gostosas, entre a gente.

Falando entre os alunos, como é que você recorda? Como era o convívio dos alunos lá dentro?
Ah, era uma delícia, eu pelo menos tinha assim, muito bom relacionamento com todo mundo, eu acho que eu nunca briguei, é, tanto no grupo como no ginásio, no colégio, eu nunca briguei com ninguém, tinha bastante amizade com todo mundo. Aí se você conversar com o pessoal acho que todo mundo vai se lembrar de mim! A gente, nossa... era muito bom, eu tenho muita saudade. Pra você ter uma noção eu sonho até hoje que eu ainda estudo no EEBA, às vezes eu sonho que eu estou na sala de aula, sonho com as minhas amigas, era muito bom, ficou marcado como uma lembrança muito boa, lembrança boa, nossa era muito bom. Lembro de quase todos os meus professores... muito bom, inclusive eu até queria saber de alguns ainda, sabe, nossa, será que os professores ainda estão vivos, porque tinham uns que já tinham uma certa idade, sabe, quando trabalhou com a gente, então, era muito bom.

Você se lembra de funcionários, de inspetores de alunos, de secretaria. Como era que eles lidavam com vocês alunos?
Olha todos... os inspetores eram muitos bons, a gente tinha aquelas coisas, porque no EEBA assim, você tinha que ir de uniforme todos os dias, e era super rígido, então tinha a inspetora e quando nós chegávamos tinha uma escada, acho que você conheceu o prédio, então ela ficava bem na entrada do corredor e observando tudo, se você estava uniformizado.

Como era o uniforme?
Nossa o uniforme não era bonito não, era feio, mas a gente ia. Bom depois, no final, no 3º colegial, acho que já tinha liberado calça jeans, mais a principio... quando comecei mesmo no EEBA, na 5ª série, o primeiro uniforme era uma saia cinza, tinha uma prega assim na frente, me lembro até hoje, uma camisa branca, e um cintinho de verde e vermelho, era uma coisa, e era de tecido não é que nem hoje, era aquele poliéster, sei lá, minha mãe que fazia o uniforme *(mostrava com a mão enquanto falava).* Acho que a meia era 3/4 até aqui branca, mais você sabe que no fim ficava bonito, parecia aqueles colégios que as vezes vocês vê, na Europa, no filme, tá tudo uniformizado. Bom, depois eu não me lembro o ano mudou pra calça comprida, as meninas podiam ir de calça comprida, também nessa época que a gente ia de saia, os meninos iam de calça cinza, aí, era um cinza chumbo, bem escuro e depois passou para calça comprida aí era um jaleco, a gente falava, um jaleco branco que a gente tinha que esticar o braço e tinha que ser quatro dedos acima do joelho era muito feio a roupa, mas tinha que ir, no inverno você tinha que por blusa por baixo desse jaleco, porque não podia de jeito nenhum esconder o nome, tinha bordado aqui EEBA e tal e... o sapato e meia branca, o sapato preto e meia branca, sapato do tipo boneca, era bem feio, e aí a gente tentava enganar porque a gente queria ir de tênis, quase todas nós meninas queríamos ir de tênis na escola, então, sabia assim a inspetora tal, dona Rosa, nossa, a dona acho que é Ercílha ou Ervinia, acho que é dona Ercilha, acho que já morreram eram bem velhinhas, uma graça as duas e... aí a agente chegava tinha que depositar a carteirinha, nós tínhamos carteirinha de controle de presença depositava numa, elas tinha uma caixinha e tinha lá 1F, 2F, 3F, todas as séries, então você chegava e aí tinha nessa caixinha também o número seu de chamada, então você já chegava e depositava a sua carteirinha naquela urna, tipo assim gavetinha, depositava o seu número e aí você depositando lógico você estava presente na sala então elas batiam o carimbo de presença todo o dia e no fim do dia ela entregava a carteirinha então não tinha como você enforcar aula, nem você ir embora do colégio, você não conseguia sair sem a carteirinha, então aí quando nós chegávamos... elas olhavam se você estava, se você não estivesse de uniforme, elas te mandavam para diretoria e você tinha que explicar o porque e muitas vezes você não podia assistir aula ou a diretora tinha que te autorizar, ou então se você estivesse algum problema com o seu sapato, se você não fosse de sapato ou se você não foi com a calça cinza, foi com a calça jeans, qualquer item que faltava do seu uniforme, sua mãe tinha que fazer um pedido e assinar embaixo o porque, justificando o porque, era super rígido, mas era bom, você sabe que ensinava muito a gente a ter disciplina, era muito bom... e eu vejo assim, eu comparo por hoje, que eu tenho um, tio que é casado com uma tia minha, ele é hoje professor de educação física do EEBA, ele fala que é um absurdo. As meninas vão de top, aquelas calça aqui embaixo, ele falou “oh quase aparecendo os pelos pubianos” uma coisa impressionante e na nossa época não, era tudo...

E o diretor, como era a figura do diretor?

Não, o diretor é, a figura dele era bem, é... bem respeitada, sabe, é como eu te falei, quando ele entrava na sala de aula, ele abria a porta todo mundo já ficava em pé, sabe, aí ele falava pode sentar aí é que a gente sentava, todo mundo respeitava e é lógico, o diretor é sempre o carrasco, é o não sei o que, todo mundo achava ele feio e bravo, chato, mas depois que você passa essa fase que você vê o porque dele ter sido, mas na época você acha que ele é o, o pior de todos, "ah, o diretor é chato, o diretor é isso", mas não é por aí, é com decorrer do tempo que você vai vendo a importância dele ter feito daquele jeito né, ele precisa de força tem que ter uma figura que impõe, acho que é isso.

E você se lembra como que eram os conteúdos, as rotinas, as avaliações, as aulas?
Me lembro. Primeiro você perguntou dos conteúdos? Me lembro, eram muito bons, livros bons, ah... é lógico, tinham professores que sabiam transmitir muito melhor do que outros, por exemplo, eu tive um professor de biologia... vou me lembrar o nome dele já já, ele era excelente professor, ele não usava livro ele chegava e passava tudo aquilo e você ficava encantada, ficava olhando assim, mesmo porque você não podia dispersar um minuto que você perdia o fio da miada, que ele ia já falando, contando, eu falava "meu Deus como esse homem consegue decorar tanto nome assim", e sabe como é biologia né? nome de plantas também... era excelente! Eu tive muito poucos professores que não, que não eram bons, sabe, mas eu acho que assim 90% dos professores que nós tivemos, todos eram muito, muito capazes, muito profissionais.

E as avaliações?
Em que sentido você quer saber, de, de grau de dificuldade?

Pode ser, como elas eram, elas eram difíceis ou não? Elas era anuais?
Nós tínhamos. A média quando eu entrei no EEBA a média era 7, então, acho que também não sei se você já não sabe, nós tínhamos que tirar 7 e no final do ano tinha que dar 49 pontos, 2º, 3º e 4º bimestre tinha 18, 3, 4, acho que era mais ou menos isso, no 1º bimestre era peso 1.

(pausa para atendimento de telefone)

Então as avaliações, tava falando de conteúdo, é, eram bem difíceis as provas, era difícil e não tinha choro, se você não tirava 7 você não passava de ano mesmo *(com ênfase)* e acho que o exame final acho que a média era 5 pra quem ficava de exame, pra quem não atingia os 49 pontos, acho que era 5 mesmo... Muito bem aplicadas as provas, eram difíceis e alguns professores, às vezes, devido ao grau de dificuldade das provas, as vezes davam um trabalho pra gente melhorar a nota. E... e era isso, mas era difícil viu? Tinha que estudar, naquela época tinha que estudar.

E você lembra assim dos recreios, dos intervalos?
Lembro, ah, era uma delícia a gente paquerava, era muito bom, era muito bom. Eu conheci o meu marido lá, naquela época, é, era muito bom o recreio**.**

A merenda, cantina, tinha comida?
Tinha cantina, tinha cantina, não tinha merenda. Eu acho que tinha merenda se tinha, se eu não me engano, acho que tinha presinho no EEBA naquela época, mas eram separados, não misturavam com a gente, era em outro pátio, eles davam merenda, não sei. Mas tinha uma cantina que era uma delícia, que era o "point" do EEBA, acho que tem ainda lá, faz tantos anos que eu não entro lá no EEBA e a gente comprava o lanche ou levava de casa, entendeu, tinha um pipoqueiro lá dentro também, essas coisas.

Haviam festas?
Tinha. Não muitas.

Desde quando você começou, mais no finalzinho?
Olha... eu não me lembro da época da 5ª à 8ª série, eu não me lembro muito bem, mas no colégio tinha a festa junina, ah, tinha estes jogos né, que a gente ia, mais para paquerar do que pra se exercitar... Eram festas internas, bom, tinha a época do aniversário da cidade que a gente ensaiava lá dentro, a gente ensaiava para desfilar lá no pátio mesmo, sabe.

Você desfilava?
Não, você acredita que eu nunca desfilei ou eu desfilei uma vez? Não, eu acho que eu nunca desfilei. Eu não me lembro... acho que eu desfilei uma vez só. Pra dizer a verdade, eu não me lembro.

Você participava de Fanfarra, de banda marcial?
Não, não, nunca participei de fanfarra... eu acho que eu desfilei uma vez só.

E essa fanfarra, a banda, ela representava alguma coisa para os alunos? Ou significava alguma coisa pra escola?
Nossa e muito. Nossa eles adoravam, geralmente era o aluno, não que eu tô falando mal, nada, mas era aquele aluno assim que não era muito ligado no estudo, mas eles tocavam muito bem, sabe a fanfarra do EEBA era assim muito conhecida e o pessoal gostava de assistir o desfile porque era muito bom e era concorrente número 1 do Colégio da Vila Xavier que eram assim super rivais sabe, eles também treinavam bastante. Eu me lembro na época que quando passava o EEBA a gente gritava, tinha torcida e sempre ficava em primeiro lugar.

Você se lembra se tinha grêmio estudantil?
Eu acho que no final tinha sim porque eu tinha até uma carteirinha, do grêmio... tinha sim, mas eu não me lembro muito, assim, eu não me lembro, tinha, tinha, porque teve uma época também que teve jornalzinho mas assim eram fofoquinhas só internas, fulano com cicrano, sabe aquelas, é, namoradinhos, essas coisinhas aí, então tinha e o grêmio que fazia esse jornalzinho.

Deixa eu te perguntar você disse que estudar lá era muito importante pelo status que a escola tinha. Eu gostaria de saber de você se dentro da própria escola entre os professores, diretores, funcionários havia um certo discurso de enaltecer a escola ou de dizer pra vocês "olha aqui é a melhor escola mesmos" ou não, ou de distinção, de dizer pra vocês que eram importantes, que vocês estavam estudando em uma escola muito boa e tal, se havia esta distinção entre o EEBA e as outras escolas, lá dentro da própria escola. O que os professores e os funcionários, eles diziam sobre esta instituição?
Não eu não me lembro deles falarem a respeito disto não, eu não me lembro deles falarem, eu acho que não. Falarem "não vocês" sabe, ou "tem que fazer por, pelo nome da escola", eu não me lembro disso.

E havia espaço para trocas, sugestões, reclamações ou o aluno tinha que ficar quietinho ali ou havia dialogo?
Não, entre os alunos e professores acho que muitos abriam esse espaço sabe, agora tinha alguns professores que eram assim inatingíveis. Eu lembro de uma professora de português, eu lembro o nome dela, eu não sei, eu acho que você nem vai poder usar isso aí, mas ela era bem arrogante mesmo sabe, o jeito dela, aquele tipo de professora que não dava espaço, nós não podíamos falar nada com ela, ela chegava, ela era muito boa professora, ela era excelente, dava uma boa aula mas ela dava a aula dela, ela não dava um sorriso na sala de aula mas assim todo mundo na hora que ela entrava ficava bem quietinho, sabe, tinha até medo né? Ela dava aula, saía e falava "até logo" e "boa tarde", "bom dia", "boa tarde", "bom dia" e "boa tarde" e ia embora e não falava mais nada com a gente, não dava a menor brecha, essa professora nunca deu. Agora tinha outros professores que a gente tinha mais liberdade, então, " professor eu quero fazer assim" ou mesmo na prova, as vezes a gente pedia: "ah, professor, por favor dá um trabalho porque a classe foi isso, aquilo". E eu me lembro que nós tínhamos também na sala de aula um aluno que era, acho que hoje ainda tem, não sei como é que faz, mas assim, era o representante, tinha um menino representante, um menino e uma menina, sempre eu ganhava, mais eu falava assim que eu ganhava porque, o pessoal falava que eu falava muito, que eu era comunicativa no sei o que, então eles sempre votavam, então é a mais bonitinha da sala no sei o que, não, é... tô contando como era, entendeu, "ah é a Suzi" e eu dizia "então, não tem nada a ver eu representar a escola, põe uma pessoa mais séria", eles diziam "não, tem que ser a Suzi", "então tá", era eu e o Paulo César que era o representante da sala de aula, então esses dois alunos quando tinha alguma coisa que chegava até no diretor ou em algum professor. Eu me lembro uma vez que nós tínhamos uma professora de Química, a Dilma, excelente professora, só que nós morríamos de medo dela e... e ai ia ser prova, tal, mas ninguém sabia, tinha entendido a matéria e não sei o que. E como chegar nessa professora? Pra você ver como era naquela época! "Como nós vamos pedir pra ela não dar a prova"? E ai então, foram esses dois representantes que eram eu e o Paulo, mas só que a prova ia ser assim, hoje a gente foi no colégio e a prova iria ser amanhã, e nós não podíamos deixar chegar no dia da prova pra falar "não, ninguém sabe" e não sei o que... ai nós pedimos, pelo amor de Deus lá na Secretaria pra eles darem o telefone da Dilma e tinha um orelhão dentro do colégio, acho que ainda tem, é... aí nós ligamos pra ela, ai o Paulo falava "liga você" eu falava "não liga você", porque nós tínhamos muito medo de conversar com os professores, e ela foi super tranqüila, ninguém acreditou, então a hora que ela falou "tá bom então como todos os alunos estão com dificuldade e não sei o que, então tudo bem, nós vamos adiar a prova, amanhã eu vou dar aula, vocês tirem a dúvida" e tal, e ai todo mundo que tava em volta, assim, porque foi a classe inteira, só que só um falava, ai "éééééé" *(imitando a classe gritando),* ele pôs a mão assim e disse "fica quieto", e depois ela contou que ouviu e foi muito legal, sabe. Então

tinha esse tipo de coisa, não era assim, o professor chegou "ah, professor não dá" não, tinha todo um trabalho pra você conseguir fazer o professor mudar a prova. Era muito bom. Nossa, a professora Cidinha de História, o professor Ulisses de Matemática que já faleceu, nossa senhora. O meu marido inclusive ele é doutor, e fez engenharia mecânica, e ele dedicou a tese dele, quando ele fez doutorado, ele pôs o nome do Seu Ulisses também, porque ele devia muito ao professor Ulisses de matemática. Um excelente professor

O que você acha que o EEBA contribuiu para a sua formação? Tanto formação de vida como formação profissional?
Como formação de vida, eu acho que o EEBA, tanto os professores, tudo, contribuiu muito pro lado social da gente, sabe, eu acho que tudo que eu passo hoje para as minhas filhas eu deve muito não só aos meus pais mas ao que eu aprendi lá, assim, respeito pelas pessoas, a disciplina também porque era muito rígido e na época você falava "ah, mas precisa tanto?" as vezes a gente fazia alguma coisa, alguma brincadeira, mas hoje eu vejo a importância disso. Hoje não. Logo depois que eu saí de lá, quando você parte pra sua vida profissional, que você vai trabalhar você passa a dar muito valo àquilo. Profissional me serviu assim, porque eu me formei, eu sou professora de história, só que logo que eu tive a minha primeira filha eu parei de lecionar porque não compensava muito pra mim dar aula, então eu virei dona de casa, mas, por exemplo, que nem eu te falo, pro meu marido serviu muito, toda a formação dele.

Pra você entrar na faculdade você precisou fazer algum curso antes?
Eu fiz. Eu fiz seis meses de Objetivo, de cursinho no Objetivo.

Você me falou de algumas fotos que você tem. Você se lembra se teve formatura?
Nossa! A nossa formatura foi muito diferente do que é uma formatura hoje. Eu tava procurando as fotos, mas não sei onde eu coloquei, não sei se está lá na minha mãe. É... nós fizemos uma missa, que até esses dias eu tava falando pra minha mãe que hoje você vê, minhas filhas, eu tenho uma filha que já é formada advogada, ela fez na PUC Campinas então tem toda uma... não, nós mandamos rezar uma missa, minha mãe nem foi, e eu estou com essas minhas amigas ai que a gente tá abraçada, isso ai foi na Santa Cruz, essa missa. E depois teve a entrega de diplomas, foi no Anfiteatro do EEBA, que eu acho que ainda tem esse anfiteatro, né? Você perguntou de festas, agora que você falou isso que me veio, nós fazíamos algumas peças de teatro ali também, nós tínhamos aula de teatro, sei lá, então a gente fazia algumas peças ali. Qualquer evento que tivesse a gente fazia lá no Anfiteatro do EEBA. Devagar eu tô lembrando, também você vê, foi em 78? Eu tinha 18 anos, eu tô com 49, tem 31 anos isso, tem muita coisa que a gente precisa ir puxando na memória! E... ah então, da festa! Então, ai teve a entrega de diplomas que foi nesse Anfiteatro e nós, os alunos, nós pedimos se podíamos fazer, porque tinha que pedir autorização, uma coisa burocrática, e fomos falar com o diretor se nós podíamos fazer uma festinha só pra nós, ali no pátio mesmo do EEBA e foi muito gozado que isso é uma coisa que eu tava falando "mãe, como era diferente naquela época"; eu morava perto do parque infantil e tinha umas amigas que moravam por ali então nós combinamos, nós levamos um prato de salgado cada uma, na mão, vai vendo, e um refrigerante, alguém levou uma sonata, naquela época que a gente estudava tinha a sonata, acho que não é da sua época? Então sonata era um aparelhinho de som aí você punha o disquinho e era terrível o som. Eu me lembro quando eu me formei eu comecei a dar aula em Rincão e era uma escola muito pobre e essa sonata eu levei pra lá pra fazer uma musiquinha, eu montei uma biblioteca lá nessa escola em Rincão e levei a sonata para as crianças escutarem música, disquinho de história, olha a sonata onde ela foi parar! Então nós levamos esse aparelho e foi assim a nossa festa de formatura de 3º Colegial. Só entre os alunos.

Foi só entre a sua turma ou todos do 3º ano?
Ah, eu acho que foi só entre a minha turma.

E a entrega dos diplomas?
A entrega dos diplomas não. Foram todas as turmas. Nós íamos de uniforme, não tinha esse negócio de roupa que nem tem hoje. Não, nós fomos de uniforme receber o diploma. Eles chamavam o pessoal lá em cima, entregavam o diploma e foi só isso. E a missa, isso ai eu não me lembro, eu não sei se foi a classe que pediu ou se foi o colégio que pediu pra realizar a missa. Eu me lembro que foi na Santa Cruz.

Na entrega dos diplomas sua família foi, ou foram só os alunos?
Eu acho que minha mãe foi, eu acho que minha mãe e meu pai foram. Na entrega do diploma a família ia sim.

E havia participação dos pais na escola?

Não, muito pouco. Não tinha reunião, como hoje não! Eu vejo pela vida escolar das minhas filhas, tudo é reunião, reunião, reunião. Não, não tinha, a única coisa é que a gente tinha essa carteirinha e alguns pais conferiam todo dia presença e tal. Eu nunca, naquela época a gente quase não enforcava aula e essas coisas, eu nem sei se a molecada hoje faz mais isso, então os pais quase nem se interessavam. Meus pais mesmos, ele não se interessavam, só no fim do ano a gente falava "passei!", "não passei!", não acompanhavam assim em provas, a gente mesmo se virava se ia mal na outra recuperava porque geralmente tinham duas provas que somavam e dividiam por dois e era a nota.

Você continua aqui na cidade de Araraquara e continua vendo a escola. Como você vê o EEBA hoje?
Olha, eu vejo ele como eu ouço falar. E... como eu te falei, esse meu tio ele foi diretor do EEBA e hoje ele é professor de Educação Física, ele sempre foi professor de Educação Física e uma época ele substituiu. Ele fala que é uma judiação, que é um colégio que pelas proporções, principalmente de prédio que é maravilhoso, é muito mal aproveitado; alunos, mas não digo só do EEBA, acho que tá geral isso, sabe, muito mal aproveitado, tudo. O ensino ele fala que tá muito fraco, caiu muito o nível de ensino, eu não sei por que como eu te falei, quando eu me formei eu lecionei durante cinco anos ai eu me casei, tive filha e parei, então eu não sei como que está assim, de perto mesmo, a gente vê pelo que ouve falar, e as pessoas falam que o EEBA acabou simplesmente. Então cada um faz praticamente o que quer, falta de respeito entre aluno e professor e vice-versa. Que nem ele fala "eu sou professor de Educação Física" a aluna chega, primeiro, vai de sandália ou saltinho alto ou calça jeans e top e "professor, tem que fazer aula?", "professor não sei o que", então tá assim. Na minha época não, Educação Física era obrigatório, você reprovava não por nota, mas se você não fazia Educação Física a não ser se você tinha atestado médico mas comprovado, eu vejo, que nem minhas filhas, eu conseguia atestado médico direto, elas não fizeram Educação Física, na nossa época não, a gente fazia, eu fazia, eu jogava no time de basquete to EEBA, joguei muitos anos, a gente representava o EEBA, ia jogar com outras escolas e lá quando nós começamos era assim: seis meses você fazia vôlei, seis meses você fazia basquete. Tinha que ir uniformizado na aula, eu não sei se você também já não conversou com o pessoal, nós tínhamos, era horrível o uniforme naquela época, mas tinha que ir. As meninas tinham um shortinho e era com perninha, vermelho e a sainha era vermelho e branco pregueada e camiseta branca de manga, tênis e meia. Bom, a saia era pregueada vermelha de um lado e do outro lado era branca só pra professora poder montar time, então se você participava do time vermelho, por exemplo de basquete, seis jogadores, não, cinco jogadores, ai então as cinco ficavam com a sainha do lado branco e o outro time virava a sainha do lado vermelho. E tinha que ir à aula de Educação Física se não você reprovava mesmo. Fazia até prova! A Dona Eulália, que era excelente, adorava ela, professora de Educação Física e também não sei se ela ainda tá viva ou não, e.... nossa a gente respeitava, a gente morria de medo da Dona Eulália. Eu cheguei a apanhar da Dona Eulália, apanhar assim, tapa na bunda mesmo (risos) porque eu respondi qualquer coisa pra ela, mas nem ligava você acha que ia falar, hoje você vai falar isso pra sua mãe tem processo, aquela coisa toda e.... se eu falasse pra minha mãe que eu tinha levado uns tapas na bunda ela ia dizer "bem feito, foi alguma coisa que você fez", então eu ficava bem quietinha. Outro dia que eu contei isso pra minha mãe "nossa mãe levei uns tapas na bunda da Dona Eulália" e minha mãe me falou "ah, você nunca me contou", eu morria de medo de contar. Então você vê, a gente tinha medo do professor naquela época, mas era muito bom!

Você teve uma boa trajetória lá dentro do EEBA de sete anos. Dentre todo esse período que você passou lá você acha que a escola manteve o mesmo padrão durante esse tempo todo, ou quando ela passou a oferecer só o 2º Grau houve alguma diferença, ou ela continuou mantendo o mesmo nível?
Eu acho que a escola mudou muito, porque eu não me lembro que ano, mudou todo o sistema de ensino, até houve também uma mudança que não era mais nota, era conceito, nossa aí mudou tudo! Virou assim, uma bagunça pra dizer a verdade. Então eu achei que as avaliações mudaram. O tipo de avaliação do professor porque você tirava A, B, C, D e E então de repente você vinha com uma nota lá D+, era A, B e C você tava dentro da média, D e E você tava abaixo da média, ai o professor te dava o D+ e você ficava implorando "professor, mas eu quero C, eu quero C", gente o que é D+? O que isso significa? Então, houve sim, eu achei que mudou muito nessa época, mas foi uma mudança que houve em todo o sistema de ensino, não foi do EEBA e eles tiveram de seguir o padrão. Eu achei que caiu muito o ensino naquela época. Mudou bastante.

Eram essas as perguntas que eu queria te fazer. Eu queria te agradecer pela sua ajuda e disposição.
Não, imagina, no que eu puder ser útil.
(depois)
Você sabe de uma coisa que a gente brinca? O meu marido ele gosta tanto do EEBA que ele fala que quando ele morrer, porque quando eu estudei no EEBA nós tínhamos um laboratório de Química que nós fazíamos aula de Quica, mas no laboratório, era muito bom, então fazia assim experiências, mas coisas até onde a professora poderia

ensinar, porque tinha os riscos lá por conta de explosivos... e tinha também um esqueleto, tinha um corpo humano de esqueleto e o meu marido ela fala até hoje "quando eu morrer eu quero ser o esqueleto de lá" e ele fala "é verdade, eu quero ser útil lá" mas eu falo pra ele que o EEBA já não é mais aquilo que a gente estudou, mudou muito. "Mas eu quero servir pra alguma coisa, você põe o meu esqueleto lá no EEBA" de tanto que ele gosta do EEBA.
(depois)
Outra coisa que tinha no EEBA e que era muito bom e que a gente achava tão chato na época e é só depois que você se dá conta, era a aula de... não era Educação Artística, era Trabalhos Manuais que falava. A professora Maria José. Ela era muito carrancuda, séria, mas ela era uma boa pessoa, na época agente falava assim "ah, ela é muito chata" mas ela era assim uma pessoa que parecia muito amarga... enfim, eu falo que hoje eu prego botão por causa dela! Mas assim, na hora dessa aula de Trabalhos Manuais separava, as meninas ficavam só com ela e os meninos iam com o professor Alarcão. Então os meninos aprendiam a mexer em madeira, o meu marido ele tem uns cabides que ele fez e que ele guarda até hoje, eles faziam trabalhos mais pro lado masculino. E nós aprendíamos a fazer sapatinho, tricô, crochê, coisinha básica, aqueles pontinhos de tricô, bordadinhos, e ai nós doávamos, cada aluna fazia um sapatinho e depois a gente doava e essa professora levava pra uma instituição de caridade. Então isso era legal também sabe, aprender a fazer ponto paris, ponto cruz, essas coisinhas. Mas hoje já não tem mais nada disso, eu acho que não deve ter. Era tão bom! Mas é isso que eu te falei, você só via a importância disso depois, na época a gente pensava "que saco que é ficar pregando botão na sala de aula", mas era gostoso porque a gente fazia uma rodinha com as meninas e ficávamos ali conversando e se enturmava! Era legal! *(pausa para atender telefone)* Então, isso foi muito bom pra gente, a aula de trabalhos manuais. E ai foi isso, eu tenho saudades do EEBA era muito divertido, a gente, sei lá... a gente não sabe como é hoje porque mudou tanto, você vê há trinta anos atrás, mas a gente tinha uma amizade muito boa. Você me perguntou de trabalho, agora eu to me lembrando, eles davam muito trabalhos em grupo, então nós tínhamos que ir na casa uma das outras pra fazer trabalho, era uma delícia porque você convivia com as meninas, a gente tomava lanchinho juntas e ficava a tarde inteira, só que a gente fazia trabalho sério, você pesquisava. Então marcava tal hora, geralmente era na casa da Patrícia, essa minha amiga que morreu e que eu morro de saudade dela e a gente fazia o trabalho, pesquisava, aquele monte de livro, ia na Biblioteca, aí ia o grupo todo, geralmente quatro ou cinco meninas, a gente ia, fazia e nós tínhamos esse grupo assim que até eu to com essas meninas na foto e foram assim a vida inteira no mesmo grupo, a gente todo ano fazia o mesmo grupo, porque você caia quase sempre na mesma classe, era difícil, tinha uma seqüência, você seguia normalmente com a mesma turma, então isso era muito bom sabe, eu acho que esse lado que você falou do que serviu pra mim foi muito bom esse convívio social que você tinha de respeitar a opinião do outro, foi muito importante isso. Eu nem sei se ainda os amigos fazem isso, esses trabalhos em grupo. Eu via na faculdade minha filha, essa que fez direito, ela falava "ah, tenho que fazer um trabalho", cada um fazia uma parte e depois mandava pela internet, aí juntava, sabe, nem se conversava. A gente não, a gente sabia o que cada uma tava fazendo. Depois que tava tudo organizado ai sim uma fazia a capa, outra passava porque não tinha nada de máquina escrever, nada, uma passava a limpo "ah, quem tem a letra mais bonita?" tinha toda essa preocupação. Era muito gostoso, muito jóia isso! Eu tenho saudades! Sei lá eu acho que era muito melhor a nossa época o ensino, porque a gente levava a sério e aprendia né? E aprendia! Eu acho que a gente aprendia. E é lógico que tinha as dificuldades, como eu por exemplo, nunca me sai bem em Física, Matemática, eu tinha muita dificuldade, História ia bem, Português ia bem, Inglês ia bem mas fazia escola particular também, mas eu não era primeiro lugar da sala de aula não, eu era uma aluna assim, eu falava "ah, eu estudo pra passar", eu era uma aluna mediana, mas a gente levava a sério. Era muito bom!